

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**TRADIÇÃO E FÉ:
Memórias e Histórias de uma Religiosidade
Popular na Paraíba do Século XX.**

Silvana Vieira de Sousa

Orientador: Prof. Dr. Leandro Karnal

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas-SP, em cumprimento às exigências para obtenção do título de doutora em História, Área de concentração em Política, Memória e Cidade.

CAMPINAS, SP- 2010

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP
Bibliotecária: Sandra Aparecida Pereira CRB nº 7432**

So85t Sousa, Silvana Vieira de
Tradição e fé : memórias e histórias de uma religiosidade popular
na Paraíba do século XX / Silvana Vieira de Sousa. - - Campinas,
SP : [s. n.], 2011.

Orientador: Leandro Karnal
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Memória. 2. Cultura - História. 3. Religiosidade. I. Karnal, Leandro. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Título em inglês: Tradition and faith : memories and histories of a popular religiousness in 20th. century Paraíba

Palavras chaves em inglês (keywords): Memory
Culture - History
Religiousness

Área de Concentração: Política, Memória e Cidade

Titulação: Doutor em História

Banca examinadora: Leila Mezan Algranti, Silvana Barbosa Rubino, Beliza Áurea de Mello, Janice Theodoro da Silva, Iara Lins Franco Schiavinatto, Eliane Moura da Silva, Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Data da defesa: 09-02-2011

Programa de Pós-Graduação: História

SILVANA VIEIRA DE SOUSA

“TRADIÇÃO E FÉ:

Memórias e Histórias de uma Religiosidade Popular na Paraíba do Século XX”.

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Leandro Karnal.

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 10 / 03 / 2011.

BANCA



Prof. Dr. Leandro Karnal – DH/IFCH/UNICAMP (orientador)

Profª Drª Leila Mezan Algranti – DH/IFCH/UNICAMP

Profª Drª Silvana Barbosa Rufino – DH/IFCH/UNICAMP

Profª Drª Beliza Áurea de Mello – CCHLA/UFPB

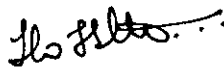
Profª Drª Janice Theodoro da Silva – FFLCH/USP

SUPLENTE

Profª Drª Iara Lis Franco Schiavinatto – IA/UNICAMP

Profª Drª Eliane Moura da Silva – DH/IFCH/UNICAMP

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Junior – CCHLA/UFRN



DEZEMBRO/2010

DEDICATÓRIA

À Deus a quem tanto busquei nessa história.
À Mariana Ramos Vieira de Sousa.
À Té, fonte de valores preciosos, em memória.

Juízo Final

Composição: Kennedy Costa e Jeová de Carvalho

Bati na porta do céu
São Pedro não quis abrir
Foi conferir no papel
Meu nome não tava ali
Tava o de Chico Mendes, o de Tiradentes
O de Madre Teresa de Calcutá
Jackson do Pandeiro, Antonio Conselheiro
Mãe Menininha dos Gantois
Só não tava o meu
Só meu nome não tava lá
Então desci pro inferno
Lúcifer não me atendeu
Na lista do fogo eterno
Não constava o nome meu
Tava do de Maluf, o de George Bush
O de ACM e o de Sadan
O de Mussolini, o de Khomeiny
Escritos na lista de Satã
Só não tava o meu
Só meu nome não tava lá
Aí fui pro purgatório
Saber o que aconteceu
Perguntei pra São Tenório
E ele me respondeu
Tu tais delirando, tais variando
Vai acordando que é sonho teu
Foi só um engano, vá desculpando
Que por enquanto tu não morreu
Que tu não morreu
Por enquanto tu não morreu

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que acreditaram na minha sinceridade, compreenderam meus limites e me incentivaram como podiam, especialmente minha família que, de tão grande, só posso nominar como mãe, irmãs (aos), sobrinhas(os), cunhados(as), primas(os). Essa família, “buscapé” e passional, como chama minha irmã Ester, me ajudou a sofrer sem perder a esperança de que concluiria esse trabalho, com atitudes às mais variadas desde as orações até as brincadeiras para me animar. Para todos eles, meu obrigada de coração.

Agradeço de modo particular, o empenho e a presença da professora Leila Mezan Algranti para que esse trabalho fosse possível. Não esqueci suas palavras quando da qualificação em tempos idos: “você consegue”! Tinha uma dívida com ela. Muitíssimo obrigada, professora.

Meu muito obrigado ao professor de História Francisco das Chagas Amaro, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande. Esse professor, querido pelos alunos e pelos colegas, é um professor com valores humanitários. Agradeço igualmente a todos os professores do curso de História, aos meus alunos e ao professor José Cezario de Almeida pelo apoio.

Minhas considerações e apreço aos primeiros leitores dessa tese. Aqueles e aquelas que, a exemplo da professora Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, em momento decisivo me fizeram enxergar possibilidades.

Agradecimento repetido merece a professora e irmã Maria Ester Vieira de Sousa. Ela que constrói comigo, minha vida pessoal e profissional, me apoiando, lendo, discutindo e sugerindo escritas. Sem ela, nada disso seria possível. Luz para ela.

Agradeço com afeto a filha e amiga Mariana Ramos Vieira de Sousa. Seu empenho para o acontecimento desse trabalho me orgulhou. Ela me fez chorar e rir invertendo os papéis de mãe e filha. Ela lembra o dia! Para com ela, a dívida é de divisão de responsabilidades perante a vida.

Meu agradecimento profundo ao professor Leandro Karnal cuja participação nos últimos momentos desse processo foi decisiva. Foram tantos os e-mails enviados e recebidos com troca de informações que me ressentia de escrever mais um.

Meus agradecimentos as amigas Maria do Socorro Nascimento, Alba Cleyde Wanderley, Vânia Sueli Guimarães e Francisca Moreira. E, por fim, mas não menos importante, ao empenho de Ana Jaqueline, funcionária do IFCH, e a Joana Darc Ferreira de Sousa e Marta Maria de Andrade, funcionárias da UFCG/CFP/UACS.

RESUMO

As expressões de cultura de tradição oral têm sido estudadas sob perspectivas distintas, desde as que estabelecem uma relação de inferioridade frente às expressões de tradição escrita ou as que lhe atribui uma autonomia e pureza de sentido. Nesse estudo, Os contos populares, os folhetos e os sermões de frei Damião, como exemplos dessas expressões de cultura de tradição oral, constituem-se em textos que informam sobre uma história de religiosidade popular na Paraíba do século XX. Busco, ao longo desse estudo, contextualizar esses textos na época e na realidade sócio-cultural e religiosa da Paraíba. O foco central desse trabalho, portanto, é o que e como essas expressões contam sobre a religiosidade de leitores e ouvintes de contos populares, de folhetos e de sermões. O objetivo é analisar a perspectiva de composição dessa religiosidade, caracterizá-la, rastreando o conjunto das crenças que a constituem, a tradição oral em que se apresenta, explicitando seus vieses, sua natureza. Assim, tomadas como corpus documental, essas expressões nos possibilitam um corte temático subscrito ao mundo das práticas culturais e sociais expressivas pela questão da oralidade. A religiosidade popular como temática é um recorte dentre outras possibilidades que essas expressões culturais apresentam. A leitura que faço dessas expressões tomadas em um conjunto define desde já o que elas apresentam em comum: contam histórias com valores religiosos morais e com propósitos pedagógicos. Os modos de contar essas histórias também se assemelham: constituem-se a partir do uso de um mesmo quadro de situações e atitudes. Nesse sentido, sonhos, visões aparições, visitas ao Céu ou ao Inferno compõem seu estoque. Enfim, são expressões que na vivência social e cultural da Paraíba do século XX revelam o que caracterizo como religiosidade popular. Elas expressam crenças carregadas de angustias materiais e espirituais. Estão inseridas e são elas próprias testemunhas de um combate espiritual que envolve práticas de fé cristã católica desejada e almejada pela oficialidade da Igreja e práticas de fé de outras tradições religiosas. Assim, nesse contexto de vivência e combate, essa religiosidade se caracteriza pelo que mais expressa dessa realidade e dessa tensão social e espiritual.

ABSTRACT

The expressions of the oral-tradition culture have been studied out under different perspectives, starting with those that establish a relationship of inferiority in opposition to the expressions of the written tradition, or the ones that attribute autonomy and meaning pureness to the latter. To exemplify these expressions of the oral-tradition culture in this study, the popular short stories, the booklets and friar Damião's sermons end up being texts which inform on a popular religiousness history in the 20th century Paraíba. In this study, I pursue the contextualization of these texts within the socio-cultural and religious reality of Paraíba at that time. The main focus of this paper is therefore what and how these expressions tell about the religiousness of readers and listeners of popular short stories, booklets and sermons. The target is to check out the perspective of this religiousness composition, to characterize it, while tracing the set of beliefs that constitute it, the oral tradition under which it occurs, also explicating its obliquities, its nature. So, taken as documental *corpus*, these expressions allow us to bring in a thematic cut subscribed to the world of the expressive cultural and social practices throughout the oral means. As a theme, popular religiousness is a cutting amidst other possibilities, which these cultural expressions manage to show. Taken as a set, the reading I do from these expressions promptly defines what they have in common, *i. e.*, they tell stories with religious moral values and pedagogical purposes. The ways to tell these stories are also alike, that is, they get formed as from the use of the same pattern of situations and attitudes. In this sense, dreams, apparitions, visions, visits to Heaven or Hell compose its assets. Finally, they are expressions which – in the social and cultural experience of the 20th century Paraíba – show what I characterize as popular religiousness. They express beliefs fully loaded with material and spiritual anguishes. Besides being inserted in, they themselves are witnesses of a spiritual struggle that involves practices of a Christian Catholic faith, desired and wished by the Church in its official terms, and the faith practices of other religious traditions. Therefore, in this ambience of struggle and life experience, this religiousness is characterized by what mostly expresses this reality and this social and spiritual tension.

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 01: CAPA DO CATÁLOGO PRÉVIO DO CONTO POPULAR DA PARAÍBA.....	21
FIGURA 02: CAPA DE UMA DAS PUBLICAÇÕES DOS CONTOS DA I JORNADA DE CONTADORES DE HISTÓRIA DA PARAIBA.....	36
FIGURA 03: MAPA DO ESTADO DA PARAÍBA.....	37
FIGURA 04: CAPA DO FOLHETO <i>A VOZ DE UM FANTASMA</i>	39
FIGURA 05: CAPA DO FOLHETO <i>O PECADOR NÃO É NADA</i>	40
FIGURA 06: CAPA DO FOLHETO <i>O HOMEM QUE DEU A LUZ AO DIABO</i>	41
FIGURA 07: CAPA DO FOLHETO <i>A VIDA DE PEDRO CEM</i>	60
FIGURA 08: CAPA DO FOLHETO <i>O MENINO QUE FALOU COM NOSSA SENHORA</i>	62
FIGURA 09: CAPA DO FOLHETO <i>A MACUMBA DA BAHIA</i>	63
FIGURA 10: CAPA DO FOLHETO <i>O DEBATE DO CATÓLICO COM O PAPA DO DIABO</i>	64
FIGURA 11: CONTRACAPA DO FOLHETO <i>O HOMEM QUE DEU À LUZ AO DIABO</i>	69
FIGURA 12: CAPA DO FOLHETO <i>A VISÃO MISTERIOSA</i>	71
FIGURA 13: CAPA DO FOLHETO <i>O FIM DO MUNDO EM 1999</i>	77
FIGURA 14: CONTRACAPA E CAPA DO FOLHETO <i>VIDA E MILAGRES DO GUERREIRO SÃO JORGE</i>	80
FIGURA 15: CONTRACAPA E CAPA DO FOLHETO <i>O ORGULHO DE ROBERTO E QUEDA DA MALDIÇÃO</i>	81

FIGURA 16: CONTRACAPA E CAPA DO FOLHETO <i>JESUS, SÃO PEDRO E O FERREIRO REI DOS JOGADORES</i>	82
FIGURA 17: CONTRACAPA E CAPA DO FOLHETO <i>AS APARIÇÕES DE N.S. A UMA GARÔTA NO SÍTIO GENIPAPEIRO MUNICÍPIO DE MISSÃO VELHA-CE</i>	83
FIGURA 18: CAPA E CONTRACAPA DO FOLHETO <i>A VISÃO MISTERIOSA</i>	95
FIGURA 19: CONTRACAPA E CAPA DO FOLHETO <i>AS 7 DORES DE MARIA SANTÍSSIMA</i>	96
FIGURA 20: CONTRACAPA E CAPA DO FOLHETO <i>A INOCENTE PERDIDA NAS MATAS DO AMAZONAS</i>	100
FIGURA 21: CAPA DO FOLHETO <i>FREI DAMIÃO - O MISSIONÁRIO DO NORDESTE</i>	167
FIGURA 22: CAPA DO FOLHETO <i>O VERDADEIRO AVISO DE FREI DAMIÃO SOBRE OS CASTIGOS QUE VEM</i>	213
FIGURA 23: CAPA DO FOLHETO <i>A DISCUSSÃO DE UM CATÓLICO COM UM PROTESTANTE</i>	216
FIGURA 24: CAPA DO FOLHETO <i>O PODER DE SATANÁS E A QUEDA DO INVEJOSO</i>	217
FIGURA 25: CAPA DO FOLHETO <i>A CHEGADA DE FREI DAMIÃO AO CÉU</i>	221

LISTAS DE TABELAS

GRÁFICO 1 – ITINERÁRIO DE FREI DAMIÃO NA PARAÍBA (1932-1949).....	170
---	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: Tradições crenças e oralidade na Paraíba do Século XX: práticas e representações.....	21
---	----

CAPÍTULO I

ESPAÇO DE MEMÓRIAS: TRADIÇÃO E CULTURA DE ORALIDADE NA PARAÍBA DO SÉCULO XX	35
---	----

1.1. Tradição, memória, oralidade e cultura: o objeto de estudo e a perspectiva teórica.....	44
1.2 Tradição, oralidade e memória nos contos populares: um imaginário de fé	52
1.3. Tradição, oralidade e memória religiosa nos folhetos: verso e prosa do cotidiano.....	59
1.4. Tradição, oralidade e memória nos sermões de frei Damião de Bozzano: narrativas de fé	67

CAPÍTULO II

MARCAS E PERCURSOS DE TRADIÇÕES EM FOLHETOS E CONTOS POPULARES DA PARAÍBA DO SÉCULO XX: INTEXTUALIDADE E CIRCULARIDADE.....	71
---	----

2.1 A oralidade como marca da intertextualidade entre folhetos e contos populares.....	71
2.2 Percursos da tradição religiosa nos folhetos.....	78
2.3 Percursos da tradição religiosa nos contos populares.....	85

CAPÍTULO III

NARRATIVAS DE UM IMAGINÁRIO DE CRENÇAS NOS CONTOS POPULARES E NOS FOLHETOS.....	93
---	----

3.1 Sonhos, visões e aparições.....	93
3.2 Modos de contato e representações do além nos folhetos e nos contos populares.....	111
3.3 Realidade espiritual e material: apropriação de crenças no cotidiano prático de necessidades.....	118
3.4 Solidariedade como vínculo entre terra e além.....	134

CAPÍTULO IV

NARRATIVAS DE FÉ DE UM PURGATÓRIO/INFERNO DE GEMIDOS E LÁGRIMAS: SERMÕES E PRÉDICAS DE FREI DAMIÃO E SUAS INFLUÊNCIAS NOS FOLHETOS E CONTOS POPULARES.....	167
--	-----

4.1 As missões enquanto evento social e narrativo.....	167
4.2 Os sermões como discurso exemplar, inspirador de outras narrativas religiosas.....	185

CONCLUSÃO

Fé e Tradição em narrativas: a intertextualidade em contos populares, folhetos e sermões de frei Damião.....229

FONTES E REFERÊNCIAS.....231

ANEXOS.....249

INTRODUÇÃO

TRADIÇÕES, CRENÇAS E ORALIDADE NA PARAÍBA DO SÉCULO XX: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES.

FIGURA 01: CAPA DO CATÁLOGO PRÉVIO DO CONTO POPULAR DA PARAÍBA



FONTE: CATÁLOGO PRÉVIO DO CONTO POPULAR DA PARAÍBA UFPB/PRAC/NUPPO/INL/INF. JOÃO PESSOA, 1982.

Entre 1994 e 1997, estudei os contadores de história de Assunção-PB cujo trabalho resultou na dissertação de mestrado *Cultura de Falas e de Gestos: histórias de memórias*¹. Na ocasião, algumas questões acerca dos significados apresentados nas temáticas dos contos não foram resolvidas e passaram a me instigar como possibilidade de trabalho posterior. Essa nova perspectiva de abordagem tornou-se possível através do estudo que apresento nessa tese em que os contos populares passam a ser observados como referenciais de uma cultura de tradição oral mais abrangente. No que diz respeito ao espaço, lugar dos contadores, ampliei a pesquisa, passando a estudar contos populares recorrentes em outros municípios da Paraíba; no que diz respeito ao tratamento, focalizei as formas de intertextualidade dos contos populares com outros suportes narrativos de natureza semelhante, a exemplo dos folhetos de cordéis.

Todavia, estudar os significados expressos nas narrativas e histórias dos contos populares e dos folhetos ainda se constituía em uma tarefa abrangente e difícil de ser realizada a um só termo. Nesse sentido, com base em algumas inquietações não resolvidas naquele primeiro momento de trabalho, foi se apresentando a possibilidade de estudo sob a perspectiva de um recorte temático a partir do campo das crenças e da religiosidade. As formulações de crenças presentes nessas narrativas sinalizavam um conjunto de expressões instigante: sonhos, visões, aparições, pactos com a morte ou com o diabo, representações do Céu e do Inferno pareciam dizer mais que simples dispositivos narrativos ficcionais. Cada narrativa analisada sugeria uma vinculação ao campo da fé, e propunha novas narrativas como uma matéria, uma fonte.

Quando observei particularmente os folhetos de cordéis, tornou-se evidente outra interface de narrativas de fé, formatadas pelas missões populares e seus missionários mais importantes, especialmente narrativas referentes às missões e às prédicas do padre missionário frei Damião de Bozzano. Estava, assim, delimitada a possibilidade de estudo, a partir de um corpus constituído por contos populares, folhetos de cordel e prédicas de frei Damião de Bozzano, recortados pelo viés temático da religiosidade. Restava empreender

¹ Dissertação de Mestrado, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UNICAMP, em 1997.

alguns percursos na historiografia para reforçar e encontrar orientações teóricas que me permitissem contar essa história. Vamos a ela.

Em estudo da história cultural, abordando especificamente os contos populares franceses, Robert Darnton (1986, p. 31) diz:

Evidências escritas provam que os contos populares existiam antes de ser concebido o “folclore”, neologismo do século XIX. Os pregadores medievais utilizavam elementos da tradição oral para ilustrar argumentos morais. Seus sermões, transcritos em coleções de “Exempla” dos séculos XII ao XV, referem-se às mesmas histórias que foram recolhidas, nas cabanas dos camponeses, pelos folcloristas do século XIX. Apesar da obscuridade que cerca as origens dos romances de cavalaria, as canções de gesta e os *fabliaux*, parece que boa parte da literatura medieval bebeu da tradição oral popular, e não o contrário.

Esse autor, em polémica com as interpretações, até então apresentadas para os contos populares, reivindica para estes um estatuto de documentos históricos capazes de trazer para os historiadores informações de uma cultura de tradição oral, em que histórias eram narradas nas cabanas dos camponeses do Antigo Regime e, como tal, tinham significado no meio social como transmissores de valores e condutas morais.

Embora reivindicando esse papel de documento histórico, Darnton (idem, p.32-33) elenca um conjunto de dificuldades e obstáculos que essa documentação apresenta para o campo das interpretações dos historiadores:

O Maior obstáculo é a impossibilidade de escutar as narrativas, como eram feitas pelos contadores de histórias. Por mais exatas que sejam, as versões escritas dos contos não podem transmitir os efeitos que devem ter dado vida às histórias no século XVIII: as pausas dramáticas, as miradas maliciosas, o uso dos gestos para criar cenas – uma Branca de Neve com uma roda de fiar, uma Cinderela catando os piolhos de uma irmã postiça – e o emprego de sons para pontuar as ações – uma batida à porta (muitas vezes obtida com pancadas na testa de um ouvinte) ou uma cacetada, ou um peido. Todos esses dispositivos configuram o significado dos contos e todos eles escapam ao historiador.

Continuando sua discussão sobre os obstáculos que se apresentam em se estudar o conto popular, Darnton (idem, p.33) indica possibilidades:

É possível estudá-lo ao nível da estrutura, observando a maneira como a narrativa é organizada e como os temas se combinam, em vez de nos concentrarmos em pequenos detalhes. Assim, é possível comparar o conto como outras histórias. E, finalmente, trabalhando com todo o conjunto dos contos populares franceses, poderemos distinguir características gerais, temas centrais e elementos difusos de estilo e tom.

Trabalhar com combinação de temas, com comparações entre as histórias dos contos e outras histórias, assim como interpretar os contos a partir dos elementos gerais e dos temas centrais, são possibilidades, indicadas pelo autor para o estudo com os contos populares franceses, que se prestam para o estudo dos contos populares brasileiros. Perseguindo essa idéia e dando continuidade a trabalho antes desenvolvido², retornei ao estudo dos contos populares da Paraíba, investigando contos recorrentes em outros municípios.

Assim, constatava que, sob diversas perspectivas, a tradição do contar, tradição da narração dos contadores de histórias resiste, na Paraíba do século XX, como memória social familiar, como tradição mantida por parentes e familiares de antigos contadores de história.

A observação da composição narrativa desses contos revelou um universo com uma intensidade de representações expressivas de modos de crenças e de valores do campo da religiosidade. Quando agrupei por temas essas histórias e em função da aproximação que tenho com a cultura religiosa nordestina, tornou-se evidente que estava diante de histórias que indicavam tratar-se de um universo de expressões de uma religiosidade popular, já caracterizada pela historiografia, a exemplo dos estudos de Fragoso (1985, p. 217), para quem a religiosidade popular caracteriza-se como “expressões religiosas populares sob o controle da Igreja hierárquica, e das expressões religiosas do povo em sua piedade autônoma”.

O substrato religioso das narrativas que compõem o *corpus* documental dessa pesquisa expressa atitudes de piedade autônoma e de sentido penitencial e devocional, por meio de modos particulares de apego aos santos, às almas, além de uma série de atitudes de expiação dos pecados da luxúria, da inveja, da preguiça, do interesse e da avareza, dentre

² Ver Sousa, 1997.

outros. Motivos esses que me conduziram pensar na perspectiva interpretativa sugerida por esse autor:

Era porém nos atos de ‘devoção’ que a alma religiosa do povo mais se manifestava: as santas missões, as festas religiosas, as procissões, as novenas, o mês de Maria, o culto ao Coração de Jesus. Em todos estes atos religiosos a alma popular se expressava em duas atitudes justapostas: expiação e festa. O catolicismo do nosso povo era profundamente marcado por um caráter penitencial. Este sentido de penitência era ainda mais acentuado por ocasião dos grandes ‘castigos’ de Deus: secas, epidemias, revoluções, calamidades públicas. (FRAGOSO, 1985, p. 219).

Atitudes de piedade de devoção às almas e aos santos, como elementos característicos de uma religiosidade popular, conforme informa o autor, impregnam as narrativas dos contos, das histórias de folhetos e das prédicas de frei Damião.

Alguns dos valores e atitudes religiosas que compõem essas narrativas se destacam pelo caráter de pertencimento a uma matriz de crença do cristianismo católico. Outros, pelo seu pertencimento a matrizes de crenças pagãs. Essas narrativas apresentam um repertório temático de imenso valor, que por sua vez, pode-se dizer, recorrendo às observações de Jean Delumeau (2003b)– foram “pouco ou nunca freqüentados pela historiografia.”

Esses valores e atitudes de crenças aparecem de forma emblemática nos recursos imagéticos que dão forma às composições de narrativas de sonhos, visões e aparições. Esses recursos que dão sentidos aos valores de crenças são por sua vez, familiares, estão enraizados no cotidiano e na vida dos ouvintes e narradores. Sonhos, visões e aparições se apresentam tanto mais úteis e verdadeiros quanto mais são narradas e, como tais, esclarecem a sua presença e seus sentidos em um universo de representações e de crenças.

O substrato da realidade social da Paraíba que transparece nessas histórias dos contos populares, assim como dos folhetos³ e dos sermões, é expressivo de um processo de crise e de tensão permanente de carências. A Paraíba, como as demais províncias no Norte/Nordeste já durante a segunda metade do século XIX, apresentava um agravamento

³ Sobre a relação Cordéis, história e conflitos sociais, ver Curran (1998).

social que atingia as “elites agrárias” e, em maior proporção, as camadas populares. Em estudo sobre o contexto de produção do discurso da seca como mecanismo de reação das elites agrárias a esse processo de crise, Durval Muniz de Albuquerque Jr. recupera um quadro de conflitos como expressivo da formação social dessa região, baseada em relações sociais de exploração e de exclusão social, aliadas aos problemas e redefinições de poder e posse por que passava a economia em nível nacional. Vejamos as palavras do autor:

A crise de 1877\79 ocorre quando o Norte passa por uma grave crise econômica, com o declínio dos preços, das exportações do açúcar e do algodão e a evasão da Mão-de-obra escrava para as províncias do Sul. As elites de suas províncias sofrem uma progressiva perda do espaço político nacional e enfrentam uma reorganização da divisão de poder entre suas diferentes parcelas, situação que é agravada pelo descontentamento das camadas populares, atingidas pelas mudanças em curso e pela crise econômica e social. (ALBUQUERQUE Jr. 1994, p. 112)

Os conflitos sociais advindos da realidade de crise e estiagens, apontada por Durval Muniz revela um quadro social que se mantém inalterado durante as primeiras décadas do século XX. As barganhas políticas que a elite agrária vai empreender capitaneando recursos através do IOCS, IFOCS e DNOCS apontam o agravamento social através de um intenso processo de exploração da seca e da miséria do povo cada vez mais submetidos a formas de dominação perversas.⁴ Esse quadro social é revelado com precisão nas narrativas dos contos populares, e narrativas dos folhetos de cordéis.

São histórias que narram situações de famílias numerosas que se desagregam por falta de trabalho e comida e apelam a forças do Além para suprir suas carências pactuando com o diabo; histórias que narram como indivíduos mudaram de sorte quando, seguindo um comportamento religioso, enterraram um corpo abandonado em praça pública e foram recompensados pela alma desse corpo; histórias que narram sobre indivíduos que usaram de poderes mágicos e facilitaram sua vida; histórias que narram como os indivíduos pactuavam com a morte, tirando proveito em benefício próprios; histórias que narram casos de apadrinhamento de crianças pelo diabo em troca de proteção, e, finalmente, e

⁴ Outra versão sobre a crise social e indústria da seca e seus reflexos na história da Paraíba encontra-se em Ferreira, 1993.

especialmente, histórias que narram situações em que os pecados humanos – tais como a inveja, a luxúria, a ambição e o interesse – são exemplarmente reprováveis e desencorajados na vivência social.

A temática religiosa destacada nessas narrativas é indicativa de atitudes de conformação e resistência que, no cotidiano social, revelam angústias e tensões da ordem do material e do espiritual. Essa tensão espiritual se expressa mediante situação que, como sugere Fragoso (1985, p. 220), revela “expressões religiosas populares, sob controle da Igreja Hierárquica.”

As tensões e angústias materiais e espirituais são expostas na relação estabelecida entre Terra e Além como um trânsito por vias diversas, formuladas em narrativas de Sonhos, aparições, visitas ao Inferno, ao Purgatório e ao Paraíso, pactos com o diabo e relação com almas, com Jesus, Nossa Senhora e outros santos. Percebe-se, pois, que se trata de uma dinâmica que alia expressões hierárquicas e expressões ‘autônomas’ em um processo de interação, tal qual descrito por Fragoso (1985, p. 221):

Os atos religiosos em que comumente se expressava a piedade autônoma do povo eram as romarias, as promessas, as novenas, os terços, os ofícios. É, porém, de notar que esses atos religiosos nunca eram colocados como ‘oposição’ à Igreja oficial. Pelo contrário, eram tidos como supletivos, e neles o povo procurava o mais possível imitar a seu modo os atos oficiais da Igreja.

Como observa o autor, os atos religiosos dos populares não se opõem a Igreja oficial. As formas de crenças narradas nas histórias dos contos populares e nas histórias dos folhetos de cordéis também não se constituem em atitudes ou atos de oposição às formas de crença propostas pela Igreja oficial.

Nesse sentido, a perspectiva interpretativa que adotei para demonstrar essas expressões de crenças foi enxergá-las como histórias que expõem como em um determinado contexto da história da Paraíba homens e mulheres, através de suas tradições culturais religiosas, estabeleciam relações com o mundo do invisível, o mundo do sagrado.

Para essa compreensão me foi útil a perspectiva de interpretação adotada por Mircea Eliade, em seu estudo sobre o Mito, quando sugere perceber-se o sentido dos mitos em suas expressões e rituais histórico-religiosas:

[...] O que antes de mais nada nos interessa é captar o sentido dessas estranhas formas de conduta, compreender a causa e a justificação desses excessos. Compreendê-las equivale a reconhecê-las como fenômenos humanos, fenômenos de cultura, criação do espírito – e não como irrupção patológica de instintos, bestialidade ou infantilidade. [...] Somente quando encaradas por uma perspectiva histórico-religiosa é que formas similares de conduta poderão revelar-se como fenômenos de cultura, perdendo seu caráter aberrante ou monstruoso de jogo infantil ou de ato puramente instintivo.

O mito conta uma história sagrada; [...] os personagens do mito são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos ‘primórdios’. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a ‘sobrenaturalidade’) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas irrupções do sagrado (ou do ‘sobrenatural’) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural. (ELIADE, 1972, p. 9-11).

Encaradas sob essa perspectiva interpretativa indicada por esse autor, como fenômenos de cultura, as crenças e atitudes religiosas expressas nas narrativas que estudo não podem simplesmente ser tomada como um reflexo das dificuldades dos populares mediante as estruturas econômicas e políticas vigentes na Paraíba do século XX. Tampouco podem ser interpretadas como resultado de irracionalidades ou devaneios religiosos. As histórias dos contos, dos cordéis e dos sermões e prédicas de frei Damião testemunham as formulações e a relação desses populares com o sagrado e com o Além. As expressões religiosas contidas nessas histórias compõem um quadro específico de uma religiosidade popular que é, em certa medida, devedora de uma formulação mitologizada do sagrado.⁵

⁵ A respeito do conto como objeto de estudo, Mircea Eliade (1972, p. 172-173) afirma: “Para o etnólogo e para o historiador das religiões [...], o ‘nascimento’ de um conto como texto literário autônomo constitui problema secundário [...] o que interessa ao etnólogo e ao historiador das religiões é o comportamento do homem face do sagrado, o comportamento que se evidencia através de toda essa massa de textos orais.

Uma outra vertente de interpretação de estudo sobre a relação entre o mundo visível e o mundo invisível do além que segui é apresentada nos trabalhos historiográficos de Carlo Ginzburg (2001). Com base em suas idéias, compreendo que essas narrativas possibilitam ao historiador uma aproximação com o campo das representações sobre a relação dos homens com o sagrado, com um invisível do campo das crenças, considerando, pois, que se trata de um universo de signos e representações fundamentados em uma idéia de não oposição entre sagrado e profano.

Assim, parece-me oportuno reforçar o raciocínio de Ginzburg (2001, p. 96) quando, ao abordar a relação estreita entre imagens e Além, afirma:

[...] ainda permanece largamente inexplorada a gama das reações (absorções, metamorfoses, rejeições) provocadas no plano religioso pelo encontro entre essas imagens, inclusive as popularescas, e as tendências parcialmente não icônicas, se não explicitamente antiicônicas, arraigadas na tradição hebraico-cristã.

As histórias com as quais me propus trabalhar são portadoras de significações que juntam o visível de um cotidiano de pecados ao invisível de um destino de absolvição, ou não.

São narrativas formuladoras de um imaginário⁶ em que a “ficcionalização” da realidade se institui, como observa Ivan Teixeira (2003), estudioso da cultura religiosa popular, ora através de um padrão ora através de “formas alternativas de ruptura, resistência e superação”.

O imaginário religioso que transparece nas narrativas e histórias de crenças que estudo conforma atitudes que podem ser explicadas pelo que revelam de pertença a um conjunto de tradições do cristianismo católico, ou pelo que revelam de pertença a outras tradições religiosas.

Ainda assim, essa documentação se constitui como referenciais de um imaginário sócio-cultural popular em que se imbricam tradição oral e tradição escrita. Apoiada em estudos sobre a relação entre História e oralidade, pretendo mostrar a linha que

⁶ A noção de imaginário, adotada ao longo deste trabalho, remete às formulações estabelecidas por Le Goff (1994, 1995), Delumeau (1989, 2003a, 2003b), De Certeau (1994, 1995).

cruza o universo de narradores de contos populares, o universo de poetas folhetistas e o universo de prédicas de frei Damião. Observa-se, assim, um cruzamento entre o oral e o impresso, tal qual fora já observado por Maria Antonieta Antonacci (2001, p. 111):

Os folhetos dessa literatura oral em versos – com uma estrutura métrica em estrofes de seis linhas, distribuídos em oito páginas de papel jornal, com xilogravuras nas capas -, ao atribuírem forma impressa às narrativas orais e iconográficas, produzem registros da cultura material nordestina e possibilitam sondagens em torno de confluências históricas de tradições orais com a letra e a imagem.

Através dessa documentação, podemos perceber confluências históricas de tradições orais e tradições escritas conforme observa a autora. As histórias dispostas nos folhetos de cordéis contemplam essa questão. A presença e a expansão da ética religiosa dos Capuchinhos no Estado da Paraíba, traduzidas nas ações de Frei Damião, em seus sermões e em suas prédicas carregadas de histórias exemplares, apresentaram-se, também, como indicativos dessa relação.

Convém adiantar, que essa religiosidade popular estabelecida na relação entre atitudes de crença não oficiais e oficiais, é característica de um contexto sócio-religioso peculiar à atuação da mensagem oficial católica por vias das Missões Populares nas quais frei Damião se inseria. Esse contexto sócio-religioso diz respeito à própria realidade histórica e papel da Igreja Católica no Brasil e na Paraíba entre fins do século XIX e durante o Século XX, realidade pertinente ao chamado processo de romanização da Igreja Católica do Brasil.⁷

Frei Damião, como representante dessa ordem religiosa, teve significativa penetração nos meios populares do Nordeste e, em especial, na Paraíba a partir da década de trinta do século vinte. Esse religioso, fervoroso defensor de uma ética moral cristã, particularizou-se por uma pedagogia missionária cujos ingredientes estavam recheados de prédicas sobre as *Santas Verdades*, disseminadas através de um discurso carregado de

⁷ É nesse contexto sócio-religioso mais amplo que se verifica como estratégia da Igreja Católica do Brasil em processo de reformas, o incentivo a vida de religiosos estrangeiros, dentre estes, os religiosos capuchinhos italianos.

expressões provocadoras de medo e de terror. Defendo, pois, que essa sua preleção e seu modo de apresentação terão repercussão e colaborarão na construção de um imaginário que, representado igualmente nas narrativas dos contadores de história e dos poetas de folhetos, dá conta de uma religiosidade popular.⁸

Quando reafirmo a compreensão de um campo de religiosidade popular, busco, também, inspiração nos estudos dessa temática desenvolvidos por Gilmário Pereira Brito (1999), a partir de uma concepção em que a religiosidade popular expressa cruzamentos entre uma cultura letrada de textos bíblicos e uma cultura iletrada de crenças e tradição orais. As palavras desse autor, reproduzidas a seguir, quando apresenta os sujeitos sociais de *Pau de Colher*, traduzem bem essa compreensão:

Por serem iletrados, na sua maioria, e por assumirem a Bíblia como referência, com base em tradições de oralidade que tinham um ponto de encontro nas 'leituras' comunitárias de textos sagrados, colocaram-se na fronteira entre o letrado e uma tradição oral. (BRITO, 1999, p. 135)

Dessa confluência de tradições, uma nova interpretação da matéria religiosa se institui na cultura dos sertanejos. Esse estudioso exemplifica algo que é visível nas experiências sociais e cotidianas de religiosidade do povo nordestino, como expressão de uma cultura religiosa pautada em confluências de crenças e valores diversos, resultado e testemunha da estratificação presente na estrutura social brasileira, desde os tempos de sua colonização.⁹

Essa confluência alia o oral e o escrito bem como tradições distintas do campo das crenças e da fé, experiências de uma realidade social multicultural.¹⁰ Nesse campo de tradições orais nordestina em que se inserem os contadores de história, e os folhetos de

⁸ Em capítulo específico abordarei mais detalhadamente a natureza das narrativas e sermões de Frei Damião a partir do seu lugar de produção como elementos e símbolos de uma pastoral renovada no contexto da romanização da Igreja no Brasil.

⁹ Convém explicar que o emprego que faço do termo confluência preserva o grau de especificidade e de diferenças de sentido próprios a cada atitude de crença em particular. Penso essa questão espelhada no estudo de Ronaldo Vainfas (1995), sobre o processo de fusão de crenças. Processo aculturador de mão dupla, e não simples assimilação, para usar suas expressões.

¹⁰ Em estudo sobre as práticas e concepções religiosas de afro-decendentes e europeus no contexto da história do Brasil, Liana Maria. S. Trindade (2005) propõe uma leitura da história religiosa sob a perspectiva da cultura e dos significados que em um cotidiano de conflito se apresentam as práticas religiosas.

cordel, encontra-se uma pluralidade de personagens que, ao longo dos séculos, tomam para si as tarefas de divulgar, conduzir e interpretar os princípios religiosos, principalmente os cristãos.

Em estudo já aqui mencionado, Antonacci (2001, p. 117) destaca essa questão, ressaltando o que chama de *‘dinâmico patrimônio cultural de oralidade no Nordeste’*:

Além de evidências da presença da Bíblia no Nordeste, há indícios de que uma impressão resumida e popularizada de seu texto – Missão Abreviada –, depois de introduzida em Portugal, circulou nos sertões nordestinos, na segunda metade do século XIX, tendo sido livro de cabeceira de Antonio Conselheiro e outros beatos. As formas de leituras coletivas de evangelhos e outras passagens bíblicas, assim como a cantoria de benditos – oração tradicional da Igreja Católica levada a regiões nordestinas por missionários capuchinhos e divulgadas em latim pelas Santas Missões, visitas pastorais efetivadas desde o século XVII em verdadeira Babel de línguas -, eram acompanhadas de grandes rituais, que envolviam fortes encenações e gestualidades, para incutir palavras e valores do cristianismo nos corpos e mentes de sertanejos visitados, esporadicamente, por padres de diferentes nacionalidades que quase nunca falavam português.

Do conjunto desse patrimônio religioso cristão que circulou em terras nordestinas, destacado por Antonacci, as missões religiosas de frei Damião e sua influência na cultura religiosa do homem paraibano do século XX se constitui como exemplo atestado também nas narrativas e histórias dos folhetos e nas demais tradições culturais.

Em suma, esse trabalho pretende contar a história de um conjunto de expressões de crenças que, no cotidiano de homens e mulheres paraibanos do século XX, dá conta de uma religiosidade popular perpassada por dois vieses: um em que se podem perceber elementos e expressões do universo de crenças do catolicismo cristão e sua pedagogia da fé, traduzida em mecanismos psicológicos de ação, espelhadas em temor e obediência; e outro em que se podem perceber formas de elaboração de atitudes de fé e crenças diferenciadas das estabelecidas pelos caminhos ou ‘cartilhas’ oficiais.

As discussões da temática aqui anunciada aparecem ao longo dessa tese distribuídas em quatro capítulos. No primeiro, “Espaço de memórias: tradição e cultura de

oralidade na Paraíba do século XX.”, apresento o *corpus* documental do trabalho, com o objetivo de caracterizar a natureza da documentação como pertencente a um universo de forte presença de tradição oral na cultura paraibana do século XX. No segundo capítulo, “Marcas e percursos de tradições em folhetos e contos populares do século XX: intertextualidade e circularidade”, apresento e discuto, de forma comparativa, a temática religiosa presente nos folhetos e nos contos populares. Demonstro como se assemelham do ponto de vista da suas questões formais – enquanto linguagens de fortes traços de oralidade –, do ponto de vista de seus modos e significados religiosos, assim como através dos percursos de circulação na cultura paraibana do século XX. No terceiro capítulo, “Narrativas de um imaginário de crenças nos contos populares e nos folhetos”, apresento e analiso um conjunto de narrativas dos contos populares e dos folhetos, perpassadas pela questão das crenças, informando um quadro do que caracterizo como sendo representação de uma religiosidade popular. No quarto e último capítulo, “Sermões de frei Damião: narrativas imbricadas de uma religiosidade popular na Paraíba do século XX”, apresento e analiso os sermões de frei Damião enquanto narrativas que, circulando durante as missões ou reproduzidos em folhetos, acabavam por expressar e conformar um quadro de disposição de crença religiosa também apresentadas nas narrativas dos contos populares. Trabalho essas narrativas como expressões de um contexto de estratégias da Igreja do Brasil e da Paraíba em tempos de reformas e necessidades de aproximação com os fiéis e os populares.

CAPÍTULO I

ESPAÇO DE MEMÓRIAS: TRADIÇÃO E CULTURA DE ORALIDADE NA PARAÍBA DO SÉCULO XX

O *Corpus documental* deste trabalho, composto por contos populares, folhetos de cordéis e sermões de Frei Damião de Bozzano, dão conta de um conjunto de práticas do que se pode denominar ambiente sócio-cultural do Nordeste e da Paraíba, respectivamente, no decorrer do Século XX, cuja característica predominante revela uma tradição de oralidade.

Os contos populares da Paraíba do Século XX, integrantes desse *corpus* documental, fazem parte do acervo documental do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular – NUPPO – da Universidade Federal da Paraíba.

Em 1977, contadores de histórias, de 27 municípios da Paraíba, são convidados pela Universidade Federal da Paraíba, Campus de João Pessoa, como participantes da I Jornada de Contadores de Estórias da Paraíba, promovida pelo NUPPO para narrarem seus contos. Homens, mulheres, jovens e adultos passavam para a História, parte de sua cultura e de sua tradição. Mil e setecentos contos foram narrados.

FIGURA 02: CAPA DE UMA DAS PUBLICAÇÕES DOS CONTOS DA I JORNADA DE CONTADORES DE HISTÓRIA DA PARAÍBA



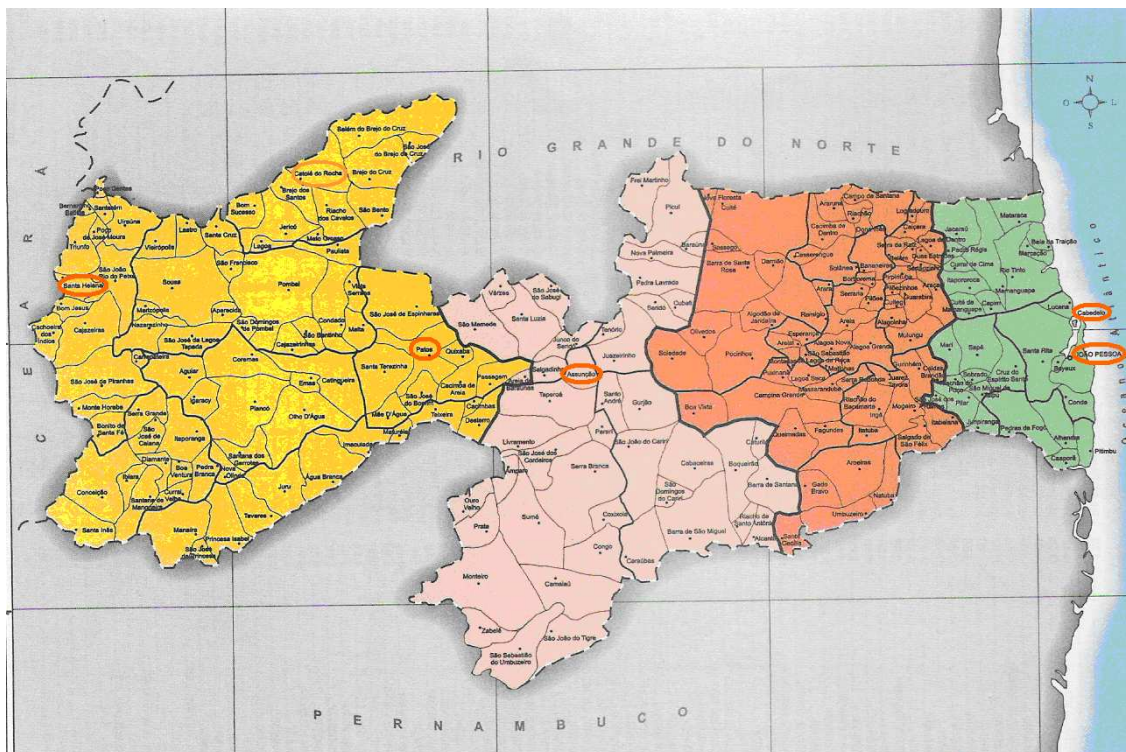
FONTE: UFPB/PRAC/NUPPO/FUNART. JOAO PESSOA.

Pode-se ter acesso imediato à parte do registro dessa Jornada de Contadores de História da Paraíba através de um conjunto de publicações das narrativas feitas pelo Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular MUPPO. Outras tantas narrativas dessa Jornada continuam, ainda, no anonimato a que lhes reservam as dificuldades burocráticas e técnicas do processo de transcrição.

Meu trabalho toma como referência documental desse arquivo as publicações e as transcrições das narrativas dos municípios de João Pessoa, Cabedelo, Catolé do Rocha, Patos e Santa Helena. Outras narrativas de contos populares, também utilizadas como *corpus* nesse estudo, foram recolhidas por mim no município de Assunção-PB, durante projeto anterior de estudo sobre os contadores de história desse município, conforme já adiantei anteriormente.

A opção por contos desses municípios deu-se em função da representatividade, uma vez que são municípios que se estendem do Sertão ao Litoral do Estado da Paraíba, conforme se pode observar, a partir de suas disposições geográficas¹¹, indicadas por círculos, no mapa abaixo:

FIGURA 03: MAPA DO ESTADO DA PARAÍBA



FONTE: IBGE - CENSO DEMOGRÁFICO 2000.

Das narrativas apresentadas por contadores desses municípios, interessei-me, particularmente, por aquelas cuja temática situa-se no universo da religiosidade, tendo em vista a persistência dessa temática nesse corpus.

Como já mencionei na introdução desse trabalho, constatei que essas histórias circulavam igualmente na literatura de folhetos recorrentes na Paraíba do século XX,

¹¹ Os círculos no mapa marcam os municípios de procedência dos contadores de história. Municípios do Litoral, região destacada pela cor verde: João Pessoa e Cabedelo; Município do Cariri, região destacada pela cor rosa: Assunção; Municípios do Sertão, região destacada pela cor laranja: Patos, Catolé do Rocha e Santa Helena.

integrando, assim, um conjunto de manifestações e práticas culturais do campo das tradições orais¹².

Assim, resolvi elege, também, como corpus, as narrativas dos folhetos que apresentavam temática semelhante às dos contos populares. Os folhetos selecionados fazem parte do acervo sobre literatura de cordel da Casa Fundação Rui Barbosa, no Rio de Janeiro e incluem trabalhos de poetas paraibanos e de outros Estados do Nordeste. Na oportunidade da pesquisa, nos meses de janeiro, fevereiro e março de 1995, selecionei um conjunto de 164 folhetos que apresentavam temáticas religiosas e que me interessaram diretamente como objeto de estudo.¹³

A presença da temática religiosa nos folhetos pode ser observada já nas próprias capas, a exemplo das abaixo reproduzidas:

¹² Essas tradições, particularmente em se tratando do Nordeste brasileiro, apresentam-nos uma variedade e riqueza temática espetacular, em parte catalogada e exposta ao interesse do mundo acadêmico pelos folcloristas e outros estudiosos, a exemplo de Câmara Cascudo, Silvio Romero, Mario Souto Maior e Ariano Suassuna, dentre outros.

¹³ Ao longo desse trabalho, serão apresentados alguns desses folhetos. A lista completa dessa pesquisa será apresentada como anexo.

FIGURA 04: CAPA DO FOLHETO *A VOZ DE UM FANTASMA*



FONTE: FOLHETO *A VOZ DE UM FANTASMA*.
AUTOR: SEBASTIÃO PALMEIRA DA SILVA

Esse folheto que narra a história da voz de um fantasma acompanha a mesma linha de raciocínio e preferência das histórias dos contos populares sobre visões e aparições. O folheto, cuja capa aparece a seguir, igualmente reproduz um dos assuntos presentes nas narrativas dos contos populares quando expõem histórias sobre o pecado e sobre os pecadores:

FIGURA 05: CAPA DO FOLHETO *O PECADOR NÃO É NADA*



FONTE: FOLHETO *O PECADOR NÃO É NADA*
AUTOR: INÁCIO FRANCISCO DA SILVA

Como histórias de exemplo, o pecado é narrado em um contexto de desqualificação do pecador. A própria imagem de representação ajuda nesse sentido: o pecador da imagem apresenta-se em situação de desvantagem. Seu defeito físico parece expressar o peso do seu pecado, perambulando na insignificância do nada. Observemos o registro do leitor anônimo, escrito à margem esquerda do folheto: *o resultado de quem é orgulhoso*.

A aproximação e reconhecimento desses folhetos, como suporte de histórias e narrativas religiosas igualmente as dos contos populares, permitiu-me identificar referências explícitas aos sermões e prédicas de Frei Damião de Bozzano. A capa e a contracapa do folheto, a seguir reproduzidas, conseguem exemplificar a união entre folhetos e sermões pela temática religiosa e de crenças:

FIGURA 06: CONTRACAPA E CAPA DO FOLHETO O *HOMEM QUE DEU A LUZ AO DIABO*



FONTE: O HOMEM QUE DEU A LUZ AO DIABO
AUTOR: MANOEL CABOCLO E SILVA

Como vemos, em um mesmo espaço e suporte narrativo, é condensada uma matéria religiosa de pecado, devoção e fé. Essa dinâmica de intertextualidade aparecia marcada por uma rede de significados sobre modos e formas de crenças que surgiam também nas narrativas dos contos populares. Assim, particularmente, a partir da leitura das narrativas religiosas nos folhetos, outra constatação foi explicitando-se. Os folhetos eram especialmente reveladores de uma outra narrativa religiosa particular: os sermões e as prédicas de Frei Damião de Bozzano, suas memórias e seus milagres. Dessa forma, tornou-se necessária a inclusão dessas últimas narrativas como *corpus* de análise por elas se constituírem como um intertexto das narrativas dos cordéis e narrativas dos contos populares. Tornava-se, portanto, imprescindível analisar as implicações dessas redes de sentido, circulando em um mesmo espaço temporal e geográfico, mas em gêneros e suportes distintos.

Ao delimitar essa documentação, reafirma-se a hipótese de que os valores presentes nessas narrativas são elementos de uma linguagem de dimensão conflituosa em que se fazem presentes, de forma não contraditória, valores sócio-religiosos diferentes, formadores de um amálgama de usos diferenciados de crenças, sentimentos e experiências de fé diversas. Enfim, são formulações que expõem, no plano cultural, as relações do homem com o mundo do invisível, do Além.

O que garante unidade a esse *corpus* é fato de tratar-se de narrativas circunscritas ao que aqui estou considerando como uma cultura religiosa e de crenças peculiares ao povo nordestino e, especialmente, paraibano, cultura essa que se apresenta com fortes traços de oralidade. Além disso, são práticas culturais que, ao tempo em que se apresentam com traços importantes de uma tradição oral, revelam uma dinâmica de interação com outras tradições culturais de matrizes escritas. Muitas histórias ou contos populares, folhetos, modas de viola e disputas dos emboladores de coco, assim como os sermões de frei Damião de Bozzano a partir da década de 1930, apresentam referências a histórias e/ou narrativas bíblicas, a notícias políticas e jornalísticas, além de versos e romances de poetas e filósofos clássicos. Percebe-se, pois, que através dessas expressões culturais, carregadas de componentes de uma tradição de oralidade, traços e marcas de uma cultura de tradição escrita se aliam na composição de um quadro de significados que integram o cotidiano e o imaginário do povo nordestino e paraibano.

É possível dizer que essas práticas culturais de oralidade são remotas. No Brasil até meados do século XIX, como aponta ABREU (1993), a produção de folhetos no nordeste ainda se caracterizava por uma produção eminentemente oral. Do mesmo modo, referências sobre as cantorias nordestinas, sobre os emboladores de coco e sobre as canções dos aboiadores, como práticas de oralidade que remetem a tempos idos, são constantes nos estudiosos da literatura popular, a exemplo de Silvio Romero e Câmara Cascudo.

Se nas primeiras décadas do século XX assiste-se a um processo de transformação nos hábitos, nos costumes e nas formas de viver do cotidiano de homens e mulheres habitantes das grandes cidades do Brasil, em função das novas invenções tecnológicas – radio cinema e televisão, como meios significativos de comunicação –, a

realidade dos municípios e das cidades do interior do Brasil ainda era outra para a maioria esmagadora de suas populações¹⁴.

Para nos atermos apenas a esse campo da cultura, a realidade social da Paraíba, nas primeiras décadas do século XX e seguintes, é composta por um cenário de tradições culturais expressivas da oralidade. Cantadores de viola e suas cantorias atraem a cada semana um público fiel para casa de fazendas, salões das pequenas vilas ou cidades, seus lugares preferenciais de apresentação. Também, nas feiras, é comum a presença dos emboladores de coco que, juntamente com os vendedores de folhetos, cantam e lêem em voz alta histórias, encantando um público que, semana a semana, dispensa um tempo de sua atenção aos seus poetas populares, como os chama.¹⁵ Do mesmo modo, contadores de histórias preenchem as horas de descanso das famílias, reunindo em torno de si, todos os fins de dia, ouvintes fiéis de suas histórias.¹⁶

O recorte temporal desse trabalho foi, assim, se definindo a partir da leitura do corpus documental. Nessa documentação, percebi que a temática religiosa aparecia com maior intensidade e maior visibilidade, nos meios sociais da Paraíba, a partir das primeiras décadas do Século XX. Essa constatação me levou a uma outra mais importante do ponto de vista analítico: a de que se tratava de um processo de interação e de intertextualidade.

Os folhetos, os contos populares e os sermões de Frei Damião, como suportes narrativos evidentes nesse meio social, são, aqui neste trabalho, investigados sob a perspectiva de documentos históricos, capazes de informar sob duas óticas. Uma, que nos possibilita enxergar como indivíduos pobres dos meios populares, os anônimos, elaboram e apreendem seus valores e suas visões de mundo. Outra, que nos informa, particularmente através das narrativas escolhidas pelo recorte temático da religiosidade, como os populares

¹⁴ Como demonstrou Nicolau Sevcenko (1998), em estudo sobre o Rio de Janeiro das primeiras décadas do Século XX, nesse período e nesse contexto, há um processo violento e traumático de mudanças culturais em curso. As práticas e expressões de crenças e costumes dos populares vão sendo desqualificadas e perseguidas.

¹⁵ As feiras foram especialmente importantes na definição dos espaços urbanos e de comércio na Paraíba do Século XIX e XX. Através delas se articulou uma rede de trocas comerciais e culturais entre regiões que ultrapassavam seus limites geográficos. A cidade de Campina Grande foi notadamente uma das grandes beneficiadas dessa dinâmica de articulação através das feiras. As feiras de gados, de alimentos e do algodão aí realizadas mapearam uma dinâmica comercial responsável pelo lugar de cidade pólo do comércio e do desenvolvimento a partir da segunda metade do século XIX.

¹⁶ Sobre a cultura do contar, ver Sousa, 1997.

imprimem significados às suas práticas e concepções de crenças. Ademais, perpassando essas possibilidades de leituras, encontra-se a perspectiva de se entender quais as formas e os mecanismos de interação dessas pessoas com a realidade social na qual estão envoltas. As pistas dessa realidade dão mostras de um conjunto de atitudes ou táticas que no cotidiano dão corpo a astúcias e modos de fazer, como indica De Certeau (1994).

Essa documentação nos remete para um plano de discussão historiográfica que norteia os chamados novos paradigmas do saber histórico, especialmente aquele construído a partir de perspectivas de estudos da cultura e, particularmente, da cultura popular, que, por sua vez, nos encaminha à temática da memória, da oralidade e da tradição. Dessa forma, torna-se necessário, mesmo antes da apresentação mais detalhada dessa documentação, proceder a uma ligeira contextualização conceitual das noções de cultura, tradição e oralidade e seus empregos nesse trabalho.

1.1 TRADIÇÃO, MEMÓRIA, ORALIDADE E CULTURA: O OBJETO DE ESTUDO E A PERSPECTIVA TEÓRICA

No terreno da Historiografia brasileira do século XX, o aparecimento de temáticas culturais como um campo autônomo de discussões foi tardio.¹⁷ Se tomarmos como referência os historiadores das décadas de 1930, 1940 e 1950, verificaremos que a maioria de suas preocupações se voltava para as interpretações e as temáticas da ordem do econômico ou da política, sob o paradigma dos estudos estruturalistas. Nesse ambiente interpretativo, a cultura sinalizava um campo não autônomo, superestrutura determinada e condicionada pelas condições de vida material cujo entendimento bastava para revelar os demais aspectos do meio social.

¹⁷ Representantes do chamado movimento tradicionalista e regionalista, marcadamente aqueles vinculados aos meios intelectuais influenciados pelas idéias de Gilberto Freire, discutiam desde os anos vinte aspectos da cultura brasileira. Todavia, eram discussões que atrelavam as práticas culturais populares ao tradicional regional em reação ao nacional popular.

A influência da antropologia interpretativa de Clifford Geertz (1978), com a chamada descrição densa, aproximou o estudioso do seu objeto, a partir de um interesse maior em entender a dinâmica e os significados atribuídos às práticas culturais em sua ambientação e sob a perspectiva de entendê-las como *dimensões simbólicas da ação social*. Seu conceito de cultura passou a ser referência para os estudiosos da questão:

O conceito de cultura que eu defendo é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1978, p. 15).

Assim, é possível dizer que a entrada dos estudos das práticas culturais populares na historiografia deu-se por meio de abordagens que se firmaram na antropologia e tomaram corpo, na perspectiva dos historiadores, através dos estudos de história cultural e da história oral.

Consolidada a partir das décadas de 60 e 70 do século passado, nos Estados Unidos, e divulgada através da Oral History Review, a história oral recebe na Grã-Bretanha um tratamento diferenciado, voltando-se aos estudos de pessoas comuns. Pioneiro dessa perspectiva de estudo, o historiador Paul Thompson (1978) ampliou a divulgação da história oral, tornando-se referencial importante para os cientistas sociais do Brasil.

No Brasil, o trabalho sistemático a partir da perspectiva da história oral surge, pioneiramente, no Museu da Imagem e do Som – MIS\SP; no Museu do Arquivo Histórico de Londrina-Paraná e no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro. A partir dessas iniciativas, uma nova história política do Brasil era desenhada sob o principal paradigma da história oral: dar voz e vez àqueles que não puderam, livremente, se expressar¹⁸.

¹⁸ Nessa perspectiva, notabilizaram-se os trabalhos de Maria de Lourdes Mônaco Janotti (1993, 1996) e Antônio Paulo Montenegro (1992, 1993).

Entrevistas, depoimentos, histórias de vida passam a fazer parte do interesse de antropólogos, sociólogos e historiadores. Fontes se cruzam, disciplinas dialogam, e a problemática da memória se impõe no contexto das discussões sobre os pressupostos ontológicos e metodológicos da história oral. Novas influências surgem através dos trabalhos de Jacques Le Goff, Pierre Nora, E.P. Thompson, Keith Tomas, a discussão cresce por meio de intensos diálogos desses estudiosos com as abordagens de Henri Bérghson e Maurice Halbwachs, sobre a temática da memória.

A memória visitada, requisitada e popularizada pela história oral traduz um novo campo de influência para o historiador.¹⁹ Um leque de possibilidades de documentar-se o universo popular surge com a solicitação para que o homem comum conte suas versões e explicite os significados que atribui às suas experiências diversas. Assim, o campo dos estudos culturais tem sido notoriamente beneficiado pelas perspectivas metodológicas de abordagens da história oral e da memória. Por meio de entrevistas, história de vida, depoimentos, tornou-se possível para os estudiosos uma aproximação maior com o campo das práticas culturais populares, ressignificando-as.²⁰

Nesse ambiente de discussão teórico-metodológica, as noções de história oral, cultura popular e outros termos afins têm sido orientadoras de diversos trabalhos dos historiadores e têm sido geradoras de diversos debates. Não obstante as divergências observadas há um ponto em comum entre os historiadores: não se pode mais ignorar o campo das tradições e, principalmente, das tradições orais como lugares de valiosas informações para o estudo do cotidiano e da cultura. Os procedimentos metodológicos da História Oral guiam o historiador para uma aproximação do seu objeto de estudo com mais possibilidade de desvendar o campo das práticas culturais. Daí a necessidade que têm os estudiosos de discutir a oralidade aliada à problematização da noção de tradição.

¹⁹ A recepção dos estudos da história oral e da memória no meio acadêmico brasileiro vai ocorrer, principalmente, com os trabalhos de Ecléa Bosi (1979), Maria Izaura Pereira de Queiroz (1983) e Maria de Lourdes Mônaco Janotti (1993, 1996) traduzindo, assim, a influência e a importância dos clássicos estudos dessa matéria, proporcionados por Halbwach, Bergson, Paul Thompson, Walter Benjamin e Pierre Nora, dentre os pioneiros influenciadores desses estudos aqui no Brasil.

²⁰ Num verdadeiro movimento de renovação da escrita histórica, os trabalhos de história cultural marcam presença através dos estudos de Carlos Ginzburg, Roger Chartier, Robert Darnton, Pierre Bourdieu, dentre outros.

O entendimento e apropriação da noção de tradição que adoto para esse trabalho é a que permite pensar práticas culturais nas quais o poder da narrativa oral se apresenta como veículo comunicador e transmissor de costumes, idéias e visões de mundo plurais, de uma época, sem a ela se prender exclusivamente.

Assim, a tradição oral é algo que rompe o tempo da história, mas pode ser ela própria veículo acumulador de significados novos ao longo da história cultural dos homens. Essa compreensão de tradição oral tem sido possibilitada graças aos estudos de Paul Zumthor, notadamente seu trabalho “Introdução à poesia oral” (1997, p. 21) no qual destaca:

Há um século e meio entregue a especialistas (etnólogos, sociólogos, folcloristas ou, em uma outra ótica, a lingüistas), o estudo dos fatos de cultura oral permitiu acumular um número considerável de observações - em si próprias pouco contestáveis -, bem como interpretações muitas vezes incompatíveis e, até mesmo, contraditórias. Pesquisas e polêmicas desenvolveram-se à margem do que é transmitido pelo ensino geral, sem que o grande público tivesse conhecimento, e, salvo exceções, com o desconhecimento ou o desdém dos que praticam a literatura. Este caráter confidencial deve-se tanto ao tecnicismo e à diversidade das doutrinas quanto à imprecisão do vocabulário empregado, que ganhou espessura com as estratificações sobrepostas pelo Romantismo, Positivismo e o que veio depois.

Assim é que, até o momento, o estudo em questão ainda não se libertou dos pressupostos implícitos nos termos *folclore* ou *cultura popular*: termos bastante vagos e que só podem ser aplicados, parcialmente, ao meu objeto de estudo se estiverem subordinados a uma definição de oralidade que os ultrapasse, ao englobá-los.

Esta observação de Zumthor acerca da perspectiva de entendimento dos fatos de cultura oral desvinculados de uma compreensão ligada unicamente à idéia de folclore ou de cultura popular é perfeitamente plausível para se pensar as manifestações culturais que estudo. Contar histórias, cantar benditos, cantar pelejas e repentes, cantar e contar em rima as histórias de folhetos, proferir sermões são expressões de uma cultura nordestina de fortes traços de identidade com uma tradição de oralidade em que significados são atualizados e reelaborados através de mecanismos e atitudes diversas. A significação e a atualização

dessas tradições para o cotidiano impedem que se perceba como representações de um passado folclorizado.

Podemos dizer, concordando com a abordagem de Antonacci (2001), que contos populares folhetos e demais expressões carregadas de traços indicativos de uma tradição de oralidade são suportes dos quais emergem – através da fala, acompanhada de gestos, sons e melodias – histórias que divertem, que assustam e fazem pensar, que entorpecem e aquecem as disputas e os corações, que acalmam e acalentam os espíritos. Todas essas práticas – contos populares, benditos, pelejas, repentis, sermões – trazem em comum, portanto, a divulgação de costumes, valores morais, sentimentos, crenças, visões de mundo como expressões da história de homens e mulheres nordestinas.

Como suportes e componentes de uma tradição de oralidade, os contos populares, os folhetos e os sermões de Frei Damião, expõem memórias assim como tem na memória, também, seus modos de circulação e divulgação. Assim, o tratamento dispensado à temática da memória neste trabalho filia-se a essa tradição dos estudos apresentados por Paul Zumthor. Trata-se de perceber a memória reposta através da tradição, entendida como uma ação consciente disposta em imagens articuladas pela coletividade. A memória, assim apresentada, tem a capacidade de selecionar e rejeitar, ao tempo em que opera segundo uma “atividade de triagem, de redistribuição, de deslocamento, de mascaramento e ainda de negação.” (ZUMTHOR, 1997, p.17).

Conforme diz Zumthor as tradições orais materializam esse papel da memória, ao tempo em que são “mantidas pela reminiscência, pelo costume e pelo esquecimento. As tradições são, pois, lugar de “relações intertextuais”. Nesta perspectiva, um conceito fundamental que se aplica, segundo Zumthor, ao trabalho da memória é o de “movência”. Esta se apresenta como fundamental no mecanismo conferido pelas tradições quando em ação, no instante de performance, que é, também, ato criador.

Assim, quando uma tradição oral se apresenta, diz Zumthor (1997, p.23):

Aquilo de que se participa é a compreensão espontânea, saborosa, de traços memoriais assim veiculados, e recebidos como uma figura de eternidade segura. Pode-se, em muitos casos, descrever estes traços como o que em etnologia chama-se mais frequentemente **motivos**; em história

literária, **temas**. Eu preferiria colocar que a noção de tradição só tem sentido em relação a uma forma. (Grifo do autor)

Associados a essa noção de tradição e de memória referenciadas por Zumthor, compreendo que os contos populares, os folhetos e os sermões carregam uma tradição a qual, no presente de sua atuação, mobiliza homens e mulheres que lhe atribuem novos significados. No caso dos contos populares, seus narradores repõem a tradição através da memória e lembrança de um ente familiar, contador de histórias, ao tempo em que traz para o presente da narração valores morais e visões de mundo, perpassados por um viés religioso, de uma época e de uma geração que eram compartilhadas por pais, avós, tios ou amigos falecidos. Da mesma forma, nos folhetos e nos sermões religiosos, reúne-se um conjunto de valores morais e comportamentais de uma tradição de fé cristã e religiosidade predominante nos meios populares.

No que diz respeito à noção de cultura, privilegiei nesse trabalho, para esse momento inicial de discussão, a que se filia ao entendimento proposto por Moràs (2001, p.36), como aquela que gera ou comporta “redes de significados”:

O alcance e a abrangência dessa rede articulada de significados composta pela cultura parece-me não terem sido completamente esmiuçados, e é um ponto de crucial importância para uma história que se pretenda cultural. Normalmente, quando se pensa em padrões ordenados de significados possibilitados pela cultura, não se dá a devida atenção ao fato de que o significado dos dados levantados pela análise cultural depende de todo um conjunto de referências formalizado a partir do arranjo e encadeamento desses mesmos dados numa rede de significados simbólicos.

Ou seja, utilizo uma idéia de cultura a qual, como bem salienta Moràs, remete-nos a uma pluralidade de significados contextualizados, a partir da ótica dos interesses de cada grupo ou segmento social, circunstancialmente. É essa noção que dá sustentação a esse trabalho quando se destina a investigar, no campo da cultura nordestina, através de contos populares, folhetos e sermões, uma rede de interlocução e circulação de idéias,

imagens e visões de mundo, perpassadas por fortes contornos religiosos e traços de tradições orais.

Nessas composições e práticas culturais, há fortes componentes do que se designa em estudos culturais de expressões de uma cultura popular, cujas características são ressaltadas através de uma memória religiosa que se move entre o ontem e o hoje, expressando angústias espirituais e materiais.

Nesse sentido, quanto à noção de cultura popular, busco um modo de compreensão que nos remete a pensar essas expressões culturais como recorrentes nos meios sociais pobres e iletrados, mas expressando uma dinâmica de interação para além do universo dos populares pobres e iletrados. Assim, torna-se fundamental o reconhecimento das filtragens que os chamados “populares” fazem de idéias, visões de mundo e costumes “próprios” de outros grupos sociais e, fundamentalmente, daqueles que dominam os códigos da escrita, estabelecendo-se, assim, o que, em estudos sobre a temática, denomina-se de circularidade entre aspectos culturais de viés popular e erudito. Assim posto, não considero que haja uma determinação do critério ausência de domínio dos códigos da escrita na definição das práticas culturais populares. A oralidade como componente visível nessas práticas expressa universos e códigos que vão além de sua natureza e de seus modos de apresentação.

Dessa forma, as noções de cultura e de cultura popular são trabalhadas sob a perspectiva da idéia de pluralidade e de circularidade, como apontadas por outros estudiosos, a exemplo de Mikhail Bakhtin, Paul Zumthor, Carlo Ginzburg, Roger Chartier, dentre outros. Nesse contexto de formulações teóricas sobre a temática da cultura, a noção de cultura popular que julgo relevante, para se pensar a circulação e a apropriação dos contos populares, dos folhetos e dos sermões de frei Damião, é a discutida por Roger Chartier, segundo a qual os sentidos e significados que as práticas culturais comportam devem ser considerados quando do momento de suas apropriações práticas. Para Chartier (1990, p.179-192):

É, portanto, inútil querer identificar a cultura popular a partir da distribuição supostamente específica de certos objetos ou modelos culturais. O que importa, de fato, tanto quanto sua repartição, sempre mais

complexa do que parece, é sua apropriação pelos grupos ou indivíduos. Não se pode mais aceitar acriticamente uma sociologia da distribuição que supõe implicitamente que à hierarquia das classes ou grupos corresponde uma hierarquia paralela das produções e dos hábitos culturais. Em toda sociedade, as formas de apropriação dos textos, dos códigos, dos modelos compartilhados são tão ou mais geradoras de distinção que as práticas próprias de cada grupo social. O "popular" não está contido em conjuntos de elementos que bastaria identificar, repertoriar e descrever. Ele qualifica, antes de mais nada, um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras. Tal constatação desloca necessariamente o trabalho do historiador, já que o obriga a caracterizar, não conjuntos culturais dados como "populares" em si, mas as modalidades diferenciadas pelas quais eles são apropriados.

Como diz Chartier, a questão que se coloca para os estudos de cultura popular é entender as práticas culturais desse popular em um contexto de relação em que sentidos e significados são elaborados e expressados como momento dinâmico de apropriação. Assim, não se trata apenas de uma questão de circularidade de idéias e representações, como um passeio de idéias iguais em suportes distintos. Ao contrário, percebo que os contos populares, os folhetos e os sermões de frei Damião são práticas culturais ricas de um imaginário religioso que se apresenta através de uma dinâmica de apropriação e elaboração de significados diversos.

Trata-se, pois, de uma concepção de estudo em que as noções de memória, oralidade e cultura representam mais que simples formulações teóricas, pois informam lugares e formas de apresentações de idéias, atitudes, valores e visões de mundo que interagem, sem sobreposições ou determinações, compondo um cotidiano prático de vivências e experiências.

Podemos observar esses componentes característicos de uma cultura oral a partir de um olhar mais focado em cada tradição e prática cultural, conforme abaixo apresentadas.

1.2 TRADIÇÃO, ORALIDADE E MEMÓRIA NOS CONTOS POPULARES: UM IMAGINÁRIO DE FÉ

Os contos populares que integram essa cultura de tradição oral presente no Nordeste e na Paraíba tiveram visibilidade no campo da literatura através do seu registro pioneiro, em 1885, quando Silvio Romero publica seu estudo “Contos populares do Brasil” o qual se tornará referência para os trabalhos seguintes com esse gênero.

Esse empreendimento literário de Silvio Romero insere-se num contexto de interesses dos folcloristas brasileiros, em fins do século XIX, sob influência dos estudos dos contos populares, empreendidos por Aarne-Thompson, Irmãos Grimm, Vladimir Propp, dentre outros. Os folcloristas brasileiros empreenderam uma verdadeira devassa em busca da coleta e classificação de práticas, hábitos e costumes culturais que caracterizassem os modos de vida e cultura existentes nos mais desconhecidos redutos do interior e, particularmente, do Nordeste. Queriam preservar, tirar do anonimato, salvar para História as marcas de modos antigos de vida ameaçados pelos novos tempos, conforme registrou posteriormente Câmara Cascudo (2004, p. 720.):

Compreende-se que uma influência teimosa e polifórmica exerça pressão diária na cultura popular, desde que as comunicações modernas determinaram um incessante contato. Navios, aviões, rádios, permutam os produtos do mundo ao mundo. A cultura popular fica sendo o último índice de resistência e de conservação do *Nacional* ante o *Universal* que lhe é, entretanto, particularmente perturbador.

Percebe-se, assim, que os contos populares, bem como outras manifestações culturais dos populares, passam a ser enxergados sob a perspectiva de informar sobre uma nacionalidade e regionalidade que se gestava nas preocupações de intelectuais e literatos brasileiros. Esse esforço de compreensão de uma cultura nacional autêntica acompanhava outras discussões de cunho teórico sobre a questão da civilização e da cultura.

A compreensão de cultura que circulava nos meios intelectuais do início do século XX traduzia um entendimento particular destes estudiosos, envoltos em pensar o nacional e o cultural a partir de uma perspectiva que incluía os sujeitos sociais, segundo esses, tradicionalmente marginalizados pelas interpretações elitistas cuja dimensão da cultura referia-se ao mundo dos letrados e cânones europeus. Nesse contexto de negação do elemento estrangeiro, e de afirmação de um primado cultural regional/nacional, outra noção de cultura era gestada:

Para fins primários de impressão poder-se-ia dizer que a cultura é o conjunto de técnicas de produção, doutrinas e atos, transmissível pela convivência e ensino, de geração em geração. Compreende-se que exista processo lento ou rápido de modificações, supressões, mutilações parciais no terreno material ou espiritual do coletivo sem que determine uma transformação anuladora das permanências características. [...] A cultura compreende o patrimônio tradicional de normas, doutrinas, hábitos, acúmulo do material herdado e acrescido pelas aportações inventivas de cada geração. (CASCUDO, 2004, p. 39-41)

Quando, na década de 60 do século passado, Luis da Câmara Cascudo assim se expressava sobre o que compreendia o domínio da cultura, sua visão era expressão desse movimento amplo, empreendido desde as últimas décadas do século XIX, que tinha reunido estudiosos de áreas diversas, envoltos com os estudos culturais e regionais.²¹ Cascudo deu seqüência aos trabalhos que voltavam suas lentes para o entendimento da sociedade e do povo naquilo que os mesmos apresentavam como caracteristicamente autônomo e revelador de suas tradições, hábitos e costumes, enfim, de seu folclore.²²

Para esse estudioso, a cultura, e especialmente uma cultura popular, constituía-se como imagem referencial de uma nacionalidade e autenticidade de um povo. Com essa responsabilidade de representação de um nacional/regional, a cultura popular expressaria, portanto, um teor de pureza, sabedoria e resistência:

²¹ Um exemplo da preocupação dos intelectuais desse período com as tradições populares é o médico escritor Alexandre José Mello Moraes Filho (1844-1919) conforme estudo de (ABREU, 1998, p. 171-193).

²² Considerado um gênero de cultura de origem popular, ao campo do folclore é atribuído um conjunto de costumes e tradições como festas populares, crendices e superstições, que se transmitem através de lendas, contos, provérbios e canções.

A cultura popular é o saldo da sabedoria oral na memória coletiva. Difícil de fixar as distinções específicas porque ambas exigem a retenção memorial, atendem a experiência, têm bases universais e há um instinto de conservação para manter o patrimônio sem modificações sensíveis, uma vez assimilado. (CASCUDO, 2004, p. 710).

As práticas culturais populares tornavam-se, assim, lugar de afirmação de nacionalidade, patrimônio de uma cultura de tradições que se mantinham como representações de tempos e modos de vida idos. Especificamente sobre os contos populares, esse estudioso assim se expressava:

Nos contos populares brasileiros não há fórmula alguma no meio da narrativa e nem maneira especial para acompanhar um personagem em detrimento de outro. O narrador segue a estória de cada um até a situação aproximativa do desenlace. Os contos com trechos musicados são raríssimos assim como os dançados. [...]

O conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, idéias, mentalidades, decisões, julgamentos. Para todos nós é o primeiro leite intelectual. Encontramos nos contos vestígios de usos estranhos, de hábitos desaparecidos que julgávamos tratar-se de pura invenção do narrador. Os contos aludem ao cabelo solto das donzelas, às crianças enjeitadas que o achador envolvia na capa, ao rei triste que só vestia branco, à coabitação prévia antes da cerimônia nupcial. Foram usos, regras da vida diária, legalizadas em sua ancianidade histórica. (CASCUDO, 1984, p. 232-236)

Vestígios de usos estranhos e hábitos desaparecidos compõem, na visão do estudioso Câmara Cascudo, a matéria singular dos contos populares, expressão de modos de vida e costumes cotidianos.

Mas, não foram os folcloristas os únicos a tomarem o universo cultural como alvo preferencial de seus estudos. Outros intelectuais com orientações diversas, como os chamados modernistas na década de vinte, focaram o popular sob diversos pontos de vista, passando a limpo uma perspectiva nacional meramente folclorista e contribuindo com o clima de retratar esse nacional, no contexto das mudanças sociais se contrapondo, portanto,

às perspectivas interpretativas do regional e cultural dos chamados regionalistas tradicionalistas²³.

Nesse contexto, podemos perceber algumas notícias esporádicas sobre contadores ou contadoras de histórias, nas obras de escritores paraibanos do começo do século XX, como José Lins do Rego, até escritores mais recentes como Ariano Suassuna.²⁴ Nessas obras, a presença de um ou outro personagem contador de história surge apenas para referenciar o contexto de apresentação da cultura regional, do meio social e da vivência do ciclo familiar do escritor²⁵. São, portanto, informações soltas sobre os contadores que não dão conta da realidade do contar, enquanto atividade cultural de forte presença e significados nesse meio social.

Um primeiro registro sistemático e acadêmico dos contadores de história da Paraíba aconteceria em fins da década de 1970, através da iniciativa de um grupo de estudiosos da Universidade Federal da Paraíba, ao promoverem *A Jornada de Contadores de História da Paraíba*. Na ocasião, foram ouvidos mais de trezentos narradores e coletados mais de mil e setecentos contos, conforme informação do então coordenador do evento, em apresentação das publicações daí resultantes.²⁶

A documentação da *Jornada* passou a integrar o acervo do Núcleo de Pesquisa da Cultura Popular – NUPPO – da UFPB e tem sido, ao longo dos anos, reproduzido em publicações diversas, tornando-se referência de estudos, sob diversas abordagens, sobre o conto popular na Paraíba.²⁷

Na pesquisa com os contadores de história de Assunção-PB (SOUSA, 1997), foi possível verificar que todos os contadores, um conjunto de onze pessoas entre homens e mulheres, aludiam à prática de contar histórias também aos seus avós e aos seus pais,

²³ A esse respeito ver Bosi (1994). São típicos desse momento, e com especial importância para o cenário literário da Paraíba, os trabalhos de José Américo de Almeida e José Lins do Rego.

²⁴ Em seu romance, *A Pedra do Reino*, publicado em 1971, Ariano Suassuna notabilizou a figura do contador de história da região, Pedro Pedra Lino, como uma referência direta a um contador de histórias de Estaca-Zero, hoje, Assunção-PB.

²⁵ Como exemplo, temos José Lins do Rego em que o contador de história é representado pela figura da Velha Totonha, uma contadora de sua memória coletiva e social.

²⁶ Informações acerca das Jornadas de Contadores de História da Paraíba podem ser encontradas no conjunto das publicações da Série Extensão – publicação da Universidade Federal da Paraíba, Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (NUPPO) –, em que os contos populares foram agrupados pelo lugar de pertencimento de seus contadores.

²⁷ Na maioria, são estudos sob a perspectiva lingüística, a exemplo de Aragão (1992) e Borges (1992).

indicando ser o contar uma atividade cotidiana em seu meio social, uma tradição passada de geração a geração, portanto, com raízes na história dos antepassados da Paraíba.

Na ocasião em que relembavam seus parentes que contavam histórias, estabelecia-se um forte vínculo afetivo, fazendo com que a tradição do contar se apresentasse viva de sentimentos e de significados.

Quando falavam sobre as condições em que realizavam essa atividade, todos atribuíam ao tempo dedicado à contação de histórias o significado de repouso dos dias de trabalho e de momento de encontro da família e da vizinhança, quando unidos apreciavam os encantos dos contadores, das suas histórias e dos seus modos peculiares de contar. Era, sem dúvida, uma atividade de envolvimento social, conforme já observara Câmara Cascudo:

Toda a parte de prosa na literatura oral exige um ambiente protocolar para sua exibição em qualquer país do mundo. Noventa por cento das histórias, adivinhações, são narradas durante as primeiras horas da noite. Não apenas se explicará a escolha desse horário pelo final da tarefa diária como igualmente por ser indispensável a atmosfera de tranquilidade e de sossego espiritual para a evocação e atenção do auditório.(CASCUDO, 1994, p.228).

Como já explica Câmara Cascudo, ao estudar as tradições orais, um tempo especial era reservado para que essas práticas tivessem vez na comunidade. Um ambiente de tranquilidade era necessário para o bom desempenho das atividades do contador de histórias, do leitor de folhetos, do embolador de coco, do aboiador ou do cantador de violas.

Nos relatos dos contadores, especialmente, quando avaliavam sua atividade de contador e sua história de ouvintes, ficam evidentes os critérios com os quais definem um bom contador: aquele capaz de contar horas a fio, contar incansavelmente longas histórias (SOUSA, 1997, p.57).

Reunir-se, em horas de narração, era momento oportuno para lembrar seus antepassados e os modos como conduziram suas famílias e organizavam suas vidas. Um conjunto de princípios morais era expresso e reforçado a cada dia em seus cotidianos, nas horas de narração das histórias (SOUSA, 1997, p.30-73). Nesses momentos, os contadores

se encarregavam de tornar presente esses valores morais como ensinamentos que ajudavam ao conjunto dos envolvidos pensarem a vida por meio de exemplos.

Assim, como cultura de tradição perpassada de geração a geração e com forte significado de lembrança familiar, não se pode atribuir um período histórico específico que identifique o surgimento da tradição de contar histórias. Trata-se de uma tradição de longa duração, com forte base social e familiar. Uma cultura de traços populares marcante, em outras palavras, uma tradição que não padeceu completamente os perigos e as ameaças da modernidade, como temia Câmara Cascudo, em opinião sobre a cultura popular acima reproduzida.

Em estudo da relação da cultura de massa com a cultura popular, Alfredo Bosi aborda a questão da resistência da cultura popular, no contexto da modernidade e frente às ameaças da cultura de massa, por intermédio desse enraizamento familiar das práticas culturais populares:

A cultura de massa entra na casa do caboclo e do trabalhador da periferia, ocupando-lhe as horas de lazer em que poderia desenvolver alguma forma de auto-expressão: eis o seu primeiro tento. Em outro plano, a cultura de massa aproveita-se dos aspectos diferenciados da vida popular e os explora sob a categoria de reportagem popularesca e de turismo. O vampirismo é assim duplo e crescente: destrói-se por dentro o tempo próprio da cultura popular e exibe-se, para consumo do telespectador, o que restou desse tempo, no artesanato, nas festas, nos ritos. Poderíamos, aqui, configurar com mais clareza uma relação de aparelhos econômicos industriais e comerciais que exploram, e a cultura popular que é explorada. Não se pode, de resto, fugir à luta fundamental: é o capital à procura de matéria-prima e de mão-de-obra para manipular, elaborar e vender. A macumba na televisão, a escola de samba no carnaval estipendiado para o turista, são exemplos de conhecimento geral. No entanto, a dialética é uma verdade mais séria do que supões a nossa vã filosofia. A exploração, o uso abusivo que a cultura de massa faz das manifestações populares, não foi ainda capaz de interromper para todo o sempre o dinamismo lento, mas seguro e poderoso da vida arcaico-popular, que se reproduz quase organicamente em microescalas, no interior da rede familiar e comunitária, apoiada pela socialização do parentesco, do vicinato e dos grupos religiosos. (BOSI, 1992, p. 328-329).

Quando passei a estudar os contos populares e os contadores de histórias de Assunção-PB, em 1994, essa questão abordada por Alfredo Bosi pôde ser comprovada. Um ritmo lento embalava a tradição do contar cujo alicerce e mecanismo de continuidade era a rede familiar como lugar de reprodução da tradição. Base esta que impede o desaparecimento dessa tradição cultural de oralidade.

Os contos populares, os provérbios, os folhetos e outros gêneros culturais afins convivem no mesmo ambiente de crescente influência de valores da cultura de massa. Esta, cada vez mais presente no cotidiano dos populares, não tem definitivamente contribuído para o fim das tradições e das práticas culturais de forte composição oral. No caso dos folhetos, podemos perceber que esses, claramente, se apropriam dessa cultura de massa fazendo dela sua matéria. Com os contos populares, ocorre situação semelhante²⁸.

Conforme anunciado no início desse capítulo, dessa documentação referente aos contos populares da Paraíba, selecionei para esse trabalho algumas histórias que recolhi em Assunção, em 1994, e contos e histórias pertencentes ao acervo do NUPPO, referentes aos contadores de história dos municípios paraibano de João Pessoa, Cabedelo, Catolé do Rocha, Patos e Santa Helena.²⁹ A escolha das publicações dos contos populares desses Municípios foi a forma encontrada para representar a extensão significativa do conto popular por regiões diferentes do Estado da Paraíba, pois São municípios que representam o litoral, como é o caso de João Pessoa e Cabedelo, o Sertão, caso de Catolé do Rocha, Patos e Santa Helena e o Cariri paraibano, representado pelos contos de Assunção-PB.

²⁸ As temáticas e as formas de circulação dessas práticas culturais se alteram, ao longo da história, e como tal, essas mudanças, ocorrem em um campo de tensão. Todavia, não se verifica um processo de extinção.

²⁹ Esse material faz parte da Série Extensão, publicação da UFPB/PRAC/ NUPPO. Cada cidade destas recebeu uma publicação de seus contos populares, através de seus respectivos organizadores. NÓBREGA, Ivaldo (Org.) Contos Populares da Paraíba: Patos. João Pessoa: UNIÃO, 1996. (Série Extensão: documento Nº 13.); GURGEL, Myriam Maia (Org.). Contos Populares da Paraíba: Santa Helena. João Pessoa: Arpoador, 1996. (Série Extensão: Documento 7); GURGEL, Myriam Maia.(Org.). Contos Populares da Paraíba: Catolé do Rocha. João Pessoa: Arpoador, 1995. (Série Extensão: Documento 5). Os contos de João Pessoa, até o período da minha pesquisa, 2005, não tinham sido publicados, ainda se encontravam em processo de transcrição.

1.3 TRADIÇÃO, ORALIDADE E MEMÓRIA RELIGIOSA NOS FOLHETOS: VERSO E PROSA DO COTIDIANO

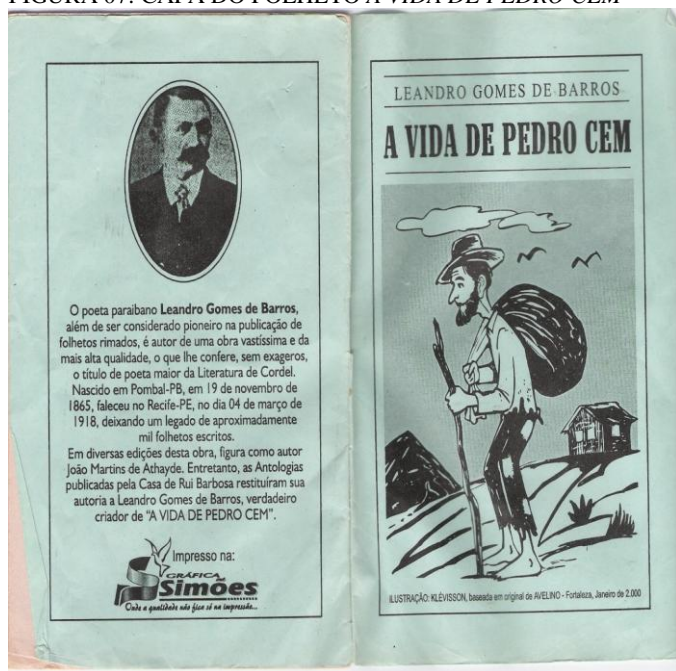
Na Paraíba, nas primeiras décadas do século XX, folhetos que contavam histórias e histórias que contavam folhetos disputavam a preferência popular na memória dos contadores e de seus ouvintes. Os dias de feira apresentavam-se como o momento de repor os estoques de histórias de folhetos, que circulariam no ambiente e vivência do cotidiano doméstico, em horas de descanso e descontração das longas jornadas de trabalho, no cultivo da roça e no cuidado com os animais.³⁰

Sobre os folhetos ou literatura de cordel, em particular, uma ampla variedade de estudos vem sendo realizada nas últimas décadas. Todos os trabalhos remetem aos fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, como momento auge de circulação e ambientação dessa literatura nos meios sociais populares do Nordeste e da Paraíba, Estado que, particularmente, abriga em sua história uma importante tradição de folhetos e poetas cordelistas.

Cabe ao paraibano da cidade de Pombal, Leandro Gomes de Barros, o título de maior poeta popular, responsável pela popularização dessa linguagem, ainda hoje reconhecida e divulgada. A importância de Leandro de Barros é reconhecida até hoje e destacada nos folhetos em circulação, conforme observamos na reprodução abaixo:

³⁰ A ocupação da maioria da população da Paraíba durante as primeiras décadas do Século XX era o trabalho na agricultura de subsistência. Um indivíduo que possuísse uma habilidade de trabalho outra ainda assim dependia do trabalho na agricultura para o sustento da sua família.

FIGURA 07: CAPA DO FOLHETO A VIDA DE PEDRO CEM



FONTE: FOLHETO A VIDA DE PEDRO CEM.
AUTOR: LEANDRO GOMES DE BARROS.

Além de atestar a autoria, por meio da impressão de uma foto sua, o texto da contracapa do folheto anuncia que Leandro Gomes de Barros é reconhecido pelo pioneirismo na publicação de folhetos, pela qualidade dos mesmos e pela dimensão de sua obra, com um legado de aproximadamente mil folhetos. Dessa forma, esse autor se apresenta como referência obrigatória nos estudos dessa tradição cultural.

Estudados sob a perspectiva dos folcloristas, dos etnólogos ou dos literatos e antropólogos, os folhetos nordestinos aparecem como expressando as marcas de uma tradição de oralidade. Foram-lhes atribuídos diversos papéis e funções nos meios populares: desde seu viés jornalístico e informativo, passando pelo papel de mediador da escrita e da oralidade, até seu significado enquanto repositório cultural de expressões e distintas visões de mundo, em seus aspectos econômicos, políticos, sociais, culturais e morais. Em torno deles, ainda se debruçam diferentes interesses acadêmicos.

Qualquer que seja o foco sobre o qual foram as histórias dos folhetos investigadas – quer sejam as assemelhadas às tradicionais histórias integrantes das

narrativas características do universo do folclore europeu, quer sejam as histórias, com personagens e acontecimentos marcantes na vida social do povo nordestino, que falaram da seca, da política e das formas de crenças diferenciadas – todos essas narrativas nos remetem a um nexo de cultura e tradição cuja linguagem agrada e se torna referencial, sobretudo, por se tratar de uma linguagem que, preservando a oralidade, é aprovada e entendida por todos. Uma oralidade sonorizada pela rima, pela melodia agradável, decorrentes da incorporação de palavras corriqueiras do cotidiano comum transformadas em belas expressões.

Sob qualquer das perspectivas de apresentação dos enredos, as histórias de folhetos recontam situações que fazem parte do cotidiano e indicam as diferenças sociais de classes, de visões de mundo e ideologias. Seus autores e, quase sempre, também, editores sabem captar as preferências do seu público e explorá-las comercialmente.

Podemos perceber esta questão quando nos debruçamos sobre a leitura dos folhetos do campo da religiosidade, como exemplificada na capa abaixo reproduzida:

FIGURA 08: CAPA DO FOLHETO *O MENINO QUE FALOU COM NOSSA SENHORA*

O Menino que falou com Nossa Senhora

AUTOR: Rodolfo Coelho Cavalcante - Trovador Brasileiro



PREÇO CR\$ 0,50

EDIÇÃO março de 1971.
Istrado na Biblioteca Nacional e no "CENTRO DE FOL
RE DE PIRACICABA"

FONTE: FOLHETO O MENINO QUE FALOU COM NOSSA SENHORA.

AUTOR: RODOLFO COELHO CAVALCANTE

Nessa literatura, as várias formas de crença do povo nordestino foram abordadas através de histórias sobre a vida dos santos, a exemplo dos cordéis: *A vida de São Cristovão*; *Vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo*; *Traços biográficos de São Francisco de Assis*; *História de Nossa Senhora de Nazaré*. Ou através de outros cordéis que tratam de histórias sobre a vida e prática de religiosos de grande popularidade e de devoção do povo nordestino, como: *Frei Damião o missionário do Nordeste* e *Antonio Conselheiro o santo guerreiro do Nordeste*, dentre outros sobre as práticas de Padre Cícero, do Frei Galvão e do próprio Frei Damião de Bozzano.³¹

³¹ Sobre Frei Damião, particularmente, a produção de folhetos é extensa. Podemos dizer que toda a sua vida foi por essa literatura popular abordada. Folhetos que retratam seus sermões, seus avisos, suas disputas com os evangélicos e seus conselhos, são os mais populares, ao lado daqueles que retratam, em tempos atuais, sua doença e morte. Uma lista dos folhetos mais conhecidos em circulação sobre a vida e obra de Frei Damião de Bozzano será apresentada nos anexos desse trabalho.

Em grande parte, essas temáticas religiosas do campo do cristianismo católico são apresentadas sob a perspectiva do conflito e da comparação com outras expressões religiosas, como a do cristianismo evangélico e da cultura religiosa dos negros.³² São exemplares dessa perspectiva os folhetos:

FIGURA 09: CAPA DO FOLHETO A MACUMBA DA BAHIA



FONTE: FOLHETO A MACUMBA DA BAHIA.
AUTOR: RODOLFO COELHO CAVALCANTE.

Como sugere a ilustração do folheto acima, uma compreensão acerca das práticas vinculadas à cultura religiosa dos negros é apresentada sob a perspectiva da depreciação e do pré-conceito. A gravura reforça a idéia do culto religioso como ritual macabro, através do sacrifício de animais e sugestão de consumo de bebidas alcoólicas, práticas condenadas e aterrorizadoras para o imaginário cristão. Portanto, uma imagem que revela o campo de conflito e tensões entre crenças diferentes.

³² A respeito desse papel informativo e jornalístico das questões sociais atribuído aos folhetos, ver Curran (1998).

Do mesmo modo, como ressaltada na capa do folheto abaixo reproduzida, a tensão no campo das crenças é temática recorrente e apresentada através de perspectivas diversas.

FIGURA 10: CAPA DO FOLHETO *O DEBATE DO CATÓLICO COM O PAPA DO DIABO*



FONTE: FOLHETO *O DEBATE DO CATÓLICO COMO O PAPA DO DIABO*.
AUTOR: MANOEL CABOCLO E SILVA.

O autor Manoel Caboclo expressa através desse folheto a luta dos católicos em meio à descrença e aos pecados que rondam a humanidade. Em versos desse folheto, reforça a idéia do fim do mundo anunciado, decorrente das transgressões no campo da moral e dos costumes: *O mundo está num balanço/parece que agora vai/uma banda pendurada/e a outra cai, mais não cai/mulher se casa com outra/filho não respeita pai.*

São folhetos que divulgam disputas religiosas do cotidiano através da apresentação de um quadro de conflitos especialmente vivenciados por católicos, protestantes e crenças afros, como sugerem os títulos dos folhetos: *Porque não sou protestante, Discussão de um católico com um protestante, Judeus e católicos, A discussão de um ateu com Curumba que tinha fé em Deus, O Reino do catimbó e o caboclo mamador. A vida do judeu errante, Umbanda em Versos.*

Essa polêmica religiosa é especialmente valorizada pelos poetas populares em suas histórias sobre frei Damião como combatente do cristianismo católico reformado frente ao cristianismo evangélico, conforme observamos nos seguintes títulos: *História de um crente que foi castigado por frei Damião*; *O grande ataque dos católicos nas igrejas protestantes e o exemplo do homem que profanou frei Damião em Patos de Espinhara*; *Exemplo do crente que profanou de frei Damião*; *O exemplo de um protestante que profanou de frei Damião*; *O mais novo e verdadeiro aviso de frei Damião combatendo a rabugem do protestantismo*; *O protestante que virou um urubu porque quis matar frei Damião*.

Nesse sentido, trazer para esse trabalho as narrativas dos folhetos religiosos, enquanto veículos de uma cultura de tradição oral, torna-se relevante, em função de sua popularidade e influência nos meios sociais da Paraíba, bem como pela natureza das informações sobre as formas de crença que os mesmos apresentam, semelhante às outras práticas culturais que estudo.

Do ponto de vista de sua apresentação, esses folhetos se utilizam de mecanismos que incorporam elementos do campo da oralidade. Enquanto linguagem popular, como as histórias, ou contos populares contados pelos contadores de história da região, e os sermões de Frei Damião de Bozano, essas narrativas em verso fazem parte de um quadro de referências sociais da cultura e do imaginário que imprimem significados diversos ao campo das crenças e da religiosidade popular.

Também nos folhetos, a exemplo do que veremos nos contos populares e nos sermões, percebe-se uma circularidade de temáticas e símbolos religiosos que se retro-alimentam numa dinâmica de interação em que o popular e o erudito se fazem presente, compondo significados diversos. Um exemplo dessa interação são os versos sobre Frei Damião de Bozzano do poeta popular pernambucano, José Soares da Silva (Mestre Dida), nos quais a expressão artística do folheto de cordel compõe, afirma e informa o universo da cultura e da tradição religiosa e popular:

Oh! Deus Pai manda Apolo
Um pouco de inspiração
Para eu fazer um cordel

Do Frade Frei Damião
Juntando essa narrativa
Até de sua Missão

Frei Damião de Bozzano
Quando no Brasil chegou
Lá na Igreja da Penha
Foi que ele lá ficou
Até para Cravatá
Ele lá se encaminhou

Ele esteve em São Joaquim
Em Caruaru fez pregação
Ficava lá no convento
Frei Tito fazia oração
Frei Damião no Nordeste
Fazia sua procissão

Romeiros de todo lado
Vinha ver ele pregar
Em Cajazeira da Paraíba
Logo ele ao chegar
No convento demorou
Gostou daquele lugar

Eram meninos e meninas
Ali naquele convento
Frei Damião era alegre
A todos e em qualquer momento
Pedia a Deus para todos
Não sofrer constrangimento

Se a Santíssima Trindade
Toca seu santo saber
Ao todo de sua graça
Alguém vai ter o dever
Jesus mandou os apóstolos
Explicar e enaltecer
Rende-nos graças a Jesus
E quem prega a divindade
Tem sempre a luz de Deus
Caminho e prosperidade
Jesus fez o Pai Nosso
Com a sua autoridade

Jesus curou Bartimeu
A Lázaro ressucitou
Deu vida a filha de Jairo
Milagres ele criou

Santos e Santas ficaram
Na fé dos Santos estou

Saía dias e dias
Para fazer pregação
Em cidades e Vilas
Ali em cada sertão
Todo povo ia ver
Dele a santa Missão³³

Nos versos do Poeta Mestre Dida, pode-se perceber uma dinâmica que integra o popular e o erudito, o cristão e o pagão (Deus e Apolo), num movimento de circularidade. Os versos também informam acerca de uma circularidade dessas idéias, relativas ao universo da cultura religiosa da região, assinalada pela referência às cidades nas quais Frei Damião pregou, a exemplo de Caruaru, Gravatá e São Joaquim, em Pernambuco, e Cajazeiras, na Paraíba. Assim, não se pode perder de vista essa circularidade dos folhetos na região, enquanto suportes dessas matérias também veiculadas pelos contos populares e pelos sermões de Frei Damião, como veremos adiante.

1.4 TRADIÇÃO, ORALIDADE E MEMÓRIA RELIGIOSA NOS SERMÕES DE FREI DAMIÃO DE BOZZANO: NARRATIVAS DE FÉ

Frei Damião de Bozzano e seus sermões são presenças marcantes no imaginário nordestino e paraibano. As missões evangélicas desse missionário foram eventos marcantes na cultura religiosa dos meios populares da Paraíba, durante a segunda metade do século XX, e permanecem na memória coletiva dessa gente que a cada dia empreende formas de preservação. A literatura de folhetos tem sido um dos mecanismos

³³ Versos do Poema: Frei Damião, de autoria do poeta popular pernambucano José Soares da Silva (Mestre Dila) *In*: Revista Frei Damião. Ano I nº 2. Recife, Jun-Set 2007, p.36.

expressivos de preservação dessa memória na medida em que se encarrega de divulgar histórias diversas sobre a vida e ação missionária de frei Damião.³⁴ Também a construção de santuários, de capelas, de cruzeiros, a publicação de revistas especializadas, o uso de sua imagem em estabelecimentos comerciais funcionam como formas de preservação dessa memória. Nesse sentido, é possível dizer que a trajetória do Frei Damião e a repercussão de suas prédicas e popularidade dos seus sermões são referências fundamentais para se entender as diferentes formas de interação do povo com o mundo do sagrado, por meio de formulação de crenças que se popularizam e marcam profundamente o imaginário de fé.

A história da relação que se estabelece entre as práticas de Frei Damião e seus fiéis tem como base uma identificação com a forma de apresentação da palavra sagrada, mediante uma linguagem cuja oralidade traduz com precisão as expectativas de todos.

Os sermões, assim como os folhetos e as histórias, se apresentam segundo um padrão de linguagem bastante popular. Ou seja, mesmo quando expressam leituras contidas nos evangelhos e nas escrituras sagradas, esses textos passam por uma espécie de tradução e filtro, adequando-se a uma linguagem popular, essencialmente marcada pela oralidade. Prova disso são as traduções das parábolas bíblicas que eram apresentadas por Frei Damião através de referências diretas à vida das pessoas, narradas em linguagem coloquial, composta por um vocabulário acessível a seus interlocutores, como atestam suas palavras em pregação na cidade de Patos - PB no ano de 1971: *Meus irmãos, o grito da mãe dos lavradores é o grito perene da mãe de todos os cristãos. No meio de todas as dores e peregrinação, no meio de todos os martírios e sofrimentos nunca deixou de repetir aos céus, os olhos para os céus e nós obedecendo ao convite olhemos todos para o céu. Aos céus, portanto, aos céus os olhares e os corações de todos.*³⁵

No geral, os sermões eram prédicas longas, mas capazes de prender os seus ouvintes por horas a fio, em função da utilização pelos pregadores de performances espetaculares, de mímicas e expressões corporais. Frei Damião de Bozzano era um desses exemplares pregadores: como um excelente contador de histórias, fazia seu público

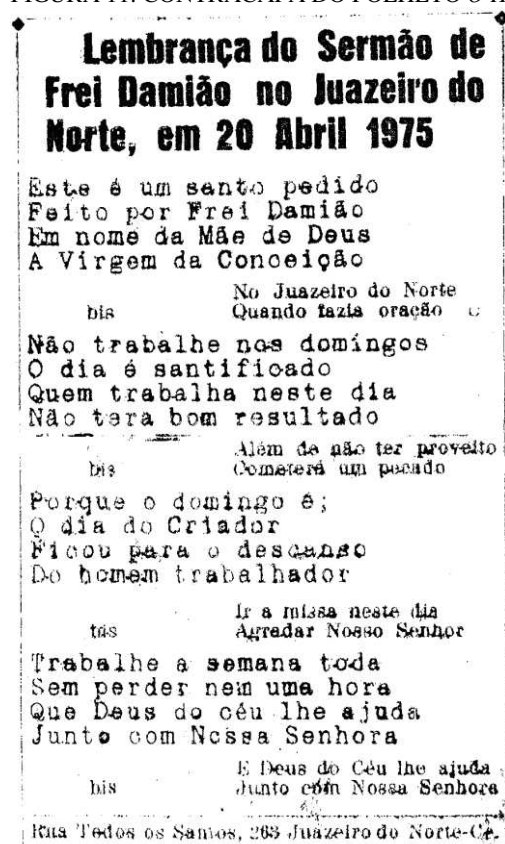
³⁴ Em estudo sobre os folhetos que versam sobre frei Damião, Mário Souto Maior (2000) apresenta uma lista de 139 títulos.

³⁵ Trecho do sermão proferido na cidade de Patos-PB, reproduzido pelo Diário da Paraíba na sua edição do dia 8 de Dezembro de 1971.

prisioneiro de suas artimanhas discursivas. Narrava incansavelmente seus longos discursos e, assim, seus ouvintes fiéis e preferenciais eram aqueles identificados pela enorme capacidade de ouvir por horas a fio essas narrativas do missionário.³⁶

O terreno temático de Frei Damião era a doutrina moral cristã. Preocupava-se essencialmente em banir os pecados e os pecadores por meio de sermões temáticos de expiação e condenação das experiências e atitudes pecadoras, como a luxúria, o ódio, a inveja, o adultério, dentre outras. A fama de alguns de seus sermões espalhava-se por toda geografia nordestina, por meio de uma rede de circulação oral, sustentada pela memória dos indivíduos ouvintes de seus sermões que por sua vez era reforçada pelos folhetos que cuidavam de reproduzir os sermões e anunciá-los como acontecimentos históricos:

FIGURA 11: CONTRACAPA DO FOLHETO *O HOMEM QUE DEU À LUZ AO DIABO*



FONTE: FOLHETO *O HOMEM QUE DEU À LUZ AO DIABO*.
AUTOR: MANOEL CABOCLO E SILVA

³⁶Depoimentos de fiéis sobre seus sermões e sua vida estão sendo publicados, a cada edição da Revista Frei Damião, da Associação Missionária de Frei Damião de Bozzano (AMFDB. Caruaru –PE).

Na contracapa do folheto *O Homem que deu à Luz ao Diabo*, de autoria do poeta Manoel Caboclo e Silva, encontram-se reproduzidos, como propaganda da doutrina de Frei Damião, versos do sermão que ele realizou em Juazeiro do Norte no ano de 1975. Em destaque o expressivo pedido de frei Damião, para que os fiéis guardem o santo dia de domingo, evitando qualquer tipo de trabalho.

Esses sermões eram tidos pelos fiéis como verdadeira demonstração e revelação da sabedoria divina expressada pelo Frei, sendo, também, sinônimos de grandiosidade e beleza, conforme testemunho de ouvintes dos seus sermões.³⁷

Para este trabalho, selecionei alguns dos sermões representantes das prédicas de Frei Damião em sua trajetória de visitas às paróquias nordestinas e paraibanas. São, pois, sermões que marcaram profundamente o universo imaginário desse povo e até hoje se fazem presente em relatos e histórias, como o famoso sermão proferido em Gravatá-PE no ano de 1972.³⁸

Os relatos e a divulgação desses sermões funcionavam, na época de suas missões, como propaganda para novos encontros com as prédicas do Frei, nas quais os fiéis podiam conferir *in locum* as suas sentenças mais marcantes.

Resumindo, pode-se afirmar que, nos contos populares, nos folhetos e nos sermões, emerge um movimento de expressões em que significados tradicionais são reelaborados, ressignificados no contexto de ação da comunidade narrativa (ouvintes e narradores), a partir de um trabalho constante com a memória social e coletiva. Exemplar dessa situação é como essas práticas culturais comportam (e nos informam sobre) uma memória religiosa que partilha semelhanças nas formas de suas apresentações, através da oralidade, e de seus mecanismos de expressão, a voz e a ação performática dos seus narradores, ao instituírem uma série de gestos e símbolos que colaboram na transmissão de suas mensagens, informando e reforçando um sentido moral.

³⁷ Alguns desses relatos serão abordados no Capítulo IV, quando tratarei da recepção desses sermões.

³⁸ Trata-se do sermão intitulado *O Sermão de Gravatá*, gravado pelo repórter Ricardo Noblat, e publicado no livro **Frei Damião o Santo das Missões** de Gildson Oliveira (1997), p. 59-64.

CAPÍTULO II

MARCAS E PERCURSOS DE TRADIÇÕES EM FOLHETOS E CONTOS POPULARES DA PARAÍBA DO SÉCULO XX: INTERTEXTUALIDADE E CIRCULARIDADE

2.1 A ORALIDADE COMO MARCA DA INTERTEXTUALIDADE ENTRE FOLHETOS E CONTOS POPULARES

FIGURA 12: CAPA E CONTRACAPA DO FOLHETO *A VISÃO MISTERIOSA*



FONTE: FOLHETO *A VISÃO MISTERIOSA*.
AUTOR: JOÃO CORDEIRO DE LIMA

Nessas primeiras estrofes do folheto acima reproduzido, já aparecem marcas da oralidade e formulações discursivas tão próximas às das histórias que teremos oportunidade de ver na seqüência desse trabalho.

Frases como: *Eu vou descrever um caso e Há uns cem anos atrás nesta pequena cidade dizem que se deu um caso*, remetem o ouvinte ao plano da oralidade, do relato, ou plano da narração, ao recuperar características de uma performance típica dos contadores, quando comumente anunciam as histórias que vão narrar, usando estruturas lingüísticas específica de uma prática oral, a exemplo da expressão *era uma vez*, cuja paráfrase pode ser percebida em *Há uns cem anos atrás nesta pequena cidade dizem que se deu um caso*.

Outra marca da relação de semelhança entre os folhetos e os contos populares, diz respeito a também lembrança a Gonçalo Fernandes Trancoso como responsável pelo contado.

Quando contam suas histórias, os contadores fazem referência às histórias que narram como sendo *Histórias de Trancoso*.³⁹ A contadora de história, Luísa Lima, entrevistada em Assunção-PB em 1994, assim se expressa: *Minha tia, a gente ia pra lá e ela contava era história, mas essas histórias de Trancoso num é certo não! Só tem uma que é certo*⁴⁰.

Nesse folheto, essa mesma referência surge em primeiro plano da narrativa: *Eu vou descrever um caso/ imitando a um **trancoso**/, muitos dizem que é mentira/, outros acham duvidoso*. Além disso, não é demais observar que o verbo *descrever*, tem a intenção de anunciar o que será dito – “eu vou descrever um caso” equivale a “eu vou contar um caso”, frase que é comum quando os contadores vão iniciar suas histórias. Essas expressões também sinalizam uma vontade de atribuir à responsabilidade pelo que será dito a outro que, distante, não pode ser punido.

³⁹Os “contos de Trancoso”, informa Câmara Cascudo (1984, p.171), foram editados em 1585 e 1589. Para o Século XVII, o autor faz menção a cinco edições e, quatro para o Século XVIII. Sobre o conhecimento de Trancoso no Brasil, Cascudo refere-se ao início do Séc. XVII.

⁴⁰A fala dessa contadora foi proveniente da pesquisa que desenvolvi como os contadores de história de Assunção-PB (SOUSA, 1997).

Esse mesmo recurso discursivo é registrado por Dila Soares e Francisco Sales Areda, no folheto intitulado *Jesus e São Pedro*, em cujas primeiras estrofes se lê:

Deus entregou ao poeta
o dom da inspiração
onde ele traça as linhas
encaminhando visão
pela estrada que marcha
a sua meditação
Por isso nesse romance
quero **contar um trancoso**
da viagem de S. Pedro
e Jesus o mestre amoroso
quando andaram pelas terra
do mundo laborioso (Grifo meu)

Assim, estes poetas cordelistas, igualmente a dona Luísa, acharam importante registrar em suas narrativas a controvérsia em torno das histórias remetidas a Gonçalo Fernandes Trancoso. Questão esta que me parece importante na tradição do contar histórias e no significado a ela atribuído pela cultura e sociedade nordestina.⁴¹

Assim, embora a atribuição as histórias que narram como sendo histórias de Trancoso remeta a idéia de pouco crédito, existe um significado e um propósito de apresentar o narrado como matéria que se presta ao exemplo. São histórias que se prestam a expor situações e modos de agir frente às dificuldades da vida e, principalmente, frente às atitudes de fé e de crenças. Na narração da história *O homem que morreu e foi no inferno e depois foi no céu*, Dona Luísa remete a narrativa ao plano do passado e ao campo da tradição oral: *E outra noite um homem **contou** uma história que morreu um homem assim por volta das cinco horas da noite aí **disse** que ele morreu e foi no inferno e depois foi no céu* (Grifo meu). Esse mesmo traço e continuidade de linguagem apresentam os folhetos, a exemplo da estrofe do folheto de João Cordeiro de Lima, a seguir:

⁴¹ Seja como for, a “polêmica” atribuída pelos poetas populares e pelos contadores de história é a mesma que, conforme relata Câmara Cascudo, foi registrada em 1618 no terceiro Diálogos das Grandezas do Brasil: “— ‘Isto parece dos contos de Trancoso e, como tal, não me persuado a dar-lhe crédito’” (In: CASCUDO, 1984, p. 171). Sobre a questão, Cascudo acrescenta: “Gonçalo Fernandes Trancoso, entretanto, primara em despir seus contos de toda roupagem maravilhosa, destinando-os, em bom e comprido dizer, para os fins sisudos de proveito e exemplo.”

dizem que se deu um caso
de tão grande novidade,
o caso mais duvidoso,
da remota antiguidade.
(Grifo meu)

Em verso ou em prosa, os verbos conjugados no passado – **contou, morreu, se deu**, esse último acompanhado da expressão “remota antiguidade” que, claramente, situa a narrativa em um outro tempo – atualizam, no momento da narração, situações, crenças, costumes, vivências e experiências e tradições de pessoas de tempos passados.

Assim, “um homem contou” ou “dizem” são expressões que se equivalem do ponto de vista da linguagem oral e falam de um dizer coletivo, por vezes anônimo, e de um tempo remeto, tempo dos mais velhos, tempo de antigamente.

Vejamos outros exemplos:

Peço talento a Jesus (sic)
Que tenho necessidade
Para versar num romance
Que vem da antiguidade
O homem que enganou morte
No reino da mocidade
(Olegário Fernandes da Silva. Romance do homem que enganou a morte no reino da mocidade)

Esta mesma referência a um tempo passado, tempo de antigamente, é frequentemente destacada nas histórias, através de vários recursos lingüísticos, conforme assinalo a seguir:

Antigamente as pessoas faziam negócio com o cão. Então um homem era pobre queria ficar rico. Ele só tinha uma filha. (Inácio Valentino. O homem que deu a alma ao cão, Patos PB).

Era uma vez um velho que era muito pobre e tinha dois cumpade (Inácio Valentino. O menino de Ouro. Patos PB)

Jesus e São Pedro **andavam pelo mundo...** (Severino Carreiro. São Pedro e Nosso Senhor Quando Andavam no Mundo. Catolé do Rocha, PB)

E nos folhetos:

Portanto aqui mostrarei
um passado interessante
sobre a vida de um rico
invejoso ignorante
e um pobre seu vizinho
humilde em Deus confiante
(Francisco Sales Arêda. O Poder de Satanás e a Queda do Invejoso)

Dizem que num certo canto
De uma localidade
Habitava um sujeito
De pouca amabilidade
de cor branca mais ou menos
porém de péssima qualidade
(Manoel Caboclo e Silva. Jesus, São Pedro e o Fereiro (sic) Rei dos Jogadores)

Enfim, essas narrativas, em verso ou em prosa, expressam-se por traços de linguagem, característicos de uma tradição e cultura de oralidade. São formas específicas ou talvez peculiares de contar e dizer o passado, como indica o poeta nas estrofes abaixo, quando reconhece seu público como um leitor popular apreciador:

Bom Jesus Mestre dos Mestres
Vós que sois meu protetor
Conceda-me poesia
Com vosso santo pudor
Para em versos em contar
Ao bom leitor popular,
Caso de grande valor.
(Alípio Bispo dos Santos. Um Romeiro viu um Anjo no caminho da Lapa do Bom Jesus.)

Como podemos observar, os folhetos expandem expressões e formas que remetem a uma cultura da oralidade: *eu vou contar a história; leitor te conto uma história, vou escrever uma história e Vou contar uma história que um amigo mim contou*, são maneiras de dizer que se atualizam por escrito, mantendo uma relação direta com as formas linguísticas típicas da oralidade.

Essa relação entre folheto e oralidade, que venho destacando, é apresentada por Antonacci (2001, p.133), em outra perspectiva, qual seja, a da transposição gráfica:

A perspectiva de que a recodificação para a escrita não prescindiu do caráter oral dessa literatura em versos ainda ganha sentido quando se evidencia que palavras foram grafadas de acordo com fonemas, formas de expressão e imaginários da oralidade, reforçando a perspectiva de pensar que os folhetos registraram e expandiram expressões de uma cultura oral, dinamizando seus tempos e espaços nas relações com outras linguagens e meios de comunicação.

Como bem precisa Antonacci, analisando os aspectos gráficos dessa linguagem, fica claro que a literatura de folhetos, ao se instituir, não prescindiu de uma oralidade latente da cultura e da sociedade de que emerge. Contudo, acredito que essa não é uma questão de mera conformação gráfica ou adequação de rimas. São traços e marcas que se inscrevem na tradição oral de sua cultura, dando conta de uma necessidade de querer dizer do seu meio social, e dizer de um modo peculiar. Em outras palavras, a matéria discursiva dá continuidade e divulga valores, costumes, posições sociais e crenças de sua gente.

É esse aspecto relativo ao universo religioso e de crenças do povo nordestino que me interessa estudar nos folhetos. Em outras palavras, destaco que a rima está a serviço da divulgação de valores de uma cultura religiosa diversa. Nos versos abaixo, o cordelista anuncia uma tradição religiosa cristã:

Vou escrever uma história
Com minha rima restrita
Da mulher samaritana
Sem precisar fazer mita
É uma história concreta

Pois na Bíblia está escrita
(Rodolfo C. Cavalcante.)

Uma tradição e uma memória religiosa cristã estão explícitas nesses versos. Como anuncia o poeta, não é uma história qualquer, está escrito na Bíblia, lugar adequado como suporte de veracidade de fatos e situações para esse povo religioso ao qual destina sua mensagem. Assim, a apresentação dessas histórias que conta o autor pretende já no primeiro momento atrair um público alvo predisposto a esse tipo de informação.

A definição de interlocutores do campo das crenças diversas encontra-se muitas vezes já evidente nas capas e anúncios de muitos folhetos:

FIGURA 13: CONTRACAPA E CAPA DO FOLHETO *O FIM DO MUNDO EM 1999*

OLHA AQUI LEITOR!

Você já está ciente do novo acontecimento promovido no meu Cenário Poético?

Você já encontrou lá na minha folhetaria ou mesmo em banca particulares, o grande **Almanaque Predição do Ano?**

Pois não perca tempo, vá agora mesmo e consiga o seu **Almanaque Predição do Ano**, de criação e autoria genuína minha, extraídos dos ensinamentos do Grande **Lunário Perpétuo** e do **Taro Advinhatório** baseado e estudado minuciosamente em **Numerologia Astrológica**, onde descreve todos fatores do ano, todos seus acontecimentos, no período dos 12 meses lhe dando assim uma notícia correta dos **Prognósticos** do ano. **Não Deixe de Conseguir** este livrinho, escrito em 16 páginas um guia completo para você, que no qual você saberá tudo do ano as terríveis catástrofes que sobrevirão no Ano, é o manual do agricultor Nordestino.

Tudo isso por Cr\$ 2,50

JOSÉ OLIVEIRA NETO
Poeta Horoscopista e AMADOR
ASTROLÓGICO.

Rua Ilídio Sampaio, 2349 - Icó - Ceará

Impresso em colaboração com a
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
D. E. I. C.
Departamento de Integração Cultural
Pró Reitoria de Assuntos Comunitários

Autor: José Oliveira Neto

(Poeta do Povo)

O FIM DO MUNDO

— EM —

1999



Preço — Cr\$ 2,50

— Direitos Reservados —

FONTE: FOLHETO *O FIM DO MUNDO EM 1999*.

AUTOR: JOSÉ OLIVEIRA NETO, 10 de outubro de 1972.

Esse anúncio da contracapa do folheto *O Fim do Mundo em 1999*, que circulou junto ao leitor nordestino dessa literatura de folhetos em Outubro de 1972, é emblemático e

revelador da religiosidade popular nordestina como expressão de um encontro de crenças e posturas de fé diversas: crenças no tarô, no lunário, na numerologia e astrologia. Nesse sentido, essa literatura é igualmente representativa da popularidade e da singularidade de um modo de apresentação e circulação de temas e visões de mundo característico das culturas de tradição oral.

2.2 PERCURSOS DA TRADIÇÃO RELIGIOSA NOS FOLHETOS

Folhetos como este, produzidos por cordelistas do Estado do Ceará, e mais precisamente das cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Icó, embrenhavam-se por terras paraibanas, por meio da intensa circulação de pessoas desses dois Estados.

Desde o século XVIII uma rede de comércio, se estabeleceu entre essas cidades do Ceará e as cidades do Sertão paraibano, a exemplo de Cajazeiras, Sousa, Catolé do Rocha, Pombal e Patos. A prosperidade daquelas cidades cearenses, em torno da criação do gado e da economia algodoeira, atraiu e uniu pessoas. A chamada rota dos tropeiros teve aí seu esplendor. Rota comercial que não se limitou às cidades do Sertão paraibano, pois confluíu para o brejo e o litoral de onde se instituía uma rede de trocas comerciais, através, principalmente, da comercialização da farinha de mandioca e de bens específicos desse ambiente.

Assim, essa rede econômica comercial e o **intercâmbio** de fronteiras por ela proporcionado fundamentaram as bases para uma relação de trocas culturais e intercâmbios de idéias que passam a ser fundamentais no imaginário desses povos. No campo religioso das primeiras décadas do século XX, a expressividade da figura de Padre Cícero reforçou ainda mais os laços que ligavam essa gente. Juazeiro, Crato e Missão Velha, cidades do Estado do Ceará tornaram-se terras acolhedoras de fiéis que ultrapassavam as fronteiras do Estado da Paraíba, percorrendo léguas de distâncias – a pé, a cavalo e, alguns poucos, em alguns automóveis, carros de feira, caminhões – para dizerem, viverem e reanimarem suas

experiências e sentimentos de crenças, quando em contato com essa figura carismática e de grande penetração nos meios populares que foi o padre Cícero Romão.

Assim, nesse universo sócio-religioso de beatos, de beatas, de rezadores, de benditos, de procissões e de festas celebrativas, manifestações expressivas de uma religiosidade popular se reforçavam e circulavam nas memórias de homens e mulheres que em suas andanças mantinham contato com histórias de narrativas de folhetos ou histórias de narrativas dos contadores de história.

No Estado da Paraíba, a tradição de folhetos de cordel fazia história do Litoral ao Sertão, desde fins do século XIX, através da impressionante expressividade e circulação comercial dos folhetos de Leandro Gomes de Barros, primeiro compositor e impressor dessa literatura. Com este poeta e sua realização, aumenta a possibilidade de intercâmbio cultural de idéias e de valores da cultura popular nordestina. Sobre essa questão, Antonacci (2001, p. 130) observa:

Ainda importa destacar que se o primeiro compositor e impressor de folhetos, em torno de 1890, Leandro Gomes de Barros, da Paraíba, publicou quase 10.000 textos, a partir da historicidade dos indícios de leitura/escrita/iconografia no Nordeste que apontamos, entendemos, como Zumthor, que Barros ‘teve a idéia de fazer interferir as prensas em processo de fabricação e de difusão de um tipo de poesia já existente [...]. Anteriormente, os poemas deste gênero já eram divulgados sob a forma de folhetos volantes manuscritos.

Assim, uma rede de circulação dessa cultura se estende ao longo dos anos, rompendo outras barreiras e cortando estados nordestinos. É o que diz o anúncio da capa do folheto Vida e Milagres o Guerreiro São Jorge:

FIGURA 14: CONTRACAPA E CAPA DO FOLHETO *VIDA E MILAGRES DO GUERREIRO SÃO JORGE*



FONTE: FOLHETO *VIDA E MILAGRES DO GUERREIRO SÃO JORGE*.
AUTOR: JOÃO JOSÉ DA SILVA

Esse anúncio, publicado no folheto *Vida e Milagres do Guerreiro São Jorge*, só confirma a abrangência dessa literatura e com ela a circulação de valores e expressões de crenças dessa gente como podemos observar em mais um anúncio divulgando “artigos de fé, músicas e curiosidades nordestinas:

FIGURA 15: CONTRACAPA E CAPA DO FOLHETO *O ORGULHO DE ROBERTO E QUEDA DA MALDIÇÃO*.



FONTE: FOLHETO *O ORGULHO DE ROBERTO E A QUEDA DA MALDIÇÃO*.
AUTOR/EDITOR: JOÃO SEVERO DA SILVA.

Completo sortimento de material de umbanda, em meio a orações, canções e folhetos, antigos e novos, anuncia o poeta, divulgando o que na realidade se traduzia em uma enorme rede de intercâmbio de tradições e crenças diversas, retrato e realidade da cultura religiosa paraibana e nordestina, como atesta um outro aviso:

FIGURA 16: CONTRACAPA E CAPA DO FOLHETO *JESUS, SÃO PEDRO E O FERREIRO REI DOS JOGADORES*



FONTE: FOLHETO *JESUS, SÃO PEDRO E O FERREIRO REI DOS JOGADORES*.
AUTOR: MANOEL CABOCLO E SILVA

Nesse aviso exposto na contracapa do folheto *Jesus, São Pedro e o Ferreiro rei dos jogadores*, encontramos pistas acerca das crenças populares e do imaginário religioso nordestino. Percebe-se com clareza que esse universo religioso compreende um leque de crenças que vão além das formuladas a partir das liturgias cristãs. Ao contrário das liturgias oficiais, nessa cultura religiosa, há combinação e mistura. Como que numa contradição, uma crença adivinhatória através da leitura do horóscopo, sobre o destino e vidas dos nordestinos, é oferecida em paralelo à mensagem cristã.

Assim, o que poderia sinalizar como sendo um indício de “heresia” tem, no ambiente de crenças populares, outra conotação. A orientação através do horóscopo atende às necessidades e à realidade de dificuldades, em torno da vida material, social, e pessoal dessa gente. Recorrer à ajuda do horóscopo é mais um campo de possibilidades e coube ao poeta e futurólogo Manuel Caboclo e Silva capitanear essa situação ao seu favor, articulando o universo das crenças ao mundo e à realidade cotidiana e, assim, comercializar os seus produtos (o folheto e o horóscopo), oferecendo aos seus leitores mecanismos para

driblar as dificuldades do presente e projetar um futuro recheado por “porções e aromas de felicidade”.

Na verdade, o alcance comercial dos folhetos ultrapassa as fronteiras do Nordeste, conforme demonstra a contracapa do folheto abaixo:

FIGURA 17: CONTRACAPA E CAPA DO FOLHETO AS APARIÇÕES DE N.S. A UMA GARÔTA NO SÍTIO GENIPAPEIRO MUNICÍPIO DE MISSÃO VELHA-CE



FONTE: FOLHETO AS APARIÇÕES DE N.S. A UMA GARÔTA NO SÍTIO GENIPAPEIRO MUNICÍPIO DE MISSÃO VELHA-CE.
AUTOR: EXPEDITO SEBASTIÃO DA SILVA.

Aqui, o agente comercial dessa literatura de folhetos, José Bernardo da Silva, dá mostras de sua influência e da expansão dos seus negócios para além das fronteiras nordestinas. José Bernardo da Silva, proprietário do Folheto, aproveita para divulgar os seus produtos e o seu estabelecimento comercial. Os produtos vendidos na na Tipografia São Francisco podem ser encontrados nos estados nordestinos do Ceará, Rio Grande do Norte, Maranhão e Bahia, ultrapassando a fronteira para os estados do Norte: Pará e Rodônia.

Além disso, observemos que Expedito Sebastião da Silva, o autor do folheto *As aparições de N. S. a uma Garota no Sítio Genipapeiro município de Missão Velha-Ce*, em cuja contracapa se encontra o anúncio, ganha visibilidade enquanto autor, mas inserida em uma relação conflituoso do ponto de vista comercial entre o autores e o editores-proprietários. Essa é uma outra história interessante sobre cuja realidade se expressam outros poetas em defesa de seus direitos autorais. Sobre essa questão, lembremos Leandro Gomes de Barros, cujo aviso é bastante esclarecedor:

AVISO IMPORTANTE

Aos meus caros leitores do Brasil!Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas aviso que desta data em diante todos os meus folhetos completos trarão o meu retrato. Faço esse aviso afim de prevenir aos incautos que teem sido enganados na sua bôa fé por vendedores de folhetos menos serios que teem alterado e publicado os meus livros, comettendo assim um crime vergonhoso.

Leandro Gomes de Barros.

Recife, 9 de 7 de 1917.

“Popular Editora”, Parahyba-10- 917. (45)⁴²

Aviso como esse, que alerta os leitores contra enganadores da “bôa fé”, “vendedores de folhetos menos sérios”, nos informa acerca de quão diferentes negócios eram realizados com as folhas de cordéis dentro de um clima de tensão que fazia com que seus autores tratassem de preservar suas edições do que, hoje, poderíamos chamar de pirataria. Mas, ao tempo em que revela um problema de negócio e circulação, a situação dos cordéis relatada diz também da excelente expressividade e alcance dessa literatura popular como veículo informativo e formativo. Dito de outra maneira, tensões como essa a que se refere o poeta Leandro Gomes de Barros nos levam a pensar, além da questão financeira que envolvia essa literatura, o sucesso de público e de expansão das idéias por ela divulgadas sobre os costumes, as visões de mundo e as posturas dos fiéis em relação às suas crenças religiosas.

⁴² Aviso reproduzido em Irani Medeiros (2002, p. 9).

2.3 PERCURSOS DA TRADIÇÃO RELIGIOSA NOS CONTOS POPULARES

Assim como os folhetos se encarregaram de divulgar histórias religiosas pelos mais variados recantos da Paraíba e demais estados do Nordeste do País, como vimos no tópico anterior, os contos populares também espalhavam por todas as regiões da Paraíba histórias cujas narrativas apresentam fortes componentes de uma religiosidade expressada através de crenças em milagres, em almas, em visões e aparições, assim como em diversas modalidades de pecados e pecadores.

Através das histórias selecionadas para esse trabalho, referentes aos municípios de João Pessoa-PB, Cabedelo-PB, Santa Helena-PB, Catolé do Rocha-PB, Patos-PB e Assunção- PB, é possível traçar um quadro demonstrativo da circularidade, recorrência e percurso desse imaginário de crença através dos contos populares.

Em 1979, durante a jornada de contadores de história, Jacira Ferreira, natural de João Pessoa-PB, apresenta a história intitulada *O homem que deu a alma ao Cão*, com a seguinte narrativa:

Antigamente as pessoas faziam negócio com o cão. Então um homem pobre queria ficar rico. Ele só tinha uma filha. Aí ele disse que fazia negocio com o cão.
- olhe eu dou minha alma a você, se você quando eu morrer, se você fizer o que eu pedir, quando eu morrer dou minha alma a você.
O cão disse:
-Está fechado o negócio...
(jacira Ferreira. O homem que deu a alma ao Cão. João Pessoa, 1977).

De maneira semelhante, em Assunção-PB, em 1994 o narrador João Ferreira apresentava a sua história:

Outra vez foi um caba, um caba pediu uma riqueza. Pediu uma riqueza e fez um pacto com o diabo. Lá ele né! Que se ficasse rico, cum tantos anos ia embora ponde tava ele, ele viesse ver. Aí passou, passou, o caba enricou e passou ano. Aí conde chegou bem pertim de vim apanhar o caba, aí o caba aperriou-se...
(João Ferreira. Assunção-PB,1994).

Também o narrador Francisco Soares de Sousa, de Santa Helena-PB, em 1977, narra história semelhante, sob o título: A mulher que venceu o cão:

Um cara era pobre e vivia pedindo a Deus para enriquecer e nada de Deus dar riqueza. Quando foi um dia ele se aperfeiçoou aí foi e disse:

- Eu só queria, pelo menos que o Cão me desse riqueza por uns tempos.

Quando foi um dia, o Cão chegou na casa dele e disse:

- Você é o homem que tem vontade de enriquecer?

-Sou.

-Pois eu sou o Cão. Eu vou dar a riqueza por tantos tempos e com tantos tempos eu venho lhe buscar, marco o dia também.

Aí o cara dentro de pouco tempo começou a enriquecer...

(Francisco Soares da Silva). A mulher que venceu o Cão.

Santa Helena – PB, 1977).

Como podemos perceber através desses exemplos, havia, no universo e no imaginário dos contadores de história da Paraíba, um repertório comum de narrativas nas quais transparece a crença da realização de pacto com o diabo. Espalhadas por diferentes localidades do Estado – como mostram as narrativas de Santa Helena, município do Sertão; a narrativa de Assunção, no Cariri; e a narrativa de João Pessoa, no Litoral -, essas histórias, ao lado dos folhetos com narrativas semelhantes, contribuíam para circulação dessa crença ao tempo em que revelam um ambiente de tensão social de um cotidiano de necessidade econômica que opõe pobreza e riqueza.

Há, nesse contexto de realização do pacto, uma clara situação de desespero social, capaz de projetar o diabo à condição de herói. Em todas as narrativas, uma situação de pobreza motiva a realização desse pacto, calcado na busca e idealização de riqueza.

Inventariando o percurso de circulação das narrativas sobre o pacto com o diabo na Paraíba, Mello (1999, p.58) diz:

As narrativas do pacto da mulher como o diabo são vozes da memória: antecipam na ficção o que a historiografia oficial consolida posteriormente. É a expressão e a voz dos vencidos e, por isso, a veracidade das tensões sinaliza melhor as percepções e intenções das mulheres no mundo rural. Dessa forma, o grande número de narrativas do pacto da mulher com o diabo, na Paraíba, constitui uma revelação significativa das tensões sociais locais. Veja-se, acompanhando o mapa da Paraíba, a frequência dessas narrativas em todas as regiões do estado.

Salienta-se a Região Litorânea (caso dos contos que têm um número expressivo de contadores em Cabedelo e adjacências, Região da Mata, Brejo, Agreste e Sertão. Circulam em quase todas as cidades: Sapé, Guarabira, Alagoa Grande, Ingá, Pilar, Mogeiro, Bananeiras e Campina Grande.

Trabalhando na perspectiva do recorte temático acerca dos pactos realizados pelas mulheres, a autora em sua interpretação contribui de maneira significativa na demonstração do alcance e circulação de um imaginário sobre o pacto com o diabo na cultura popular do nordeste e da Paraíba, especialmente. Refere-se à circulação desses contos em todas as regiões do Estado. Sua perspectiva interpretativa introduz o estudo do imaginário popular e das tradições culturais de oralidade dentro de um contexto de significados histórico-sociais. Para além de mera composição da matéria folclórica, as narrativas e histórias do pacto são compreendidas como textos, matéria do campo da cultura e do imaginário social.

Sob o ponto de vista de abordagem do pacto com o diabo ser realizado por mulheres, Mello (1999) apresenta uma perspectiva de interpretação em que essa situação de pacto sinaliza, no contexto do imaginário social e cultural, os paradigmas de mudança do tradicional papel da mulher na sociedade nordestina. O pacto nesse contexto revela as rachaduras da sociedade patriarcal e da condição de submissão e obediência da mulher. Uma mulher audaciosa e empenhada na defesa de sua família sobressai dessas histórias.

Em estudo em que anuncia uma classificação para o conto popular brasileiro, Câmara Cascudo apresenta uma versão de um conto em cuja narrativa se desenvolve uma história, se não propriamente de um pacto, seguramente da capacidade e astúcia do sexo feminino no tratamento e relação com o diabo. A versão intitulada “O Diabo Na Garrafa” aparece no conjunto classificatório de “Demônio Logrado”. Vejamos:

Conta-se que um marido que havia razão de ser ciumento, ao fazer uma viagem deixou o diabo guardando-lhe a mulher.

Mas, esta que não era tola percebeu que o guarda era o cujo, porque tudo quando lhe mandava fazer, fazia-o num repente.

Chamou-o e disse-lhe

- você tem um grande poder, porque tem feito coisas que parecem milagres? Mas duvido que faça uma coisa. Não é capaz de entrar naquela garrafa.

E apontou-lhe uma, vazia. O diabo, que é vaidoso, ficou tentado em mostrar todo seu poder e mais que depressa meteu-se pela garrafa dentro. A mulher no mesmo momento arrolhou-a, de maneira que o diabo ficou preso e ela pode gozar da liberdade que ambicionava... (Conto O Diabo da Garrafa. CASCUDO, 1984, p.320)

Embora o conto apresentado por Cascudo faça parte da classificação⁴³ *Conto Logrado* e não da classificação *Contos Religiosos*, percebe-se, através da explicação que o autor dá para essa categoria, uma estreita relação entre o universo desses contos e a matéria religiosa e de crença do povo nordestino. Observemos sua explicação:

Nos contos populares brasileiros, portugueses, espanhóis, africanos, árabes, rara ou impossível é uma vitória do Demônio. Aceitando desafio, topando aposta ou firmando contrato, o Diabo é um logrado inevitável. Para o sertão do nordeste do Brasil, o Belzebu atrevendo-se a cantar em desafio com os velhos cantadores, perde logo por que os adversários incluem, na cantoria, o Ofício de Nossa Senhora ou as forças do Credo.

Como explica Cascudo, é na disputa com o homem de fé em Nossa Senhora e no Credo que o diabo perde sua batalha.

Assim, as referências sobre essa temática narrativa, feitas por Cascudo e por Mello (1999), são indicativos de um universo significativo de possibilidades de estudos para os contos populares e, em especial, com os contos que revelam, no cenário nordestino e paraibano, um imaginário de crenças populares. Questão esta que procuro mostrar perseguindo a natureza e abrangência, no Estado da Paraíba, dessas narrativas.

Em publicação referente aos contos populares de Catolé do Rocha, Mirian Gurgel (1995) apresenta a história: *O menino que foi criado pelo Diabo*, da qual destaco o seguinte fragmento:

⁴³A Classificação do conto popular brasileiro apresentada por Câmara Cascudo (1984, p. 256) é a seguinte: Contos de Encantamento (Os três coroados, A devota das almas e Preguiçoso e O peixinho); Contos de Exemplo (O pescador, O príncipe e O amigo e Os três ladrões da ovelha); Contos de Animais (A raposa e a onça, O macaco e O manequim de cera, O macaco, A onça e o touro, O jabuti e o veado, O sapo e o veado); Facécias (Quem o mandou descer? O cego e o dinheiro enterrado, O caboclo, O padre e o estudante, A mulher porfiosa e Amansando a mulher); Contos Religiosos (A mãe de São Pedro, A aranha e o Menino Deus e Hostilidade recompensada); Contos Etiológicos (A aramã e Nossa Senhora e O cágado e a festa no céu); Demônio Logrado (O diabo da garrafa); Contos de Adivinhação (A adivinha do amarelo); Natureza Denunciante (A madrasta e As testemunhas de Valdevinos); Contos Acumulativos (A formiga e a neve, Uma história sem fim e Um trava-língua); Ciclo da Morte (A visita da comadre Morte).

Um pai de família tinha muitos filhos e não tinha mais a quem tomar por padrinho.
-Só queria achar hoje, nem que fosse o Diabo, pra ser padrinho do meu filho!
Quando ele deu fé, chegou um homem num cavalo muito possante.
-O senhor anda atrás de um padrinho para o seu filho?
-Ando.
-Pois está muito bem.
Então o Diabo botou uma pessoa na procuração porque ele não entrava na igreja.
(Miriam Gurgel.O menino que foi criado pelo Diabo. Catolé do Rocha-PB, 1997).

Como podemos observar, trata-se de mais uma versão de uma história de negociação com o diabo que circula no universo cultural paraibano. A narrativa de Catolé do Rocha expõe a dificuldade de um pai que, não tendo a quem mais recorrer para apadrinhar mais um filho de sua grande prole, recorre ao diabo com objetivo de resolver seu problema. Trata-se de uma história em cuja narrativa, mais um vez, são expostas as necessidades da vida e do cotidiano das famílias. Através dessa história, podemos perceber o grau de importância que o batismo tem nesse meio social, fazendo com que até do diabo possa ser usado como padrinho. Assim, o que parece uma contradição e impossibilidade - o diabo prestar-se como padrinho – adquire, nesse universo de formulação, um significado prático, uma saída para um problema real que parece impossível de ser solucionado no mundo real do personagem que busca ajuda em personagens da esfera do Além. Revelador ainda desse imaginário, a partir dessa narrativa, é a naturalidade com que uma forma direta de lidar com a figura do diabo pelos populares é exposta. Como figura do bem ou do mal, a figura do diabo habita cotidianamente esse universo. É o que podemos observar em mais uma narrativa, dessa feita, apresentada no ano de 1994, em Assunção-PB, pela contadora Luiza Lima:

Eu sei uma bem curtinha, é do homem que matou a mulher, que fez o cão matar com um caroço de fava. Porque ele disse assim: o veio disse assim: num (não) fiz matar, como num (não) fiz arrenegar, mais fiz matar, como matei. Aí ele disse: depois agora, você é quem vai mais eu, que eu fiz o negócio pra você fazer ela arrenegar, não era pra matar não. Fazia mesmo que nem uma moça que tinha lá no Brejo onde nós morava, lá no Sul. Ele dizia: Ouve Belarmina, se tu bulir aqui nessa farinha eu te mato.
(Luiza Lima. Assunção-PB, 1994).

Também nessa narrativa o diabo tem papel importante. É ele que atua no desfecho de morte e sorte do desgraçado assassino, ameaçado de acompanhar o maligno. Aliás, crença bastante divulgada nos meios populares.

A narradora Luiza Lima, comparando a história que conta com uma experiência vivenciada quando a mesma morava no Brejo paraibano, revela um quadro social demarcado como campo de batalha pela sobrevivência. Ao narrar essa história, a contadora remete o ouvinte para um entendimento em que o campo das crenças é relacionado ao campo da vida social e material. Ou seja, Dona Luiza estabelece para o leitor a relação entre a crença de que o Cão levava o homem a cometer um crime e a luta pela sobrevivência. A farinha, enquanto um bem material, objeto símbolo de sobrevivência do nordestino, também poderia gerar conflitos e morte, a exemplo da história do cão.

Francisco Soares de Souza, contador de história de Santa Helena, município do sertão paraibano, em 1977, também durante a Jornada de contadores realizada em João Pessoa-PB, apresenta a seguinte história:

Um cara era muito pobre e vivia pedindo a Deus para enriquecer e nada de Deus dar a riqueza. Quando foi um dia ele se aperreiou muito, aí foi e disse:

- Eu só queria, que pelo menos o Cão me desse riqueza por uns tempos.

Quando foi um dia, o Cão chegou na casa dele e disse:

- Você é o homem que tem vontade de enriquecer?

- Sou.

- Pois eu sou o Cão. Eu vou dar a sua riqueza por tantos tempos e com tantos tempos eu venho lhe buscar, marco o dia também.

Aí o cara dentro de pouco tempo começou a enriquecer e a mulher dizia

- Mas fulano, que riqueza é essa que você está enriquecendo tão ligeiro?

- É sorte.

Mas não dizia que era o Cão que tinha dado. Foi se passando, passando, passando...ele cada vez mais rico.

Quando foi se aproximando o tempo dele chegar, o Cão, ele começou a entristecer e a mulher dizia todo dia

- mas Fulano, por que é que você está tão triste desse jeito?

- Mulher, isso é da vida mesmo.

Passou, passou, passou ... cada vez mais ele entristecendo.

Quando faltavam dois ou três dias para terminar o tempo, ele começou a ficar mais triste do que já vinha. A mulher tornou a tentar para ele dizer o que era. Aí ele foi conseguiu dizer:

- Bem, eu vivia pedindo a Deus para me dar riqueza, uma ajuda, eu vivia na miséria e ele nunca me deu. Eu fui, pedi ao Cão e ele me deu. Ele veio aqui, você não estava. Ele me deu essa riqueza e agora vem em tal dia me buscar.

Ela disse para ele:

- Bem, você se conforme. Se ele ainda vier e ainda fizer negócio, vão os dois; você só não vai [...]

(Francisco Soares de Sousa. *A mulher que venceu o Cão*. Santa Helena - PB, 1977).

Como podemos observar, em mais uma narrativa sobre pactos com o diabo que circulava na Paraíba, esse pacto se apresentava como atitude tomada pelos pobres em momentos de desespero e dificuldade social. Como explica o marido atormentado, ele vivia na miséria e já havia recorrido a Deus. Sem sucesso, resolve pactuar com o Diabo. Assim, essa narrativa apresentada em João Pessoa-PB, igualmente às expostas anteriormente, revela claramente essa situação e informa o grau de solidariedade e cumplicidade entre marido e mulher, em meio às dificuldades econômicas, assim como em meio à crença de serem auxiliados pelo diabo.⁴⁴

Impossibilitados de resolverem seus problemas sociais, suas vidas de dificuldades, homens e mulheres atribuem importância igual e merecedora de um mesmo sacrifício ao sacramento do batismo e ao fim da miséria. O preço do sacrifício é a própria renúncia e negociação de suas próprias almas, como conta essa outra narrativa do contador de Cabedelo, município do litoral paraibano, denominada *Pauta Com O Diabo*:

Um homem fez um pacto com o Diabo para ficar rico em troca de sua alma. Quando completou 60 anos, como havia acertado, o Diabo veio buscá-lo, mas quem o recebeu foi a mulher que propôs o seguinte: Se o Diabo realizasse três tarefas por ela propostas, ganharia também sua alma, caso contrário, libertaria o marido. O Diabo concordou, mas apenas conseguiu realizar as duas primeiras tarefas, sendo derrotado na terceira.

(Francisco Campos de Meneses. *Pauta com o Diabo*. Cabedelo - PB, 1977).

Assim, sob diversos títulos, mas como estrutura comum, os contos populares reproduzem e fazem circular, em meios sociais distintos, os dramas do cotidiano das camadas pobres, divulgando suas formas de agir frente aos problemas vivenciados. Ao mesmo tempo, também expõem e divulgam suas formas de crença.

⁴⁴O contador Severino Justino de Moraes, de Patos - PB, apresenta uma história nessa mesma linha sob o título *O Menino de Ouro*. Também a contadora de história Luiza Lima de Assunção-PB apresenta uma narrativa semelhante a qual diz ser a *história do homem que matou a mulher, que fez o cão matar*. Outros indicativos de versões dessa matéria aparecerão ao longo desse trabalho.

Os exemplos a partir dos quais tentei mostrar o alcance e circularidade desse universo de crença são relativos às narrativas que circulavam sobre o pacto com o diabo. Todavia, esses exemplos não esgotam as possibilidades de representação de um imaginário cuja matéria religiosa se apresenta sob diversas outras formulações de crenças. No capítulo seguinte, teremos oportunidade de nos defrontarmos com narrativas em que visões, aparições, visitas ao céu ou ao inferno, exemplos de pecados e perfil de pecadores completam um quadro desse imaginário religioso apresentado pela cultura e tradição dos folhetos, dos contos populares e dos sermões de frei Damião de Bozzano.

CAPÍTULO III

NARRATIVAS DE UM IMAGINÁRIO DE CRENÇAS NOS CONTOS POPULARES E NOS FOLHETOS

3.1 SONHOS, VISÕES E APARIÇÕES

Quando me propus a estudar os contos populares e os folhetos, fui movida por aquilo que a sua leitura havia me revelado acerca da oralidade como componente comum a essas manifestações culturais, conforme demonstrei no capítulo anterior. Além disso, os folhetos e os contos me informavam, igualmente, sobre o que pode ser caracterizado como uma matéria religiosa de forte expressão popular, que apresenta especificidades de uma tradição de longa duração, cujo núcleo central é a relação estabelecida entre os vivos e os mortos.

Nesse sentido, passei a perseguir os mecanismos discursivos e as formas empreendidas por estas narrativas para representarem e nos informarem sobre esses contatos com o mundo do Além e, conseqüentemente, sobre um imaginário de religiosidade e de crença.

Na rima dos poetas cordelistas, como na prosa dos narradores contadores de histórias, se confirmam crenças religiosas que visitam há séculos as mentes e o cotidiano dos homens e mulheres nordestinos e paraibanos. A crença em almas penadas, visitas ao céu ou inferno, e aparições de anjos ou de demônios, presentes nessas narrativas, são representações, ao nível do imaginário, de que existe uma relação entre mortos e vivos, terra e além, a qual se estabelece com uma frequência e com uma intimidade maiores do que se possa imaginar. Trata-se, pois, de um imaginário de crenças que se apresenta, sob a

dimensão da narrativa, expressando o campo da cultura e da história do cotidiano popular. E, como tal, traduz esse imaginário um leque de representações de um contexto real de conflitos sociais e espirituais. Questão essa já observada por Michel de Certeau (1994, p.85), quando falava do trabalho de Vladimir Propp:

A novidade ainda nova de Propp reside na análise das táticas cujo inventário e cujas combinações se encontram nos contos, na base de unidades elementares que não são nem significações nem seres, mas ações relativas a situações conflituais. Com outros mais tarde, essa leitura permitiria reconhecer nos contos os discursos estratégicos do povo. Daí o privilégio que esses contos concedem à simulação/dissimulação. Uma formalidade das práticas cotidianas vem à tona nessas histórias, que invertem freqüentemente as relações de força e, como as histórias de milagres, garantem ao oprimido a vitória no espaço do maravilhoso, utópico. Este espaço protege as armas do fraco contra a realidade da ordem estabelecida. Oculta-as também às categorias sociais que ‘fazem história’, pois a dominam. E onde a historiografia narra no passado as estratégias de poderes instituídos, essas histórias ‘maravilhosas’ oferecem a seu público (ao bom entendedor, um cumprimento) um possível de táticas disponíveis no futuro.

Enfim, nesses mesmos contos, os feitos, as astúcias e ‘figuras’ de estilo, as aliteraões, inversões e trocadilhos, participam também na colação dessas táticas.

Como indica Michel de Certeau, os contos populares expressam táticas que no terreno do cotidiano são formuladas pelo povo para lidarem com suas situações e conflitos. Através de um “inocente” conto popular, um extrato da realidade social pode transparecer por meio de ações e atitudes que invertem ou dissimulam a realidade abordada. Quase sempre, esse extrato de uma realidade social relaciona-se com o campo da moral. Sua forma de aparição dar-se por mecanismos de avaliação, conformação ou re-significação de valores morais.

Visões e aparições que podem acontecer em sonhos ou momentos de vigílias são algumas das maneiras pelas quais as narrativas dos contos populares e dos folhetos nos apresentam o contato entre Terra e Além. Acompanhemos essa questão observando primeiramente sob a ótica dos folhetos. Exemplar dessa matéria nos apresenta o folheto intitulado *A Visão Misteriosa – O homem que dormiu 100 anos*, cuja capa reproduzo abaixo:

FIGURA 18: CAPA E CONTRA CAPA DO FOLHETO *A VISÃO MISTERIOSA*



FONTE: FOLHETO *A VISÃO MISTERIOSA*.
AUTOR: JOÃO CORDEIRO DE LIMA

Esse folheto *A Visão Misteriosa*, de cujos direitos autorais se beneficiava o editor/proprietário e também poeta popular, Manoel Caboclo e Silva, circulava, em 1974, entre a gente nordestina simpatizante da poética de cordéis. Através do mesmo pode-se exemplificar o gosto popular por uma cultura narrativa de expressão e fundo temático religioso.

Esse folheto narra a história de um Corpo Seco cuja temática abordada sobre o contato entre vivos e mortos sugere claramente uma lição moral: a relação entre entes do Além e os seres vivos deve ser perpassada pelo respeito. O convívio pacífico com o *Corpo Seco* fora abalado no momento em que o visitante do cemitério, por deboche, quebra a regra da convivência e da conduta moral de respeito mútuo entre vivos e mortos. Como consequência dessa atitude, o debochador acaba tendo sua vida desperdiçada em anos de convívio pelo mundo do Além na companhia do Corpo Seco. Ao voltar da longa

empreitada, percebe que seus parentes não mais existem, mas sua história ainda era lembrada na memória do lugar.

Trata-se, pois, de uma história exemplar que se presta em toda a sua narrativa a reforçar valores cristãos, como o do culto e respeito aos mortos e da crença em um destino pós-morte de salvação para os bem-aventurados e de perdição para os pecadores⁴⁵. Esse núcleo narrativo é fundamentalmente o pilar das histórias em folhetos e contos populares religiosos que estudamos nesse trabalho. Através desses textos, podemos nos aproximar do imaginário religioso nordestino e paraibano, particularmente rico em expressões de crença e de fé de forte viés popular.

Outro folheto, intitulado *As 7 Dores de Maria Santíssima*, informa também desse ambiente e dessa religiosidade, dando-nos a dimensão da importância dessa matéria no universo da cultura nordestina:

FIGURA 19: CONTRACAPA E CAPA DO FOLHETO *AS 7 DORES DE MARIA SANTÍSSIMA*



FONTE: FOLHETO *AS 7 DORES DE MARIA SANTÍSSIMA*. AUTOR: JOAQUIM BATISTA DE SENA.

Nessa capa, é expresso um imaginário mesclado por crenças de viés pagão, adivinhatório, caso dos horóscopos e usos de talismãs e insígnias de proteção; assim como

⁴⁵Uma apresentação desse folheto e uma discussão de seu universo de representação serão feitas ainda nesse capítulo.

crenças de viés cristão, caso das novenas e orações que eram oferecidas aos fiéis, leitores e consumidores. Essa variedade de crenças não se traduz em terras nordestinas em expressões capazes de gerar antagonismos, ao contrário, revela capacidade de convivência pacífica e de completude entre elas.

Na maioria dos folhetos que circulavam no Nordeste no século XX, é comum a presença de anúncios como esses indicando um complexo de interesses diversos para com o campo do misterioso e da fé, expressos logo nas suas capas. Esses folhetos constituem-se, assim, veículos e símbolo, canalizadores de uma cultura que alia imagens e oralidade.

Ocorre-me explicar ao leitor que a observação que aqui apresento acerca das capas dos folhetos não pretende se constituir em um estudo específico dessa matéria. Nesse sentido, é conveniente dizer da existência de estudiosos que, ao se debruçarem sobre a literatura de folhetos, voltaram seus interesses para o estudo da sua composição material e gráfica, dirigindo seu foco de análise para questões das imagens, dos desenhos, das fotografias e das xilogravuras, a exemplo do estudo de Luli Hata (1999):

A partir da década de 1910, passa a ser freqüente o uso de desenhos produzidos especialmente para os folhetos, sendo quinze o número em cuja capa são estampados, na coleção de Leandro Gomes de Barros. Provavelmente o aumento do número de profissionais gráficos especializados no Nordeste, clichéristas e desenhistas, explique a possibilidade cada vez maior de aplicar uma ilustração específica criada para o folheto, sem a necessidade de adaptar as figuras disponíveis nas tipografias. (HATA, 1999, p.62)

Em outro momento, a autora afirma:

[...] a xilogravura era o recurso principal para a reprodução de imagem até o surgimento do clichê, que passa a ser empregado na indústria gráfica por causa do custo reduzido. Por essa razão, é natural que se encontrem ilustrações em xilogravura nas capas dos folhetos, como resquício de uma atividade profissional em processo de substituição. (HATA., 1999, p.68)

Conforme observa a autora, a xilogravura foi por muito tempo o recurso utilizado nos cordéis até o surgimento do clichê que, em função do custo, passa a ser empregado em larga escala. Assim sendo, podemos dizer que o uso de múltiplas imagens

no folheto depõe contra uma das idéias defendidas por alguns estudiosos das práticas culturais populares de que essas práticas são pouco afeitas a mudanças e incorporações. Esse uso nos folhetos revela, ao contrário, a idéia de trocas, incorporações e circulação no ambiente de culturas populares.

Essas questões são importantes, sobretudo, porque, para efeito de entendimento do ambiente social e cultural nordestino e paraibano, de forte expressão da oralidade, é preciso considerar as múltiplas funções exercidas pelas ilustrações, dentre as quais a de antecipar para os leitores-ouvintes a natureza e o conteúdo das narrativas. Aliás, é esse enfoque que mais diretamente diz respeito ao meu propósito de estudo dessa matéria. Outras funções dessas ilustrações são mencionadas por Hata (1999, p.115), quando observa:

O público tradicional é incentivado a comprar o folheto por diversas razões: a audição na feira ou em sessões de leitura, onde pode tomar contato com uma história nova e o gosto por uma determinada narrativa, levando-o à feira para comprar o exemplar específico são os principais motivos. Não raro as pessoas acabam comprando um quinto ou sexto exemplar de uma história favorita, para poder compartilhar com os amigos. O atrativo visual e o aspecto material contribuem no ato da compra do folheto. Oferecer uma publicação com cuidadoso trabalho de diagramação nas capas era dever do tipógrafo no início deste século. Mais tarde, a consagração das ilustrações feitas para uma história específica passaram a contribuir, inclusive, na indicação da autenticidade do folheto e, por fim, a configuração material, a qualidade do papel e da impressão acabaram por determinar a escolha do folheto no momento da compra.

O atrativo visual e o aspecto material dos folhetos, influenciando na sua aquisição por um público fiel, de que fala a autora, nos remete ao entendimento das influências geradas por essas ilustrações, enquanto estratégias de venda e, portanto, dentro da questão mais ampla de formação de uma economia de venda dessa literatura, como são exemplares os próprios anúncios que cada folheto traz em sua capa. Não obstante, importa-me discutir, nessa investida material nas capas dos folhetos, não sua questão comercial, mas o papel que essas imagens desempenham numa cultura de tradição oral, como mais um elemento facilitador no processo de seleção e avaliação do leitor-ouvinte da história a ser

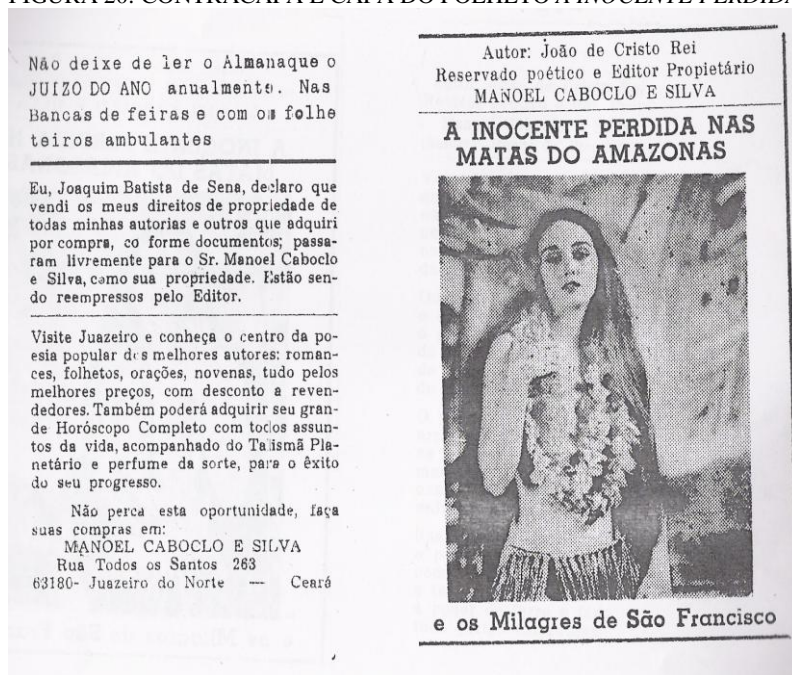
adquirida. Ou seja, as imagens/ilustrações traduzem uma realidade de crença e fé que circula nos meios sociais em que se contextualiza esse material.

Sem dúvida, através das imagens presentes nas capas dos folhetos e através do conjunto de anúncios, sobre os pontos de venda distribuídos nos estados nordestinos, ali posicionados, vemos se expressar um gosto popular que confirma uma realidade social de crenças diversificadas. Contudo, é preciso ressaltar que as capas dos folhetos não são neutras, são também uma estratégia visual, que aguça esse imaginário popular em proveito de seus proprietários.

São representações de um universo social de evidentes dificuldades e carências, tanto materiais quanto espirituais. As histórias oferecidas situam a crença do povo no contexto de aspiração de assistência médica, assistência religiosa e assistência trabalhista.

O folheto *As 7 Dores da Maria Santíssima* é oferecido como exemplo de expiação de que o sofrimento não é condição exclusiva dos humanos. A mãe de Jesus sofreu e padeceu suas dores. A narração de seus sofrimentos funciona, assim, como acalento para as adversidades do cotidiano de sofrimento. Mas, esse não é um acalento único. Outras possibilidades de ajuda existem e são capitadas pelos folhetos que em suas capa oferecem ao seu público em forma de guias, como os horóscopos, os talismãs e insígnias de sorte. É o que reafirma o anúncio, veiculado no folheto abaixo, o qual partilha do mesmo objetivo de anunciar aos seus leitores um sortimento de objetos destinados a cuidar dos infortúnios, contribuindo na aquisição de sorte e êxito na vida:

FIGURA 20: CONTRACAPA E CAPA DO FOLHETO *A INOCENTE PERDIDA NAS MATAS DO AMAZONAS*



FONTE: FOLHETO *A INOCENTE PERDIDA NAS MATAS DO AMAZONAS*.
 AUTOR: JOÃO DE CRISTO REI

Esses anúncios, estrategicamente situados nas capas dos folhetos, funcionam como dispositivos comerciais instigadores de um gosto popular pelos mistérios da vida e também da pós-morte. São testemunhos, portanto, de um emaranhado de valores e crenças, também esses, embaralhados pelos desejos e conflitos espirituais e materiais. Esses anúncios refletem uma situação de carência material, de falta de êxito e progresso pessoal. Da mesma forma, uma insatisfação espiritual é retratada na busca por diversos meios de proteção, quer seja através do uso do *perfume da sorte* ou das *orações, talismãs e horóscopos*, que lhes eram oferecidos que seja através de um milagre, como o da história *A Inocente Perdida nas Matas da Amazonas e o Milagre de São Francisco*. São, pois, *informações* como essas de um papel estratégico das imagens nos folhetos, que nos auxiliam no conhecimento da dinâmica de interação em uma realidade social e cultura de tradição oral.

Mas continuemos, leitores e ouvintes de folhetos são pessoas que crêem, que buscam, através de suas crenças, em suas mais variadas formas de expressão, auxílio para os infortúnios de suas vidas na terra. Crêem, portanto na relação Terra e Além; Mortos e

Vivos. A história do Corpo Seco, arrancado do cemitério e exposto por um tempo à curiosidade dos seus visitantes, é uma daquelas narrativas que, contadas em verso ou em prosa, enchiam os seus ouvintes de medo e pavor porque acreditavam que casos dessa natureza eram possíveis e freqüentes, conforme foram acostumados a crer através de inúmeras narrativas que lhes eram contadas sobre almas do outro mundo, assombrações etc.

Explorando esse universo misterioso e religioso da gente nordestina, permeado de crenças em visões e aparições, Gilberto Freyre (2002) foi pioneiro em observar, já na década de 50, a dívida dos cientistas sociais com esse campo de expressão das crenças e valores culturais e religiosos. *Em Assombrações do Recife Velho*, esse estudioso constata:

Quem se surpreender com um livro sobre assombrações, de escritor que tem na Sociologia (como outros na Medicina ou na Engenharia) seu mais constante ponto de apoio – embora seja especialmente escritor e não sociólogo – que contenha sua surpresa ou modere seu espanto. Pois não há contradição radical entre Sociologia e História, mesmo quando a História deixa de ser de revoluções para tornar-se de assombrações... Não é descabido, nem em Sociologia nem em Psicologia Social, considerar-se o fato de que não há sociedade ou cultura humana da qual esteja ausente a preocupação dos vivos com os mortos. E, essa preocupação, quase sempre, sob alguma forma de participação dos mortos nas atividades dos vivos. O próprio Positivismo admite que os ‘vivos’ sejam ‘governados pelos mortos’. A gente mais simples admite a participação dos mortos na sua vida sob a forma de ‘visagens’ ou ‘assombrações’ em que as supostas manifestações de espíritos de mortos às vezes se confundem com supostas aparições do próprio Demônio. Ou de pequenos e médios demônios, desde que o mundo demoníaco tem também sua hierarquia. Demônios, no Brasil, disfarçados às vezes em bodes, cabras cabriolas, mulas-sem-cabeça, lobisomens, boi-tatás, porcos, queixadas, cachorros, cães ou gatos de olhos de fogo, quibungos, papões, mãos-de-cabelo, cobras-norato, almas-de-gato, capelobos, papa figo. Toda uma fauna infernal que, se a sociologia do sobrenatural descesse do divino ou do angélico ao misticamento bestial, teria que considerar como ‘sociedade’ a seu modo animal. O encontro dos dois extremos: o supra e o infra-humano.

Notadamente, a expressão freiriana de *fauna infernal* como representação de um universo de crenças peculiares ao povo simples nordestino é reveladora de uma diversidade cultural e histórica da formação social do Brasil e também do espaço

nordestino.⁴⁶ As evidências culturais do povo brasileiro e, particularmente, do povo nordestino reúne tradições de crenças diversas mobilizam tradições distintas, que se expressam no cotidiano social do povo em um processo de elaboração permanente de significados práticos para as suas necessidades espirituais e materiais.

Essa incursão de Freyre pelo imaginário cultural nordestino foi pioneira e se tornou um indicativo da possibilidade e necessidade de estudos nessa direção. Justificando essa necessidade Freyre argumentava: “*Não é descabido, nem em Sociologia nem em Psicologia Social, considerar-se o fato de que não há sociedade ou cultura humana da qual esteja ausente a preocupação dos vivos com os mortos.*”

As narrativas desse imaginário social nordestino apresentadas por Gilberto Freyre rico em histórias de assombrações é o mesmo imaginário de que fala os poetas cordelistas em seus folhetos, como venho mostrando na apresentação de suas narrativas, e dos contadores de história da Paraíba, como mostrarei posteriormente em suas narrativas.

Gilberto Freyre mapeou uma geografia física do Recife Velho, cujas referências aos nomes das ruas davam idéia desse conjunto de crenças. Nomes como *Sítio Encanta-Moça*, *Rua dos Sete Pecados Mortais*, *Chora Menino*, *Rua do Encantamento*, antigas localidades do Recife, sobrevivem por um triz segundo esse estudioso em meio às ameaças da lógica da história positivista e do espectro da civilidade e do progresso. Essa sua compreensão surge no contexto de discussão e polêmica quando da substituição pelas autoridades recifenses da antiga denominação do lugar que abrigaria o aeroporto do Recife:

Burgueses progressistas do Recife envergonharam-se do nome do sítio antigo que recordava uma simples história de moça encantada em fantasma. Envergonharam-se do nome mágico de Encanta-Moça. Os mais salientes trataram logo de substituí-lo por nome que soasse moderno e lógico. E o próprio Instituto Arqueológico, chamado pelos burgueses progressistas a dar parecer sobre o assunto, concordou em que se mudasse aquele nome vergonhosamente arcaico para o de Santos Dumont....De modo semelhante desapareceram do Recife outros nomes bons e antigos de ruas, praças, e sítios: nomes impregnados de tradição nos quais os

⁴⁶ Embora não seja esse o enfoque preferencial do nordeste\cultural, não se pode perder de vista, que o discurso de Gilberto Freyre insere-se no contexto de formação de um discurso mais amplo sobre o regionalismo. Discurso este que mobiliza um conjunto de intelectuais dispostos a instituir para a região uma posição social e cultural. Nesse contexto o característico, o tipológico social passa a ser inventariado. A esse respeito, ver, Durval Muniz Albuquerque Jr. (1999, p. 65-172).

historiadores rasteiros não vêem história por entenderem que história é só a que se refere a batalhas e governos, a heróis e patriotas, a mártires e revoluções políticas. Só o que vem impresso nos livros ou registrado nos papéis oficiais. (FREIRE, 2002, 43)

Conforme anuncia Freyre, o projeto civilizador e a história oficial sufocaram ou ocultaram a memória social das tradições do povo crente do Recife que, apesar disso, continuou acreditando em mistérios e assombrações. Essa sua observação se ver comprovada na abundante produção cultural e popularidade da literatura de cordéis. Produção esta que, desde o fim do século XIX, interligava os Estados nordestinos vizinhos, como Ceará Pernambuco e Paraíba, dentre outros, através de um gosto e interesse comum por histórias misteriosas e de assombrações, fazendo circular narrativas, como a do **Corpo Seco**, tão semelhante e significativa quanto as histórias de assombrações do Recife Velho contadas por Gilberto Freyre.

Essa memória social e coletiva da cultura popular, demonstrada por Gilberto Freyre e exposta nos folhetos apresentados, explicita a crença em um intenso intercâmbio entre Terra e Além; Mortos e Vivos, temática que venho demonstrando. Retornemos à narrativa exemplar do folheto *A Visão Misteriosa*.

Nesse folheto, a história do **Corpo Seco**, revela a transgressão de uma regra da relação entre vivos e mortos, a partir da atitude de inconseqüente zombaria do homem para com o **corpo seco** que há tempo convivia pacificamente e respeitosamente com os freqüentadores do cemitério, já acostumados com a sua presença. Os versos a seguir revelam claramente as conseqüências de atitudes desrespeito dos vivos para com os mortos: “*O padre disse isso tudo/ só sucede com aquele/ que ver um ente num canto/ e vai lar bolir com ele/ agora estás obrigado/ esperar as ordens dele.*”(João Cordeiro de Lima. *A Visão Misteriosa*,p.6).

Regra desrespeitada, restou ao homem desesperado e temeroso a sabedoria conselheira do reverendo, fazendo-o acreditar tratar-se de uma alma bem aventurada, habitante natural de um dos lugares característicos da paisagem divina, conforme atesta mais esses versos do poeta: “*O padre disse mais ele/ em canto ruim não está/ com as palavras de Deus provou/ que está num bom lugar/ tenha fé em Jesus Cristo/ que ele lhe protegerá*”. (João Cordeiro de Lima. *A Visão Misteriosa*, p.7.)

Essa é uma situação que fala sobre as bases em que deve ser pautada a relação entre mortos e vivos, ou seja, é através do respeito mútuo que uma convivência mais tranqüila é possível. Não fosse a alma do **Corpo Seco** ser uma alma de paz e enviada de Deus, pouca esperança de um final feliz restaria para esse homem em conflito.

Através dessas histórias apresentadas e oferecidas pelos folhetos - aqui observadas pela perspectiva de suas capas e de algumas de suas estrofes - um imaginário de crenças vem à tona por meio de uma estrutura narrativa em que sonhos e aparições são os mecanismos de apresentação das situações de contato entre vivos e mortos, terra e Além. Também os contos populares se encarregam da circulação desse universo de crenças através de histórias semelhantes, a exemplo da narrativa apresentada pelo narrador Manoel dos Santos, de Assunção PB,⁴⁷. Vejamos sua versão:

Era um homem que morava num sítio, pai de três fia. Aí ele era pobre né, e apertou-se um tempo ruim, aí ele foi combinou com as fia, disse: mias fias, eu num tenho recurso nenhum, pu mode dá de comer a vocês, pra sustentar vocês, eu o jeito que tem é vender uma de vocês pra comprar alimento pras outras. Aí elas acharam ruim, aquilo né, ser vendida né? Mas disse: É meu pai, é o jeito que tem. Aí ele foi e disse: eu vou fazer um sorteio, vou butar um premiado, dois branco e um premiado, o que sair premiado é a que vai ser vendida. Conde tocou por sorte, foi a caçula a mais bunita e a mais nova, viu! Foi quem pegou o bilhete premiado. Aí disse: pronto minha fia, é o jeito que tem é ser você, pode se aprontar pra nós ir pra cidade. Vou procurar negócio pra você lá na cidade. Antes de chegar na cidade, encontraram um homem, que vinha viajando, né! Conde chegou no meio do caminho que ele encontrou esse homem,disse: ponde vai? Aí ele foi contou a história. Eu vou, sou pobre, lá em casa tá tudo passando fome e eu vim vender essa menina, fia minha, pra dar de comer as outra. Tenho três. Aí disse: tá certo, tá certo meu, aí puxou uma caderneta do bolso, aí fez uma escrita viu! Disse: Oi (olhe), me leve essa escrita e entregue a fulano de tá. Butou o nome! Era um rapaz solteiro, um comerciante viu! Muito rico. Você me leve essa escrita que vou indicar uma pessoa que compra ela e compra bem comprado. Agora, ele levou a escrita foi direto pra lá. Conde ele chegou lá, perguntou, se informou, né?, quem era ele aí informaram, aí butou-se pra lá. Conde chegou lá tirou a escrita do bolso. Oi(olhe) uma escrita que me mandaram pra o senhor. Aí, ele pegou na escrita olhou aí na escrita dizia assim: Meu filho, dê de esmola a essa moça o tanto que pesa esse cartão.

Era um cartaozim viu! O peso que pesar esse cartão dê de esmola a essa moça. Era o que vinha escrito, viu? Aí conde ele pegou o cartão disse: Oxem! Essa letra é do meu pai. Disse: é do meu pai. É do meu pai. Faz dez ano que ele morreu. Disse: faz dez ano que ele morreu, mas ele mandou dizer isso. Bora, eu vou mandar ela ir. Rumo à

⁴⁷ Uma outra versão dessa história é contada por Francisco da Silva de Catolé do Rocha- PB, intitulada *As três moças desvalidas*. Ver Maia Myriam Gurgel (Org.) *Contos Populares da Paraíba- Catolé do Rocha*. João Pessoa , Arpuador. 1995. pp 24-26.

balança, né? E haja butá dinheiro, e todo dinheiro conte ele tinha, boutou, oxem! Era perdido butá dinheiro, ele arranhou com os amigos, muito dinheiro viu! Butou foi tudo perdido, viu? Aí ele invocou-se com aquilo. Disse: Oxem! Cumé é que pode ser uma coisa dessa? Aí mandou buscar os mais sabido, os entendido que entendia, né? Aí um dizia uma coisa, outro dizia. (ele botou o cartão pra pesar, foi, seu Zé?⁴⁸) Butou o cartão na balança pu mode dá o peso. Num teve jeito, viu? de dá o peso. Aí chegou uma veiinha, era experiente, disse: Meu fio, eu sei, eu sei decifrar. Disse: então decifre! Ela disse: tire todo esse dinheiro que tem aí, que isso não vale nada não. Você mesmo vá pra balança e bote o cartão, mode, aí ele tirou todo o dinheiro, ele foi pra balança, deu peso fielzim, o peso dele. Aí ele disse: é, sem dúvida, é. Meu pai mandou pra eu me casar com ela, né? É a esmola que posso fazer a ela, foi a esmola que deu no cartão, só foi eu. Aí foi casou-se com ela, né? Com a moça e mandou chamar toda a fãmia do homem, né? Quelé era riquíssimo, o rapaz, né? Foi viver feliz, e num careceu ele vender a fia. Ela foi quem protegeu o pai, né? Um caso que aconteceu.

(Manoel dos Santos. Assunção-PB, 1994)

Como a alma apresentada no folhelho *A visão misteriosa*, a alma da história contada por Manoel dos Santos é cordial e estabelece um elo de ligação e intimidade com os vivos e suas famílias. É uma alma generosa cuja função, ao travar contato com os vivos, é reforçar e proteger os valores morais tradicionais e religiosos cristãos de uma sociedade ameaçados pelas dificuldades econômicas. A alma do pai do comerciante entra em contato com o pai das três filhas, para impedir que essa família, pobre e necessitada de recursos para sobreviver, fosse desfeita, e a honra familiar pudesse ser preservada. É uma história com forte poder exemplar em uma sociedade cuja moral religiosa reserva à mulher a responsabilidade e a obrigação de preservar a honra sua e de sua família, através do exercício do matrimônio. Essas considerações resultam da observação de um momento da história em que, diante do desespero dessa família pobre, o pai ameaça a quebra dessa conduta moral. Esse fato desperta a intervenção da alma que passa a atuar como mediadora, para manutenção da honra da moça e da família, encaminhando-a para o casamento com o seu filho, comerciante. Como já foi observado por outros estudiosos, a preservação da honra feminina na sociedade brasileira instituiu uma carga de responsabilidade enorme às mulheres. Manter-se casta, até o casamento ou, na impossibilidade de realização desse, para o resto da sua vida, era atribuição da mulher. Em estudo sobre a questão da honra na sociedade colonial, Leila Mezan Algranti (1993, p. 109) ressalta:

⁴⁸ Esse enunciado foi proferido por um dos ouvintes durante a narração, no momento em que realizava as gravações com os contadores de história de Assunção-PB, em 1994.

Conselhos e advertências sobre a conduta ideal para as mulheres sempre existiram. Antes de serem escritos e agrupados em corpos sistemáticos, com certeza devem ter sido transmitidos oralmente, baseados nas tradições das sociedades e nos papéis que se esperavam que as mulheres desempenhassem.

Como podemos observar através das narrativas dos contos populares assim como nas narrativas dos folhetos e das narrativas que constituem os sermões de frei Damião essa obrigação foi estendida para períodos posteriores da sociedade brasileira.

Os componentes e discursos de como a defesa da honra se apresentavam na sociedade colonial, ainda estão presentes no imaginário e nas tradições culturais da Paraíba do século XX expostas em narrativas e histórias que revelam ser a preservação da honra atributo também dos homens, conforme observara a autora em seu estudo:

A preservação da honra feminina não era, portanto, assunto que dissesse respeito apenas às mulheres, mas por extensão também aos homens. A honra da mulher era antes de mais nada algo sobre o qual se empenhavam todos os homens e também as instituições por eles representadas: A igreja e o Estado. A honra feminina configurava-se então como um bem pessoal de cada mulher, uma propriedade da família, porque poderia atingi-la, e também um bem público, porque estava em jogo a preservação dos bons costumes exigida pelo código moral. (ALGRANTI, 1993, p. 113)

A difusão na sociedade brasileira de uma mobilização social em defesa da honra feminina, como resguardo da moral e dos costumes, é atestada em histórias, como a contada por Manoel dos Santos em Assunção-PB, em 1994. Assim, reproduz-se e se atualiza, por meio desses narradores e por meio de suas narrativas, esse papel de responsabilidade, atribuída à mulher, de preservar a sua honra e por extensão a de sua família. No caso particular da narração, a defesa da honra mobiliza Terra e Além. Assim, são narrativas que localizados num tempo específico, traduzem uma tradição de crença na possibilidade de intercâmbio entre Vivos e Mortos; Terra e Além. Um fluxo contínuo entre esses dois mundos se estabelece nessas situações apresentadas, exemplificando o que Delumeau (2003) designou como sendo característico de economia de bens e serviços prestados entre Terra e Além. Segundo Delumeau (2003, p, 30):

De modo geral, é preciso não esquecer as relações de trocas permanentes que unem no espaço e no tempo os vivos e os mortos. Deus, Satã, e os homens. O Além eterno está sempre na vida terrestre. Continuamente os anjos, mais raramente o Filho de Deus e a Virgem, sobem e descem entre o Céu e a Terra, entre Deus e os homens, e o mesmo fazem, vindos do Inferno, demônios e maravilhas, independentes das viagens excepcionais de alguns privilegiados, estabelecem no Ocidente medieval os laços entre o Aqui e o Além.

Ressaltemos que, a exemplo do que teoriza esse autor, uma troca entre vivos e mortos é representada na história do contador Manoel dos Santos. A alma que ajuda a família em uma hora de necessidade e desespero será, sem dúvida, por ela recompensada. Essa alma, com o propósito de ajudar, criou situações que mobilizaram um conjunto de pessoas e estas, certamente, se encarregariam de lhe prestar homenagens, com rezas, dentre outras formas de interseção. As possibilidades de contato e ajuda entre mortos e vivos sem dúvida, faz parte de todo um conjunto de rituais e liturgias oficiais, mas também caracteriza modos e expressões de crenças em que a relação com os mortos é prática íntima, operacional, porém acontece em ambientes e situações não convencionais ou oficiais. E esse é um outro aspecto que transparece nessas narrativas e caracteriza essa religiosidade popular, conforme venho defendendo. Nela, práticas oficiais e não oficiais convivem de forma não contraditória.

Conforme podemos ver nas narrativas, em geral, quando do contato entre mortos e vivos, predomina, inicialmente, uma relação de tensão que de certa forma revela sobre a própria fragilidade do homem diante da morte, assim como indica um grau de inquietude deste homem em relação à natureza das coisas do Além. No folheto *A Visão Misteriosa*, e história do *Corpo Seco*, essa situação se apresenta nas estrofes em que é relatado o contato primeiro do *Corpo Seco* com os vivos:

Quando arrancaram ele
foi mesmo que um estrondo
a notícia se estendeu
muito longe estremeceu
admirou muita gente
quando restabeleceu

Botaram ele na praia
todo mundo ali entrava
pra olhar o corpo seco
as visitas não cessava
e outros com cisma e medo
perto dele não chegava
E assim foi se passando
tempo e tempo aliás
o povo foram esquecendo
aqueles noticiais
todo mundo acostumou-se
ninguém se importava mais
(folheto a Visão Misteriosa. João Cordeiro de Lima, p.2)

Todavia, como nos mostram as estrofes, em seguida ao momento de tensão primeira com a aparição de um corpo seco, prevalece uma certa naturalização da presença dos mortos entre os vivos: “*O povo foram esquecendo.*” Afinal, assombrações era uma realidade inconteste no ambiente dessa gente. Basta citar mais uma história, desta vez em Patos- PB, que demonstra a recorrência dessas narrativas. Vejamos a narrativa, na voz do contador Francisco Herculano da Silva:

O HOMEM QUE NASCEU ALEIJADO

Nasceu uma criança aleijada, parálitica de nascença, com as pernas pregadas mesmo que ele não dava um passo. E foi crescendo essa criança, foi chegando ao ponto de se tornar rapaz e não tinha jeito de desapregar. As pernas eram pregadas assim uma na outra, por trás, geral duma ponta a outra. Fizeram promessa a São Severino do Ramo, a São Pedro, São Paulo, São Sancho, São Martinho, São Sebastião, toda qualidade de santo que existe no mundo e nunca teve jeito desse homem ficar bom. Ainda chegou ao ponto de ser operado e não teve jeito também. Ele tinha muito desgosto na vida e tinha uma presença bonita, um tipo elegante. Mas desse jeito, parálitico de tudo mesmo.

Aí surgiu um boato que existia uma visão no mundo num certo setor. Lá, quando dava meia-noite, era tanto gemido, era tanta coisa feia que o povo se assustava. Ninguém mais passava por aquele caminho à noite, pro preço nenhum, com medo daquela visão.

O aleijado disse:

- Eu só queria pelo amor de Deus, que uma pessoa me levasse lá pra eu ver essa visão que eu não tenho medo.

Tinha um cara que era brabo que só a moléstia dos cachorros, disse:

- Eu vou levar você qualquer noite dessa. Eu vou levar você e é amanhã.

- Você me leva mesmo?

-Levo.

-Pois eu quero ir. Eu quero conhecer, descobrir essa visão. Dizem que é um malassombro e eu descubro.

Quando foi na outra noite, num sábado, o aleijado disse:

-Vamos hoje?

-Vamos!

Aí só foi pegar o aleijado e sacudir nas costas dele. O cara era corajoso. Se mandou.

Quando chegou perto das cruzeiras, que eram três cruzeiras, aí viram aquele vulto branco e aquela gêmeira... O cara aqui que era sabido, só foi pegar o aleijado e sacudir lá com tudo. Sacudiu lá que ele caiu naquela porqueira. O cara que não era aleijado saiu correndo com a gota! Quando ele pisou no batente da casa assim pra entrar, o aleijado já estava lá sentado.

(Francisco Herculano da Silva. In: NOBREGA, 1996, p. 217-219)

Essa história também nos apresenta, em seu núcleo narrativo, o campo da crença no contato entre os vivos e os mortos, que nesse caso se expressa através de uma relação de aceitação: *“O aleijado disse: - Eu só queria pelo amor de Deus, que uma pessoa me levasse lá pra eu ver essa visão que eu não tenho medo.”* Ao mesmo tempo, a narrativa caracteriza o meio social de crença em que se estabelece o contato entre vivos e mortos. Trata-se de um ambiente em que as pessoas acreditavam em promessas e proteções dos santos de suas devoções: *“Fizeram promessa a São Severino do Ramo, a São Pedro, São Paulo, São Sancho, São Martinho, São Sebastião, toda qualidade de santo que existe no mundo e nunca teve jeito desse homem ficar bom”*. Ou seja, o viés da crença do contato entre Mortos e Vivos; Terra e Além exemplificada nessa história é o viés de crença cristã dos padrões oficiais da Igreja católica, em que a crença se estabelece como uma relação de *“troca autorizada”* como observara Áries (1990, p.504)

Uma das possíveis mensagens dessa história é o reforço de que assombrações existem mesmo que atestadas através de boatos: *“aí surgiu um boato que existia uma visão no mundo num certo setor. Lá, quando dava meia-noite, era tanto gemido, era tanta coisa feia que o povo se assustava. Ninguém mais passava por aquele caminho à noite, pro preço nenhum, com medo daquela visão.”* A presença das assombrações e das visões mudava o cotidiano social; as pessoas alteravam suas rotas: *“ninguém passava lá”*. Ou seja, o convívio entre os vivos e os mortos fazia-se possível, como diz a história, todos sabiam o que fazer: deixar em paz as assombrações. Mesmo conselho presente na história do Corpo Seco. Nessa história, mais uma vez, se estabelece o que parece ser regra nesse ambiente de

relação: o convívio pacífico entre Vivos e Mortos; Terra e Além é possível, e só será alterado, quando são quebradas as regras de respeito entre ambos.

O que se percebe nessas histórias como sendo uma “naturalização” de um intercâmbio entre Terra e Além foi fruto de um longo processo de gestão de uma religiosidade popular forjada na relação com os padrões oficiais das expressões litúrgicas e rituais de fé do cristão. Processo conflituoso como observado por Philippe Áries (1990, p.503):

O apego ao outro, no além da morte, transparece numa outra série de documentos, os retábulos das almas do Purgatório desde o final do século XVII. É um rito católico, já que, como se sabe, a recusa da devoção foi a origem da ruptura de Lutero com Roma, as ortodoxias protestantes recusando aos vivos de intervir em favor dos mortos, cuja sorte só depende da onipotência de Deus. É verdade que a razão da intervenção humana, no fim da Idade Média, tratava-se de si mesmo, de forçar por si a mão de Deus, e de assegurar a própria salvação por uma capitalização de orações e de obras, as indulgências. Em seguida, a intervenção passou a ser cada vez mais pelos outros. Tornou-se durante o curso do século XVIII e principalmente no século XIX, uma ocasião de prolongar, além da morte, a solicitude e as afeições da vida terrestre.

Assim, acreditar na continuidade da vida no pós-morte através do cuidado para com o espírito, esse outro da matéria, passou a ser uma preocupação e responsabilidade satisfatória para os cristãos como orientação oficial da Igreja perante a matéria.

Todavia conforme dito acima, o contato entre terra e além, vivos e mortos que revelam essas histórias vão além desse contato autorizado de trocas de bens espirituais de que tratava Áries. Ao contrário, a relação estabelecida é uma relação em certo sentido marginal não acontece nos locais e rituais apropriados, e sim no cotidiano, na relação direta do crente e em função de suas necessidades: O rapaz que cria em assombrações não teve medo. A ela recorreu, pois era portador de uma deficiência que o saber prático e racional, representado pela medicina, não apresentara saídas. O contato com a assombração, com “a alma do outro mundo” revela a natureza desse universo de religiosidade popular. Os sonhos, as visões e aparições, as visitas ao céu ou ao inferno por meio de sonhos, o contato

com as almas ou assombrações em visões ou aparições são elementos e situações de sua expressão.

A seguir, destacarei, em algumas dessas narrativas, expressões que podem nos dizer dos propósitos e sentidos dessas aparições no contexto desse universo religioso apresentado. Para tanto, observemos que há um procedimento comum – nas histórias de folhetos e nas histórias dos contadores - referente às formas dos contatos entre os mortos e os vivos e entre estes e o Além: as situações de viagem e apresentação do Além feita pelas “assombrações”, quer sejam estas a alma de algum falecido ou a própria morte personificada. Trata-se de uma outra vertente da tradição de crença de matriz narrativa, presente nas escrituras do Antigo Testamento, que se propagou pela literatura ocidental por meio da *Divina Comédia* de Dante Alighieri, assim como em narrativas oficiais cristãs, especialmente, difundidas por monges e monjas, durante a Idade Média e modernidade ocidental, acerca de visões e aparições.

3.2 MODOS DE CONTATO E REPRESENTAÇÕES DO ALÉM NOS FOLHETOS E NOS CONTOS POPULARES

No folheto A Visão Misteriosa ou história do Corpo Seco, o espírito, por algum motivo ainda preso ao cemitério, após ser provocado por um curioso, desperta, causando vexame e reboliço. Mas, sua missão passa a ser a de conduzir e introduzir o convidado em seu mundo do Além. Essa ação tem o propósito de fazer com que os vivos compreendam que ações do bem ou do mal, praticadas na terra, refletem e interferem no pós-morte. O percurso da viagem indica a passagem por distintas paisagens, as quais fazem referências às disposições dos lugares dos pecadores e não-pecadores.

Inicialmente, a idéia de um plano inferior pelo qual os personagens adentram no Além formaliza uma vertente tradicional de alusão ao baixo como lugar do pecado, do mal, em oposição ao alto, como lugar do sagrado no espaço celestial:

Logo ao sair da cidade
Atravessaram um baixio
E logos foram chegando
Em um grandioso rio
Mas a água era de leite
Correndo brando e macio
Mais adiante chegaram
Num rio de sangue puro
Um sangue tão vivo e forte
Que o rio ficava escuro
Eles passaram e seguiram
No mesmo rojão seguro
(João Cordeiro de Lima. A Visão Misteriosa, p.8)

Embora figurativa e mapeada de inversão, a imagem dos primeiros lugares do Além, visitados pelo Corpo Seco e seu acompanhante, indica *um rio cuja água era de leite e um rio de sangue puro*: os mistérios e a potencialidade criativa e superior do mundo e das coisas do Além, em relação às coisas da terra. Revelam-se nesse ínterim também mistérios que vão se tornando temerosos de acordo com a identificação e localização do mal aí presente:

Mais adiante entraram
Numa pequena vereda
No meio tinha duas negras
Com vestes escuras de seda
Cada qual com uma navalha
Coberta de labareda
Um falso eu te levantei
Uma das negras dizia
Um perdão eu te neguei
A outra lhe respondia
Passava o ferro um no outro
Que a labareda cobria
(João Cordeiro de Lima. A Visão Misteriosa, p.9).

Interessante observar a indicação de uma referência espacial, no caso à *pequena vereda*, como a idéia responsável pela caracterização de um lugar estreito e profundo. São, como podemos observar, as mesmas idéias que se acham presentes na Divina Comédia. São

idéias que descrevem o percurso por um Além do mal e do pecado, rumo ao Paraíso. Essa idéia pode ainda ser perseguida em outras estrofes desse mesmo folheto:

Chegaram adiante num campo
Verde igualmente um jardim
Cheio de ovelhas magras
Umas já sobre o capim
Caídas e esbaforidas
Num aperreio sem fim
Mais adiante chegaram
Num campo seco e pelado
Não tinha capim nem sobra
Era um campestre isolado
Cheio de ovelhas gordas
Cada qual para o seu lado
(João Cordeiro de Lima. *A Visão Misteriosa*, p.9).

Por fim, a visitação ao Além é indicativa de uma ordem divina que reproduz o Paraíso, através dos ideais de bom e de belo no plano terreno: é um Além, jardim e Paraíso dos bem-aventurados e dos santificados:

E ali foram chegando
Num rico campo de flores
Cravo lírio e açucena
Rosas de todas as cores
Chamava tudo atenção
Os passarinhos cantadores
(João Cordeiro de Lima. *A Visão Misteriosa*, p.10).

Esta mesma referência é encontrada na narrativa do poeta cordelista Leandro Gomes de Barros. Acompanhemos, em algumas estrofes do seu folheto *Uma Viagem ao Além*. Neste folheto, podemos dizer que Leandro de Barros reforça a crença em um Além que comporta um Inferno dos pecadores, um Purgatório, como lugar de purgação dos pegados, e um Paraíso, como lugar dos bem-aventurados:

Perguntei: a alma quem és?
Disse ela tua amiga
Vi te dizer que te mude
Aqui não dá nem intriga
Quer ir para o céu comigo?
Lá é que se bota barriga
E subi com a lama
Num automóvel de vento
Então a alma me mostrava
Todo aquele movimento
As maravilhas mais linda
Que existem no firmamento

Passamos no Purgatório
Tinha um pedreiro caíndo
Mais adiante no inferno
Tinha um diabo cantando
E a alma de um ateu
Preso num tronco apanhando

Quando acabei de jantar
O santo me convidou
Disse: vamos lá na horta
Fui lá, ele me mostrou
Coisas que admiravam
E tudo me embelezou

Vi na horta de São Pedro
Arvoredos bem criados
Tinha pés de plantações
Que estavam carregados
Pés de libras esterlinas
Que já estavam deitados

Vi cerca de queijo e prata
Na lagoa da coalhada
Atoleiros de manteiga
Mata de carne guisada
Riacho de vinho do porto
Só não tinha imaculada

(Leandro Gomes de Barros. Uma viagem ao além, p.4-5).

Reafirmo, então, que o tema da viagem ao Além, como se encontra colocado nas histórias de folhetos, é referência de um imaginário forjado ao longo dos séculos pela cultura religiosa ocidental de base cristã. Cultura responsável pela lapidação e incorporação

de idéias, temas e rituais de outras crenças – a exemplo dos sonhos tão presentes na cultura pagã – as quais serviram para legitimar e popularizar a fé e fundamentar a preocupação com o tempo pós-morte. Para a tradição cristã, o problema da ressurreição se coloca como caminho e possibilidade para a salvação e a vida eterna num Além celestial, também lugar de reencontros.

O acesso a esse Além celestial é difícil e apresentado como um caminho a ser perseguido já na terra com atitudes que permitam esse acesso. Além dos textos bíblicos, a *Divina Comédia* recorre ao mesmo tema. Nesse texto, Purgatório e Paraíso são espaços que são apresentados ao leitor gradativamente e através de vários obstáculos pelas personagens Virgílio e Beatriz, esta a idealização de uma paixão do narrador. Assim, Dante elege aquela que simboliza o desejo e a crença na possibilidade do reencontro entre afins no mundo pós-morte, para introduzi-lo no mundo do Além. Esse desejo de reencontro entre mortos e vivos é, portanto, idéia perseguida por todos os cristãos.

As formas de contato entre a terra e o Além, através de uma estrutura narrativa composta por descrições de sítios paradisíacos ou regiões infernais, também foram observadas por Antonio Morás (2001, p. 72):

[...] em sua forma mais acabada, tais visões põem em sena um visionário que trava contato com um guia espiritual que conduz seu espírito primeiro às regiões infernais e depois aos sítios paradisíacos, ou vice-versa, numa viagem que pode conter vários episódios, tais como um ataque dos demônios nos locais do inferno, uma entrevista com almas que já partiram desse mundo ou uma antevisão do paraíso celeste, para ficarmos em poucos exemplos. Sucede que essas visões extensas, que descrevem o percurso dos visionários dos locais de purgação até as regiões celestes incluindo episódios correlatos, só aparecem claramente delineadas a partir da era feudal. Elas inexistem na alta Idade Média, pois os relatos de viagens ao Além desse período normalmente reduzem o itinerário do visionário a apenas umas dessas regiões opostas do Além, o mesmo acontecendo com muitas visões da era carolíngia. Além disso, muitas das imagens que evocam os sítios infernais e muitos episódios relativos à descida aos locais de purgação só se manifestam com o nascer do feudalismo. A riqueza de detalhes e as particularidades do imaginário infernal são apanágio dos séculos XI-XII.

Tendo em vista a profusão de detalhes sobre o Além – inferno, purgatório e paraíso – que as histórias aqui analisadas contêm, não nos resta dúvida de que são representantes de um imaginário religioso, forjado no seio de um cristianismo e de uma igreja preocupada com uma política de vigilância e controle do pecado.

Ao iniciar esse tópico, apresentei as narrativas acerca dos modos de viagem ao Além, e as imagens e representações desse Além nos folhetos. Como vimos, o Além celestial é expresso através de um conjunto de elementos e adjetivos que buscam caracterizá-lo a partir da representação do belo composto por paisagens amplas, floridas e perfumadas em que o verde e o perfume predominam. Já o Além infernal é representado pela idéia do feio, compondo espaços estreitos onde predominam a escuridão e o odor.

Os contos populares apresentam o mesmo modelo de representação de modos de viagem ao Além e a mesma caracterização. As visitas ao Além – a exemplo das histórias contadas pela agricultora e contadora de história Luiza Lima, intituladas *Mane Veloso tocando no Inferno* e *O homem que morreu e foi no inferno e depois foi no céu* – decorrem de um convite que faz o “anfitrião” a seu convidado para percorrer esse mundo do Além. Cada ambiente visitado apresenta uma diferente situação e disposição dos mortos, variando essa disposição do grau menor ou maior dos pecados cometidos. Vejamos alguns trechos dessas histórias:

Aí disse: feche os olhos, quando ia chegando lá no inferno, Aí disse que ele fechou os olhos. Disse que quando abriu Aí disse: já chegemo. Aí ele se apiou-se, disse: entre. Aí mandou ele entrar, Aí ele entrou. ai disse: vamo tocar. Aí ele foi tocar. Aí disse que viu aqueles nego diferente dançano, as canelas finas, Aí ele disse: tou perdido! Aí disseram assim, toque aí um tango pra Chico Ponte dançar! Ele disse: ave Maria tou no....porque Chico Ponte já morreu. Chico Ponte num morreu? Ele disse: não! Não diga isso não! Um dos nego disseram. Chico Ponte tá aqui. Aí disse que ele tocou. Aí disse que era aquelas negaria dançano. Aí ele disse: para aí agora! Aí ele parou. Ele disse: vamos correr mia casa. Quer correr mia casa? Aí disse: quero ver. Aí disse que ele entrou, ai disse que quando ia na casa, tinha um corredor assim na casa, aí ele disse que viu resmungano lá pra dento. Ele disse: tá veno aquilo ali resmungano? Ele disse: tou ouvino! Ele disse: aquilo é os filhos que os pais falam e eles arresponde aos pais. Ai passou, ai disse: vamos aqui na sala de dentro, foram na sala de dento, disse que tava uma mesada medonha. Ele disse: se sirva de alguma coisa! Ele disse: não, não quero não! Tou meio incomodado. Aí - já tava desconfiado - ai ele disse que viu umas almas assim despendurada de cabeça pra baixo. Ele disse: tá veno isso ali? Ele disse: tou veno! Ele disse: aquilo é as almas perdidas, que tá ali tudo dependurada. Aí entrou lá dentro. Ai disse: agora vamos na cozinha! Aí disse que tinha umas taxadas fervendo,

ele disse: sabe que comida é essa? Ele disse: não sei não! Aí ele disse: isso aí é as lanças dos bebo que ajunta e tá aí fervendo. Aí ele disse: ave Maria. Aí disse que foi assim num quarto, disse que quando ele chegou na porta, disse que foi uma quintura tão grande! Aí ele disse: entre! Aí ele disse: não, não quero entrar não, quero ir embora, tou muito incomodado!

(Luisa Lima, Assunção-PB, 1994)

Através dessas narrativas, podemos perceber que, nas representações de viagens ao Além, existe a mesma estrutura discursiva que apresenta uma sequência de elementos comuns, característicos das formas de acesso e visitação ao Além, assim como sua composição. Em se tratando do Além infernal, espaços estreitos e escuros prevalecem em meio a uma temperatura de alto grau, indicativa do desconforto e sofrimento a que estão submetidos os sujeitos pecadores que aí se encontram. Vejamos a esse respeito, trechos da narrativa *O homem que morreu e foi no inferno*:

Disse que o cão perguntou: veio a negócio ou veio a passeio? Ele disse: venho a passeio! Aí disse: então vamo correr minha casa. Aí foram correr a casa, aí disse que desse mesmo jeito viu. Viu as almas dimpiduradas, viu uma pessoa resmungano, lá pra dentro. Aí chegou na cozinha viu as taxadas de comer de porqueira, no fogo, disse que disse assim: entre. Aí disse que quando ele botou o pé no batente, disse que foi uma quintura tão grande! Aí ele tirou o pé - foi quando ele tirou o pé - tirou o pé aí ele disse: foi sua felicidade, foi você não entrar aí, se você tivesse entrado aí nesse quarto tinha ficado, que aí é o quarto da comadre mais o compadre. - agora derne que eu vi Dona Júlia casar com o compadre dela, eu fiquei maginano, meu Deus, será que dona Júlia vai pra lá?

(Luisa Lima, Assunção-PB, 1994)

Mas, as semelhanças dessas representações do Além não se encerram na questão dos elementos de sua composição. As finalidades da própria empreitada de viagem e visitação ao Além são comuns nas histórias de folhetos e nas histórias dos contadores e se prestam a espelhar, através de exemplos, o que significa a virtude ou o pecado no destino das pessoas.

3.3 REALIDADE ESPIRITUAL E MATERIAL: APROPRIAÇÃO DE CRENÇAS NO COTIDIANO PRÁTICO DE NECESSIDADES

Percebe-se uma inquietude social e espiritual que se revela nas narrativas desse imaginário sobre o Além que repousa, digamos assim, em aspirações, frustrações e esperanças frente à realidade material e espiritual. Essas inquietudes se alteram em disposições de sonhos e viagens que se constituem enquanto resposta positiva à crença no diálogo entre Terra e Além e na possibilidade da recompensa da salvação ou danação no pós-morte.

Existe, portanto, um propósito nessas descrições de sonhos e viagens ao Além. Elas se prestam como espelhos nos quais os cristãos devem se mirar, com o intuito de lutarem por uma vaga no reino do Céu. São narrativas exemplares de uma moral e de uma conduta cristã que lutam contra os infiéis, contra os pecadores e contra as forças do mal.

Em todas as narrativas que se referem às visitas e viagens ao Além, quer sejam aquelas da literatura clássica, tal qual a obra de Dante, quer sejam os relatos comuns ao meio monástico, ou ainda as descrições das histórias de folhetos e das histórias dos contadores, percebe-se a presença de situações e pessoas do convívio de quem teve acesso ao Além: algumas se prestam como guia a esse Além; outras se encontram em lugares que revelam sua conduta em vida. Esse é mais um fato que caracteriza o viés cristão dessas representações e desse imaginário. A morte não é o fim, é o início da grande aventura de vida eterna por intermédio da salvação, como bem comentou Le Goff (2002, p.21):

O cristianismo é uma religião de salvação, aquela que teve o maior sucesso por volta do início da era cristã, época que foi qualificada como 'idade da angustia'. A preocupação dos homens e mulheres com o pós-morte ocupava então um lugar essencial. Tal cuidado não concernia somente ao 'estado' dos indivíduos, mas também à localização de suas vidas futura. O cristianismo professa a ressurreição dos corpos, cujo modelo e garantia é a ressurreição de Jesus após sua morte terrestre na cruz. O destino da humanidade ressuscitada não depende apenas da vontade de Deus todo-poderoso. Pois este respeita as regras que fixou, fazendo a situação dos homens e mulheres no Além depender de como se comportaram durante sua vida terrena. Um sistema binário distingue e opõe os lugares do Além e seus habitantes humanos. Depois da

ressurreição, que ocorre no fim do mundo, os ‘bons’ vivem eternamente num lugar de delícias. O Paraíso enquanto os ‘maus’ são condenados a permanecer também eternamente num lugar de suplício, o Inferno. No fim dos tempos, um julgamento presidido por Cristo deve enviar, de forma definitiva e por toda a eternidade, os bons para o Paraíso e os maus para o inferno.

Esse Além referenciado por Le Goff ainda é o mesmo que, após séculos de crença cristã, é representado nas narrativas dos contadores de histórias e dos poetas cordelistas do Nordeste brasileiro. Nessas narrativas, predomina uma sequência de imagens que relata os suplícios a que estão destinados os pecadores, assim como a paz e as maravilhas reservadas aos bem-aventurados. Ricas em detalhes, essas imagens funcionam como roteiros e guias para homens e mulheres interessados e crentes na possibilidade de salvação e reencontro com os seus entes queridos falecidos.

As imagens que descrevem o Além se prestam exatamente a presentificar um ideário e um compromisso de fé cristão com a ressurreição e a bem-aventurança. É essa crença, aliás, que se encontra no desfecho da história do folheto *A Visão Misteriosa*:

Nesta hora entre eles dois
os prazeres foram tanto
que eles dois se abraçaram
chorando em grandes prantos
por ordenança de Deus
ali mesmo foram santos.
(João Cordeiro de Lima. *A Visão Misteriosa*, p.16)

Os desenlaces das narrativas dos contadores de histórias sobre as viagens ao Além apresentam-se dentro de uma mesma perspectiva de trazer à discussão os destinos do pós-morte dos homens de conduta cristã. Daí porque são histórias que se caracterizam pelo seu caráter exemplar e pedagógico.

Na história *O homem que morreu e foi no Inferno e depois foi no Céu*, narrada pela contadora Luiza Lima, ao homem que é transportado ao Além, é apresentada a possibilidade de aí permanecer. Todavia, a narrativa se desenrola fazendo com que sua ida

ao Além tenha um sentido operacional em sua conduta na terra, ao torná-lo responsável e comprometido como o que seria a continuação do projeto cristão de fé e salvação sua e da sua família:

Aí Nossa Senhora, Deus perguntou a ele se queria ficar morano ou se queria ir pra casa dar educação aos filhos. Aí ele disse que queria ir pra casa. Aí ele enviveceu. Aí disse que não, aí ele soube ensinar os filhos. Aí morreram tudim e ele ficou. Aí disse que ficou educando os filhos, e disse que tinha ido no inferno, tinha ido no inferno. Aí pronto. Ele ficou, quando morreu disse salvou tudinho seus filhos.
(Luiza Lima. Assunção-PB, 1994).

Nesta história a contadora Luiza Lima narra a experiência do tocador Mane Veloso de visitação ao inferno. Essa visitação lhe causa um abalo psicológico e o leva a tomar a decisão de abandonar a sua conduta pecadora: arrenega sua sanfona e deixa para sempre de tocar. Vejamos mais um pouco da narrativa:

Aí disse que ele foi-se embora pra casa, chegou em casa imaginando, imaginando quer que fazia, disse, quase doido. Disse: eu endoideci. Aí disse que a mulher disse: que é que você tem Chico? Disse: eu ia tocar na casa de fulano, acabar eu encontrei um homem, ele disse que eu fosse pra lá que ele mim dava 100 mil réis. Aí ela disse: cadê os 100 mil réis? Aí disse que quando ele tirou, espiou, era um pedaço velho de pano. Aquela nota que ele deu a ele era um pedaço de pano. Aí foi que ele endoideceu, aí disse eu arrenego agora essa sanfona pra eu tocar! Não tocou mais nunca! Nunca mais ele tocou não, deu fim a sanfona. Ele ficou abestaiado, quase uns pouco de dias. O povo dizia que ele tava abestaiado. Eu digo, olhe! Quem toca e dança tá no inferno! Ele disse que via aquele povo conhecido dele tudo dançando lá e ele viu! Eu digo, ave Maria!
(Luiza Lima, Assunção-PB, 1994).

Nessa história, a narradora Luiza Lima se coloca na condição de avaliadora do destino do personagem de sua história. Ficou pensando, pensando e concluiu com uma exclamação (*Eu digo, ave Maria!*) que é reveladora de uma preocupação cristã em livrar-se do mal. Essa atitude pode ser estendida ao conjunto dos ouvintes os quais, provavelmente, também avaliavam suas condutas e assim atualizavam seus deveres espirituais.

Dessa forma, um quadro de ética moral religiosa vem à tona por intermédio dessas histórias sobre o Além. E, por sua vez, revelam não apenas as inquietudes

espirituais. Um conjunto de valores, dignos de serem perseguidos por um ente cristão, se sobressai, como exemplo de comportamento social que deve ser evitado na caminhada via salvação: a ganância, a diversão luxuriosa da música e da dança, tão bem receptivos no inferno, mas que colocaram o tocador Mané Veloso em situação de risco, a ponto de perder sua alma quando em visita a esse antro do pecado, o inferno. Um agrupamento de conflitos sociais é exposto, indicando as formas como as pessoas lidam com esses conflitos, através de uma ótica perpassada por seus valores e crenças. O caso da história seguinte é exemplar:

O MÉDICO DA ÁGUA FRIA

Era um pai de família muito pobre. Morava num degredo e tinha muita gente em roda mas pobre. Agora os outros todos ricos; ele pobre, não possuía nada, com 14 filhos e a mulher com o bucho deste tamanho para descansar e fazer os 15. Não tinha o que comer coisa nenhuma em casa, tudo morrendo de fome e o que ele possuía era uma espingarda; então, saiu pra o mato.

- Eu vou e vocês fiquem.

Fazia dois dias que ninguém comia.

- Fiquem aí que eu vou ver se acho alguma coisa para matar e fazer um caldo para minha mulher.

Saiu. Chegou na mata, andou o dia todo e não achou nada em que atirar. Quando não podia mais andar, as quatro horas da tarde, se baixou assim no chão, dentro da mata. Com pouco mais, ele viu bulir assim... espiou, pensou que fosse um pássaro para ele atirar, mas não era. Era um homem com uma foice nas costas deste tamanho.

- Boa tarde!

- Boa tarde.

- Que é que o senhor está fazendo aqui?

Ele foi contou a estória:

- Meu amigo, eu sou um pobre pai de família, tenho 14 filhos, agora 15 que a mulher descansou e faz dois dias que ninguém come, tudo morrendo de fome. Eu vim caçar, atirar para ver se mato alguma coisa para eles comerem e na acho de forma alguma.

Ele foi disse:

- Quer fazer um negócio comigo?

O homem da foice.

- Se servir eu faço.

- Bom, muito bom! No começo é muito bom porque...sabe com quem o senhor está conversando?

- Não senhor...estou conversando com um homem.

- Sim, eu sou um homem. Mas você tem visto falar na Morte?

- Tenho muito! Já tenho muita gente morta. Tenho ouvido falar na morte.

- Pois eu sou a Morte. Agora eu quero fazer um negócio com o senhor. Quantos anos o senhor quer viver?

Ele achou que 80 anos era muito. Era um homem moço, com 40 anos durando, então mais 40 tava bom.

- Olhe, se o senhor achar um pouco, bote mais.

- Não, 80 está bom, já tenho 40, mais 40. Oh! Não presto mais para nada, já está bom de morrer. Agora o senhor veja o que pode me dar.

- Bom, de hoje por diante, quando eu sair daqui, não vai faltar pássaro, é só chegando de rebanho, senta na sua cabeça, nos ombros e o senhor é só matando e enchendo esse bisaco e levar para dar de comer ao povo. Ainda mais: no caminho o senhor vai achar: acha dinheiro, acha tudo! De hoje em diante não vai lhe faltar nada no mundo; durante esses 40 anos. Agora nesse dia eu velho lhe buscar.

- Mas, meu amigo, o senhor é a morte? Agora eu tenho uma coisa para lhe dizer: eu tinha 14 filhos e a mulher descansou de um menino e em roda, onde eu moro, não tenho mais a quem tomar por padrinho, pois todos já são.

- Nada! Eu vou ser padrinho do menino.

- O senhor?

- Sim senhor.

- Como é que pode ser!

- O senhor diga a comadre...

Foi logo chamando comadre.

- Você diz a comadre que arrume a criança e vá para a igreja. A igreja que quiser. Quando ela for entrando na porta principal, eu já estou na frente, lá junto com o padre. A foice fica cá fora. Mas o padre não me vê e ninguém. Só quem me ver é a sua mulher, comadre, que leva o menino. Se o senhor for me ver também.

Aí ele não acreditou naquilo, foi também. A mulher levou o menino e quando foi entrando na porta principal, estava o padre em pé, muita gente na igreja, e aquele homem, em pé encostado ao padre, de parelha ali. Ele espiou assim...

O filho mais velho disse:

- É aquele! É aquele que está atrás do padre que vai ser padrinho do menino.

Bom, levou o menino, levou á pia, o padre batizou. Ele tinha dito:

- Quando eu sair compadre da igreja para ir para casa, você não me ver mais. Só com 40 anos! Agora, com 40 anos, eu chego. E posso até chegar antes, se o senhor não cumprir o trato que fizemos. De hoje em diante, não vai lhe faltar mais nada e o senhor vai se chamar o Médico D' Água Fria. O senhor pegue dois litros grandes, duas tampas de cortiça e faça uma estória, tape os ouvidos, atravesse aqui, encha d'água e pronto. Pode sair no mundo. Onde encontrar gente doente, o senhor chega e dá dois copinhos da água aqui que ele fica bonzinho. O senhor cobre o que quiser que o senhor vai enricar de repente. É o Médico D' Água Fria e isso vai correr a notícia no mundo. Todo mundo que estiver doente vai lhe procurar.

- Mas compadre, dizer que eu curo com água fria!

- Bom, ele fez o negócio, juntou os litros, lavou bem lavadinho, encheu d'água, botou as cortiças:

- Isso não vale nada... mas vamos ver....

Aí soube que tinha um homem doente, assim perto. Ele disse a mulher e os filhos:

- Olhe, meu nome é Médico D' Água Fria. Ninguém me chame de outro jeito.

Disseram:

- Homem Fulano ali esta nas portas da morte.

- E está assim? Vou dar um remédio a ele.

Ele foi lá puxou o litro, botou um pouco no copinho, deu num segundo, ele fez:

- Rããh...

- Olhe! Com pouco mais estava se sentando, na cama e conversando.

- Bom, o senhor vai ficar bom.

A mulher disse:

- Será.... O senhor é o homem que tem pó aí que chamam o Médico D'Água Fria?

- Sou.

- Ah! Pois então diga quanto é para eu pagar.

Cobrou o dinheiro, recebeu e foi embora.

Agora a Morte tinha dito a ele:

- Olhe: o nosso trato é esse: 80 anos. Quando o senhor inteirar. Agora, na casa que o senhor for, se eu tiver lá, só quem me ver é o senhor, compadre. Se eu tiver do lado dos pés do doente... - O senhor é ambicioso que eu sei e vai ganhar muito dinheiro e quanto mais ganhar mais vai querer – Pois se eu tiver do lado dos pés, o senhor ainda pode ir ver o remédio que o doente fica bom. Mas, seu eu estiver do lado da cabeça, aquele não tem cura não, eu venho buscar.

E passou, e ele dando remédio e o compadre nunca mais apareceu. Um dia, chegaram dois rapazes na casa dele. Um era filho do barão que morava numa cidade longe e que estava desenganado de todos os médicos que não tinha mais o que dar. Era sem cura. Chegaram esses rapazes lá porque, tiveram notícia desse médico D'Água fria. Chegaram lá, falaram e ele perguntou:

- É longe?

- É , é muito longe, mas eu queria que o senhor fosse lá, que meu pai está nas portas da morte. E quanto ao pagamento, não tem quantidade que ele não possa pagar, pois o que o senhor vai ver nos cantos da casa é só prata e ouro. O senhor vai trazer a quantidade que quiser. Isso se meu pai ficar bom, né?

Aí foram. Quando chegaram lá, desmontaram, entraram, ele viu logo a ruma de ouro e prata.

- Aqui eu vou-me encher mesmo!

Ele disse ao rapaz:

- Homem, vamos entrar logo!

- Não, eu estou com muito calor, muito suado, não posso entrar no quarto do homem assim.

Demorou um pouco. Depois abriram a porta e entraram. Estava o barãozinho na cama todo coberto de tudo quanto era bonito e bom.

Quando ele chegou na porta, caçou...porque em todo canto ele via o compadre. Aí viu o compadre lá debaixo da cama, do lado da cabeça.

Ele disse:

- Pronto! Perdi a viagem! Tanto dinheiro e eu não ganhar!

Compadre fazer uma coisa dessa! Ele podia ir para o lado dos pés, que era para eu dar o remédio. Eu ganharia muito dinheiro! Ouro e prata!

Mas nada. Ele espiava... pegou no pulso do barão, coisa e tal e disse para os filhos:

- Seu pai está muito doente, muito mal!

Ele vendo o compadre lá debaixo da cabeceira. Aquele não era para ele dar remédio porque estava pronto, morto.

- Disse:

- Mas eu vou fazer uma santa deligência.

Chamou os filhos do barão:

- Olhem, peguem esse doente e virem a cabeça dele para acolá.

Aí viraram.

- Tem jeito não. Já virei, não tem jeito.

Aí tornou a dizer aos filhos dele, do barão, que ia tentar de novo.

Quando ele pegou na garrafa foi botando a água no copo, que espiou, o compadre não estava mais, desapareceu.

- Levantaram. Ele deu outro copo, tornou a olhar e, com pouco, o barão pegou a bulir com a perna, com o braço e coisa... foi sentando conversando, falando já. Ele mesmo disse ao homem:

- Bom, como é que o senhor quer o dinheiro? Prata ou ouro?

Disse:

-O senhor arrume dois burros encangados, com dois jogos de surrão de couro. Encha uma carga de ouro, outra de prata. Os filhos do senhor vão para trazer os animais.

Ele disse:

- Não, quanto aos animais, podem ficar lá. Os meninos vão deixar o senhor.

- Aí encheram as cargas: uma de prata e outra de ouro. Carregaram os animais, ele subiu e os dois rapazes com ele tangeram os animais.

Quando entraram numa travessia que não tinha casa, deram fé, ele avistou um vulto que vinha de lá pra cá...

Ele disse:

- Mas, se aquilo for o compadre... Ele disse que era pra eu não dar remédio se ele estivesse na cabeça e eu dei, virei, teimei e dei.

Aquilo é compadre...

Foi chegando perto... e os dois tangendo as carga e ele foi se atrasando...assim como quem estivesse com medo... foi se aproximando...que se encostou, era o compadre, a Morte!

- Mas, compadre, boa tarde! Cadê o nosso negócio? Como foi o nosso trato? Eu não disse ao senhor que quando chegasse para dar remédio ao doente, se eu estivesse do lado da cabeça, não tinha mais jeito? Aquele não tinha jeito. Era para morrer. Mas você cresceu a vista naquela ruma de ouro e prata! Já vai aí com as cargas, né? Então, no lugar do barão, eu levo, compadre.

- Mas compadre, não é possível? E essas cargas?

- Não, não é agora não. Eu vou com você até lá onde mora que eu quero ver a comadre. Ele estava rico que não sabia o que possuía e levava mais uma carga de ouro e prata!

A Morte disse:

- Olhem, eu vou com o senhor, sabe para que? É porque você não tem nada compadre. Você não possui nada. Você sabe de quem é aquela riqueza toda e essa carga de ouro e prata que você leva? É do meu afilhado e da minha comadre. A metade é dela e a outra é do meu afilhado. Os outros não têm nada. Vão ficar na maior pobreza e o senhor vai comigo.

- Mas, compadre, dê ao menos uma coisinha...

- Não tudo é dele. Esses meninos não tem padrinhos? Esse povo todo é pagão? Só quem for batizado foi esse que é meu afilhado. Tudo é dele. E o certo foi que ele fez muito peditório e coisa e tal para ele dar alguma coisa...

- Não tem peditório.

Pegou, botou ele debaixo do braço levou ele mesmo.

(Josias Francisco Diniz. Santa Helena-PB. In: MAIA, Mirian Gurgel. Contos Populares da Paraíba: Santa Helena. João Pessoa: Arpoador, 1996, P.p.54-59).

Nessa história, a idéia de intercâmbio entre Terra e Além se apresenta por meio da morte que adquire vida e ação junto aos vivos. Em seu enredo, situações e elementos retratam a idéia de troca de bens e serviços entre vivos e mortos através de uma espécie de prestação de serviços tão necessários às carências materiais que expõem em situação de conflito os poderosos e abastados e as pessoas comuns, no caso específico, a assistência médica é uma dessas carências.

De forma curiosa, o papel da morte nessa narrativa não é apenas a retratação do último suspiro de vida. Trata-se da morte que se transforma em espírito e, de alguma forma, auxilia os vivos em seus conflitos morais e materiais, tirando proveito das dificuldades humanas quer sejam dificuldades materiais ou espirituais. A morte, aqui, adquire personalidade transformando-se em um homem:

Sabe com quem o senhor ta conversando?

Não senhor... estou conversando com um homem.

Sim, eu sou um homem. Mas você tem visto falar na Morte?

Tenho muito! Já tenho muita gente morta. Tenho ouvido falar na morte.

Pois eu sou a Morte.

(Josias Francisco Diniz. O Médico da Água Fria. Santa Helena-PB, 1977).

Usa uma foice, símbolo que, como o martelo do Cão, denuncia suas intenções maldosas: *Era um homem com uma foice nas costas deste tamanho*. Presta ajuda ao homem necessitado, envolto em uma crise social e espiritual: faltam-lhe meios para livrar sua família da fome, assim como lhe falta o amparo espiritual necessário ao seu filho pagão à espera de um padrinho, como narrado no final da história. Todavia trata-se de uma história exemplar, pedagógica: a morte instiga e provoca a ação condenável de ambição do Médico de Água Fria. Vigia e acompanha a transgressão do médico quando na tentativa de enganar a morte altera as regras de conduta de cura estabelecidas ao sugerir aos filhos do doente que troquem a posição do corpo do seu pai e assim possa estabelecer-se a cura que lhe renderá ouro e prata. Uma história que fala da ganância e da ambição enquanto atitudes e pecados reprováveis.

Representações distintas da morte são o que nos revela esse imaginário. Morte evitada, morte aliada, morte que pode ser enganada, morte símbolo de justiça, morte

narrada como tema de presença constante nas expressões culturais. Mas, sobretudo, narrativas de uma crença em que a morte se coloca como condição de expiação de possibilidades de acesso ao Além no Inferno ou no Paraíso, na salvação ou danação, conforme a conduta humana em questão.

A morte, nessa narrativa, como o Corpo Seco na história anterior e as almas do outro mundo demais histórias, transforma-se em matéria temática acerca do sobrenatural; constitui-se em códigos narrativos de uma memória religiosa cuja presença na vida das pessoas ocupa lugar de destaque.

Como nas narrativas dos manuais oficiais da Igreja, expressão de seus religiosos, essas narrativas populares de folhetos ou dos contadores de história funcionam como textos que, ao longo da história, através também da tradição oral, perpetuam (e dão conta de) atitudes e sensibilidades frente ao sagrado. Atitudes estas que foram se afirmando entre os homens de crenças e situações sociais diferenciadas. São narrativas que misturam textos da oficialidade cristã com aqueles de tradições populares, e muitas vezes pagãs, de relacionamento dos homens com a morte, com o Além e com suas posturas de fé.

Como observa Philippe Áries (1990), houve um tempo, antes da atmosfera de medo e terror que se abateu sobre a sociedade ocidental, em que a morte, embora temida e angustiante, era, em contextos específicos, suportada e familiarizada. Ou seja, falava-se sobre a morte com mais naturalidade.

Essa parece ser a matriz das narrativas sobre a morte em cujas histórias a mesma assume um papel de destaque, intervindo no meio dos vivos. Um fio comum costura esse tecido narrativo cujo propósito parece ser o de dizer que a morte pode ser encarada de forma positiva sob as circunstâncias de um bem morrer. Em outras palavras, pode-se tentar evitar a morte, até enganá-la, como conta o enredo da história. Todavia, esse mesmo enredo propõe que o mais sensato é a preparação cristã para aceitação da morte certa, essa passagem para o reencontro final em um Além dos bem-aventurados. O *Médico da Água Fria* parece ter perdido essa oportunidade, ao conduzir-se de forma gananciosa, desrespeitando o acordo com a morte. Daí porque sua narrativa é exemplar, semelhante a que se segue:

O SONHO DO HOMEM

Era um homem rico mas muito religioso e ele sonhou uma noite se ele queria passar bem morto ou mal onde estava. Duas noite encarrihadas. Nas duas noites ele falou a sua esposa:

- Mulher, faz duas noites que uma voz me pergunta se eu quero passar bem morto ou mal onde vou ficar.

A mulher disse:

- Pois se esta voz vier de novo, você diga que quer passar mal morto, e bem onde vai ficar. Enquanto você for morto pode ser com o bem ou o mal.

Quando foi de noite a voz tornou a chegar:

- Como é? Tu queres passar bem morto ou mal onde vai ficar?

- Eu quero passar mal, morto, bem onde vou ficar. Enquanto eu for morto eu passo com o bem e o mal.

No outro dia em diante, começou a acabar o que ele tinha. Foi se acabando, e por fim, ele ficou pobre de esmola. Ele e a mulher e os dois filhos. Mudaram de residência de onde moravam. Foram morar no outro canto, longe, onde não eram conhecidos.

O emprego que a pobre da mulher achou, foi de bater roupa para ganhar o pão.

A mulher um dia, estava batendo roupa quando viu um navio no mar. O homem avistou aquela mulher bonita, chamou, o outro disse: O outro tinha uma mulher.

– Vamos seduzir aquela mulher para vir aqui no navio?

A mulher foi lá e disse:

- Bem, o capitão está lhe chamando para você ir lá. Tem um negócio com você...

Ela disse que não ia. Pelejou muito mas ela disse que não ia.

Quando a mulher voltou, disse:

- Ela não vem não

- Pois volte, diga a ela que venha que eu quero dar uma esmola pra ela deixar aquela vida de mão.

E a pobre mulher, interessada pra ganhar o pão, foi. Quando chegou lá o comandante levou-a no navio.

Quando o marido chegou em casa, procurou a mulher e não encontrou, só os dois filhinhos, foi no rio, em riba das pedras só tinha umas roupas. Procurou nas vizinhanças e lá contaram a estória.

- Sua mulher estava aqui quando vinha um navio, aí veio uma mulher, conversou com ela, voltou, tornou a voltar. Ninguém sabe o que elas conversaram tanto que carregaram-na.

- Valha-me Nossa Senhora! Foi minha mulher que me desprezou por causa da minha pobreza! Louvado seja Deus!

Chegou em casa:

- Também eu vou-me embora.

Pegou os dois filhos e sumiu com eles. Adiante encontrou um rio e não podia atravessar com os dois meninos de uma vez. Deixou um do lado do rio e foi atravessar o outro. Voltou pro outro lado e não achou o outro filho.

Pronto! Agora sim! Fiquei sem a mulher e os filhos!

Aí ganhou o mundo. Foi sair na Rússia, onde só tinha negros. Chegou lá foi pegado pra ser cativo dos russos. Mas ele era muito bom. O patrão dele queria muito bem a ele.

Quando foi uma noite, viu os ladrões roubarem o patrão dele. Ele pressentiu, matou os ladrões e livrou o patrão de morrer.

Quando o patrão acordou, ele contou a estória do morto e ele ficou muito satisfeito, deu uma carta de alforria a ele e ele saiu pelo mundo, ganhou o mundo, foi sair numa montanha. Um dia estava trepado num pé de árvore muito alto, quando lá vinha um príncipe atrás de um leão. O príncipe era filho único do rei, muito valente. O príncipe ouvia dizer que o leão era o animal mais valente que existia. Tinha vontade de brigar com o leão. Andava caçando umas caças com uns companheiros e encontrou um rastro de leão e seguiu viagem. Quando avistou o leão, haja luta. Tinha lutado muito, o leão tinha botado ele no chão e estava já matando ele. Então ele que tava trepado, viu aquilo, disse:

- Vai matar aquele homem e aquele homem vai ser a minha salvação na vida!

Rolou no chão, danou a navalha e matou o leão. Quando matou o leão, o príncipe que estava caído no chão, perguntou quem era ele e ele contou a vida dele.

- Ah meu Deus! Sei que pai não vai ter mais gosto de me ver!

Todo cortado!

Ele disse!

- Você sabe é o reinado do seu pai? Eu lhe levo.

- O rumo eu sei fazer.

Botou o príncipe nas costas, saiu com ele. Quando chegou na casa do rei, o príncipe contou a estória.

- Meu pai, esse homem foi quem me livrou de morrer dentro das montanhas. O senhor não me ver mais nunca! Agora vou pedir ao senhor uma coisa, que vou morrer. O senhor faça de conta que ele é seu filho.

O rei lutou muito com o filho, mas ele morreu, o príncipe morreu. O rei ficou com tanto desgosto que tirou a coroa dele.

- Tome, você vai ser o governador.

Agora vamos voltar para a mulher. A pobre da mulher ficou lá dentro do navio e todo dia o comandante “perseguiu” ela mas ela não o aceitava.

As crianças se puseram homem sem saber nem de um nem de outro. Desde que chegaram nessa cidade, sentaram praça, todos dois.

Quando o navio encostou no porto, mandou pedir dois ordenanças pra fazer guarda aos presos que trazia. Aí mandaram os dois soldados novos.

Os soldados lá, de noite, foram conversar. O mais velho lastimava a vida dele. “Quem fui eu na minha vida.” Contou a vida dele desde o começo do sonho do pai até o fim. Contou da mãe dele que tinha ido embora. Contou do irmãozinho que tinha ficado, tinha desaparecido, tinham carregado.

Quando terminou de contar a estória, o outro disse:

- Sendo assim, nós somos irmãos! O menino sou eu!

Aí se abraçaram e ficaram alegres todos dois. A mulher que estava presa ouviu aquela estória, quando foi no outro dia disse ao comandante:

- Bem, até hoje eu não fiz nada com você, mas, de hoje por diante, se você fizer um pedido, eu vou fazer vida com você.

- O que é?

- Pra você me levar à casa do rei.

- Está certo, levo com muito prazer!

Comprou roupa bonita e levou a mulher. Trajou-se pra ir pra casa do rei. Não sabia ela que o rei era o esposo dela e nem ele sabia dela também.

Quando ela chegou na casa do rei ele nem conheceu e nem ela conheceu o rei. Fazia muitos anos!

- Quer que a senhora quer?

- Eu quero que o senhor mande buscar aqueles dois soldados que sentaram praça aqui na cidade, e foram fazer guarda aos presos lá no navio.

Mandou chamar os dois soldados. Quando chegaram, vinham com medo até de morrerem.

Disse:

- Quero que vocês contem a estória que vocês contaram essa noite no navio.

Eles ficaram com medo. O mais velho disse;

- A estória foi essa....

Começou a contar a vida dele o que tinha se passado com o pai, do sonho do pai, até chegar ao ponto que o pai tinha deixado eles no rio e tinham carregado eles. Aí o outro disse que era irmão dele.

Quando terminou o rei disse:

- Pronto! Vocês dois são meus filhos! Podem tirar as fardas e vestir... Vocês agora vão ser príncipes!

Ela disse:

- Pois se eles são seus filhos mais são meus filhos que atrás deles já ando eu até aqui!

- Foi uma grande alegria deles! Foram viver o resto da vida a gozar e pegaram o comandante, mataram e eles foram gozar a vida até morrer, como no sonho.

(Severino Carrero. Catolé do Rocha-PB. In MAIA, 1995, p. 72).

Uma história de sonhos que se repetem, para que através deles se faça presente a aparição de uma voz que anuncia e propõe uma mudança na sua vida do rico religioso: *Era um homem rico mas muito religioso e ele sonhou uma noite se ele queria passar bem morto ou mal onde estava. Duas noites encarrilhadas.* Essa é a estrutura discursiva que propõe a narrativa para nos contar sobre as coisas do Além. É através dela que será construída a história de desencontros, perdas econômicas, sofrimentos materiais e espirituais da família, modos de retratação e expiação de pecados e pecadores.

A dúvida e incerteza do rico sonhador não recaem sobre o sonho e a voz, mas sobre o que deveria fazer com relação às orientações que através dele recebera. Quando o marido conta à mulher sobre o que aconteceu não deixa margem para dúvida, expõe como um fato: *“Mulher, faz duas noites que uma voz me pergunta se eu quero passar bem morto ou mal onde vou ficar”*. Como resposta, a mulher expõe o seu ponto de vista que ao dele se assemelha: *“Pois se esta voz vier de novo, você diga que quer passar mal morto, e bem onde vai ficar. Enquanto você for morto pode ser com o bem ou o mal”*.

Assim, a presença dos sonhos e da voz não assusta os personagens dessa história; são, antes, elementos mostrados como integrantes do universo de suas crenças. Daí porque não se apresentam, na narrativa, questionamentos que ponham em dúvida o que para eles é um fato: aparições e sonhos são possíveis, existem e têm uma função nas suas vidas e nas suas expressões culturais. E essa é a questão que me interessa mostrar aqui: sonhos, visões, aparições e viagens ao Além, recorrentes nessas histórias, são integrantes de um universo imaginário, sendo, ao mesmo tempo, faceta de um campo mais amplo de uma cultura e de uma memória religiosa, estabelecida através de séculos que na sociedade nordestina é reformulada de acordo com a vivência cotidiana de conflitos espirituais e sociais.

O sonho como tradição narrativa está diretamente ligado ao universo bíblico com representações no Velho e Novo Testamento. Como mostrou Le Goff (1994, p. 326),

mal-estar, desconfiança e vigilância passaram a ser atitudes comuns na história do cristianismo durante a qual os sonhos passaram a ser vistos como fonte de pecados, de luxúrias e de heresias, portanto, matéria a ser controlada:

[...] a incapacidade da Igreja para fornecer ao cristão critério de distinção das origens e, portanto, do valor dos sonhos leva a forçar quem sonha a recalcar os seus sonhos. A sociedade cristã da Alta Idade Média foi uma sociedade de sonhadores frustrados. Até na liturgia se infiltrou a propaganda contra os sonhos. No hino das completas *Te lucis ante terminum*, atribuído a Santo Ambrósio, cantava-se *Procul recedant somnia et noctium phantasmata*: ‘que recuem os sonhos e os fantasmas da noite’.

Em contrapartida, enquanto que a reflexão teórica sobre os sonhos era pobre e essencialmente negativa, os relatos de sonhos começavam a fervilhar e a disseminar-se na literatura eclesiástica, hagiográfica e/ou didáctica.

Como diz o autor, sob suspeita e vigilância, o domínio dos sonhos ganha espaço e chama para si as atenções e as preocupações da Igreja cristã em expansão. Esta cuida em administrar ao seu favor essa matéria delicada e constrangedora, domesticando e instituindo os sonhos possíveis; os sonhos dos privilegiados, indivíduos dos meios monásticos, da realeza ou dos mártires.

Dessa abundante literatura, Le Goff (1994, 327-328) faz referência a um texto histórico – *Diálogos de Gregório Máximo* – sobre o qual diz:

Aquilo que é talvez mais impressionante nestes sonhos ou visões que Gregório Máximo conta é a parte que neles cabe a tudo quanto diz respeito à salvação, ou seja: a morte e o Além. Estava a abrir-se ao sonho um novo território, o do Além; o sonho e a visão tornaram-se veículos e formas da viagem ao Além. O domínio do sonho encolhera nos temas mas estava a abrir-se ao sonho outro domínio, imenso, no qual ele tocava – como na estreita ponte do Além – o Paraíso e o Inferno.

Matéria perigosa porque subvertia os princípios cristãos, afinal, os sonhos foram desde cedo o alvo da censura cristã:

[...] quando o cristianismo se tornou religião tolerada e, depois, oficial, a hierarquia eclesiástica fez questão de vigiar cada vez mais a vida religiosa dos fiéis e procurou, em particular, canalizar ou evitar os contactos directos – sem sua mediação – dos fiéis com Deus. O sonho era suspeito porque curto-circuitava a intermediação eclesiástica nas relações dos fiéis com o seu Deus. (LE GOFF, 1994, p. 311)

De acordo com Le Goff, essa autonomia interpretativa das coisas sagradas e principalmente essa via de acesso directo ao paraíso celestial, através dos sonhos, são ameaçadoras, porque anunciadoras e instituidoras de uma acção religiosa por parte dos homens comuns, dos destituídos, segundo a ótica cristã, de capacidade de conduzirem sozinhos seus valores religiosos.

Mas, essa questão do controle dos sonhos pode ser pensada, sob a ótica dessas histórias contadas, a partir de outro prisma. Através delas, parece criar-se uma zona legal apaziguadora e controladora desse fogo comum das paixões e desejos dos pecadores sonhadores. No terreno das histórias, sonhos, como mecanismo de contacto com o Além, ainda são possíveis. Os sonhos continuam ocupando lugar de destaque no campo das práticas culturais e populares dos nordestinos, como prova dos limites do controle da oficialidade cristã sob a matéria religiosa e de crença dos populares. Os Sonhos não autorizados não são extintos nos meios culturais. Ao contrário, possuem tanta importância quanto significados, ao revelar uma rede social e cultural, composta de elementos e modos discordantes das liturgias oficiais. Essa constatação não seria, por exemplo, o que nos revelam as atitudes e acções do personagem da história *O Sonho do Homem*, narrada pelo contador Severino Carreiro, de Catolé do Rocha?

Lembremos que a personagem dessa narrativa era um homem rico, mas de fé: *Era um homem rico mas muito religioso e ele sonhou uma noite se ele queria passar bem morto ou mal onde estava. Duas noite encarrilhadas.* Talvez por ser um homem de fé, tenha sido privilegiado com um sonho e a aparição da voz, capaz de anunciar-lhe o futuro e ainda propor-lhe uma escolha. Todavia, parece esboçar-se, no contexto dessa história, uma situação e uma atitude pouco compatíveis com o que se espera de um bom cristão, de um

homem de fé: depois da morte, o narrador afirma poder *passar bem ou mal*. Interessava-lhe, *passar bem* enquanto vivo.⁴⁹

Essa sua atitude é reveladora de uma postura que, de certa forma, vai de encontro à orientação autorizada pela Igreja para o contato com o Além. Esse deveria ocorrer mediante a relação com o destino pós-morte, ou seja, atrás das almas. A partir de narrativas como essas, é possível dizer que alguns desses personagens são indivíduos, que se apropriam diferentemente da fé. No caso do personagem da história do homem rico, sua certeza é a de que, no plano terreno, a vida não era fácil, daí a sua opção pela realização pessoal no plano terrestre. A posterior situação de pobreza causa nessa história mais temor do que poderia saber a personagem a respeito do que significava sua opção profana e pecadora que, contraditoriamente, lhe permitira voltar a viver bem na terra: *“Foi uma grande alegria deles! Foram viver o resto da vida a gozar e pegaram o comandante, mataram e eles foram gozar a vida até morrer, como no sonho.”* Uma história notadamente exemplar sob dois aspectos. Um deles o fato de ser um homem de fé, agraciado pelo sonho como meio de resolver sua situação. O outro o fato de ser um homem de fé não convencional sucumbido pela atração dos bens materiais em detrimento dos bens espirituais. Ou seja, uma história de modos e atitudes perante o religioso diferente do padrão oficial.

Narrativas de sonhos dessa natureza talvez incomodassem ouvintes e narradores, embutindo-lhes medo e culpa. Todavia, histórias como esta parece dizer de certa variação e graus diferenciados de posturas de fé. A postura adotada aqui nesta história pode ser desagradável aos olhos da pedagogia cristã, mas adaptável à consciência religiosa daquele que a adota. Caber-nos-ia, então, indagar a respeito do significado dessa opção, procurando compreender se ela diz respeito a uma atitude de rompimento total ou rejeição parcial da matéria cristã reguladora da vida dessa gente.

Penso ser mais adequado falar-se de um processo de apropriação das coisas sagradas pelos fiéis comuns, em que se verifica uma certa autonomia em relação à leitura e à interpretação recomendada pelos textos cristãos oficiais. Essa autonomia, antes de

⁴⁹ O contador de história de Assunção - PB, José do Santo, narra uma versão dessa história em que o personagem em discussão com a aparição é um pescador.

significar rompimento, procura suavizar, no nível do cotidiano dessa gente, o peso do sacrifício cristão, depositado na relação fé e pecado. Ou seja, estamos diante de uma postura reveladora de uma formulação e de um universo religiosos peculiares aos indivíduos dos meios populares. Em outras palavras, trata-se de uma clara representação do que, neste trabalho, estamos considerando como religiosidade popular,⁵⁰ reveladora de uma relação de trocas e intercâmbios convenientes aos religiosos e às necessidades espirituais de seus fieis.

3.4 SOLIDARIEDADE COMO VINCULO ENTRE TERRA E ALÉM

O trânsito entre terra e o Além se intensifica através de uma série de situações em que personagens do outro mundo, entes familiares aos seus convívios na terra, ocupam lugar na imaginação das pessoas, tornando-se uma constante em suas narrativas e revelando uma relação de interdependência entre humanos e entes sobrenaturais. Caso da história seguinte:

O PÁSSARO DAS PENAS DE OURO

Era uma vez um rapaz que trabalhava na casa de um homem muito rico. Quando foi um dia, o homem disse:

- Olhe João, eu só almoço quando você for pegar uma faca que perdi no mato.

João chamou um companheiro, ganharam o mato, mas não encontraram a faca. O rapaz encontrou uma pena toda de ouro e disse pro companheiro:

- Vamos embora.

Quando chegaram em casa, disse pro patrão:

- Não encontrei a faca que o sr. Mandou procurar. Encontrei essa pena e com muito prazer vim lhe oferecer.

⁵⁰ Ao falar em uma religiosidade popular procuro aproximar esse conceito da noção apresentada por Laura de Mello Souza (1986) como referência de uma realidade de fé multifacetada, em que traços de tradições de crenças se entrecruzam como reflexo do contexto de formação e vivência distintas da realidade histórico-social.

O patrão ficou muito satisfeito e abraçou João. O outro ficou com inveja e disse ao homem:

- João disse que quem deu a pena de ouro é capaz de lhe dar o pássaro também.

O homem mandou chamar João e disse:

- Você disse que me deu a pena e é capaz de me dar o pássaro.

João disse:

- Eu não falei isso não, meu senhor, mas como o senhor tá dizendo eu tenho que ganhar o mundo pra ver se consigo.

O homem falou:

Então, vai pegar aquele burro, bota a sela nele, pega o outro burro bota a cangalha e duas caixas de dinheiro e ganhe o mundo. Só volte quando trouxer o pássaro dono da pena de ouro e você casa com minha filha.

Aí o rapaz saiu; chegou na cidade parou um pouco e viu uns cachorros brigando. Ele perguntou assim a um rapaz que passava:

- Por que é que esses cachorros estão brigando?

É o seguinte: aqui na nossa terra quem morre devendo não é enterrado. Bota pros cachorros comer. Se achar um filho de Deus que pague a conta aí ele é enterrado.

O rapaz disse:

- Então procure aí as pessoas a quem ele ficou devendo que eu vou pagar tudo.

Aí ele pagou toda a conta, mandou fazer o enterro e seguiu viagem.

Quando ele saiu fora da cidade, ele encontrou um macaco que se atravessou no caminho. Ele foi e disse:

- Macaco sai do meio do caminho, porque eu já tou aperriado da minha vida e tu me atrapalhando.

O macaco falou:

- Eu queria te ajudar. Entra naquele buraco ali e o que tu achar de mais interessante tu traz.

O rapaz entrou e lá encontrou uma estribaria de cavalo. Pegou o cavalo mais bonito que encontrou. Adiante, ele encontrou uma sela que era igual à cara do cavalo. Ele pegou a sela. Aí o macaco avisou:

- Só traga um objeto.

Ele disse:

- Mas...

Quando ele pegou a sela, deram uma surra nele de matar.

Ele saiu fora.

O macaco disse:

- Olha o que foi que eu te disse, João, que só pegasse um objeto. Então, vamo.

Ele saiu. Adiante o macaco novamente atrapalhando o caminho.

Ele pediu:

- Deixe eu seguir minha viagem.

O macaco disse:

- Olha, eu quero te ajudar. Aí mandou ele entrar noutro buraco que tinha assim em frente.

Ele entrou, aí encontrou um salão completo de moça bonita, cada uma mais bonita. Mas teve uma que ele simpatizou. Aí quando chegou ele, ele viu um sapato e disse:

- Esse sapato só pode ser dessa moça.

Pegou o sapato. Aí deram uma surra nele. Ele saiu fora.

O macaco disse:

- Eu não te disse, eu não te disse que não pegasse dois objetos. Você é um teimoso mesmo.

Ele saiu. Mais adiante o macaco apareceu novamente e disse:

- Entre aqui.

Ele entrou noutro buraco. Chegou lá, tinha um viveiro de pássaro de toda finalidade. Tinha justamente o pássaro dono da pena. Aí ele pegou o pássaro e trouxe. Adiante encontrou uma gaiola de ouro. Ele pegou a gaiola e disse:

- Só pode ser desse pássaro.

Aí deram uma surra nele.

O macaco disse:

- Mas João, tu sois tolo mesmo. Tá cumprida a minha tarefa e não tá. Você ai embora. Lá você entrega o presente a seu patrão e no mais tardar comum ano eu vou buscar seu primeiro filho.

- Tá certo.

Aí ele foi, chegou na casa do patrão, entregou o pássaro. O homem ficou muito contente e apressou os preparativos do casamento.

Com um ano ele tava bem satisfeito com um filhinho bem mimoso, aí o macaco chegou.

- Vim receber o que eu lhe pedi.

Aí ele disse:

- Pronto, tá nas suas mãos.

O macaco disse:

- Olhe, eu não quero seu filho. Eu sou a alma daquele cidadão que você enterrou, que os cachorros tava comendo. Em paga daquilo eu não levo o seu filho. Adeus e até.

(O Pássaro das Penas de Ouro. In: REGIS, 1992, p. 32).

O exemplo dessa história retoma, de algum modo, o tema antigo das almas de pessoas que, tendo morrido em pecado, padecem suas culpas. Nesse modelo, vivos e mortos se encontram através de uma rede de solidariedade, bem ao exemplo da solidariedade entre mortos e vivos de que fala Moràs (2001, p. 285-286):

A possibilidade de supressão das faltas pelos parentes em vida deixou marcas também nas concepções relativas ao pós-vida. Admitia-se, na Idade Média, que o julgamento Último se daria no fim do mundo. O que acontecia com as almas nesse intervalo permanecia uma questão aberta para o pensamento teológico e anterior à definição do purgatório. Entretanto, a solidariedade dos vivos em relação aos mortos agiu de forma a produzir uma demarcação de um tempo *post mortem*, em que as penas dos mortos começam logo após o seu falecimento e são aliviadas conforme os vivos (seus parentes, os religiosos em geral, etc.) passam a auxiliá-los com os sufrágios.

Ou seja, a preocupação com o destino das almas da cultura religiosa ocidental atravessou fronteiras, visitou o mundo colonial, deixando suas marcas na constituição da religiosidade popular, a exemplo da realidade religiosa expressada por essas histórias de folhetos e dos contos populares.

Sobre essa questão, trabalho pioneiro foi desenvolvido por João José Reis (1991), trazendo à tona uma cultura religiosa colonial brasileira e nordestina preocupada com a questão da morte e do destino das almas. Essa preocupação era demonstrada em rituais fúnebres que aconteciam, quando havia tempo, no momento que antecedia a morte – através de cuidados para que essa fosse uma boa morte –, passando pela preparação e apresentação do morto para suas despedidas e pelo seu encaminhamento com destino ao céu. Sobre essa cultura do bem morrer, Reis (1991, p. 90) resgata o percurso dessa tradição em terras nordestinas:

A Bahia da primeira metade do século XIX tinha uma cultura funerária com as características que acabo de descrever. E era assim em grande parte por suas raízes em Portugal e África. Em ambos os lugares encontramos a idéia de que o individuo devia se preparar para a morte, arrumando bem sua vida, cuidando de seus santos de devoção ou fazendo sacrifícios a seus deuses e ancestrais. Tanto africanos como portugueses eram minuciosos no cuidado com os mortos, banhando-os, cortando o cabelo, a barba e as unhas, vestindo-os com as melhores roupas ou com mortalhas ritualmente significativas. Em ambas as tradições aconteciam cerimônias de despedida, vigílias durante as quais se comia e bebia, com a presença de sacerdotes, familiares e membros da comunidade. Tanto na África como em Portugal, os vivos – e quanto maior o numero destes melhor – muito podiam fazer pelos mortos, tornando sua passagem para o além mais segura, definitiva, até alegre, e assim defendendo-se de serem atormentados por suas almas penadas. Espíritos errantes de mortos circulavam tanto em terras portuguesas como africanas. Para protegerem-se e protegerem seus mortos desse infeliz destino, portugueses e africanos produziam elaborados funerais, o que os tornava mais próximos uns dos outros do que, por exemplo, os católicos dos protestantes, estes últimos adeptos de funerais ritualmente econômicos.

Em terras do Brasil, desde os tempos coloniais, tradições de negros e brancos se fundem em uma cultura religiosa que espelha, em seus princípios, uma forte preocupação

com a morte e os mortos. No referido estudo e, especificamente, sobre o papel das irmandades na história da cultura religiosa brasileira referente aos mortos, Reis (1991, p. 59) diz:

As irmandades, sobretudo, mas não exclusivamente, as negras, foram, pelo menos até o Brasil-Império, os principais veículos do catolicismo popular. Nelas os santos muitas vezes ganhavam precedência sobre o Deus Todo Poderoso, e este se contentava com o estatuto de grande santo. As irmandades eram organizações como um gesto de devoção a santos específicos, que em troca de proteção aos devotos recebiam homenagens em exuberantes festas.

Atraindo para si uma responsabilidade direta pelo tema da morte e pela situação do morto, a Irmandade de Nossa Senhora de Assunção da Boa Morte ainda é hoje viva, em terras nordestinas, na cultura de mulheres afro-descendentes que no mês de agosto fazem reverência ao seu culto, em grande manifestação espiritual, gestual e simbólica, característica de um sincretismo religioso evidente e prova de uma história de resistência das tradições.

Como observa ainda Reis, nessas celebrações, *carnavalização da religião*, o sagrado e o profano quase sempre se justapõem e, às vezes, se fundem, dando conta de um universo religioso marcado e influenciado por práticas pagãs. Em outras palavras, se institui uma relação entre o sagrado e o profano que se encontram em um único axioma.

Notemos, pois, que é dessa tradição de preocupação com a morte que fala a história *O pássaro das penas de ouro*, ao relatar a situação do cadáver que teve seus restos mortais expostos aos animais em praça pública. Foi um estranho que lhe restituiu dignidade, pagando suas dívidas, proporcionando-lhe um enterro e descanso. Trata-se de uma situação que claramente se configura em uma relação de troca de bens espirituais entre mortos e vivos. Caso semelhante, encontra-se nessa outra história:

O FILHO DE JOÃO DE CALAIS

João Calais era um rei que tinha um filho único, muito mimoso.

Fazia todos os gostos do filho. O filho, depois de homem, já rapaz pediu ao pai para viajar a outros países. Mas o rei tinha medo do filho viajar só.

Chamou o comandante, disse:

-Você vai com meu filho e é para fazer todos os seus gostos.

Garantiu ao rei que fazia. O rei botou muita mercadoria no navio e mandou o filho viajar. Então ele foi para outros países e fez muitos negócios, ganhou muito dinheiro. Quando ele vinha voltando, avistou uma cidade que não tinha passado e pediu ao comandante:

-Encoste o navio ali. Quando encostou, que desmontou-se, encontrou um homem morto em praça pública, os cães devorando. Perguntou:

- Que injustiça é essa aqui?

- Respondeu um homem:

- Aqui é o país dos justos. A pessoa que morre devendo qualquer quantia de dinheiro e não tiver com que pagar, é botado em praça pública para os cães devorarem.

Ele disse:

- Pois apareçam todos os devedores deste homem que quero pagar tudo que ele deve.

Veio muita gente, pagou que o homem devia, juntou os restos mortais, sepultou o homem e viajou pra casa do pai no mesmo navio que ia. Encontrou outro navio de outro comandante. Ele pediu licença e entrou. Encontrou uma moça muito bonita chorando. Então falou ao comandante

se vendia aquela moça e ele disse que não, mas ele lutou muito, botou muito dinheiro e comprou a moça. Trouxe para o navio dele. Quando chegou na terra dele, que desembarcou, o pai veio recebe-lo muito satisfeito e perguntou como ele tinha ido.

- Meu pai, fui muito bem de viagem, apurei muito dinheiro mas gastei tudo que levei.

-, Está muito bem, meu filho, você tem muito dinheiro e tem que viver.

-, Está certo!

Contou a estória toda, que tinha pagado as contas do homem que tinha achado morto e tinha sepultado.

- Fez muito bem.

Contou que tinha encontrado a moça chorando no navio e teve pena dela e comprado por muito dinheiro. Queria que ele criasse como filha, não como criada. Ele garantiu que criaria como filha.

A moça ficou. A mãe e o pai queriam muito bem a ela.

Com muito tempo, ele passou a querer se casar com ela. Falou em casamento e ela disse que não podia se casar com ele porque ela era criada dele.

- Não converse isso pra mim não. Você não é minha criada, você é minha irmã de criação.

Mas ela continuou a dizer que não podia se casar com ele. Então ele ficou com muito desgosto, adoeceu, não comia, não dormia. O pai, com muita pena receitava ele com todos os médicos e não havia um que descobrisse doença daquele homem.

Chegou um médico velho na cidade e o rei mandou busca-lo. Ele receitou o rapaz..

- Seu filho não tem doença.

Foi investigar se ele não tinha algum desgosto o que ele tinha sentido na vida...até que descobriu. O desgosto dele era porque desejava casar com aquela moça e ela não tinha querido. Contou a estória e o doutor foi contar ao rei.

- Senhor rei, a doença do seu filho é desgosto, porque ele quer se casar com essa dita moça e ela não quer. Ele está com desgosto e vai morrer.

O rei mandou chamar a moça:

- Por que você não casa com seu irmão de criação?

- Eu não posso casar com ele porque sou criada dele.

- Não! Você não me fala mais em criada! Você vai se casar com meu filho.

Fez o casamento, foi muita alegria.

Depois de casada, ela descobriu:

- Eu também sou uma princesa. Eu sou filha do rei Fulano, de outro país.

- Eu estava no jardim do meu pai aguardando, quando passou aquele infeliz comandante e me roubou.

Mais alegre ele ficou. Foram passear n'outro reinado. Quando chegou lá, o rei recebeu eles muito satisfeito, muito alegre, perguntou como tinha sido aquilo. Então ele contou a estória. O rei mandou matar o comandante e disse:

- Você agora vai tomar conta do meu reinado.

Ele disse que não ia porque era filho único também, ia pro reinado do pai.

Tinha um príncipe, primo da princesa, que tinha muito desejo de casar com ela. Então fez-se amigo do príncipe, mas para dar fim a ele. Disse ainda que ia com ele pro reinado e viajaram no mesmo navio. A noite o navio começou a encher d'água com a ventania. Eles foram esgotar. Apagou a luz e ele aproveitou pra jogar o marido da prima n'água. Quando acenderam as velas do navio, cadê o marido? A mulher se aperreou, caçou o marido e não achou, ficou muito desgostosa. Voltou pra casa do pai e mandou dizer ao sogro que ele tinha desaparecido.

Ficou o homem sofrendo dentro d'água. Agora, quando ele caiu n'água achou uma tábua que saiu carregando ele e encontrou uma fera muito cabeluda que acenou pra ele dizendo que acompanhasse ela. Ele acompanhou. Mais na frente, ela levantou uma pedra e mandou que ele entrasse – acenando – Quando ele entrou ela cobriu com a pedra. Aí foi atrás de comida e trouxe. Toda noite ele sentia o ressonar da fera em cima da pedra.

Vamos deixar ele aí e vamos voltar à princesa.

O príncipe, primo dela, pegou a iludir a princesa para se casar com ele e ela sem querer. Com mais de um ano que o marido não aparecia, resolveu se casar com o primo. Na véspera do casamento, a fera, a serpente, falou:

- Sabe quem sou eu?

- Sei não.

- Sou a alma do homem que você fez a caridade. Foi Deus quem me mandou pegar você. Sua esposa vai se casar amanhã com aquele dito homem que jogou você no mar. Ele ficou muito triste!

- Como é que eu vou?

- Você feche os olhos e se peque comigo.

Ele fechou os olhos se pegou com a serpente. Quando ela disse:

- Abra os olhos!

Quando abriu, estava dentro do jardim.

- Esse jardim é da casa do seu sogro e aqui nesta casa tem uma criada que foi da casa do seu pai. Sua mulher quer muito bem a essa criada, nunca soltou ela e hoje, a meia-noite, ela vem aguar o jardim.

Ele de lembrança, só tinha de resto um anel muito bonito no dedo que sua esposa lhe deu.

- Olhe: quando ela vier, você se apresente. Ela vai correr com medo, pois jura que é uma alma.

Quando a nêga veio aguardar o jardim que avistou, correu!

- É a alma dele!

Aí ela requereu como se ele tivesse morrido. Ele respondeu:

- Eu estou vivo.

Ela chegou e perguntou como tinha sido aquilo.

-Foi seu amo, que vai se casar com a princesa. Foi ele quem me botou nesse sofrimento.

Ela levou ele escondido, botou lá no reinado, com a princesa.

- Nêga tu vai na casa do barbeiro e diga a ele que venha aqui.

Era um barbeiro muito bom que tinha na cidade.

- Diga que venha escondido. Se ele não vier, eu mando mata-lo amanhã.

Quando a nêga chegou pra dar o recado, o barbeiro assombrou-se.

- Eu não vou não! Se eu for na casa do rei a essa hora, ele me mata!

A nêga disse:

- Pois se você não for, ela manda lhe matar também.

O barbeiro disse:

- Sabe de uma coisa? O jeito que tem é eu ir, porque se eu não for morro, e se ficar é arriscado morrer também, assim eu vou.

Chegou lá à noite no reinado. A princesa levou ele, mandou cortar o cabelo, tirar a barba, cortar as unhas, trajou o marido com muita alegria, mas sem ninguém saber, escondido. No dia seguinte continuou a festa no reinado, sem ninguém saber. Na hora do casamento, trajou-se para se casar. Estavam lá, padre, doutor, tudo! Toda gente mais ou menos.

Ela pediu:

- Você me dá licença para eu lhe fazer uma pergunta.

Ele disse:

- Pode fazer.

- O meu sogro me deu um bauzinho de ouro e eu tinha muito prazer com esse bauzinho, aí um dia, perdi a chave do baú e mandei o ourives fazer outra. Ele fez. No dia que chegou a chave nova, eu achei a chavinha velha do baú. Qual é a chave que devo ficar usando?

O dito que queria ser esposo dela:

-Ah, a chave velha que você já estava acostumada. Essa nova, você guarda pra quando um dia perder a velha, você tem a nova.

Ela entrou, trouxe o marido de braços dados e disse:

- Infeliz! Como é que você quer que eu me case com você, meu marido sendo vivo! Foi você quem quis acabar com a vida dele!

Aí o rei mandou matar o príncipe e foi uma grande alegria! Ele foi viver o resto da vida com a esposa na casa dela.

(Severino Carrero.Catolé do Rocha –PB. O Filho de João de Calais In: MAIA, 1995, p. 50)

É interessante notificar que a história de João de Calais é recorrente: aparece com frequência tanto no universo dos contadores de história quanto no universo dos

cordelistas. Contadores de todas as regiões abrangidas por este estudo apresentam uma versão dessa história. Apenas algumas variações de títulos são verificadas.⁵¹

Nesta história, a trama também é costurada pelas ações de uma alma que pertence à categoria das desvalidas ou desamparadas. Os seus restos mortais, entregues à festa dos cachorros em praça pública, denunciavam sua dívida e seu pecado. Daí que sua intenção e finalidade ao se colocar em contato com os humanos têm, pode-se dizer, os mesmos propósitos: praticar o bem e redimir-se dos erros e pecados cometidos. Mas, sua salvação depende da ação e da piedade humanas. E, quando isto acontece, “exige” uma retribuição. Foi com essa intenção que a alma voltou para ajudar aquele que pagara suas dívidas e fizera seu enterro: *Sou a alma do homem que você fez a caridade. Foi Deus quem me mandou pagar você.* Antes era uma alma perdida, alma peregrina – ou, como popularmente se denominou por toda sociedade nordestina, alma penada –; agora, alma salva e agradecida. Esse é outro exemplo de uma tradição religiosa de preocupação com o morto, inclusive com o seu corpo.

Como chama atenção José Reis (1991), uma das formas mais temidas de morte era a morte sem sepultura certa. Temor maior em se tratando de pessoas pobres cujas dificuldades materiais impossibilitavam muitas das vezes um enterro digno. Daí porque uma rede de solidariedade entre vivos e mortos se estabelece como princípio e obrigação espiritual do cristão para cuidar do morto.

Outras situações de conflitos vivenciadas pelas almas aparecem em histórias como *O Rico e o Pobre* e revelam outras representações de um imaginário do Além cristão através de um caso em que a alma é perseguida pelo Cão.

O RICO E O POBRE

Era uma vez um rico e um pobre.

O rico era compadre do pobre. O pobre tinha uma terra muito pouca e o rico andava atrás de tomar e conseguiu.

⁵¹ Em Assunção-PB, no ano de 1994, o contador de histórias José de Santo, narra uma versão em que diz ser a história de João de Calás. Sobre a mesma o narrador diz: *Essa de João de Calás é muito comprida. É um exemplo, quase como um exemplo, viu!*

Foram pra o mato, eles dois, caçar e quando chegaram lá o rico furou os olhos do pobre. O pobre ficou perdido pelo mundo sem saber ir pra casa, andando por aí. Chegou num canto, pegou num pé de pau liso e conseguiu subir no pé de pau e ficou lá em cima. Aí, na base de umas cinco da manhã começou a chegar os cão. Era o lugar onde eles se reuniam, juntava muito cão ali. O maioral falou:

- Agora contem suas histórias.

Um cão disse o seguinte:

- Tem um rico aí que furou os olhos do pobre. Ele anda por aí vagando. A alma dele vai ser minha. Se ele soubesse era só ir naquela lagoa ali lavava os olhos e ficava bom. Mas ele não sabe... a alma dele é minha.

O maioral disse:

- Certo.

O pobre escutava tudo em cima do pé de pau.

Outro cão apresentou-se.

O maioral disse:

- Conte sua história também. Ele foi e contou:

No canto “fulano de tal” ta uma seca maior do mundo, ta morrendo todo mundo de sede e o gado todo. Lá tem uma pedra, se soubessem era só levantar a pedra e ia ter muita água e não ia ter muita água e não ia ter mais briga nenhuma. Vai morrer muita gente e eu tomo conta das almas deles.

- Certo, disse o maioral.

Falou outro cão:

- Na casa do rei ta uma mulher com uma ferida na perna que não tem tamanho. Vai morrer daquilo e a alma dela vai ser minha. Se soubessem era só passar um galho daquela planta, e apontou para a planta, na ferida e ela ficava boa.

O maioral disse:

- Certo.

Acabou a reunião e eles foram embora.

O pobre desceu da árvore e foi procurar a lagoa. Chegando lá, lavou os olhos e ficou logo vendo tudo.

Procurou o lugar onde o povo e os bichos tavam morrendo de sede.

Chegando lá, disse:

- Quanto vocês me dão pra eu deixar aqui tudo cheio d'água?

Eles disseram:

- É doido? Não vem pra cá que nós te mata. Aqui! Sereis Deus pra fazer chover?

Ele disse:

- Não. Mais experimentem pra ver.

Um deles disse:

- Eu lhe dou trinta vaca. Outro disse:

- Eu lhe dou muito dinheiro.

E assim, todos prometeram muita coisa pra ele.

Ele disse:

- Levante essa pedra daí.

Quando levantou, foi muita água, sabe? Água que não acabava mais. O povo ficou contente que nem acreditava no que via.

Recebeu o que tinham prometido, ficou rico.

Depois ele foi na casa do rei e falou pra ele:

- Como ta sua mulher?

Ele disse:

- Minha mulher ta com uma doença que não tem médico pra dar jeito.
O homem disse:
- Eu tenho um remédio bom. O senhor faça uma fogueira grande na frete da casa. Depois tirou de debaixo da cama um litro que tinha um sapo dentro. Pediu uma cortiça, tapou a boca do litro. Quando a fogueira tava a maior do mundo jogou o litro dentro e viu foi o pipoco: bei.
O cão saiu com a molesta.
Ele passou o galho na perna da mulher e ela ficou boa.
O pobre ficou ainda mais rico com o que recebeu do rei.
O compadre rico, sem saber como compadre pobre voltou a ver e enricou tanto, perguntou:
- Compadre, onde foi que você arrumou tanto dinheiro desse jeito, rapaz?
Aí ele disse:
- Não, você não quer ser cego como eu fui, né?
- Faça o teste.
Pois vamos lá:
Chegou lá, furou os olhos dele e disse:
- Suba nesse pau e espere. O rico subiu, ficou lá e esperou.
Quando foi na hora que os cão chegaram, tudo lascando, foram dizendo:
- Tinha gente aqui escutando o que a gente falou, tava dizendo ontem. Tinha gente escutando, aposto como tinha. Nisso olharam pra cima e viram o rico.
- Desce daí, semvergonha, desce daí.
Largaram o pau no pobre do homem e mataram ele.
Disseram:
- Por causa desse cara perdemo muita coisa, perdemo de ganhar muita alma que tinha por aí, um bocado de coisa.
E tomaram conta da alma do rico.

(Cristovão da Silva Vieira. O Rico e o Pobre. Patos – PB. 1977. In: NOBREGA, Ivaldo.(Org) Contos Populares da Paraíba:Patos.João Pessoa: União, 1996, p.p. 72-73).

Não são apenas as almas que vêm do Além e reforçam a idéia de familiaridade entre vivos e mortos, forças do mal e do bem. Outros personagens como os Anjos, Jesus, Nossa Senhora e o Cão também vêm aqui, dizem-nos as histórias. Temos nessa história uma clara narrativa dos conflitos sociais em que é revelado um processo de desapropriação e perda da terra pelo pequeno proprietário que sucumbe diante da perseguição e poder do rico. O pobre dessa história tinha uma terra muito pouca, porém cobiçada pelo rico que acaba se apossando da mesma. Com um enredo permeado de situações do cotidiano, essa história expõe o drama social mais representativo dos problemas estruturais do povo pobre nordestino em uma de suas expressões durante os períodos das secas devastadoras de vidas de homens, mulheres e animais. Enfim, temos nessa história um quadro social tão atual

quanto aquele que nos é narrado dia a dia pelos meios de comunicação de massa quando enfocam histórias individuais de pobres que perderam suas terras e migraram para os grandes centros urbanos, ou dão informes das marchas dos sem-terra e suas batalhas travadas com foices, facões e espingardas.

Uma demonstração de como se portam diante dos seus infortúnios emerge nessa narrativa. Conflitos sociais e materiais são vividos dentro de um contexto em que as questões de ordem material se misturam com as questões de ordem espiritual e de crenças, formando uma única realidade.

Na história narrada pelo contador Cristóvão da Silva Vieira, as almas vivem uma situação de perseguição: são procuradas pela figura do Cão. Este vem à terra como caçador de almas e reforça o que dizem outras narrativas: nem todas as almas têm paz, assim como nem toda relação entre vivos e mortos é perpassada pelo bem; há uma permanente oscilação entre bem e mal. Aqui, mais uma vez, a história se presta à exposição de uma crença: a relação entre a morte e a vida é estabelecida por uma linha muito tênue que costura tensões permanentes. Uma vez separada do corpo pela morte, à alma restarão diferentes caminhos, dentre os quais o estabelecimento de uma relação de interseções com os vivos para encaminhá-las rumo ao paraíso, como nos informou, também, os exemplos das histórias anteriores.

Embora seja tratado em lugar oportuno, por hora convém adiantar que, no geral, o caráter das almas e das pessoas perseguidas pelo Cão é apresentado como composto por sentimentos de egoísmo, orgulho e inveja. Esses elementos compõem o corpo da moral e da ética cristã e constitui-se estabelecendo uma escala de valores que devem ser perseguidos, espionados e evitados como parte da luta do bem contra o mal. Luta esta que é travada pelo cristão no intuito de alcançar a sua salvação, seguindo a sua obrigação religiosa de cumprimento dos mandamentos de Cristo.

Mas, continuemos, pois, existem outras narrativas sobre o Cão, como exemplos de contatos entre Terra e Além:

O MENINO DE OURO

Era uma vez um velho que era muito pobre e tinha dois cumpade. Nenhum deles tinha nada.

Um dia ele foi na casa deles falar emprestado o açúcar. Nenhum tinha nada.

O velho disse:

- Eu só queria achar quem me ajudasse, nem que fosse o cão.

Botou a enxada nas costas e saiu pro roçado. Quando chegou no caminho encontrou um homem.

O homem disse:

- Que é que ta maginando, meu velho?

- Vou maginando, disse, porque me arrependi de ter dito que queria achar um cumpadre rico nem que fosse o cão. Mas já me arrependi de ter dito.

O homem disse:

- Meu velho, não diga isso não. Quer ser cumpade meu? Eu sou muito rico, não sei o que possuo. Quer ser cumpade meu, vá pra casa e diga a cumade Marcela que eu vou lá.

O velho disse:

- Tá certo.

Voltou pra casa e disse à mulher:

- É o cão.

Ele falou:

- Que cão mulher? É cão nada.

Ela disse:

- Quando ele chegar aqui, diga que eu não tou nem aqui.

Ela entrou pra cozinha. Quando o velho deu fé chegou o cão.

- Cumpade, cadê a cumade?

O velho disse:

- Tá lá dentro, cumpade.

O diabo entrou de casa a dentro.

- Diga, cumade.

- Suma da minha vista, eu não quero nem lhe ver, eu não quero nem lhe ver.

O pessoá que estava lá fora disse:

- Cumade, a cumade é muito braba.

Neste momento, apareceu na cozinha o filho do velho que ainda era pequeno. O nome dele era João.

E o cão falou:

- Cumade, me dê esse menino pra mim.

Ele disse:

- Dou.

O diabo disse:

- Bote aqui no cavalo.

Ele botou.

O cão disse:

- João, feche os olhos, João.

Foram embora.

Com um pedaço ele disse:

- João, abra os olhos.

Quando João abriu os olhos tava dentro do inferno.

O diabo disse:

- João, você vai trabalhar aqui feito padeiro.

João ficou trabalhando de padeiro, mas o chefe dos cães desconfiava dele.

Dizia pra o cão que tinha trazido o menino:

- Mande esse menino ir embora.

Ele respondia:

- Não, não mando esse menino embora não.

Um dia o maioral morreu.

O cão disse a João:

- Eu vou andar três dias, vou arrancar a orelha desse maiorá e você vai comer a orelha dele.

João disse:

- Tá certo padrinho.

O cão andou três dias, João botou a orelha atrás da porta.

Quando voltou, o cão perguntou:

- João, comeu a orelha?

Ele disse:

- Comi, padrinho.

O cão chamou:

- Orelha:

- Oi:

- Onde tu tá orelha?

- Detrás da porta.

- João, tu num comesse a orelha não, João. Eu vou andar três dias, João. Se tu não comer a orelha, vou te dar uma pisa, João.

Ele disse:

- Tá certo, padrinho.

O cão andou mais três dias. Quando andou os três dias, chegou e disse:

- João, comeu a orelha?

- Comi, padrinho.

- Orelha:

- Oi!

- Onde tu tá, orelha?

- Estou dentro do borralho.

- João, tu num comesse a orelha não. Eu vou andar três dias, João. Se tu num comer essa orelha, quando eu chegar te mato.

O maioral dava risada, achava que João tava perdido. O cão saiu, foi embora. Aí João disse:

- Meu Deus, o que é que eu faço?

Pensou, pensou...e disse:

- Eu sei o que eu vou fazer.

Furou um buraco na orelha, botou um cordão e amarrou na cintura. Quando o cão chegou, foi logo perguntando:

- João, comeu a orelha?

Ele disse:

- Comi, padrinho.

- Orelha!

- Oi!

- Onde tu tá orelha?

- Estou na barriga de João.
O diabo disse:
- Ah!....comeu mesmo? João comeu a orelha.
Disse:
- João, aqui tem sete chave, tem sete quarto, você não abra.
Ele disse:
- Tá certo, padrinho.
O cão saiu, foi andar três dia.
João pensou:
- Que mistério tem esses quarto que eu não posso abrir?
Pegou a chave e abriu um quarto.
- Saiu um bocado de galinha.
Ele perguntou a uma delas:
- Galinha, que é que vocês fazem aqui?
- É porque, quando nós era viva, tinha promessa pra pagar, morremo e fomo pedir ao povo pra pagar. O povo amaldiçoou a gente. Aí o cão trancou a gente neste quarto escuro.
O menino mandou elas entrar no quarto e fechou a porta. Abriu outro quarto. Saiu um bocado de meninos.
Ele perguntou a um deles:
- Menino, que é que vocês ta fazendo aqui?
- Nós tamo aqui, porque quando nós era pequeno, nossa mãe dizia:
- Vocês são uns condenado, são uns amaldiçoado. O diabo leve. Nós morremo no tempo de pequenos e o diabo trancou nós nesses quarto. Nós tamo penando assim.
O menino ouviu e disse:
- Entra.
Os meninos entraram e ele fechou a porta. Abriu outro quarto. Quando viu era só ouro. Tocou o dedo. Pelejou pra arrancar, mas não pôde arrancar o ouro. Ele pensou:
- Agora qué que eu faço?
Tirou a roupa todinha e deitou-se dentro daquele quarto que era só ouro, daí a pouco, ficou o menino de ouro. Ele disse:
- Pronto, agora vou embora.
Pegou as sete chave, soltou todo mundo que tava preso ali, depois trancou de novo os quarto todinho, jogou a chave num canto e saiu e foi embora.
Chegou no pé de uma serra. Estava com muita sede. Viu uma pedra. Estava com muita sede. Viu uma pedra que tava derramando água. Foi se abaixando pra pegar água quando ouviu uma voz dizendo:
- Não beba dessa água. Se você beber, você morre.
Ele olhou pra cima e nada viu. Foi se abaixando de novo.
- Não beba dessa água. Se você beber, você morre.
Ele olhou pra cima e nada viu. A voz disse:
- Suba aqui pra cima.
Quando ele chegou lá em cima, viu uma cobra verde. Ficou olhando pra ela como se tivesse com feitiço.
A cobra disse:
- Me acompanhe.
João foi e acompanhou ela. Quando chegou na frente, ela virou numa princesa que era a jovem mais linda do mundo.

Quando chegou na casa dela, armou uma rede pra João; Ele deitou-se e ela ficou balançando, pegada no punho da rede. A mãe dela falou:

- Tu não sabe teu pai como é?

Mande esse rapaz ir embora. A moça disse:

- Mamãe, dê aquele catecisminho pra João olhar ele.

A velha trouxe o catecismo. A moça pegou o catecismo e disse:

- João, isso aqui é a tua felicidade. Vai embora. Quando tiveres em perigo, sopra o catecismo e serás socorrido. Pode fazer isso três vezes.

João foi embora.

Quando chegou no caminho, encontrou o pai da moça. O pai da moça disse:

- Menino, vamo pegar uma luta de corpo.

João disse:

- Vamo. Quem derrubar o outro, tira o couro dele.

O pai da moça respondeu:

- Tá certo.

João tirou o catecismo, dobrou, soprou, uma, duas, três vezes. Apareceu um negão que perguntou:

- Qué que quer, meu patrão?
- Quero que você tire o couro dele.

Na mesma hora, o nego derrubou o pai da moça e tirou o couro dele.

O menino vestiu-se com o couro.

Na mesma hora, o corpo foi se encolhendo, engilhando e ele foi ficando velhinho.

Ele soprou de novo o catecismo. Apareceu o negão:

- que quer, meu patrão?
- Quero voltar à minha forma normal, tirar o ouro que ta pregado em mim, colocar ele no saco, e depois me levar de volta pra junto da princesa.
- A sua vontade será feita, meu patrão.

De repente ele estava junto da princesa.

Ele ficou muito feliz e como já não tinha o pai pra atrapalhar a felicidade deles, casaram com uma grande festa.

João ainda não estava feliz, porque pensava nos pais que tavam muito longe e eram muito pobres.

Assim, soprou de novo o catecismo e o nego falou:

- Diga meu patrão. É seu último pedido.

Ele disse:

- Traga meus pais pra morar aqui.

Assim foi feito. Os pais de João quase morrem de alegria ao ver o filho rico e contente.

Ficaram todos juntos e foram felizes pra sempre.

(Inácio Valentino de Moraes. O menino de Ouro. Patos – PB 1977. In: ARAGÃO, 1992. P. 71).

Como vimos nessa história, o Cão não toma uma atitude passiva de espera pelos seus entes. Ele persegue e introduz entre os humanos as possibilidades de realização do seu propósito. Geralmente o faz, travestido e personificado do mal, disseminando a inveja, o ódio, a vingança e a discórdia. Mas estes não são seus únicos artifícios. Nessa

história, narrada por Inácio Valentino, o Cão vem à terra perseguir e arregimentar almas com a aparência de uma figura do bem. Uma de suas táticas mais recorrentes é ludibriar as pessoas em dificuldades, oferecendo-lhes mudança de vida através da aquisição de riqueza, como conta a história.

Essa postura do Diabo, apresentada por essa narrativa, filia-se à tradição religiosa cristã em que o maligno, desde O Pecado Original, persegue os humanos através do uso de disfarces, como estratégias de aproximação, conforme abordado em estudo por Carlos Roberto F. Nogueira (2000, p. 61):

O diabo podia estar em qualquer coisa ou em qualquer pessoa. Portanto, tudo é suspeito e perigoso, uma vez que Satã e os seus demônios são os mestres do disfarce. Pois seria desastroso se aparecessem sempre aos homens como são na realidade. Assim, apareciam dissimulados em convincentes corpos externos, compostos de ar, vapor, fumaça ou emanções de sangue fresco, assumindo qualquer forma que quisessem.

O uso do disfarce pelo diabo, como forma de amenizar o impacto de um encontro desastroso, como diz o autor, possibilitou situações como as relatadas nas histórias e folhetos em que uma certa normalidade se estabelece entre o diabo e os homens, desencadeando outras atitudes, como as dos pactos entre ambos. A interação com o diabo através de um pacto, como conta a história acima, acontece em pleno dia, e sem imposição de nenhuma das partes: - *Eu só queria achar quem me ajudasse, nem que fosse o cão*. Essa questão é relevante, pois nos faz perceber que essa intimidade com os “entes do outro mundo” é, muitas das vezes, fruto de uma vontade bilateral que os aproxima: uma relação marcada pelo desejo mútuo. Desejo dos vivos de driblarem suas dificuldades materiais e desejo do Cão, de arregimentar almas para seu rebanho. Essa questão contribui para a compreensão e o desvendamento da natureza desse imaginário. Da mesma forma o modo de aparição do cão sob a perspectiva do disfarce explicita formas de crenças, marcadas pela fusão de elementos do plano do fantástico, do mágico e do maravilhoso.⁵².

⁵² Sobre a questão do sincretismo e função de elementos no imaginário religioso popular do Brasil Colonial, ver Souza (1986).

Outrossim, a relação que os vivos estabelecem com os entes sobrenaturais permite múltiplas possibilidades e atitudes. O Cão pode ser aliado ou não, dependendo do contexto e da necessidade para a qual é invocado. No caso da história seguinte, o Cão é ludibriado. Acompanhemos a narrativa:

A MULHER QUE VENCEU O CÃO

Era um cara pobre e vivia pedindo a Deus para enriquecer e nada de Deus dar a riqueza. Quando foi um dia ele se aperriou muito, aí foi e disse:

- Eu só queria, pelo menos que o Cão me desse riqueza por uns tempos.

Quando foi um dia, o Cão chegou na casa dele e disse:

- Você é o homem que tem vontade de enriquecer?

- Sou.

- Pois eu sou o Cão. Eu vou dar a sua riqueza por tantos tempos e com tantos tempos eu venho lhe buscar, marco o dia também.

Aí o cara dentro de pouco tempo começou a enriquecer e a mulher dizia:

- Mas, Fulano, que riqueza é essa que você ta enriquecendo tão ligeiro?

- É sorte.

Mas não dizia que era o Cão que tinha dado. Foi se passando, passando, passando...ele cada vez mais rico.

Quando foi se aproximando o tempo dele chegar, o Cão, ele começou a entristecer e a mulher dizia todo dia:

-Mas Fulano, por que é que você está tão triste desse jeito?

-Mulher isso é da vida mesmo.

Passou, passou, passou...cada vez mais ele entristecendo.

Quando faltavam dois ou três dias para terminar o tempo, ele começou a ficar mais triste do que já vinha. A mulher tornou a tentar para ele dizer o que era. Aí foi ele conseguiu dizer:

-Bem, eu vivia pedindo a Deus para me dar riqueza, uma ajuda, eu vivia na miséria e ele nunca me deu. Eu fui, pedi o mesmo ao Cão e ele me deu. Ele veio aqui, você não estava. Ele me deu essa riqueza e agora vem em tal dia me buscar.

Ela disse para ele:

- Bem, você se conforme. Se ele vier e ainda fizer negócio, vão os dois; você só não vai.

Ele disse:

- Tem até a hora dele vir me buscar.

- Qual é a hora?

- 12:00 hs.

- Está certo.

Aí 12:00 hs, em ponto, ele chegou. Bateu na porta, ela saiu e ele perguntou por Fulano.

- Fulano foi vacinar um gado numa fazenda em tal canto.

- Ele está rico, não está?

- Está! Está muito rico. Era pobre mais enriqueceu.

- É isso mesmo.

O senhor, quem é?

- Eu sou o Cão. Eu fiz um negócio com ele e completou o dia e a hora para eu vir busca-lo.

- O senhor faz negócio?

- Faço, nunca deixei de fazer negócio.

Ela disse:

- Bem, eu tenho três negócios a fazer com você. Se você ganhar, leva se não ganhar, ficamos os dois.

O Cão disse:

- Faça, pode tratar o negócio que eu faço o negócio.

- Bem o primeiro negócio é esse: eu tenho 10 tarefas de toco para arrancar. Se você dentro de meia hora, você ganha os dois.

Pois vamos mostrar aonde é.

Aí botaram o Cão pra arrancar o toco. Dentro de 20 mts. Ele arrancou as 10 tarefas de toco. Chegou disse:

- Ganhei ou não ganhei?

- Ganhou um. Faltam dois.

- É, qual é o outro?

- É catar toda pedra quanto tem dentro daquelas 10 tarefas, jogar fora dentro de meia hora.

Ele partiu pra lá e nesse foi que ele fez ligeiro. Chegou disse:

- Fiz ou não fiz?

- Fez.

- Falta um, né?

- É!

- Qual é o derradeiro?

- É pegar todo sapo que tem, dentro daquela lagoa, sem matar nenhum e botar fora. Vou esperar meia hora, se você tiver botado todos os sapos fora, você ganha.

Aí ele empurrou o aço a botar sapo para fora, sem matar. Quando terminou a meia hora, que tirou o derradeiro, que olhou, já estava tudo dentro d'água de novo. Porque o sapo na terra quente não pode ficar, tem que entrar n'água.

(Francisco Soares de Sousa. A mulher que venceu o cão. Santa Helena – PB, 1977. In: MAIA, 1996. p. 40)

Novamente nessa história se faz presente a crença na idéia de que existe um contato permanente entre Terra e Além. Assim como reforça o fato de que esse contato é muitas das vezes desejado. O Cão pode vir ajudar as pessoas, diz a história. Sua vinda atendeu ao chamado do homem que, cansado de pedir ajuda a Deus, resolveu, embora com temor, voltar-se para o demônio na esperança de tornar-se rico, como de fato aconteceu.

Mas, durante o desenrolar dos acontecimentos, o medo e o temor do arriscado acordo vão modificando sua vida: *“Quando foi se aproximando o tempo dele chegar, o Cão, ele começou a entristecer...”* O que o faz tornar público seu conflito, contando-o para

mulher. Esta, empenhada em ajudar o seu marido, resolve enfrentar o Cão e, ao fazê-lo, nos diz: o Cão pode ser enganado. É o que nos diz também essa outra história:

O MENINO QUE FOI CRIADO PELO DIABO

Um pai de família tinha muitos filhos e não tinha mais a quem tomar por padrinho.

- Só queria achar hoje, nem que fosse o Diabo, pra ser padrinho do meu filho!

Quando ele deu fé, chegou um homem num cavalo muito possante.

- O senhor anda atrás de um padrinho para seu filho?

- Ando.

- Pois está muito bem.

Então o Diabo botou uma pessoa na procuração porque ele não entrava na igreja.

Disse:

- Mas eu só sou padrinho do seu filho se você me der ele na hora.

- Dou na hora.

Na hora que o menino se batizou, ele agarrou e levou pra junto dele. Tudo que ele sabia ensinou ao menino. O menino foi crescendo, crescendo...

Tinha uns quartos lá e só um que ele podia abrir. Havia um quarto que tinha dentro um cavalo.

O Cão disse:

- Amanha eu vou uma viagem e só chego com três dias. Fique direito e não deixe abrir aquele quarto! Vou deixar a chave com você.

Aquele quarto não é para abrir.

Saiu foi-se embora. Quando ele saiu, o menino disse:

- Mas padrinho, o que é que tem dentro daquele quarto? Aquele quarto não é para abrir...

Ele chegou no primeiro quarto...quando abriu era um cavalo preto com uma sela de ouro, com um vestuário de ouro e, lá num canto, um tacho fervendo ouro.

Muito bonito!

Foi fechar, não pôde mais fechar o quarto.

O menino disse:

- Vou abrir o outro.

Quando abriu, que deu fé, tinha um cavalo ruço com uma sela de prata que era uma especialidade! Ele disse:

- Oh, com os Diabos! Esse é que é bonito!

Saiu. Mais na frente, tinha outro quarto. Abriu, tinha um cavalo pedrês muito possante, com uma sela de metal e um vestuário todo de metal. O cavalo falou:

- Você está lascado! Porque quando o seu pai chegar vai lhe matar! Só tem um jeito pra você...

- Qual é o jeito que tem?

- Você vai e apanha essa garrafinha d'água. Depois apanhe um punhado de cinza e enrole num papel e guarde no bolso. Apanhe também um punhado de prego e bote no bolso. Quando você for no quarto do cavalo preto, você apanhe o vestuário de ouro que tem e enfie seus cabelos dentro do tacho de ouro. Se monte em mim e leve o cavalo ruço. Deixe o cavalo preto. O cavalo preto corre mais que o vento. E nós vamos fazer uma viagem, senão morre quando chegar.

Então o menino foi no quarto do cavalo preto, apanhou o vestuário, enfiou a cabeça dentro do tacho de ouro, ficou com os cabelos dourados, saiu. Agarrou-se, montou no cavalo pedrês e saiu puxando o cavalo ruço.

Quando ele correu légua e meia, encostou o Cão no cavalo preto.

O menino disse:

- Ah, ele não fez nada. O cavalo preto corre mais que o resto.

- Eu corto sua orelha, cabrito!

O cavalo pedrês disse:

- Você jogue um punhado de cinza para trás!

Quando o menino voou a cinza, o mundo virou-se em neve. E o Cão saiu atrás, contando a neve com um facão, contando, cortando...quando chegou no outro lado, o menino já ia na frente, três horas que corria; com meia hora ele encostou, o Cão. O cavalo pedrês disse:

- Voe a garrafa d'água para trás!

Quando o menino voou a garrafa, virou num mar d'água! E o Cão saiu nadando de cabeça afora atrás do menino. Quando ele saiu do mar, que chegou no outro lado, o menino já fazia três horas que corria. Com meia hora o Cão encostou de novo.

O cavalo pedrês disse:

- Agora voe o punhado de alfinete para trás!

Quando voou o punhado de alfinete, virou uma serra de espinho.

O cavalo do Cão, meteu os pés, deu um salto que ele caiu de cima, desapregou-se e foi cair em cima dos espinhos, ficou estrepado e o cavalo caiu do outro lado sozinho. Nisso, já fazia duas horas que o menino corria.

O cavalo pedrês disse:

- Não tenha medo que ele ficou lá estrepado nos espinhos. Aquele não tem mais perigo para você.

O menino saiu, agarrou os três cavalos e foi sair num reinado onde estavam brincando de argolinha. Agora quem tirasse a argola do dedo da moça, o anel e voasse no colo dela, casava com aquela princesa. Eram muitos cavalos de rapazes que vinham de muitas cidades pra ver se tiravam a jóia da moça e voar no colo dela para ver se casava, mas não tinha jeito.

O cavalo pedrês disse:

- Ora! Nós vamos tirar! Olhe, você fique aqui e vá se empregar no reinado. Nós ficamos aqui. Quando for no dia da carreira, você venha atrás de nós. Assim você vai poder tirar a argola.

O menino se empregou lá com um capacete de couro na cabeça para que ninguém visse os cabelos de ouro. Vestiu um vestuário fraco e empregou-se. Apelidaram-no de Velho Chico! Ele era muito zeloso com o jardim da princesa e, todo dia, ela ia ao jardim. Queria muito bem ao menino. Ela chamava de Velho Chico.

- Você não vai olhar não Velho Chico?

- Vou não, não posso ir não.

Era pra corrida da argolinha.

Quando juntou a cavalaria todinha, Velho Chico tirou o capacete da cabeça passou a sela no cavalo pedrês e foi, vestiu-se todo de ouro.

Quando chegou no meio da cavalaria, partiu. Quando partiu, tirou a argola do dedo da moça até a metade só. Não teve um cavalo que encostasse nele. O rei ficou logo aperriado e ele desapareceu de vez. O rei ficou lá aperreado sem saber quem era aquele rapaz.

Quando ele voltou pro serviço dele, a princesa chegou aperriada também e foi contar a ele.

- Oh, Velho Chico, fiquei muito aperreada com um rapaz que veio! Quase tira a argola do meu dedo e ninguém sabe quem é esse rapaz. Desapareceu do mapa! Parece que é o Cão encantado, pois não tem quem saiba quem é.

- É possível!

- Pois é. Agora os cabelos dele eram todos de ouro! Todo de ouro! É um menino, mas tem os cabelos de ouro. O vestuário também é de ouro.

Chico disse:

- Olhe, mas amanhã vocês pegam. Não vão correr amanhã?

- Não. Agora só com 15 dias.

Nos 15 dias, ele tornou a ir. Chegou lá num cavalo ruço, disse:

- Hoje você vai em mim.

Ele vestiu-se de prata, montou-se no cavalo ruço. Tirou a carreira, tirou a argola do dedo da moça, ficou só na pontinha do dedo! Quase tira. Aí desapareceu do mapa. Aí foi que a moça ficou aperreada!

O rei disse:

- Tem uma coisa, amanhã eu vou botar pra correr atrás dele. Se ele vier amanhã nós temos que fuzila-lo! Ninguém sabe quem é ele! Tem que fuzilar!

Chico disse:

- Amanhã eu vou de preto.

A moça foi contou:

- Oh, Velho Chico, eu estou com pena, porque papai vai mandar fuzilar o rapaz, se ele vier.

- Será possível !

- Vai! Se ele vier, vai! Que não tem quem saiba quem é!

Quando foi no dia da carreira, ele veio no cavalo preto, que quando partiu, tirou a argola do dedo da moça e voou no colo dela. Aí cobriram atrás, mas foi perdido porque ele desapareceu do mapa. O cavalo corria mais ligeiro que o vento.

Amanheceu o dia a moça aperreada, sem saber quem era. E ficou o Velho Chico na luta dele e ela chorando porque não sabia quem era. Parecia com o Cão, porque não tinha quem o visse.

O Velho Chico disse:

- É possível!

Quando foi um dia, o Velho Chico estava lendo com um anel no dedo que brilhava tanto, iluminava que era um clarão maior do mundo! E ele lá em cima no sobrado. Tinha uma brecha no sótão que ela deu fé e foi espiar...viu o Velho Chico lá embaixo lendo com os cabelos todos de ouro.

Disse:

- Ah! Velho Chico! É quem é ele! É o Velho Chico!

Amanheceu o dia, ele vestido nos panos velhos, com o capacete dele. Ela disse:

- Velho Chico!

Abraçou-se com ele.

- Menina o que é isso?

- Você é quem é meu noivo! É o mesmo que vi essa noite.

- Que conversa é essa?

- É e é!

Chamou o pai. O pai chegou, pegaram o Velho Chico! Tiraram o capacete... que quando viram, se abraçaram com ele. Fizeram o casamento na hora!

Ele como não sabia quem eram os pais dele, não podia mandar chamá-los, para assistir ao casamento. O pai que ele conheceu foi o Cão.

E nisso, eu terminei minha estória do menino que foi criado pelo Diabo.

(O menino que foi criado pelo diabo. Catolé do Rocha-PB. In MAIA, 1995, p. 42).

Enganar o Cão é uma solução diferenciada de lidar com as coisas do sagrado desse universo religioso. O homem religioso redime sua culpa de trato com o maligno enganando-o. Uma história, portanto, exemplar de modos e formas diferenciadas de expressar-se e comportar-se enquanto religioso. Como vimos insistindo, há nesse universo religioso popular intimidade e interação na relação com o Além infernal ou celestial. Na verdade, é preciso dizer que há um conjunto de sentimentos que se cruzam, interagem, instituindo reações não apenas de medo, mas de admiração, de rejeição e de aceitação. Através dessas duas últimas histórias, podemos perceber que a relação estabelecida é, predominantemente, uma relação de participação e atuação dos vivos no mundo do Além e vice-versa. Predomina a inter-relação e não o distanciamento ou a subjugação.

Essa última história é exemplar desse modo de interação e intimidade com o Além. Observemos que o menino foi criado pelo Diabo em função de uma vontade de seu pai, expressada na necessidade de amparo espiritual para o seu filho quando diz: *só queria achar hoje, nem que fosse o Diabo, para ser padrinho do meu filho*. Todavia, sabia o compadre do Cão que essa não seria uma situação de paz. Toma corpo, daí em diante, nessa narrativa, a luta do afilhado do Cão na tentativa de enganá-lo, como possibilidade que resta de remissão do erro pecaminoso a que fora submetido pelo acordo firmado pelo seu pai com o seu padrinho e tutor.

Enfim, a personagem conseguiu enganar o Cão, igualmente como o fez a mulher da história anterior. Mas, aquela usou para seu propósito a inteligência. Nesta história, o menino tem como suporte para sua vitória os objetos mágicos que se colocam ao seu dispor: cinza, água de uma garrafa, alfinetes e cavalos possantes.

A propósito da apresentação desses elementos (cinza, água de uma garrafa, alfinete e cavalos possantes) nessa história, é necessário destacar que sua presença, como

componentes na narrativa, reafirma a idéia que vimos perseguido sobre a composição desse imaginário como lugar em que se encontram tradições de crenças diferenciadas.

É sabido que os planos do maravilhoso e da magia revelam componentes de crenças pagãs as quais ocuparam, desde tempos remotos, o universo mental do homem ocidental. Este, por sua vez, em sua história, os acolhe ou os rejeita parcialmente, mas nunca os descarta totalmente.

Sobre isto, já dispomos de uma ampla literatura, nas ciências sociais e humanas e nas artes em geral, que aqui se faz importante recordar, através da escrita de Mary Del Priore (2000, p. 17-18), quando do seu estudo sobre os monstros no mundo Europeu:

Durante a Idade Média, quando a maior parte do mundo era considerada terra incógnita, momento em que as fronteiras do mistério ainda não tinham sido devassadas pelas novas descobertas científicas e enquanto a razão não dominava o universo, uma vida intensa fervilhava nos quatro elementos. Vindos do caos, os seres que aí se debatiam povoavam as mitologias, nutriam as superstições, agitavam os espíritos e tomavam forma graças ao pincel dos artistas e ao martelo de escultores. O universo romano que preceda a Idade Média gótica era sobre-humano. Ele desenvolvera como uma espécie de apocalipse, sob o signo da besta, do medo e do mistério [...]

Deve-se observar que esses elementos mágicos aparecem, na história aqui analisada, em primeiro plano da narrativa e ocupam um lugar importante na composição do enredo, funcionando como suportes na construção da história apresentada. Como pudemos acompanhar, foi apenas a partir do momento em que se afastou do seu “pai” e fez uso desses objetos que “o menino criado pelo Diabo” ficou livre para viver outras aventuras. Será que a magia aqui é relacionada com o diabólico? Provavelmente sim, pois o filho do Cão obteve êxito em suas empreitadas através destas práticas.

Enfim, é importante considerar que uma rede de significados sobre o plano do sobrenatural aparece nessas histórias como continuidade histórica de uma longa tradição do imaginário maravilhoso, mágico e fantástico que se entrelaça com um imaginário religioso. E aqui mais uma vez ecoa uma longa tradição a que refere Del Priore (2000, p. 26-29):

A partir dos séculos XII e XIII, monstros e maravilhas penetraram no domínio da arte religiosa. Se antes eram considerados apanágios dos textos clássicos sobre os confins da Terra, nos quais se localizava a Índia ou os povos pagãos, eles passaram então a ser considerados, como desejava santo Agostinho, criaturas de Deus(...) O importante é que, além de enfeitar capitéis, pórticos e iluminuras, os monstros passaram a encontrar seu lugar em bestiários – livros que somavam histórias e descrições de animais verdadeiros e imaginários –, fazendo com que a erudição enciclopédica e o pensamento religioso se reunissem. Nesses bestiários, a ênfase na moralidade, apregoada pela Igreja católica, passa a dar novo sentido alegórico aos monstros. Vale ainda lembrar que o método de interpretação que consistia em emprestar à teratologia um sentido edificante remonta pelo menos aos estóicos. Seu ardente desejo de conciliar a filosofia com a religião popular os conduziu a buscar nas entidades mitológicas um significado espiritual; e em suas aventuras um ensinamento sobre os bons costumes.

De maneira geral, o uso da magia na composição desse imaginário narrativo torna as histórias analisadas reveladoras da multiplicidade de crenças e da interferência entre elas. Diante disso, reforça-se a idéia de que o universo religioso apresentado nessas histórias não pode ser caracterizado como um campo específico de uma religiosidade aos modos da ortodoxia cristã.

Existe nesse universo religioso um complexo de idéias e crenças que compõem uma religiosidade específica porque historicamente comportou crenças de povos diferentes. No nordeste brasileiro, essa religiosidade operante se constitui desde cedo e intensamente através de um processo de mixagem de temas e de valores característicos de crenças afros, portuguesas e indígenas em que a magia e o maravilhoso são elementos constitutivos. Convém lermos Gloria Kok (2001, p. 158):

No século XVIII, concepções indígenas conviviam com as cristãs. O mameluco de nome Pedro Rodrigues, reputado ‘feiticeiro, adivinhador e oráculo entre os índios’, foi denunciado por tentar persuadir as índias a ‘matar dentro do ventre as crianças que tem concebido’, assegurando-lhes de que não era ‘pecado’, porque ‘as almas das crianças assim mortas no ventre maternos lhe vem depois falar do outro a ele Pedro Rodrigues’. Receber mensagens do mundo dos mortos e praticar infanticídio, práticas eminentemente indígenas, coexistiam com a noção de pecado exclusivamente cristã.

Uma vez observado esse mixagem de crenças, voltemos à discussão acerca da relação de atração e desejo dos “pecadores” para com os poderes do Diabo: - *Eu só queria achar quem me ajudasse, nem que fosse o cão.* Através dessa relação, os “pecadores” podem ser beneficiados, muito embora se tornem presas das artimanhas do “maldito”. Ao fazerem algum pacto com este, prevêem os riscos a que estão sujeitos, embora apostem na possibilidade de vencê-lo e serem bem sucedidos. Vejamos essa outra história da narradora de João Pessoa-PB:

O HOMEM QUE DEU A ALMA AO CÃO

Antigamente as pessoas faziam negócio com o cão. Então um homem era pobre queria ficar rico. Ele só tinha uma filha. Aí ele foi disse que fazia negócio com o cão.

– Olhe, eu dou minha alma a você, se você quando eu morrer, se você fizer o que eu pedir, quando eu morrer eu dou minha alma a você.

O cão disse:

– Está fechado o negócio.

Aí ficou, né? Aí o velho de repente, do dia pra noite, ficou o velho rico! Aí o cão todos os dias ia visitar o velhinho. Todos os dias. O velho foi ficando velho, né? Acalmou. Aí foi ficando triste, ficando triste, aí a filha dele perguntou:

– Oh! Pai, o que é que o senhor tem?

Aí foi disse:

– Minha filha, eu tenho um negócio muito triste pra lhe contar...

– O que é que é? Aí ele foi contou que tinha feito negócio com o cão e que tava assim desse jeito, quando morresse o cão ia levar a alma dele.

Aí a moça disse:

– Então eu tenho uma idéia! Vou fazer um negócio

– Qual é?

– É assim: Todo dia, às 5:00 hs o cão vinha né? Todo dia visitar o velho

– Já sei.

Pra quando o velho morrer levar a alma dele.

Aí a filha disse:

Ela pegou fez um buraco bem redondo na parede... Aí a filha quando foi bem pertinho das 5: 00 hs, aí botou as mãos no chão e ficou lá esperando que o cão chegasse né? Aí quando o cão chegou que foi vendo aquilo, aí ficou cismado né? Com aquilo.

Aí fez.

– Oxente, que negócio é esse?

Que o cão não faz o pelo sinal né?

Aí foi se aproximando, aí foi se afastando.

– Toda boca é assim e essa é assim!

Aí foi embora. Entenderam (Foi embora não levou o homem) FIM.

(Jacira Ferreira. O Homem que deu a alma ao cão. Fixação de Miriam Gurgel\Dione Beltrão).

Antigamente as pessoas faziam negócio com o Cão, diz a narradora. Semelhante à história anterior, nesta existe uma via de acesso entre os humanos e as forças do mal ou guardiãs dos pecadores. Novamente, existe uma relação de desejo, pautada no compromisso de troca que se estabelece entre ambos, cão e homem.

Nesta relação, em tese, ganhariam todos, pois, uma vez estabelecido o pacto, resta ao homem empreender ações que possam livrá-lo do compromisso. Mesmo arriscando sua alma, o pacto é estabelecido. A ação é conjunta e a aproximação, tão temida em outras situações, é estabelecida. Podemos dizer que esta aproximação ocorre mediante a certeza de que se pode enganar o Cão ou, também, porque essa personagem representa um tipo de gente que, de certa forma, desafia e é menos atingido pela divulgação da cultura do medo e do pecado cristãos. Continuemos a investigação. Por hora vejamos duas outras histórias que exemplificam e apresentam as visitas aqui na terra que fazem outras personagens do Além:

SÃO PEDRO E NOSSO SENHOR QUANDO ANDAVAM NO MUNDO

Nosso Senhor quando andava no mundo mais São Pedro, um dia de tarde, ia passando na frente de uma casa tinha um homem com um animal no curral e chamando por nome, chamando pelo demônio fazia zuada, descompunha, aí Nosso Senhor disse:

- Pedro, vamos dormir ali?

São Pedro disse:

- Senhor, dormir ali na casa de um homem daquele! Nossa! Ave Maria! Vamos pra frente.

Mais na frente, chegaram na casa de um velhinho; um velhinho com um bocado de menino, ensinando a rezar Padre Nosso, Ave Maria, aquela maior alegria, ele rezando Nosso Senhor disse:

- Vamos dormir aqui?

Quando falou o velho disse:

- Cale a boca! Deixe eu terminar minha reza.

Quando terminou a reza, disse:

- Que é que vocês querem?

Nosso Senhor disse:

- Vamos dormir aqui mesmo.

Quando se agasalharam pra dormir, Nosso Senhor disse:

- Pedro, cante Pedro!

Pedro gostava muito de cantar Bendito. Aí quando São Pedro começou a cantar, o velho lá dentro:

- Sabe de uma coisa? Vocês não tem o que fazer? Andando pelo mundo!

Saiu fora, meteu a macaca em São Pedro. Deu uma surra em São Pedro. Ele ficou muito triste.

Nosso Senhor disse:

- Pedro, venha aqui pra meu canto

São Pedro veio.

- Pedro cante de novo.

São Pedro:

- Eu não vou mais cantar não, senhor.

- Cante Pedro!

Quando São Pedro começou a cantar, o velho saiu de casa, disse:

- Sabe de uma coisa? Agorinha eu dei uma surra foi nesse; agora eu vou dar nesse outro.

- Meteu a macaca em São Pedro de novo. Quando São Pedro se viu na peia, Nosso Senhor disse:

- Vamos embora Pedro!

Voltaram. Quando voltaram que chegaram na casa do homem que chamava pelo demônio, que estava aperreado, Nosso Senhor bateu na porta, ele abriu e Nosso Senhor:

- Dá licença pra nós dormimos aqui?

- Dou.

Mais depressa foram buscar uma rêde, armaram pra Nosso Senhor outra pra São Pedro. O homem disse:

- Mulher, não tem com que fazer uma ceinha pra esses velhinhos não? Pra esses homens?

Disse:

- Tem.

Fizeram uma ceinha e foram ceiar.

Ele disse em conversa.

- Mas me diga uma coisa: O senhor não canta um Bendito, não?

São Pedro disse que cantava e passou a noite cantando Bendito e o homem alegre mais a mulher. Passaram a noite na maior alegria.

Quando amanheceu o dia, que Nosso Senhor seguiu a viagem mais São Pedro, disse:

- Pedro, viu aquele exemplo? Aquele homem, que nós passamos ali, que estava chamando pelo Demônio, dizendo aqueles nomes feios, era da boca fora, o coração era meu! E Aquele velho rezando com o rosário na mão, só tinha mesmo as palavras, o coração dele era do Diabo.

Findou-se a estória.

(Severino Carreiro. São Pedro e Nosso Senhor quando andavam pelo mundo.

Catolé do Rocha –PB. In: MAIA, 1995, p. 110)

JESUS E SÃO PEDRO

Deus quando andava pelo mundo tinha 12 apóstolos mas só escolheu São Pedro para andar com ele. São Pedro era cheio de armada. Mas o Nosso Senhor só dava bom conselho.

Começara a andar, aí chegaram num lugar:

- São Pedro, nós vamos almoçar um carneiro. Você mate o carneiro, faça sua festa jóia e só traga o fígado pra mim.

São Pedro foi. Ora! Chegou lá, matou o carneiro, fez lá uma farra danada, bebeu uma pinga, ficou lá por um certo tempo...se esqueceu do fígado.

Chegou onde estava Jesus:

- São Pedro, cadê o fígado?

- Nós, nós matamos o carneiro... o carneiro não tinha fígado não.
- O carneiro não tinha fígado, São Pedro?
- Tinha não. Esse não tinha não. Nós caçamos e não achamos não.
- Está certo. Vamos embora.
Saíram. Chegaram numa rocinha, estava tôda verde, espigando tudo. Nosso Senhor disse:
- São Pedro, nos vamos pernoitar aqui nesse juazeiro. O inverno aqui está bom!
- Nós não vamos pra aquela casa?
- Não, nós vamos ficar por aqui mesmo. Dá certo.
São Pedro olhando assim, disse:
- Nosso Senhor não reclamou do carneiro.. e eu já estou vendo uma coisa aqui mal feita...
Nosso Senhor disse:
- Pedro, eu fiz o mundo em seis segundos: nada comprido e nada curto.
- É porque eu estou vendo um pezinho de melancia ali com uma fruta desse tamanho! É uma árvore deste tamanho e espie o tamanho da fruta? Era pra ser essa fruta, nessa.
- É...
Estiveram por ali...foram dormir.
- Pois mudarei. Deixe pra amanhã.
Quando São Pedro estava cochilando, escapuliu um juá mesmo no olho dele. Bateu, São Pedro caiu por lado.
- Minha Nossa Senhora! Chega meu pai do céu!
Ele chegou.
- São Pedro, e se fosse a melancia? Você não disse que foi mal feito? E se fosse uma fruta daquela? Uma melancia deste tamanho!
- Se fosse uma fruta daquela?
- Vamos amiudar. Deixe assim mesmo.
- Vamos embora.
Saíram. Chegaram assim mais na frente, estava um forró numa casa de alpendre, bem grande.
Nosso Senhor disse:
- Nós vamos dormir naquela casinha onde tem os bodes. Vamos dormir lá. Não, São Pedro, eu não gosto de festa, não.
- É ...gosto.
Foram pra lá e pegaram a dormir. Com pouco tempo, ouviram um pipoco, um barulho.
- Nosso Senhor, o negócio lá esta ruim!
- Pois vá lá, Pedro.
Ele saiu com medo. Chegou, olhou assim...
- Já vi um cabra morto no chão.
Ficou por ali, ouviu um chororó, o povo espalhado no mundo e a bagaceira era grande!
São Pedro se aperreou, voltou.
- Nosso Senhor, já tem um morto ali.
- Isto é conversa!
- É, mataram um rapazinho de 18 anos.
- Assim, São Pedro?
- Foi.
- Vamos dormir.
Quando foi demanhãzinha:
- Vá lá, Pedro, olhar o defunto.

Chegou lá o defunto estava com a cabeça bem alvinha.

Voltou.

- Nosso Senhor, o que mataram, eu não vi mais não. Vi um velho com a cabeça bem alvinha.

- Era aquele rapazinho. Ele só iria morrer naquela idade, mas teve essa briga! Você também queria ir pro forró, né? Teve essa briga, não pertencia a ele, mas ele partiu pra cima, morreu bem novinho. A idade dele morrer era com os cabelos bem brancos, mas divido ao atrevimento, morreu bem novinho. Isso você não me reprova por que o que eu fiz não foi nada comprido, ou curto.

(Gerson Parnaíba. Jesus e São Pedro. Santa Helena – PB, 1977. In: MAIA, 1996, p. 42)

Nas duas histórias narradas, São Pedro e Jesus vêm à terra como observadores e conselheiros⁵³. Em suas visitas, constataam o grau de perdição e de pecado que se alastra sobre os humanos. Com exemplos e vivenciando os fatos, Jesus acalma o incrédulo e impaciente São Pedro, fazendo-o perceber que o pecado e a perdição estão ligados à forma como os humanos se portam frente aos seus ensinamentos:

Pedro viu aquele exemplo? Aquele homem, que nós passamos ali, que estava chamando pelo Demônio, dizendo aqueles nomes feios, era da boca fora, o coração era meu! E Aquele velho rezando com o rosário na mão, só tinha mesmo as palavras, o coração dele era do Diabo. (Severino Carreiro. São Pedro e Nosso Senhor quando andavam pelo mundo. Catolé do Rocha - PB).

Com estas palavras, Jesus fala da fragilidade da fé entre os humanos e do espaço aberto para a atuação do demônio.

Em outro momento, na história do rapaz que foi morto em uma festa, lugar reprovado por Jesus, este estabelece um diálogo com São Pedro e reforça a moral da história anterior: o erro é proveniente do pecado e do desvio da conduta humana. Ele, Jesus, é justo:

Era aquele rapazinho. Ele só iria morrer naquela idade, mas teve essa briga! Você também queria ir pro forró, né? Teve essa briga, não pertencia a ele, mas ele partiu pra cima, morreu bem novinho. A idade dele morrer era com os cabelos bem brancos, mas divido ao atrevimento, morreu bem novinho. Isso você não me reprova por que o que

⁵³ Esse tema narrativo das viagens de Jesus ao mundo aparece nas preferências narrativas da maioria dos contadores de história dos municípios aqui abordados. Quase todos narram uma história nessa linha temática. Para exemplificar a discussão que venho realizando, agrupei duas versões que me parecem representativas.

eu fiz não foi nada comprido, ou curto. (Gerson Parnaíba. Jesus e São Pedro. Santa Helena – PB).

É certo que essa narrativa acerca da relação entre a Terra e o Além, através de personagens sagrados como Jesus, Nossa Senhora e os anjos, faz parte da tradição de visitas de Jesus à terra, nascida em um contexto de divulgação da pedagogia cristã. Mas ela revela, ao mesmo tempo, uma situação que expõe em condições de intimidade ou proximidade os dois mundos e seus personagens, situação estabelecida apesar do controle e da vigilância, ou até em função destes.

Insisto, aqui, nessa idéia de uma *intimidade* que transfere a um personagem sagrado atitudes de simpatias para com as coisas profanas do campo da luxúria, e lhe institui artimanhas de um homem comum. São Pedro, atraído pela festa e pela bebida, parece amenizar o quadro dos pecados humanos:

São Pedro, nós vamos almoçar um carneiro. Você mate o carneiro, faça sua festa jóia e só traga o fígado pra mim.

São Pedro foi. Ora! Chegou lá, matou o carneiro, fez lá uma farra danada, bebeu uma pinga, ficou lá por um certo tempo... se esqueceu do fígado.

Chegou onde estava Jesus:

- São Pedro, cadê o fígado?

- Nós, nós matamos o carneiro... o carneiro não tinha fígado não.

- O carneiro não tinha fígado, São Pedro?

- Tinha não. Esse não tinha não. Nós caçamos e não achamos não. Gerson Parnaíba. Jesus e São Pedro. Santa Helena – PB).

Nesta história, vemos um São Pedro humanizado, capaz de mentir, de enganar Jesus, de duvidar de sua capacidade e de sua justiça.

O que são essas representações dos santos – que mais parecem uma contradição, quando observadas a partir da ótica da ortodoxia cristã –, se não indicativos de que as pessoas que formulam esse imaginário expressam, na sua relação com o sagrado, sentimentos de intimidade, típico da religiosidade popular?⁵⁴ Em outras palavras, pode-se

⁵⁴ Gilberto Freyre, na década de 1930, já observava essa relação de intimidade do brasileiro com os elementos do sagrado o que para ele se constituía uma das características da religiosidade brasileira, refletida em um “catolicismo de família”.

dizer que se trata de uma cultura religiosa em que as pessoas se mostram capazes de sobreviver às pressões morais de um comportamento padrão do homem de fé, elaborando elas próprias modos e formas particulares de expressão de seus sentimentos de fé e crenças de acordo com suas necessidades.

Nesse capítulo, minha preocupação foi demonstrar, através de exemplos, que existe, no imaginário desses contadores de história, um arcabouço enorme de idéias e crenças que nos revelam uma aproximação estreita entre a Terra e o Além.

Como foi possível observar, existem algumas formas responsáveis pela realização dos contatos estabelecidos com o Além. Esses contatos se dão através da morte e da ressurreição, através de sonhos e de aparições de personagens como Jesus, São Pedro, Nossa Senhora, mas também como o Cão.

Nessa relação entre a Terra e o Além, fica evidente um grau de intimidade entre ambos. Há um trânsito livre e contínuo entre os dois mundos. Trânsito este costurado e codificado pelo ideal religioso, perpassado por um viés profano e que funciona como base formuladora desse imaginário de sentimentos e crenças.

Como havia notificado anteriormente, há, nesses sentimentos e atitudes de fé, indicativos de uma religiosidade cristã reformulada, não pura como revelam um imaginário sócio-religioso que acopla e une, em diferentes situações de conflito crenças distintas.

Se for possível dizer que a relação entre Terra e Além que dá conta do imaginário surgido através dessas narrativas é costurada predominantemente por uma linha da matéria religiosa cristã, o tecido costurado por essa linha apresenta diferentes tons. As formas e imagens desse tecido revelam múltiplas relações, pautadas muitas vezes em situações de conflito em que ora a pessoa religiosa toma para si posturas padronizadas e autorizadas de contato com o além, numa atitude de aceitação e reverência, ora elabora seus padrões expressos em situações de contestação ou negação. Situação que caracteriza um universo de crença fora dos padrões.

São comuns na historiografia estudos e explicações sobre as crenças e o imaginário religioso popular, como composto por atitudes, valores e expressões do campo

de superstições, medo e ignorância. Essas explicações pouco investigam sobre os alicerces sociais e históricos que dão suporte as crenças do imaginário religioso popular. Penso que os textos e narrativas dos contos populares e dos folhetos aqui analisadas apontam nessa direção.

Em outras palavras, ao invés de acoplar esses elementos numa ordem de classificação que é própria de uma matriz não religiosa de pensamento racional, busco compreendê-los como a expressão de uma cultura religiosa que se estabeleceu historicamente. Ou seja, elementos ou situações que são considerados como superstição, medo ou ignorância são, na verdade, indicadores de um processo formação específico.

Assim, embora esse imaginário possa ser observado como um referente marcante da cultura cristã ocidental que vem se re-elaborando por séculos, convém perceber a especificidade histórica que permeia esse universo de crenças, tendo em vista as marcas de um contexto cultural próprio da religiosidade popular do Nordeste brasileiro, e na Paraíba mais especificamente, ainda no século XX. Uma religiosidade que em seu contexto comporta elementos do catolicismo tradicional de caráter devocional, e elementos e práticas do catolicismo romano como pude exemplificar através do estudo dos contos populares dos folhetos e continuarei exemplificando sob a perspectiva informativa dessa religiosidade que julgo ser as prédica e sermões de frei Damião.

Existe, pois, fios narrativos que unem, em um universo religioso de homens e mulheres da Paraíba do século XX, crenças populares e crenças não populares. União essa que caracteriza uma religiosidade histórica e particular. Essa questão será melhor esclarecida no capítulo seguinte em que procuro situar e caracterizar a política missionária e evangelizadora do religioso Capuchinho frei Damião de Bozzano e sua significação no contexto de experiências e vivências desse universo de religiosidade popular.

CAPITULO IV

NARRATIVAS DE FÉ DE UM PURGATÓRIO/INFERNO DE GEMIDOS E LÁGRIMAS: SERMÕES E PRÉDICAS DE FREI DAMIÃO E SUAS INFLUÊNCIAS NOS FOLHETOS E CONTOS POPULARES

FIGURA 21: CAPA DO FOLHETO *FREI DAMIÃO - O MISSIONÁRIO DO NORDESTE*



FONTE: FOLHETO FREI DAMIÃO O MISSIONÁRIO DO NORDESTE
AUTOR: RODOLFO COELHO CAVALCANTI, 1976.

4.1 AS MISSÕES ENQUANTO EVENTO SOCIAL E NARRATIVO

A referência do folheto em circulação nos anos 70 sobre frei Damião de Bozzano como missionário do Nordeste indica o lugar e a importância que, ao longo de sua carreira, esse religioso adquiriu para o povo nordestino e, particularmente, para o povo paraibano. Como já anunciei em passagens anteriores desse trabalho, os sermões e prédicas de frei Damião acabaram se constituindo em *corpus* documental de minha pesquisa na medida em que constatava que havia, nas histórias dos contos populares e nas histórias dos folhetos religiosos, componentes explícitos de uma mesma matéria discursiva

características de suas pregações, assim como alusões claras de um processo de intertextualidade. Assim, esse capítulo tem o propósito de demonstrar com mais precisão a natureza dessa forma de interação e circulação.

Frei Damião teve uma inserção significativa no Nordeste, a partir da década de 1930. Conduziu uma ação missionária pautada no cuidado com a salvação das almas, a luta contra o pecado mundano, falando da relação entre Terra e Além, Céu e Inferno. Como vimos, os contos populares e os folhetos também se encarregavam de espalhar histórias sobre essa mesma matéria, através de narrativas ricas de representações do Céu, do Inferno, pactos com o Diabo, histórias de sonhos, aparições, e proteção de almas, de santos e de Nossa Senhora, articulando pecados e pecadores.

Na Paraíba, à época de circulação do folheto acima representado, ainda era bastante comum a prática cultural, nas pequenas cidades, vilas e sítios, das prosas à boquinha das noites em frente às residências. Esse hábito cotidiano era compartilhado por amigos, parentes e passantes⁵⁵.

Na revista *Anuário da terra paraibana* de 1959, um dos seus colaboradores escreve sobre a Cidade de Sousa, no Alto Sertão paraibano, e revela esse cotidiano social e cultural:

A vida da cidade não difere essencialmente da que se observa nas demais cidades interioranas. A Praça da Matriz, a Rua Grande, estranha ausência do que se denomina modernidade de ‘triângulo sociológico’, constituído pela casa grande, senzala e cruzeiro, geralmente em frente da Matriz, sem embargo de ser uma ‘úrbs’ colonial, as saudosas palestras de calçada, às vezes a debulha de feijão em conjunto, quando houve inverno, e as conversas que se fazem nêsse trabalho de sabor tão sertanejo, comumente girando em torno da política, da riqueza do maioral da terra e de como se fez tal riqueza tão grande e tão rápida. Sousa não mudara sua vida pachorrenta e monótona

(Oliveira Firmo J. de, 1959 p.63).

⁵⁵Quando foram entrevistados em 1994, os contadores de história teciam comentários acerca da tradição do contar e de como ela se apresentava no seu meio social em períodos que remontavam a seus antepassados (pais, avós, bisavós). Mais informações a esse respeito, ver Sousa (1997).

Essa realidade da vida e do cotidiano social da cidade de Sousa e outras cidades do interior da Paraíba, nos idos de 1959, como descreve o autor, permanece inalterada por décadas seguintes. Nesse ambiente de prosas, havia lugar para as leituras de folhetos, para as narrações dos contadores de histórias, para as cantorias nos fins de semana. Dentre os acontecimentos de maior repercussão social, transformados em assuntos nessas prosas, destacavam-se as visitas e missões de Frei Damião de Bozzano. Este, a cada ano, tinha passagem marcada por alguma paróquia da Paraíba.

A história de identidade e popularidade de Frei Damião no Nordeste, e particularmente na Paraíba, foi construída a partir de uma investida do missionário em visitas sistemáticas às diversas localidades desse Estado, assim como pela sua maneira peculiar de pregação que impressionava a todos, quer fossem letrados ou iletrados, populares ou não-populares. Ao longo desse capítulo, apresentarei relatos que demonstram essa popularidade do Frei

A Revista Frei Damião, da Associação Missionária Frei Damião de Bozzano, Caruaru – PE, de publicação trimestral, em sua edição de Junho/Setembro de 2007, apresenta uma matéria intitulada *O Itinerário Missionário de Frei Damião (1931-1949)*⁵⁶. Nessa matéria, pode-se ter noção da popularidade do frei, construída através de uma prática sistemática de visitas em missões, as quais têm início no Nordeste, a partir 1931, nos Estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte.

Durante dezesseis anos, entre os anos 1931 e 1947, foram realizadas, no Estado de Pernambuco, 82 visitas; na Paraíba, 33; no Rio Grande do Norte, 11; em Alagoas, 6 e no Ceará, 2, perfazendo um total de 134 visitas, o equivalente a 11 visitas por ano. Frei Damião permanecia não menos que 4 dias em cada paróquia. Algumas vezes, permanecia em um lugar mais que essa média, como o exemplo da visita à Diocese de Cajazeiras–PB, no ano de 1936, na qual permaneceu por 75 dias. Mas, como indicam os registros de seu itinerário, a estadia em uma localidade durava, em média, 8 dias.

De acordo com os cálculos desse Itinerário Missionário de Frei Damião (1931-1949), da autoria do Frei Otávio de Terrinea, durante os anos de 1931-1949, Frei Damião

⁵⁶O documento a partir do qual a revista recuperou o itinerário do frei foi encontrado no arquivo de Lucca, Itália, conforme informação de frei Rinaldo Pereira dos Santos, editor da revista Frei Damião, nº 2, Jun/Set. 2007.

realizou 11.218 práticas, assim distribuídas: 2.375.046 comunhões, 155,889 crismas e 5.499 casamentos.

Na Paraíba, em particular, as atividades ou práticas realizadas por frei Damião foram assim apresentadas:

QUADRO 1 – ITINERÁRIO DE FREI DAMIÃO NA PARAÍBA (1932 – 1949)

ANO	LUGAR	DATA	PRÁTICAS	COMUNHÕES	CRISMAS	CASAMENTOS
1932	Itabaiana	7 Dias	18	2.700		
1933	João Pessoa	40 Dias *1	150	20.000		95
1934	Pirpirituba	5 Dias	15	2.050		
1934	João Pessoa	12 Dias*2	32	6.500		27
1934	Ingá	8 dias	24	3.250		46
1934	Alagoa Nova	8 dia	30	6.000		56
1934	Araruna	8 dias	24	5.200		
1935	João Pessoa*3	50 dias	130	70.000	8.000	150
1935	João Pessoa	30	90	15.000		
1935	Salgado	4	12	1.033		
1935	Picuí	12	36	2.700		45
1936	Esperança	8	24	6.000		40
1936	Sapé	7	22	3.400		15
1936	Araruna	10	28	3.530	780	45
1936	Cajazeiras	75	162	147.363	8.780	519
1937	Santa Rita	8	28	5.000		180
1937	Espírito Santo	8	28	5.500		50
1937	Gurinhem	15	46	7.800		
1937	Araruna					
1937	Araçá					
1937	João Pessoa	70	145	56.350		150
1938	Pilões	30	84	15.520		
1938	Serraria					
1938	Santa Rita					
1938	Pirpirituba	8	25	4.300		
1938	Soledade	10	35	6.000		24
1938	Itabaiana	8	24	5.000		
1938	Brejo de Areia	12	46	12.000		
1938	Cajazeiras	60	244	40.120		
1939	João Pessoa	25	98	15.650		
1940	Paraíba*4	90	270	52.000		354
1941	Paraíba*5		309	72.695		
1942	Paraíba*6		260	38.462		
1945	Paraíba*7		343	76.000		
1947	Paraíba*8		629	114.740		226
1948	Paraíba*9		160	49.000		90
1949	Paraíba*10		219	26.820		28

*1. Visitas a quatro cidades, converteu oito protestantes.

*2. Converteu 17 protestantes.

*3. Visita a 6 cidades da Diocese.

*4, *5, *6, *7, *8, *9 e *10 - Referência de visitas ao Estado sem especificação das localidades.

Fonte: Revista Frei Damião, nº 2, Jun/Set. 2007.

A partir desses dados, podemos considerar a dimensão da ação missionária do Frei Damião e sua influência na religiosidade do povo paraibano, revelada pela expressiva contabilidade de suas práticas, a exemplo dos dados sobre as confissões, indicando um total

de aproximadamente 600 mil confissões realizadas. Essa grandeza numérica deve ser explicada, levando-se em consideração duas questões: primeiro, durante as Missões, eram realizadas práticas de confissões e comunhões coletivas nas quais se faziam presentes verdadeira multidão de pessoas; segundo, a relativa proximidade entre o município que acolhia as missões e demais municípios facilitava e possibilitava que as pessoas recorressem a seus sermões repetidamente.

Assim, uma visita do frei a algum município do Sertão paraibano, a exemplo da Cidade de Patos ou Cajazeiras, tornava-se uma possibilidade real para que os fieis dos municípios vizinhos para ali recorressem.

Conforme notícias do seu Itinerário Missionário (1931-1949), em 1936, Frei Damião permaneceu em missões na Diocese de Cajazeiras por 75 dias, realizando nessa oportunidade o expressivo número de 110.00 mil comunhões. Sendo Cajazeiras um município pólo do Estado paraibano, sua área de influência estende-se também aos municípios vizinhos dos Estados do Rio Grande do Norte, do Ceará e Pernambuco. Na Paraíba, o município de Cajazeiras tem estreitas relações comerciais e culturais com outros municípios, a exemplo de Sousa, São João do Rio do Peixe, São José de Piranhas, Aparecida, Cachoeira dos Índios, Pombal, Catolé do Rocha e Patos, para citar os mais próximos. Ou seja, a proximidade geográfica das cidades funcionou como um dos elementos facilitadores da propagação religiosa e missionária do frei Damião.

As missões de Frei Damião de Bozzano repercutiam como eventos sociais fundamentais na vida do homem nordestino e particularmente paraibano, sobretudo, porque se instituíam a partir da utilização de recursos de linguagem usuais no cotidiano das pessoas. A sua popularidade é ainda hoje marcante, como atestam a literatura de cordel, as letras de músicas, as revistas, os santuários e estatuas com sua imagem.⁵⁷ Registros de suas missões em CDs e DVDs circulam no comércio informal, pelas mãos dos vendedores ambulantes em terminais de passageiros e locais de peregrinação religiosa. Também se

⁵⁷É na cidade de Guarabira, na região do Brejo paraibano, que se encontra o Memorial Frei Damião, cuja maior atração é a exuberante estátua de 34 metros de altura desse missionário. Comportando ainda um acervo fotográfico da trajetória do frei, o lugar recebe anualmente milhares de devotos que para ali recorrem com a finalidade de prestar homenagem ao frade, através de orações e da exposição de ex-votos.

destacam os usos de seu nome e sua imagem em estabelecimentos e marcas comerciais espalhadas pela Paraíba.

Embora a atividade missionária do frei Damião tenha as suas peculiaridades ligadas ao seu próprio carisma, como mostraremos a seguir, é preciso dizer que a história de sucesso de sua carreira missionária deve ser inserida no contexto de fortalecimento do Apostolado das Missões Religiosas da Igreja Católica no Brasil e na Paraíba, a partir das primeiras décadas do século XX.

A *Diocese da Paraíba*, criada em 1892, atribui a Dom Adauto, primeiro bispo da Paraíba, a condução local desse processo de redefinição católica. O documento de 1908 sobre o Regulamento das Missões na Paraíba de sua autoria e responsabilidade revela essa redefinição⁵⁸. Nesse documento, pode-se ler que as missões devem fazer parte de um plano de ação permanente das Paróquias e, como tal, devem adquirir *status* de acontecimentos de grande importância para a comunidade e para as autoridades religiosas. As iniciativas do Apostolado das Missões Religiosas no contexto das primeiras décadas do século XX são, portanto, estratégias de construção de novos modos de ação para a Igreja e para o catolicismo brasileiro em tempos republicanos. Conforme demonstra Micelli (1985), essas estratégias da Igreja sinalizam o processo de centralização e fiscalização da Igreja diante das mudanças dos novos tempos, em outras palavras, um processo de reordenação interna e externa, atuando na composição de uma política doutrinária e moralmente disciplinar que teve início ainda no século XIX. As Cartas Pastorais vão fazer circular as diretrizes desse reordenamento, dando corpo a um conjunto de atitudes, dentre elas, a criação de novas dioceses. Exemplar dessa realidade é a carta pastoral de autoria de D. Adauto publicada em 18 de dezembro de 1908. A repercussão na Paraíba desse documento foi assim atestada:

Esse belo trabalho está dividido em classes ou partes distintas: a em que apresenta o Divino Mestre como modelo absoluto do zelo das cousas santas e dos sublimíssimos ensinamentos por Ele deixados no Evangelho relativamente à Igreja fundada sobre o sangue precioso do Cordeiro Imaculado; a em que mostra os apóstolos como cumpridores intransigentes da gloriosa missão que receberam de velar pela salvação

⁵⁸ A cópia desse documento que consta dos anexos desse trabalho, foi elaborada em 1909 pela Diocese de Soledade-PB e, atualmente, encontra-se nos arquivos da Paróquia de Juazeirinho- PB.

das almas escolhidas do Senhor; e a que recomenda ao seu clero mansidão, candura e bom exemplo no desempenho de suas funções. É um documento de grande valor e interesse para os que devem trabalhar pela glória de Deus e pelo bem espiritual do rebanho de Cristo.⁵⁹

Assim, dentro desse contexto de dificuldade e definição de um novo papel na vida social e religiosa da Igreja católica em nível nacional, a Igreja Paraibana eleva a Pastoral Missionária a uma condição de grande importância política e social⁶⁰. Ao longo dos anos, esse Apostolado encarregou-se de criar uma ação religiosa que à época pudesse atender as necessidades da Igreja e enfrentar o que consideravam problemas da fé e dos católicos nos meios sociais.

Desse Regulamento de 1908⁶¹, que institui como hábito religioso nas paróquias paraibanas as Missões Populares, merecem destaques os artigos 2, 5, 10, 16, 19, nos quais se explicitam o espírito dessas missões e o terreno sobre o qual vai se instituir uma ação religiosa popular. Vê-se aqui uma igreja preocupada com os princípios da pastoral, mas também preocupada com os seus divulgadores. Nesse particular, Frei Damião de Bozzano, décadas mais tarde da divulgação desse documento contendo essa preocupação da Igreja, tornou-se seu melhor exemplo e representante.

Como explica o documento no seu Artigo Segundo, a realização das missões passa a ser anualmente com duração de seis dias e em todas as paróquias, indicando, assim, uma necessidade maior de uma vida pastoral e eclesial. Outros artigos desse documento são esclarecedores dos propósitos das missões, ao elencar uma série de motivos justificadores da sua realização, como auxiliares para a manutenção e o fortalecimento da fé e da prática católica.

As destruições de “erros e de maus costumes” aparecem como os objetivos imediatos da investida missionária, a qual deve ser organizada a partir de uma eleição de temas para pregação cuja tônica recaia sobre as Verdades Eternas e sobre a Proclamação

⁵⁹ Declaração do Cônego F. Severiano. Citado em Francisco Lima (2007, p.280).

⁶⁰ De maneira geral, esse é um problema recorrente em toda a história da Igreja no Brasil.

⁶¹ Sobre esse documento, Francisco Lima (2007, p. 281) diz: “Por decreto de 8 de dezembro, aprovou D. Adauto o regulamento da ‘Obra das Missões Paroquiais’ em sua diocese, obra que já vinha produzindo abundantes frutos. O decreto foi lido à estação da missa paroquial em todas as freguesias e registrado no competente livro de tombo. O regulamento em apreço, constando de 21 artigos, vem exarado na obra do Cônego F. Severiano “Anuário Eclesiástico da Paraíba do Norte”, volume 2º, páginas 631 e 634.”

dos Sacramentos. As prédicas, durante as missões, deviam ser cuidadosamente pensadas, pelo clero quanto aos assuntos e objetivos, conforme se pode observar em alguns de seus artigos:

Art. 5º

Com a devida antecedência o Vigário em cuja paróquia vai ter lugar a missão distribuirá entre seus colegas axiliares os assuntos e entre esses os mais eficazes para a destruição de erros e a reforma de mais costumes que possam existir em sua freguesia, sendo, porém, sempre o grande assunto das instruções as verdades eternas, os sacramentos e os outros meios da graça para a observância da lei.

Como atesta esse artigo, existe um leque de assuntos eficazes no combate dos erros e maus costumes dos fiéis. A competência do clero na condução dessas temáticas era proveniente de preparo e estudo:

Art. 7º

Para a necessária unção da palavra de Deus, imediatamente antes da pregação, cada um recolha-se completamente e medite ao menos por uma hora sobre a matéria de que vai falar e que já estudou.

Ou seja, as prédicas tinham objetivos claros: agir contra os erros de fé. Portanto, não eram permitidos qualquer assunto ou qualquer fala, mas assuntos e falas que foram previamente preparados, estudados as Verdades Eternas:

Art. 11º

Pela manhã, antes dos trabalhos diários, faça-se uma instrução sobre uma das verdades eternas, ou sobre um dos sacramentos mais necessários, celebre-se a missa da comunhão que poderá ser aplicada pelos penitentes e conversão dos pecadores.

Essa preocupação com assuntos e instruções dos sacramentos merecia especial atenção quando o público alvo eram as crianças. As solenidades de primeira comunhão

deveriam ser especialmente impactantes, pois deveriam servir como exemplos e oportunidades para que os fiéis de um modo geral renovassem as promessas de seus santos batismos:

Artigo 15º

O vigário deverá preparar antes da Missão os meninos que podem fazer parte da 1ª comunhão, cuja solenidade em um dos dias da Missão chamará muita atenção e muitas graças divina, podendo também por esta ocasião os fiéis em geral renovarem as promessas de seu santo batismo.

O Artigo que trata do encerramento das Missões chama especial atenção ao cuidado com a memória das Missões, instruindo seus organizadores para a confecção de lembranças que expressem, também, o sentimento de gratidão pelos benefícios de Deus.

Essas indicações do documento do bispado paraibano refletiam uma orientação nacional da Igreja Católica do Brasil. Orientação construída nesse contexto histórico de redefinição de seu papel e de busca de autonomia para condução do mundo espiritual e religioso. Trata-se, portanto, de uma batalha contra os erros e costumes visíveis na sociedade. Esse documento revela que as práticas religiosas na sociedade brasileira desse período apareciam por demais problemáticas aos olhos da oficialidade católica em processo de reforma. Essa realidade foi descrita por Kátia de Queirós Mattoso (1992, p. 317), nesses termos:

A oposição entre a Igreja e o Estado foi alimentada pelas posições doutrinárias da elite leiga do País. De modo geral, povo e elites não eram católicos no sentido estrito da doutrina ortodoxa. O “país legal” se declarava católico, mas o “país real” vivia à margem da fé romana. Majoritariamente ignorante e iletrado, o povo vivia com uma religião que mantinha relação quase sensível com Deus e os santos, materializados em imagens, ramos e escapulários. As pessoas se recomendavam aos santos de sua devoção, único recurso disponível diante das dificuldades e opressões de que eram vítimas no cotidiano. Atraídas por mistérios, apreciavam histórias de milagres, principalmente quando estavam ligadas a cura, o que, aliás, ainda hoje é atestado pelos milhares de ex-votos que ornaram as “salas dos milagres” de muitos santuários. Os populares participavam pouco dos sacramentos. Confissões e comunhões eram raras fora do ciclo pascoal. O batismo servia mais para inserir a criança na

sociedade civil do que como sinal de que havia nascido uma nova criatura de Deus. A religião do povo era mais uma religião de paixão que de ressurreição. Ela se manifestava melhor numa procissão do Senhor Morto que no Triunfo eucarístico.

Como descreve a autora, havia uma realidade social de distanciamento dos sacramentos da confissão e da comunhão. Aos olhos da Igreja católica do momento, esse distanciamento era um erro grave que precisava ser corrigido, visando uma imediata conversão desses pecadores. A pastoral missionária paraibana, conforme demonstra seu documento, instituía-se como investida nessa ação.

Dessa forma, podemos perceber que as missões passam a ter papel importante no contexto da vida religiosa da Igreja da Paraíba a partir de 1908. Esse documento da diocese paraibana refletia, como mencionei acima, o espírito da Igreja católica enquanto instituição para além das fronteiras do Brasil. Como observa Kátia Mattoso (1992, p. 295):

A prodigiosa transformação que ocorreu na vida política, econômica e social do Ocidente no século XIX, forçou a Igreja Católica a modificar-se tendo em vista reforçar a autoridade do Papa. O desmoronamento do Antigo Regime acarretara o enfraquecimento geral das regalias do tipo galicano ou josefista. A Igreja se libertava dos seus antigos entraves, afirmando a profundidade da fé católica e a necessidade de os poderes leigos, defensores da ordem social, se curvarem ante as forças espirituais

Dessa forma, essa transformação refletia a necessidade de uma ação centralizada de mobilização do clérigo no propósito de aproximar os fiéis da “nova” pauta do catolicismo. Ação essa que tivera início ainda no século XIX.

Na Paraíba, outras notícias sobre as missões dão conta dessa pauta e de sua recepção no contexto sócio-cultural e religioso do seu povo. Acompanhemos o que registraram os documentos oficiais de algumas paróquias sobre as missões:

Nos dias 12 a 17 de outubro de 1966, o Sr bispo diocesano realizou a visita pastoral a Juazeirinho após 2 anos de preparação a visita teve como finalidade dispor o povo mais proximamente para a criação da paróquia (...)

Para solidificar melhor o trabalho da criação de uma vida paroquial, com participação mais ativa dos cristãos na ação pastoral, o Sr bispo já havia acertado com o vigário a realização da ação missionária na sede paroquial, atividade a iniciar-se no mês

seguinte a criação da paróquia. A Ação Missionária é uma experiência pastoral de renovação das missões populares. É um trabalho que visa a criação de grupos mais conscientes e mais atuantes de cristãos na comunidade paroquial. No dia 17 pela manhã, o Sr bispo celebrou a missa pelos mortos da paróquia e encerrou assim os trabalhos da visita pastoral.⁶²

É assim, como acontecimento social merecedor de destaque, que as ações missionárias aconteciam e se apresentavam como “experiência pastoral de renovação das missões populares”, como explica o registro apresentado. É esse o ambiente no qual frei Damião de Bozzano vai se inserir e adquirir popularidade como missionário. A partir de então, as Missões Populares tornavam-se mais eficazes em seus propósitos quando delas participavam missionários que, como ele, eram capazes de realizar – com seus gestos e ações - práticas espirituais de assistência religiosa e combate aos pecados e pecadores.

Essa atuação de religiosos estrangeiros no Brasil nas primeiras décadas do século XX faz parte do processo de romanização da Igreja católica. Esses religiosos passam a ser poderosas armas no combate às dificuldades doutrinárias ocupando espaços em regiões cuja ausência de párocos era sentida. A formação desses religiosos estrangeiros preenchia as necessidades de um clero capacitado para adoção e reforço dos valores religiosos e morais da Igreja em processo de restauração e correção. Como diz Azzi (2006), trata-se de um processo de reordenação da Igreja através de práticas e condutas condizentes com a ortodoxia romana. É o que se deduz a partir da história de missionário de frei Damião, construída em um crescente ininterrupto, desde a sua atuação primeira nas décadas de 1930 e 1940, como pudemos observar através do seu Itinerário acima comentado.

As missões de Frei Damião penetraram na vida cultural e religiosa do Estado da Paraíba, fazendo-se presente por toda uma região que compreendia os municípios de Taperoá, Juazeirinho, Soledade, Salgadinho, Patos, Junco do Seridó, Santa Luzia, Cajazeiras, Catolé do Rocha, Campina Grande, Guarabira, apenas para citar alguns dos municípios mais visitados por esse missionário.

Os fiéis missionários, homens e mulheres, gente do campo ou das cidades, incorporavam em seus calendários religiosos as missões, vislumbradas como mais uma

⁶²Termo de visita pastoral a Juazeirinho-PB, 17 de outubro de 1966. Manoel, Bispo Diocesano.

oportunidade de aproximação com os santos sacramentos, preenchendo as suas lacunas e carências espirituais.

Assim, tornadas populares, notícias de uma missão ocupavam, por um tempo, um lugar preferencial na conversas. Histórias sobre as missões e sobre o estado de vida religiosa da comunidade, os pecados e os pecadores passavam a ser assunto do antes, durante e depois de sua realização, disseminando-se nas mais diversificadas manifestações culturais, especialmente naquelas próprias da tradição oral, como os folhetos, os contos populares e as cantorias.

Frei Damião, como porta voz de uma ação religiosa familiarizada com essa Pastoral Missionária, tornou-a tão mais popular à medida que suas idéias, além de serem narradas e perseguidas por multidões de fiéis, também circulavam na imprensa paraibana. Vejamos a nota de um jornal sobre um dos seus sermões no sertão paraibano.

SERMÃO EM PATOS

Por ocasião do encerramento das missões em Patos, no último domingo às 18 horas, Frei Damião lhes falou sobre a beleza do Céu.

“Meus irmãos, o grito da mãe dos lavradores é o grito perene de todos os cristãos. No meio de todas as dores e peregrinações, no meio de todos os martírios e sofrimentos nunca deixou de refletir aos Céus, os olhos para o Céu e nós obedecendo ao convite olhemos todos para o Céu. Aos Céus, portanto, aos Céus os olhos e os corações de todos.

Meus irmãos, o Céu é belo, imensuravelmente belo: mas como podemos fazer entender esta beleza esta glória como poderei dar-lhes a entender a glória e a beleza do Paraíso? Se estiverdes no alto de uma torre e olhades para o céu e aparecer uma luz misteriosa, é uma oportunidade de acreditar em Deus, em seu imenso poder e em sua glória”

Benção dos Objetos

Depois do sermão o missionário procedeu a benção dos objetos de devoção como velas, imagens além de outros. A seguir benzeu a água e o sal, chamando todos os fiéis a que assistam a santa missa todos os domingos e dias santificados.

- E não pensem que se vão bem os seus negócios podem deixar de fazer orações a Deus, pois só com a benção de Deus tudo procederá melhor.⁶³

Como podemos observar na matéria acima, a imprensa paraibana da década de 70 não se limitava a informar a realização de uma Missão de Frei Damião em alguma

⁶³ Diário da Borborema, Campina Grande, 8 de Dezembro de 1971.

localidade, tratava também de divulgar trechos das prédicas, ressaltando o seu conteúdo doutrinário, como a que descreve a beleza e glória do paraíso. Assim, a imprensa contribuía para a sua popularidade e disseminação de suas idéias. Também por meio da especulação dos mais variados momentos e circunstâncias de sua vida - como o registro de seu cansaço explicado como motivado pelas longas e dificultosas viagens que realizava – o jornal contribuía para reforçar uma imagem de religioso humilde e humano:

Frei Damião Chegou Ontem a Campina

Frei Damião Bozano (foto) considerado o “novo Padim Ciço do Nordeste”, encontra-se em Campina Grande, desde ontem pela manhã, quando aqui chegou de ônibus procedente de São Paulo. Ele viajou em companhia do senhor Manoel Dias – Manoelzinho – residente à rua Santo Antônio.

Uma multidão considerável recebeu Frei Damião na Estação Rodoviária.

Entretanto, seu contato com o público foi breve. Logo após o desembarque ele seguiu para a residência do Senhor Manolzinho, pois estava cansado e precisava de repouso.

A multidão, entretanto, insistia em vê-lo e em pouco tempo a rua Santo Antônio ficou tomada por grande número de fiéis, queriam a todo custo abraçar o famoso Capuchinho. Frei Damião está seguindo para o Alto Sertão, onde dará prosseguimento a sua missão de peregrino.⁶⁴

Notícias como essa, ricas em descrições detalhadas sobre as condições das viagens, o seu estado físico e a expectativa dos seus fiéis com sua visita, criavam um ambiente narrativo propício às intenções da Igreja, em sua política missionária, e aos fiéis, em suas necessidades espirituais. Frei Damião era aquele cuja identificação com os fiéis se revelava através da sua *performance* de penitente humilde, retratada em gestos e palavras, espalhadas em uma longa e difícil jornada de missionário, como registra a documentação oficial da Igreja da Paraíba:

Chegou a esta Vila no dia primeiro de junho, do corrente ano, o missionário Capuchinho Frei Damião Bozzano, permanecendo entre nós até o dia 9. Tem o Frei Damião a virtude de tocar os corações, pois não é somente da palavra, mais principalmente do exemplo de uma fé ardente e de uma imensa humildade. Aqui a Missão produziu abundantes fructos. O numero de comunhões distribuídas foi o seguinte: 1799 de homens; 2789 de mulheres. A Santa Missão foi encerrada por uma (...) procissão de S. Sacramento com uma assistência calculada em mais de 4.000 pessoas. Na tarde do dia 9 dirigiu-se o Frei Damião acompanhado de Revmo. Vigário e

⁶⁴ Diário da Borborema, Campina Grande, 24 de outubro de 1973.

uma centena de pessoas para Joazeiro iniciando alhi na tarde desse mesmo dia a Santa Missão que se prolongou ate os dia 12 do mesmo mês. Foi o seguinte o numero de comunhões – de homens 1.203; de mulheres 1.805; 20 casamentos de Amasiados e 28 batizados. Do que fiz este termo.⁶⁵

Os registros paroquiais informam a dimensão da ação missionária do Frei Damião e o sucesso de sua visita à cidade de Soledade-PB, contabilizada na multidão que para ali recorreu, assim como no cumprimento da finalidade das missões de agir contra os pecados que assolavam a comunidade carente dos sacramentos da comunhão, do casamento, do batismo e das confissões. Vejamos outro registro de sua visita missionária, agora se entendendo à capela de Juazeirinho-PB, que à época pertencia a Matriz de Soledade-PB:

Pelo incansável missionário da ordem dos Capuchinhos Frei Damião e seu companheiro Frei Fernandes, tiveram início na capela de Joazeiro, matriz de Soledade respectivamente, em 20 e 27 de Outubro para terminarem em 3 de novembro de 1949 as Santas Missões, que obtiveram êxito e copiosos fructos espirituais. Foi bastante consolador o numero de comunhões distribuídos 7.357 mulheres e 5,180 homens – Total - 12,537.

Do que fiz este termo e assino.⁶⁶

Copiosos frutos espirituais obtidos nessa missão demonstram como a presença do frei Damião, em uma localidade, transformava as missões em um evento missionário de sucesso para a frutificação e consolação da Igreja Missionária da Paraíba que via sua meta pastoral sendo, exemplarmente, intensificada em todas as regiões do Estado. O registro de outra visitação do Frei, agora à cidade de Taperoá-PB nos idos de 1970, dá conta dessa mesma questão:

Teve início as missões pregadas por Frei Damião de Bozanno, que veio acompanhado de Frei Fernandes. Todos os dias as 4.00hs, procissão penitencial seguida de missa, pregação e comunhão dos fiéis, as 9 horas catecismo para os adultos; seguindo-se a missa com pregação.

⁶⁵ Livro de Tombo Paróquia de Sant'Ana. Soledade-PB, 29 de junho de 1938, Folha 51.

⁶⁶ Livro de Tombo Paróquia de Sant'Ana. Soledade-PB, 30 de junho de 1949, Folha 68.

Esteve auxiliando no atendimento as confissões o Pe João Batista da Paróquia de Soledade o Pe Mario Tavares de Vertentes Pe. Além do Pe Manoel Bezerra do Nascimento.⁶⁷

Intensa era a atividade missionária empreendida pelo *incansável* frei Damião, conforme notas de jornais e os registros paroquiais acima reproduzidos. A programação de suas missões iniciava-se ao alvorecer, *às quatro da matina*, estendendo-se pelo resto do dia com as atividades de comunhão, confissão e missa. O momento auge das missões era a pregação, através da qual frei Damião se firmava como missionário preferencial do povo nordestino:

Realizam-se as missões de Frei Damião de Bozano nesta paróquia, foi uma semana de intensa movimentação. O missionário apesar de sua idade avançada se preocupa muito com a transformação da sociedade além da parte da sacramental os missionários que são considerados arcaicos, promovem eventos reuniões com as mais variadas categorias de pessoas, jovens, crianças, casais setores de pastorais existentes. Na paróquia como ponto culminante das missões destaca-se a pregação da noite dirigida a multidão. As missões do Frei Damião não significam cata de dinheiro como alguns interpretam e sim chamada a conversa a exemplo de João Batista o precursor e demais profetas. Se existem pontos falhos porque não temos a coragem de sentar para concertá-los. Muitas vezes o espírito crítico (que é necessário) está muito mais a serviço da destruição.⁶⁸

Novamente em destaque, o registro revela a intensa popularidade de Frei Damião que, com sua pregação, realizada à noite, atraía uma *multidão*. Além disso, o documento destaca que o Frei estendia a sua ação para *as mais variadas categorias de pessoas*.

Como atesta outro registro das missões de frei Damião aos municípios de Soledade-PB e de Juazeirinho-PB, no ano de 1977, a presença do frei é garantia de intensa movimentação na vida espiritual, mas também na vida política e social da comunidade por ele visitada. Nessa ocasião, a sociedade política, representada pela Câmara de vereadores de Juazeirinho-PB, também se mobiliza no acontecimento, concedendo-lhe o título de cidadão do município:

⁶⁷Livro de Tombo Paróquia N. Senhora da Conceição. Taperoá-PB, Junho de 1979.

⁶⁸Livro de Tombo da Paróquia de São José – Juazeirinho folhas 33. Período das missões de 7 a 13 de setembro de 1987

Aos 14 de maio do ano em curso teve lugar as missões de Frei Damião. Foi grande o movimento na vida espiritual da paróquia auxiliaram o missionário o Frei Artur da ordem dos franciscanos e o padre da paróquia. O movimento missionário teve a duração de cinco dias, na qual das missões o Frei Damião recebeu o título de cidadão juazeirense oferecido pela câmara dos vereadores dessa cidade.⁶⁹

Assim, quando em visita a uma cidade, as atividades de frei Damião não se limitavam às práticas religiosas de pregação dos sacramentos. Sua presença era importante para consolidar as ações políticas dos administradores municipais, a exemplo do ocorrido em 1980, novamente, na cidade de Juazeirinho-PB:

A paróquia de São José para comemorar os seus 15 anos de fundação elaborou um programa de evangelização com a duração de um ano de 16/10/80 à 16/10/81. Essa evangelização se intensificou durante os meses de setembro e parte do mês de outubro de 81. Seguindo a seguinte programação; de 1 a 12/9 tendo em todas as comunidades da paróquia 10 a 11 e 12, a realização de um encontro de educação política coordenada pelo Mons Expedito Vigário de São Paulo do Pontegi RN, com a participação do agentes da pastoral principalmente dos grupos específicos de educação política. De 14 a 21 realizaram mini-missões em vários setores da cidade com a visita da imagem da padroeira na ocasião havia a celebração da Santa Missa com pregação tivemos como auxiliar nestas pequenas missões o padre João Felix Capelão do hospital Santa Izabel em João Pessoa. De 22 a 28 houve missa e pregação nos horários das 19:00 hs. Do dia 5 ao dia 11 de outubro realizaram-se as missões de Frei Damião e Frei Fernandes. No dia 9 confissões para os doentes e missa. O dia 10 foi dedicado aos mortos houve missa no cemitério presidida pelo Frei Damião e concelebrada pelo Vigário da paróquia Pe João Batista da Silva após a missa, o Frei Damião deu a benção da nova Capela do cemitério construída pelo prefeito em exercício Francisco Marinheiro da Silva.⁷⁰

Acontecimento político, social e religioso, a missão de frei Damião dava lugar sempre a uma atmosfera de euforia e apreensão que tomava corpo no imaginário das comunidades visitadas por esse missionário. Não são apenas os documentos oficiais da Igreja e da imprensa da Paraíba que registram esse fato. Outras fontes, como os depoimentos e relatos de seus fieis e devotos, também comprovam o poder e o alcance de sua pregação missionária. Conforme depoimentos presentes na Revista Frei Damião, verificamos que os fiéis, atraídos pela fama do frei, driblavam as dificuldades materiais em busca do conforto de suas palavras. Uma multidão ia às missões por compromisso,

⁶⁹ Livro de Tombo da Paróquia de São José, Juazeirinho-PB, folha 15.

⁷⁰ Livro de Tombo, Paróquia de São José, Juazeirinho, folhas 19 e 20.

obrigação e penitência religiosa. Essa experiência era contada para os que não podiam estar presentes.

A popularidade de frei Damião adquirida em sua vida de missionário em terras nordestinas é, ainda hoje, geradora de múltiplas narrativas dentre as quais as que relatam sobre sua capacidade de instituir milagres, sobre sua competência como conselheiro e sobre seus poderes sobrenaturais:

Eu, Irene Neves Batista, pernambucana, franciscana do Cabo de Santo Agostinho-PE, zeladora do Coração de Jesus, quero dar o meu testemunho de um milagre a que assisti, de Frei Damião.

O fato ocorreu em 1974, na Fazenda Taquaritinga do Norte, situada no Município com o mesmo nome, no agreste pernambucano, cujo proprietário, na ocasião era o Sr. José Cardoso Sobrinho. O Frei Damião foi convidado para lá almoçar e abençoar a pedra fundamental de uma capelinha que seria construída naquela fazenda. O milagre a que me refiro acima aconteceu no momento em que rezávamos ao lado da pedra fundamental. O filho do administrador da fazenda, com dois anos de idade, subiu na pedra e caiu de um metro de altura, em cima de uma garrafa de cerveja quebrada. O pai da criança correu para socorrê-la, todavia a criança estava ilesa, sem qualquer arranhão, fato inusitado. O pai, na hora gritou: “É um milagre”. Todos se voltaram para o Frei Damião, agradecemos e rezamos em conjunto.⁷¹

A senhora Josefa Queiroz de Andrade, residente na rua Constantino Avelino de Sá, 502 bairro Várzea Fria, em São Lourenço da Mata, PE, declarou que morava em Surubim - PE numa época em que a seca assolava aquela região. Seu pai estava vendo todo o gado morrer. Eram os idos de 1965. Um dia, durante as Santas Missões, escureceu de chuva, mas Frei Damião não deixou que ninguém saísse antes da missa terminar. Após a missa, ela e seus familiares andaram mais de uma légua a pé; quando chegaram em casa, choveu muito, tanto que todos os barreiros encheram de água. E a alegria foi grande para todos.⁷²

A senhora Josefa Tristão de Melo, residente no Sítio Reis, Usina São João, na Paraíba, declara que Frei Damião era um grande missionário, que dava conselhos; que dele se falavam coisas boas; que ensinou a muitos padres que moravam com ele.

A senhora Edimilda Maria Lins, que mora na rua 19, bairro Dois Carneiros, em Jaboatão dos Guararapes-PE, diz que gostava de acompanhar as missões de Frei Damião e pediu a graça de chegar perto dele. Diz que o viu andando acima do chão e agradece

⁷¹ Depoimentos presentes na Revista Frei Damião, Ano 1. Nº 1, Recife-PE. Maio de 2007. Indicação de Fonte: Livro de Registro de Graças Alcançadas (Causa de Frei Damião).

⁷² Depoimentos presentes na Revista Frei Damião, Ano 1. Nº 1, Recife-PE. Maio de 2007. Indicação de Fonte: Livro de Registro de Graças Alcançadas (Causa de Frei Damião).

a Deus por ter tido esta visão. E acrescenta: Frei Damião bateu em minha cabeça e me disse: “Minha filha, tudo o que se vê, não se diz”.⁷³

Relatos dos milagres de Frei Damião e de sua popularidade atestados pelos seus fiéis (*gostava de acompanhar as missões de Frei Damião e pediu a graça de chegar perto dele*) são alguns exemplos dos fios narrativos que teceram uma memória social sobre as missões e sobre frei Damião. Relatos sobre a crença na capacidade de operar milagres circulavam no imaginário do povo religioso nordestino e contribuía cada vez mais para atrair fiéis em suas missões.

Seus sermões, peça chave na sua popularidade, são os fios narrativos que contribuem nessa direção. Esses sermões refletem uma pastoral cujo foco central era a purificação das almas dos pecadores, através da ênfase particular em um discurso carregado de imagens e representações do Inferno e do Paraíso. Frei Damião sintetizava o espírito das missões e visitas pastorais. Conforme venho demonstrando, sua história de sucesso e popularidade foi construída pela empatia entre seu discurso e o imaginário religioso popular. Sobre essa questão, Kátia Mattoso (1992, p. 409) diz:

O sucesso dos missionários era devido em parte à harmonia entre os temas que pregavam e a religiosidade do povo, cheia de penitência, moralizadora e providencial. As pregações estavam de acordo com o sentimento geral: nas missões efetuadas no interior da Bahia em 1870, a maioria dos homens e mulheres usava coroas de espinhos e os homens carregavam cruzeiros algumas de muitas dimensões.

Frei Damião, como exemplo de um missionário de sucesso, reintroduz na Paraíba, a partir de 1931, essa tradição de que fala Mattoso. As imagens e representações divulgadas por ele vão se solidificar na cultura e religiosidade do nordestino e do povo paraibano, em particular, através de um amplo movimento que transforma sua ação missionária em uma matriz narrativa com presença nas mais variadas expressões culturais, a exemplo dos contos populares e da literatura de folhetos.

⁷³ Depoimentos presentes na Revista Frei Damião, Ano 1. Nº 1, Recife-PE. Maio de 2007. Indicação de Fonte: Livro de Registro de Graças Alcançadas (Causa de Frei Damião).

Essas expressões culturais de grande presença nos meios populares vão funcionar como canais de circulação e de divulgação dos valores morais e religiosos difundidos por frei Damião, como pretendo mostrar, cotejando-as com a natureza de sua pregação religiosa.

4.2 OS SERMÕES COMO DISCURSO EXEMPLAR, INSPIRADOR DE OUTRAS NARRATIVAS RELIGIOSAS

Para essa reflexão, julgo conveniente, como ponto de partida, retomar a notícia das pregações de frei Damião, registrada pelo Diário da Paraíba, da cidade de Campina Grande-PB, quando ele se encontrava em missões no Sertão desse Estado:

Por ocasião do encerramento das missões em Patos, no último domingo às 18 horas, Frei Damião lhes falou sobre a beleza do Céu.

“Meus irmão, o grito da mãe dos lavradores é o grito perene de todos os cristãos. No meio de todas as dores e peregrinações, no meio de todos os martírios e sofrimentos nunca deixou de refletir aos Céus, os olhos para o Céu e nós obedecendo ao convite olhemos todos para o Céu. Aos Céus, portanto, aos Céus os olhos e os corações de todos.

Meus irmãos, o Céu é belo, imensuravelmente belo: mas como podemos fazer entender esta beleza esta glória como poderei dar-lhes a entender a glória e a beleza do Paraíso?⁷⁴

É interessante observar que a imprensa, como já afirmei anteriormente, vai exercer um papel importante na solidificação da imagem de frei Damião e, de certa forma, contribuir para a divulgação de suas idéias religiosas. A reprodução no jornal sobre a representação do Céu é parte da matéria discursiva e do modo narrativo adotado por esse religioso em seu objetivo missionário e evangelizador. Nesse sentido, o jornal, atento às expectativas de seus leitores em torno das falas e das mensagens do frei, soube cativá-los, reproduzindo trechos dos seus sermões que interessavam diretamente a esses leitores.

⁷⁴Diário da Borborema, Campina Grande, 8 de Dezembro de 1971. Matéria intitulada: Sermão em Patos.

Seus sermões causavam impacto nos meios sociais e se transformavam em verdadeiros exemplos para seus fiéis, como o proferido na cidade de Gravatá-PE, no ano de 1972. A reprodução desse sermão torna-se importante nesse trabalho, uma vez que, através dele, pretendo apresentar os elementos com os quais justifico minha hipótese sobre uma relação de influência das prédicas e dos sermões de frei Damião nos contos populares religiosos e nos folhetos religiosos:

É grande a alegria que experimentais ao receberdes a minha visita. Eu vos asseguro que não menor é a que eu experimento ao chegar no meio de vós, porque bem vejo que aqui há um povo que ama Nosso Senhor e a sua religião. Eu não sou nobre, não sou rico, não sou político, nem sequer tenho a honra de ter nascido nesse país. E, contudo, acabais de receber-me com tantas homenagens.

É porque, com os olhos da fé, reconheceis em mim um ministro do Nosso Senhor e em minha humilde pessoa quereis honrar a Ele mesmo.

Nosso Senhor recompense a todos vós, recompense o bom povo de Bezerras que quis me acompanhar até aqui, estenda suas mãos sobre vós e vos abençoe, abençoe as vossas famílias, abençoe os vossos negócios, abençoe os vossos trabalhos. Ele vos dê saúde e prosperidade e, sobretudo, a perseverança no bem. E, um dia, nos reúna a todos, no Santo Paraíso, é o que desejo para todos vós.

“Meus irmãos, por vosso bem, para o bem de vossas famílias, para a prosperidade de Pátria, conservai sempre em vos este espírito religioso que vos anima. Digo para o vosso bem e para a prosperidade da Pátria porque a religião não somente é útil para os indivíduos e para as famílias, mas também para a sociedade. A história aí está para demonstrá-lo, a primeira pedra de qualquer sociedade sempre foi a religião. E quando esta pedra foi derrubada, também a sociedade caiu em ruínas. Repito, pois: conservai sempre em vós este espírito religioso que vos anima e prestareis ao Brasil o maior serviço que podeis prestar.

Desça sobre vós a benção de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, e permaneça para sempre. Amém.

Neste instante, que vos diria? Vivemos neste exílio como se eterna devesse ser a nossa morada sobre a terra. Que outra coisa faz a maior parte de nós, se não o que já deplorava Sêneca dos homens do seu dia? Grande parte da vida, dizia esse sábio, emprega-se em fazer o mal; outra grande parte, em nada fazer; e toda ela, em fazer aquilo que não se deveria fazer. É assim mesmo, meus irmãos! Empregamos grande parte da vida em fazer o mal, em pecados, prazeres sinistros, desonestidades. Outra grande parte, em nada fazer, em conversas inúteis, em visitas supérfluas, danças, jogos, divertimentos.

“E os que não desperdiçam tão mal o tempo de sua vida, em que o empregam se não em cometer pecados, todavia não o empregam em praticar as virtudes e em adquirir méritos para o céu. Qual é o motivo de tão grande desordem? Se não erramos é porque perdemos o sentido, assim, para que fomos criado? E damos a entender também que estamos neste mundo para satisfazer nossos caprichos. Por isso, assim como o navio que se desvia de sua rota corre a mercê das vagas até bater nos encalhos e afundar-se, assim também se nós não estamos sendo mais dirigidos pelo que Cristo nos marcou,

corremos atrás dos bens terrenos até merecermos a condenação eterna. Vamos, pois, relembrar a nós mesmos o fim nobilíssimo para que estamos sobre a terra e a suma importância de alcançá-lo. Dois pontos que constituirão o assunto da minha prática que chama a vossa atenção.

“Tudo é feito para um fim. O sol é feito para iluminar e aquecer, a terra para habitar, o relógio para marcar as horas, uma difusora para ampliar a voz. E assim também nós fomos feitos para o fim. Qual é o nosso fim sobre a terra? É criar gado, enriquecer, satisfazer nossos caprichos? Não! O catecismo nos diz: nós fomos criados para amar, conhecer e glorificar a Deus e assim gozar dele um dia no Santo Paraíso. Eis a idéia fixa na mente de Deus desde toda a eternidade. Eis o termo estabelecido para nossa vida sobre a terra. Poderia haver outros mais nobres, mais sublimes? Deus, marcando-nos esse fim igualou-nos de certa maneira aos anjos, a Virgem Santíssima e a Si mesmo.

“Para que são feitos os anjos? Não foram criados com esse fim de conhecer, amar e glorificar a Deus? E com esse mesmo fim não foi criada também a Rainha dos Anjos e dos Homens, a Virgem Santíssima? E tudo o que Deus tem feito e ainda vai fazer no mundo não é tudo para a sua glória? Portanto, também nos destinamo-nos a glorificar a Deus, nós somos mistos dos anjos, da Virgem Santíssima e do próprio Deus. E que honra é pois a nossa?

“Neste mundo julga-se honrado quem goza da melhor vida de príncipe e pode prestar-lhe algum serviço. Mas o que é ter a relação, mesmo a mais íntima, com o maior personagem deste mundo em comparação daquela relação que é nosso último fim e que devemos ter com Deus nesta e na outra vida? Ora sim, meus irmãos, paremos um instante e perguntemos a nós mesmos: O que é que nós temos feito da honra altíssima que recebemos de Deus pelo nosso fim? Como lhe temos correspondido? Entregamos nossa mente para conhecê-lo? O nosso coração para amá-lo? A nossa alma, o nosso corpo para servi-lo? Nos nossos pensamentos, nas nossas palavras, nas nossas ações, tivemos sempre em mira aquele paraíso que Deus nos quer dar por toda a eternidade? Que respostas poderemos dar a essas perguntas?

Ah! Talvez devamos aplicar-nos aquelas palavras de David: o homem que foi levado a grande honra, a honra altíssima de conhecer, amar e glorificar a Deus, mas não compreendeu isto, considerou-se igual aos animais brutos e se tornou semelhantes a eles. Examinemos como é feita a nossa consciência e veremos como tantas vezes, em lugar de usar a nossa mente para conhecer a Deus, a sua lei, a sua religião, usamos dela para aprender a malícia, para pensar naquilo que não presta. Veremos como tantas vezes, em lugar de amar a Deus sobre todas as coisas, temos preferido o bem passageiro.

Veremos como tantas vezes, em lugar de servir a Deus, temos lhe desobedecido calcando aos pés a sua lei. Dessa maneira renunciemos ao nosso verdadeiro fim, que era Deus no Paraíso, para fazermos nosso fim a vaidade, que loucura, que insensatez!

Um menino que se achava em país distante devia voltar para sua pátria. Um dia se levanta de madrugada e toma de sua bagagem, põe-se a caminho. Mais, percorrendo ele uma estrada que passava de meio de campos e prados, eis que vê uma belíssima borboleta esvoaçando. Aquelas lindas cores enamorando e logo esquecido do seu fim se põe a correr atrás da borboleta. Esta, porém, perseguida, fugia, fugia. Às vezes, como para zombar do menino, pousava sobre alguma flor, mas quando o menino devagar aproximava a mão e, apertando o punho, iria apanhá-la, a borboleta já tinha despregado para longe o seu vôo.

Excitado, o menino, correndo pelos campos e pelos prados, se tinha afastado muito do seu caminho. Estava cansado e suado. E pensou em tomar um pouco de descanso à sombra de uma árvore, mas eis que vê sobre ela magnífico fruto. Oh! Por que – disse ele – não posso comer alguns desses frutos para restaurar as minhas forças? Assim fez. E depois de ter comido muitos deles, lançou-se no chão e adormeceu. Entretanto, o dia chegou ao término. Quando acordou, já começava a anoitecer.

Oh! Que fim! Exclamou ele, então. Cheio de Deus e de arrependimento, por uma borboleta, por dois frutos, esqueci a felicidade da minha pátria. Pobre de mim, pobre de mim. Mas ficou que lhe serviu a sua atenção nas coisas de Deus, porque enquanto procurava o caminho, os assassinos se precipitaram sobre ele e o mataram. É a história, meus irmãos, de nossa vida. Aquele menino somos todos nós, saídos e renegados nesse lugar de exílio. Voltamos para nossa verdadeira pátria que é o céu e nos desviamos do caminho que ali nos conduz. Por uma borboleta, por dois frutos, por mil cruzeiros, por amor de uma criatura cometemos o pecado mortal.

Felizes de nós. Oremos porque ainda não chegou a noite de nossa vida. Felizes de nós que ainda podemos encontrar o caminho reto. Até o presente, temos seguido uma estrada errada. Se até o presente nos temos deixado atrair pelos bens deste mundo até esquecermos os bens celestes, comecemos seriamente, para o futuro, a caminhar pela estrada da virtude e da santidade. E a não amar se não as coisas celestes e de Deus. E tanto mais devemos cuidar disto com solicitude porque o alcançarmos o nosso último fim é também o nosso negócio mais importante.

Com efeito, quando costumamos dizer que um negócio é importante, é quando do êxito dele se derivam grandes conseqüências. Mas que conseqüências mais funestas podemos imaginar que as que derivam do êxito infeliz do nosso último fim? Nem todos compreendem o que quer dizer sermos privados do nosso último fim. Mas, se vós quiserdes ter uma pequena idéia, imaginai que exista um homem que tenha mãos, pés, olhos, ouvidos em perfeito estado, a inteligência e a vontade desenvolvidas e prontas e que, todavia, nunca possa dar um passo, nunca ver um objeto, nunca ouvir um som, nunca compreender uma verdade, nunca amar um bem – que desgraça seria a sua, que dor experimentaria, e por quê?

Porque todas aquelas faculdades nunca poderiam conseguir o seu fim. Que será, pois, sermos privados do fim para o qual fomos criados? Fazemos mal a uma coisa impedindo-lhe o fim para que foi feita. Esse é o pior mal que lhe possamos fazer. Por exemplo, o pior mal que possamos fazer aos olhos é tirar-lhes a vista, aos ouvidos é fazer com que não ouçam mais, ao relógio, torná-lo imprestável para marcar as horas. E por que? Justamente porque os olhos foram feitos para ver, os ouvidos para ouvir, o relógio para marcar as horas. Eis, portanto, o que será sermos privados do nosso último fim, será o nosso pior mal, a nossa desgraça suprema.

Porém, o que mais espanta é que essa perda será irreparável. Costuma-se dizer, no mundo, que para todos os males há um remédio, e isso geralmente é verdade. Embora sejam grandes os nossos males, sempre podemos aliviá-los. Mas para uma só coisa não há remédio algum: para perda de nossa alma, para a falta de nosso último fim. Ainda que tivéssemos adquirido a sabedoria dos mais ilustres filósofos, ainda que tivéssemos alcançado as honras dos maiores vencedores de guerra, ainda que tivéssemos ganho, mesmo, o mundo inteiro, tudo isso de nada nos serviria se depois perdéssemos a nossa alma. Ouvi o que se conta de Isabel, rainha da Inglaterra, e famosa por sua impiedade e vida mundana. Ela tinha dito: dei-me o Senhor quarenta anos de reinado, e eu já sei o que fazer desse paraíso. Pois bem, Deus concedeu aquela infeliz mais do que pedia, deixando-a reinar 44 anos, sempre temida e honrada por todos.

Mas, depois da sua morte, foi vista a sua sombra funesta sobre as margens do Tâmis. E foi erguido este triste lamento: – Quarenta anos de reinado e uma eternidade no inferno, dando dessa maneira testemunha Jesus Cristo, que dissera: - De nada serve ao homem ganhar o mundo inteiro e depois se perder.

“Um senhor rico atravessa um dia um largo numa barca. Lançando um olhar cheio de compaixão para o barqueiro que remava com força: – Sabes música? – Lhe pergunta. – Não, respondeu o barqueiro. – Desventurado, perdeste a terça parte da tua vida, disse o senhor rico. Passam alguns minutos e o senhor rico pergunta novamente: — Conheces a história da filosofia? O barqueiro sacode a cabeça e acena que não. – Desventurado, perdeste a metade da tua vida. Navegam ainda meia hora e o senhor rico pergunta mais uma vez: – Conheces os escritos dos sábios modernos? – Não senhor, lhe responde o barqueiro, nem se quer sei ler. – Desventurado, perdeste três quartos da tua vida.

No entanto, se levanta um vento forte, as ondas se sucedem, espumam e avançam, ameaçam e afundam. O barqueiro toma por um braço o senhor rico e grita: – Sabes nadar? – Não, lhe responde o outro, entre soluços. – Desventurado, perdeste toda tua vida. E lançando-se na água consegue salvar-se, ao passo que o senhor rico ficou submergido juntamente com a barca.

Compreendeis bem, meus irmãos, o sentido dessa parábola. Neste mundo não se estima se não o que é útil para a vida presente. E só nisso se pensa, só por isso se trabalha, só por isso se fazem sacrifícios, mas chegará um dia em que a barquinha da nossa vida irá quebrar-se no escuro da morte. E, então, de que nos servirão os prazeres, os divertimentos, as honras, as riquezas e todos os bens em cima desta terra, se não salvarmos nossa alma? Perdemos tudo, e perdemos irreparavelmente. Mais que digo, perdemos tudo. Ah! Se não salvarmos nossa alma, além disso, seremos condenados a um eterno suplício.

É assim mesmo, meus irmãos, se não conseguimos o nosso último fim, se não salvarmos a nossa alma, só podemos esperar que Deus, com a força da sua onipotência, nos reduza a nada.

E ninguém diga amanhã, porque o amanhã não existe e, de um momento para outro, nos pode alcançar a noite, aquela noite em que ninguém pode mais esperar, noite de espera e desejo e de muitos arrependimentos.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!⁷⁵

Frei Damiano, cujo nome de batismo era Pio Giannotti, possuía formação em Teologia Dogmática e Direito Canônico, fato que pode justificar a sua excelente retórica.⁷⁶

Imaginemos que sermões como esse – recheados de referências a personagens do pensamento grego, (Sêneca), a personagens da história (a rainha da Inglaterra), a parábolas e passagens bíblicas – eram narrados por horas e, ainda assim, prendiam a atenção de seus ouvintes que o esperavam com paciência e expectativas. Como informam os relatos de seus

⁷⁵Sermão proferido por frei Damiano em 1972, em Gravata-PE. In: Gildson Oliveira (1997, p. 59-64).

⁷⁶Outros dados de sua biografia podem ser encontrados em Gildson Oliveira (1997).

seguidores, esse missionário sabia tocar os corações, motivo que explica a sua popularidade semelhante à do Padre Cícero Romão Batista.⁷⁷

Observemos que, no sermão acima reproduzido, a condição de pecador é seu alvo preferencial. Contra o pecado, trava uma batalha espiritual cujo propósito é alertar aos pecadores sobre os males que os corrompem e os tornam cada vez mais distante da salvação de suas almas. Em suas palavras, *os pecados mundanos, os prazeres sinistros* (danças, jogos, divertimentos) corrompem a boa alma: *corremos atrás dos bens terrenos até merecermos a condenação eterna. Vamos, pois, lembrar a nós mesmos o fim nobilíssimo para que estamos sobre a terra e a suma importância de alcançá-lo*. Ao assim se expressar, frei Damião defende, como *remédio para a alma*, o bem espiritual, caracterizado por uma conduta social isenta de apegos materiais e repleta de ações espirituais.

As referências eruditas presentes em sua prédica funcionavam como mais um dos elementos de encantamento e de afirmação de sua autoridade, frente aos milhares de fiéis que o acompanham. Assim, frei Damião torna-se também agente mediador para os meios populares dos códigos de uma linguagem do mundo da erudição e da escrita.

Contudo, pretendo demonstrar que não era apenas pela humildade, pela doçura e pelo grande poder de oratória que frei Damião atraía seus fiéis. Na Verdade, sua importância e popularidade foram construídas através de uma pregação na qual os pecados, o *fim último*, o *destino das almas* viraram matéria de uma pedagogia que espalha medo e terror: Deus e Diabo, Paraíso e Inferno, salvação e pecado, elementos preferenciais de suas pregações, compõem um quadro de referências já presentes no imaginário social. Assim, sua pregação reforça as representações e relações dos fiéis com o Além e com o sagrado.

Frei Damião divulga o Céu-Paraíso: céu belo, destino daqueles bem-aventurados, dos tementes a Deus, dos que se preocupam com seu fim, com o *fim último*. Da mesma forma, o inferno dos desventurados pecadores é pelo Frei narrado em imagens cujos componentes estimulam o terror e se contrapõem à beleza e à candura do céu-paraíso.

⁷⁷ Os folhetos são uma fonte importante dessa questão. Suas histórias sobre frei Damião estão sempre recheadas de estrofes em que as atitudes de frei Damião são comparadas as do Padre Cícero, Algumas das narrativas insinuam ser o frei uma espécie de reencarnação do popular padre cearense.

Defendo que as narrativas dos contadores e cordelistas da Paraíba são lugares exemplares de circulação, divulgação e popularização dessas representações do Além, presentes nas prédicas de frei Damião.

Como mostrei em capítulo anterior, sonhos e aparições são mecanismos de um imaginário religioso que fala do contato entre Terra e Além. Esse quadro de imagens e representações, por um lado, apresenta-se como modelos narrativos dos problemas e dilemas do cotidiano. Por outro, espelha um campo narrativo de valores éticos, morais e religiosos, que dão suporte a relação estabelecida entre realidade social e espiritual. Esse campo narrativo cria representações do sagrado, das coisas do Além, a partir de dispositivos narrativos que circulam nos meios sociais e populares por meio de suportes distintos, porém peculiares em suas composições narrativas repletas de expressões de uma tradição de oralidade, a exemplo dos sermões de frei Damião.

Para melhor acompanhar essa questão, convido o leitor a ler mais uma vez os trechos das histórias narradas pela contadora Luiza Lima. No imaginário e representação do além-paraíso dessa contadora, encontram-se a luz, a felicidade, a alegria e a beleza. Lugar dos cristãos, dos verdadeiros cristãos: o Céu da eternidade:

Aí ele saiu pra fora foi-se embora disse que quando chegou no cantim tava nossa Senhora, aí ela disse: agora vamos lá pra casa. Aí disse que assubiu pro Céu. Mais disse que viu boniteza, e claro, no cemitério, no Inferno só viu escuro. Disse que até o fogo era preto. Aí ele disse, aí quando eu tava aqui acordei. Tão bonito que eu tava! Por isso que eu tava espiano pra ver se ainda eu tava na boniteza que tava. Aí Nossa Senhora, Deus perguntou a ele se queria ficar morano ou se queria ir pra casa dar educação aos filhos. Aí ele disse que queria ir pra casa. Aí ele enviveceu. Aí disse que, não, aí disse que ele soube ensinar os filhos.

(Luiza Lima. Mané Veloso tocando no Inferno, Assunção-PB, 1994).

Luz que irradia beleza e felicidade, como elementos da representação do céu-paraíso, está presente nessa narrativa da contadora de história Luísa Lima. E não são esses os mesmos componentes de divulgação do Paraíso da tradição religiosa que se estabelece no ocidente cristão em cuja tradição se filiam os religiosos das missões? Voltemos ao sermão:

Meus irmão, o grito da mãe dos lavradores é o grito perene de todos os cristãos. No meio de todas as dores e peregrinações, no meio de todos os martírios e sofrimentos nunca deixou de refletir aos Céus, os olhos para o Céu e nós obedecendo ao convite olhemos todos para o Céu. Aos Céus, portanto, aos Céus os olhos e os corações de todos.

Meus irmãos, o Céu é **belo**, imensuravelmente **belo**: mas como podemos fazer entender esta **beleza** esta glória como poderei dar-lhes a entender a glória e a **beleza** do Paraíso.

Belo e beleza são atributos enfaticamente repetidos para caracterizar o céu-paraíso da tradição católica cristã a qual se filia frei Damião. São representações que, segundo informa Delemeau (2003, p. 122-123), foram se constituindo em um corpus de representações literárias e iconográficas:

Nos primeiros séculos da era cristã, a evocação da felicidade em uma natureza abençoada remetia no mais das vezes ao paraíso perdido por Adão e Eva ou a um novo Jardim do Éden habitado pelos justos à espera da ressurreição. Segundo a concepção do paraíso então mais desenvolvida, este ‘designa o lugar onde as almas dos justos esperam a ressurreição escatológica’. Essa evocação cristã de um jardim da felicidade, terra venturosa das origens tornada morada onde os eleitos estão já no repouso e na paz, muito cedo se enriqueceu de elementos tirados das tradições religiosas e poéticas dos gregos e dos latinos. Os temas da idade de ouro, dos Campos Elísios, das Ilhas Afortunadas e do paraíso órfico prometido aos iniciados, com suas Campinas coloridas de flores e suas árvores carregadas de frutos, fundiram-se, assim, com o do pomar das origens. ‘O que se tomara por uma oposição entre pagãos e cristãos era muitas vezes apenas uma oposição entre alto e baixo Império’, constata Nancy Gauthier. ‘No que se refere ao domínio das imagens, o cristianismo serviu-se amplamente do estoque disponível em sua época’.

Quando nos deparamos com as representações de um Além paradisíaco, na sociedade nordestina do século XX, divulgadas por frei Damião e pelas histórias dos contos populares ou folhetos, percebemos serem elas facetas de um imaginário de crenças que, ao longo dos séculos, acomodaram-se em diversos campos das práticas culturais, populares ou eruditas. E aqui não estou defendendo representações populares e eruditas como campos definidos por uma oposição ou sobreposição.

No caso desse imaginário de representações do Além, presente nas narrativas dos contadores de história, podemos dizer que ele se compõe através de um processo de

elaboração que acopla elementos representativos da cultura erudita e oficial cristã para os meios populares dos crentes e fiéis. Outrossim, defendo que a elaboração de um quadro de referências do Além, divulgado pelos meios oficiais cristãos, fortaleceu-se com um sentido pedagógico, transformando-se em modelo.

Esse *Céu-Paraíso*, representado nas histórias ou nos sermões de Frei Damião, possui um mesmo contraponto: o Inferno demoníaco aterrorizante; lugar dos pecadores, dos descuidados da alma e dos bens espirituais. Vejamos em uma história:

Disse que o cão perguntou: veio a negócio ou veio a passeio? Ele disse: venho a passeio! Aí disse: então vamo correr minha casa. Aí foram correr a casa, aí disse que desse mesmo jeito viu. Viu as almas dipiduradas, viu uma pessoa resmungano, lá pra dentro. Aí chegou na cozinha viu as taxadas de comer de porqueira, no fogo, disse que disse assim: entre. Aí disse que quando ele botou o pé no batente, disse que foi uma quintura tão grande! Aí ele tirou o pé - foi quando ele tirou o pé - tirou o pé aí ele disse: foi sua felicidade, foi você não entrar aí, se você tivesse entrado aí nesse quarto tinha ficado, que aí é o quarto da comadre mais o compadre. - agora derne que eu ví Dona Júlia casar com o compadre dela, eu fiquei imaginando, meu Deus, será que dona Júlia vai pra lá? A casa de compadre é o que casa com comadre! E, eu casei com um compadre! Mais era de apresentar.

(Luiza Lima. Assunção-PB, 1994).

E em outra história:

Aí disse: feche os olhos, quando ia chegando lá no inferno, aí disse que ele fechou os olhos. Disse que quando abriu aí disse: já cheguelo. Aí ele se apiou-se, disse: entre. Aí mandou ele entrar, aí ele entrou. Aí disse: vamo tocar. Aí ele foi tocar. Aí disse que viu aqueles nego diferente dançano, as canelas finas. Aí disse que era aquelas negaria dançano. Aí ele disse: para aí agora! Aí ele parou. Ele disse: vamos correr mia casa. Quer correr mia casa? Aí disse: quero ver. Aí disse que ele entrou, aí disse que quando ia na casa, tinha um corredor assim na casa, aí ele disse que viu resmungano lá pra dentro. Ele disse: tá veno aquilo ali resmungano? Ele disse: tou ouvino! Ele disse: aquilo é os filhos que os pais falam e eles arresponde aos pais. Aí passou, aí disse: vamos aqui na sala de dentro, foram na sala de dentro, disse que tava uma mesada medonha. Ele disse: se sirva de alguma coisa! Ele disse: não, não quero não! Tou meio incomodado. Aí - já tava desconfiado - aí ele disse que viu umas almas assim despendurada de cabeça pra baixo. Ele disse: tá veno isso ali? Ele disse: tou veno! Ele disse: aquilo é as almas perdidas, que tá ali tudo despendurada. Aí entrou lá dentro. Aí disse: agora vamos na cozinha! Aí disse que tinha umas taxadas fervendo, ele disse: sabe que comida é essa? Ele disse: não sei não! Aí ele disse: isso aí é as lanças dos bebo que ajunta e tá aí fervendo. Aí ele disse: ave Maria. Aí disse que foi assim num quarto, disse que quando ele chegou na porta, disse que foi uma quintura tão grande! Aí ele disse: entre ! Aí ele disse: não, não quero entrar não! Quero ir embora, tou muito incomodado!

(Luiza Lima. Assunção-PB, 1994).

Eis uma narração típica da imagem e representação do inferno como um lugar aterrorizador. É possível deduzir-se que uma imagem como essa assustava tanto a narradora quanto os seus ouvintes, considerando que eram histórias contadas no silêncio da boca da noite e considerando as referências de pavor e de intimidação que contém: o Inferno é sujo, quente, escuro, barulhento e estreito. Lugar que abriga *negros das canelas finas* que dançam; almas perdidas de bêbados e de compadres que se casam com comadres. Durante a narração, principalmente no momento de descrição das personagens e das circunstâncias que as levaram ao inferno, a narradora deixa transparecer seu medo e terror: *“agora derne que eu ví Dona Júlia casar com o compadre dela, eu fiquei maginano, meu Deus, será que dona Júlia vai pra lá? A casa de compadre é o que casa com comadre! E, eu casei com um compadre! Mais era de apresentar....”*. Almas que comem *porqueiras*, gemem, ficam *dependuradas* e expostas *ao calor de um fogo* que também é preto completam o quadro de referências da narradora sobre o espaço infernal. Durante o processo de contação de suas histórias, Luiza Lima, assim como outros contadores, acabava exemplificando situações e atitudes dos personagens de acordo com o que dizia frei Damião sobre o assunto.

Comparemos, agora, essa sua descrição do Inferno com a que faz Frei Damião:

No inferno só há sofrimento. Lá, o calor é bilhões de vezes pior do que no Nordeste no tempo da seca. As labaredas sobem e queimam sem parar o corpo dos adúlteros, das prostitutas, dos afeminados, dos criminosos. Lá é o lugar onde vive o demônio. (In: OLIVEIRA, 1997, p. 83)

Irão para (ou já estão) esse Inferno almas que infringiram o regulamento do bom cristão ou, nas palavras de Frei Damião, almas de pessoas que emprega(ra)m grande parte da vida em fazer o mal (os criminosos e os desonestos), em cometer pecados sinistros (os adúlteros, as prostitutas e os homossexuais); e outra grande parte, em nada fazer, em conversas inúteis, visitas supérfluas, danças, jogos, divertimentos. O inferno, lugar desses pecadores, é comparado ao calor da seca nordestina (*bilhões de vezes pior*). Essa Representação do inferno, traduzida para a linguagem e vivência dos seus fiéis, era prontamente compreendida e temida.

Ressaltamos, entretanto: essa representação, apesar de dever ser compreendida como nova e particular do contexto de atuação de Frei Damião e dos contadores, vincula-se a um contexto histórico social da cultura religiosa cristã ocidental de séculos atrás. Essa cultura apresenta, desde tempos remotos, uma tradição narrativa de representações sobre o Além-infernal, rica em imagens pinçadas com traços de monstruosidades destinadas a gerir o medo e o pavor.

Como demonstrou Delemeau (2003, p. 31), em estudo sobre a relação pecado x medo, imagens e representações religiosas impregnadas de terror faziam-se presentes no século XVIII, como elementos de uma tradição bem peculiar aos meios religiosos dos capuchinhos:

Em meados do século 17, o vigário de uma paróquia saboiana faz o elogio de um missionário capuchinho nesses termos: ‘Deus, que tem um cuidado particular com suas criaturas, fez nascer um meio muito particular e pleno de maravilha para extinguir a raiva e a fúria dos espíritos infernais, pelos gritos e trovões de um padre, que ecoaram até no céu’

Com frequência, e durante vários séculos, os sermões dos missionários sobre a morte tiveram lugar nos cemitérios ao lado de um túmulo aberto. Outras homílias de missões – sobre o julgamento ou o inferno- eram dadas geralmente após o cair da noite, nas igrejas mal iluminadas pelos círios. Os sermões tornavam-se assim mais patéticos. Muitas e muitas vezes, eles provocavam no público reações que nos surpreendem: gemidos, lágrimas, gritos lancinantes (‘perdão’, ‘misericórdia’), desmaios, etc. Os pregadores precisavam muitas vezes interromper os sermões para permitir à multidão que liberasse por essas manifestações a angústia que eles próprios tinham suscitado.

As prédicas do missionário capuchinho frei Damião não fogem da tradição de sua congregação: ele também não poupa descrições recheadas de medo e terror nas suas representações do Inferno. Mas, os elementos que compõem a narrativa dessa sua pedagogia são adaptados ao meio social e ao cotidiano dos féis nordestinos.

Como também demonstrou Delumeau, os componentes de uma cultura do medo associado à escuridão e à noite já faziam parte do imaginário cristão desde seus primeiros tempos:

A Bíblia já expressara essa desconfiança em relação às trevas comum a tantas civilizações e definira simbolicamente o destino de cada um de nós em termos de luz e de escuridão, isto é, de vida e de morte [...] (DELUMEAU, 2003, 96)

As representações do paraíso ou do inferno e sua divulgação nos meios populares, especialmente através dos missionários capuchinhos, a exemplo de Frei Damião, carregadas de componentes direcionados à promoção do medo, traduzem uma relação cuja finalidade é servir de exemplo para a consolidação da conduta religiosa e moral desejada. Assim, a noite e sua relação com as trevas infernais, já prescritas nas sagradas escrituras, retornam nas expressões das culturas populares e nos exemplos oficiais do clero.

Era à noite que histórias eram contadas, cordéis eram lidos e sermões eram ouvidos. Assim, escuridão e medo compõem o cenário em que sentimentos e experiências religiosas são vivenciados. Nesse contexto, o imaginário do Além-paraíso, lugar de pureza, ou do Além-infernal, lugar do pecado, encontra uma de suas melhores fontes de representação.

A mediação que os religiosos e missionários capuchinhos faziam entre o erudito e o popular – representando o paraíso ou o inferno - traduzia seus propósitos e fim último de combate às mazelas espirituais e perdições dos pecadores. A linguagem usada e sua forma de expressão se assemelhavam àquela dos pregadores religiosos itinerantes do início da modernidade européia, de que fala Peter Burke, capazes de lançar mão de ações performáticas cujos propósitos eram impressionar suas platéias, caso dos frades franciscanos:

Os Frades parecem ter aprendido um ou dois truques como os menestréis, cujas pegadas seguiam, pois encontram-se referências desaprovadoras a pregadores que, ‘à maneira de bufões, contam estórias bobas e fazem o povo rir às gargalhadas’. Bernardino da Feltre tirou sua sandália e jogou-a num homem que estava dormindo durante o seu sermão. Alguns franciscanos certamente encenavam no púlpito; até são Bernardino ficara conhecido por imitar o som de uma trombeta ou o zumbido de uma mosca. Roberto Cacciolo, encorajando uma cruzada, teria arrancado seu hábito no meio do sermão, para mostrar uma armadura completa por baixo. As anotações dos sermões de Barletta frequentemente trazem

“gritos” (clama). Olivier Maillard escreveu pessoalmente as seguintes instruções cênicas à margem de um sermão: “ Sente – fique de pé – esfregue-se – ahem! Ahem! – agora guinche feito um demônio”. (BURKE, 1989, p.125)

Como vemos, os pregadores e missionários religiosos ao longo de suas histórias compõem suas ações através da incorporação de várias linguagens em suas prédicas: desde aquelas comuns aos meios populares e integrantes da linguagem cênica e gestual da cultura oral, até aquelas cuja matriz erudita encontra-se nos textos sagrados ou nos escritos filosóficos. Desse modo, essas representações são interfaces de um imaginário religioso cujo maior objetivo é a luta e o combate contra o pecado. As formas de anúncio desse combate se manifestava através de usos de imagens que espalhavam medo e terror. Na história da igreja no Brasil essa prática perdurou como característica da maioria do clero e dos missionários a exemplo de frei Damião de Bozzano.

Para melhor compreender essa rede de relações entre as representações oficiais e eruditas do clero e as representações dos fiéis ou religiosos, aqui exemplificados pelos contadores de história, devemos lembrar os elementos temáticos de composição das missões e das pastorais, uma vez que essas práticas religiosas tinham como finalidade definir não somente o campo de atuação dos religiosos, mas também definir as suas formas de agir, na busca da aproximação com os *relapsos* fiéis. A igreja necessita de reformas internas e externas, marcadas pela e na relação do clero com seus fiéis e com o mundo contaminado de problemas espirituais.

Assim, as missões religiosas e pastorais expressavam, de alguma forma, uma concepção religiosa construída nos moldes dos cânones da cristandade da pós-reforma. Nessa, uma política religiosa de recuperação das almas cristãs pervertidas passa a ser uma preocupação norteadora de ações voltadas para atrair e recuperar os infiéis, os desviados e os que estão em via de desviar-se da verdadeira fé.

Recordemos, pois, que o documento pastoral das missões, aqui já referido, traça uma política de recuperação e preocupação com a própria imagem do clero, perante sua comunidade de fiéis e da hierarquia eclesiástica. As missões pastorais ou Santas Missões tornar-se-ão elementos fundamentais na medida em que preenchem as lacunas e as defasagens da Igreja cristã em suas obrigações espirituais. Trata-se de uma programação

em que a doutrina religiosa cristã elege como armas os Mandamentos e os Pecados Capitais. Matéria essa que vamos encontrar com nitidez na composição das narrativas religiosas dos contadores de história, como mostrarei a seguir.

Assim, a Igreja na Paraíba do século XX se apresentava em sintonia com essas necessidades e cuidava de estabelecer, estrategicamente, ações na busca de sua própria recuperação e de seus fiéis, como atesta a documentação da Segunda Reunião Episcopal da Província Eclesiástica da Paraíba no ano de 1908, acima comentado (ver anexo). Através desse registro, percebe-se que essa preocupação se tornava a base para construção de uma verdadeira comunidade de fé cristã. Ali se encontram as recomendações para a instalação da *obra das vocações* em todas as paróquias, como elo primordial e constante de aproximação, controle, zelo e disseminação das doutrinas cristãs.

Nesse contexto, as catequeses, os catecismos e as congregações adquirem relevância: toda uma preocupação para o bom êxito dessas atividades pastorais e vocacionais passa a ser matéria de destaque como responsabilidade oficial documentada em cláusulas específicas.

Uma igreja ameaçada, um clero preocupado e necessitado de proximidade com seus fiéis é o que, no geral, nos informa esse documento, quando apresenta como justificativas de sua ação o resultado das falhas de se conviver com a ausência das *santas verdades*: “A sociedade hodierna está mortalmente ferida por três chagas terminais: a falta da verdadeira fé, o egoísmo, e uma sede incansável de prazeres.” Como dizia frei Damião em um dos seus sermões.

Esse roteiro narrativo formulado e oferecido pela oficialidade católica cristã, através das missões, expressa um modo particular de falar das coisas do Além, das coisas do sagrado. Um modo de combate pela “fé verdadeira” que, nas primeiras décadas do século vinte, preocupa a Igreja da Paraíba e que vai ser exemplarmente seguido e popularizado pela pastoral missionária de Frei Damião, no Nordeste e na Paraíba, conforme já mencionei, a partir de 1931.

Os pecados capitais e especialmente aqueles que mais sinalizavam, em sua concepção, a desordem espiritual e o abandono das vias da salvação, como os pecados da luxúria e da descrença, eram os que mais preocupavam o Frei e o instigavam a combater

tão ardentemente, no seu trabalho de salvação das almas e recuperação dos infiéis. Nessa batalha de conversão, os sucessos eram pontualmente contabilizados em espaços reservados para os registros indicadores dos sacramentos realizados e da quantidade de protestantes que em cada missão tinham sido convertidos, como vimos nos registros de seu itinerário pelo Nordeste de 1931 a 1945.

Assim, em sua ação missionária, Frei Damião exerceu o papel de verdadeiro combatente e soldado da fé em busca da reparação dos pecados; realizou sua missão de forma espetacular. Foram comunhões, casamentos, batizados, crismas e confissões, mas eram as suas lições morais, apresentadas em práticas coletivas dos sermões para milhares de ouvintes, que mais impressionavam e influenciavam o imaginário religioso dos seus fiéis.

Histórias como *O Velho e os Três Filhos*, contada pelo narrador de Santa Helena - PB, Gonçalo Ferreira de Lima, são exemplos de sua influência.

O núcleo narrativo dessa história pode ser assim resumido: Um pai de três filhos é obrigado a dividir ainda em vida sua herança por exigência de um dos seus filhos que quer fazer uma viagem pelo mundo. O pai atende a exigência do filho que parte sem sua benção, uma vez que prefere ser amaldiçoado, mas carregar consigo uma boa quantidade em dinheiro. Na viagem, o filho pede hospedagem a um senhor e é atendido com a condição de, no dia seguinte, fazer um favor para o seu anfitrião: entregar uma carta no Céu a Jesus. O rapaz aceita a condição e recebe instruções do senhor para que, durante a viagem, escolha, para sua ida até o Céu, o caminho mais estreito e rejeite o caminho mais largo. Contudo, o rapaz prefere o caminho largo e vai parar no Inferno. Após um ano, um de seus irmãos resolve procurá-lo e, nas mesmas circunstâncias, segue o itinerário do irmão e acaba também chegando ao Inferno. O último filho que ficara só com o pai resolve ir atrás dos irmãos e o faz, mas, em condições diferentes, pois aceita a benção do pai e segue viagem sem nenhum dinheiro. No caminho, também é acolhido pelo mesmo senhor que lhe passa a mesma incumbência de levar a carta ao Céu. Ele, no entanto, não desobedece o anfitrião e acaba chegando ao Céu. Admirado com o que vira na viagem – terras secas com gado gordo; terras verdes com gado magro; além de uma senhora de idade se debatendo para transportar uma lenha que nunca a satisfaz – o rapaz questiona Jesus sobre esses

acontecimentos e acaba tendo como explicação o fato de que tudo o que viu é reflexo do pecado dos homens que quanto mais têm mais querem.

Trata-se de uma história de cunho moral semelhante às parábolas empregadas por Frei Damião em seus sermões nas quais os valores cristãos são pensados sob a perspectiva de mostrar que o pecado é algo que deve ser combatido. A cobiça e a ganância são mostradas como atitudes que conduzem os seres humanos diretamente ao Inferno, lugar dos amaldiçoados, daqueles que se distanciam das verdades cristãs e dos seus ensinamentos.

As situações em que se apresentam os personagens revelam o mundo de tentações que deve ser combatido sempre para salvação das almas e obtenção do paraíso. Ser abençoado e viver sem dinheiro ou preferir este e ser amaldiçoado são escolhas que revelam o grau de interação com a fé e com os mandamentos cristãos.

O caráter pedagógico dessa história situa seus ouvintes no contexto de uma preocupação que também era da Igreja, ou seja, o combate dos pecados, pecadores e do distanciamento da fé. São histórias que circulavam nessa cultura de tradição oral dos contadores de histórias da Paraíba e de sua comunidade de ouvintes em paralelo às pregações realizadas por frei Damião sobre as tentações do luxo, da vaidade, da cobiça, do distanciamento das coisas de Deus, próprios dos homens pecadores.

Em outra história *O Homem Que Se Chamava Interesse E A Mulher que se Chamava Inveja*, narrada pela contadora Luiza Lima, os pecados são expostos em uma trama cujo desfecho revela as dificuldades sociais e espirituais de homens e mulheres nordestinas:

O HOMEM QUE SE CHAMAVA INTERESSE E A MULHER QUE SE CHAMAVA INVEJA

Disse que tinha um homem que chamava Interesse e a mulher dele chamava Inveja. Aí teve uma menina. A menina se chamava Preguiça. Aí disse que ele fez uma casa que nem caramujo, assim, fazeno assim, disse que cada volta da casa ele botava uma porta e saía pra fora, saía inté na sala. Aí disse que nasceu essa menina. Ai disse que ele disse: ou mulher, eu vou caçar uma pessoa, justa e reta pra ser padrim da minha filha. Aí ela disse: assim, toma Nosso Senhor! Aí ele disse: não, não quero Nosso Senhor não!

Que nosso senhor faz uns pobre outros rico, uns preto outros branco,. Num é justo não!(ri) aí ele disse : ou mulher! Aí ela disse: o que é? Disse: quer saber quem eu vou tomar? Disse: quem eu vou é a morte. Vou tomar a morte de padrinho de mina filha. Disse: a morte é justa e reta. Mata preto, mata branco, mata rico, mata pobre, mata tudo. Ah! Essa é justa e reta! Aí tomou. Chamou a morte tomou de padrinho da filha. Ai no dia que batizou a menina, disse que ele disse: vamo correr minha casa, comadre? Aí saiu mais a comadre, disse que aquelas portas assim, aquelas voltas que dava na casa. Aí disse que chegou na cozinha ele disse: olhe aqui comadre minha casa, aí trancou a porta da cozinha, saiu trancano, tracano, trancano inter fora, inter chegar na sala. Trancou as portas tudim. Trancou a morte. A disse que Nosso Senhor disse: Pedro, vai lá, diga a Interesse que solte a morte porque já faz três dias que não chega ninguém aqui. Aí, ele foi e disse: Interesse, Nosso Senhor mandou dizer que você soltasse a morte, por que já faz três dias que chegou alma lá. Num chegou mais! Ele disse: ora, soltar! Deixe estar aí minha comadre trancada. Aí ele foi-se embora, São Pedro, aí ele disse: ele disse Senhor que não soltava não, deixasse a morte lá mais ele! Ele disse: Pedro tu vai lá diz a ele que solte a morte. Aí ele foi. Disse: Senhor mandou dizer que soltasse a morte! Aí ele disse: solto nada! Deixe aí minha comadre mais eu. Aí Nosso Senhor disse: Pedro, tu vai lá dizer a ele que solte a morte, que enquanto houver mundo não se acaba inveja nem preguiça, nem interesse. Aí ele foi e disse. Aí ele disse: ah! Agora eu solto. Aí ele soltou a morte. Eu digo, mais! Essa é quase certa né? Porque só o que tem no mundo é inveja e interesse e preguiça. Ele botou o nome da menina de Preguiça, e Interesse era ele e a mulher era Inveja. Tá! Essa é quase certa né? _ Não! Ele disse assim, Nosso Senhor disse assim: diga a ele que mande ao menos a menina dele. Aí ele disse: ora! Mandar minha filha! Pra que ele quer minha filha, ele que não é pai, quem dera eu que sou. Num mando não! Aí foi que ele disse que mandasse que nunca se acabava mais interesse, nem inveja nem preguiça. – aí eu digo, ah! Essa é mesmo certa. (Luiza Lima. O Homem que se chamava Interesse a mulher que se chamava Inveja. Assunção-PB, 1994).

Como indica essa história, os pecados da Inveja e do Interesse fazem parte da vida cotidiana e do contexto das dificuldades de vida dos pobres. Num primeiro momento, certo teor de desafio e de descrédito em relação aos poderes de Deus parece fazer parte do mundo de crença desse homem que oferece seu filho aos cuidados da morte. A relação estabelecida entre o sagrado e o profano quase se distancia de um pacto de obediência cega e irracional pregada pelos preceitos da ortodoxia cristã.

Todavia, como história exemplar acerca dos pecados humanos, essa narrativa traduz um universo mental em que os valores morais expostos são, ao mesmo tempo, reconhecidos e negados. Inveja, interesse e preguiça, no plano dessa narrativa, revelam uma face angustiada de pessoas que sofrem e buscam, ao seu modo, driblar as dificuldades de suas vidas e de seus credos, avaliando a vida sobre o prisma do pecado e de suas conseqüências. O mesmo prisma tão bem familiar às prédicas de Frei Damião quando, em

sua batalha para extirpar os pecados funestos, – insistentemente e por meios de analogias entre pecado e sofrimento no Inferno – irradiava o medo do pecado, usando representações espetaculares sobre o destino daquele que se entregava à vida mundana, aos descuidados do espírito e das *santas verdades*. Acompanhemos trechos de suas prédicas que traduzem bem essa questão:

O demônio existe, estão ouvindo? Ele existe! Em Mirandiba, Sertão de Pernambuco, entrei numa casa abandonada e ele me jogou sete pedras.⁷⁸

Com esse depoimento aterrorizador, Frei Damião reiterava a crença em uma relação direta entre pecado, no plano terreno, e inferno, no plano do Além. Em outro trecho, a disseminação do medo e do terror fica mais evidente:

No inferno só há sofrimento. Lá o calor é bilhões de vezes pior do que no Nordeste no tempo da seca. As labaredas sobem e queimas sem parar o corpo dos adúlteros, das prostitutas, dos afeminados, dos criminosos. Lá é o lugar onde vive o demônio. O adultério é um pecado tão nefasto que os povos sempre o puniram com os mais tremendos castigos. Os hebreus do Velho Testamento apedrejavam os adúlteros; os egípcios decepavam o nariz da mulher adúltera; os árabes decapitavam os culpados; os filhos adulterinos tinham os olhos arrancados. Entre os antigos germanos, o castigo do adultério da mulher era reservado, também, aos maridos: eram presos e as mulheres expulsas de casa, depois de terem os cabelos cortados e despojadas de suas vestes; em seguida levadas a chicotadas pela aldeia. E como se pune o adultério depois da morte? Com o Inferno! Homem que mantém relações com uma “coruja” fora de casa, aos infernos.⁷⁹

Nessa pregação, frei Damião deixa clara sua opinião de zelo de uma moral cristã. Para ele, a ausência do santo Sacramento do Matrimônio era tão grave que merecia um destino de castigos em vida e de condenação ao inferno, após morte. Recordemos que no sermão acima reproduzido este religioso tem em mira a temática do fim último, do dia do juízo final:

É assim mesmo, meus irmãos, se não conseguimos o nosso último fim, se não salvamos a nossa alma, só podemos esperar que Deus, com a força da sua onipotência, nos reduza a nada. E ninguém diga amanhã, porque o amanhã não existe e, de um momento para

⁷⁸ Conselhos de frei Damião In: Oliveira (1997, p. 82).

⁷⁹ Conselhos de frei Damião In: Oliveira (1997, p. 83).

outro, nos pode alcançar a noite, aquela noite em que ninguém pode mais esperar, noite de espera e desejos e muitos arrependimentos.⁸⁰

Não será essa a mesma temática dominante que constroem as narrativas das histórias *O Fim do mundo e Convite a Jesus para Almoçar*, reproduzidas a seguir? Vejamos:

O FIM DO MUNDO

Era uma vez uma senhora que tinha dois filhos. Aí estava perto do fim do mundo. Todos os dias, ia uma velhinha pedir esmola a essa senhora, aí essa senhora já tava aborrecida, que a velhinha pedia esmola todos os dias.

Aí mandou as crianças buscar lenha, procurar lenha na mata.

As crianças andaram, andaram e se perderam, não encontraram, não sabiam mais voltar aí passaram chegaram na casa de uma mulher bem pobrezinha a mulher tava com raiva de dar esmola a essa velhinha.

Aí ela pegou disse:

– Eu vou matar essa velha!

Confeitou bolo bem grande com veneno, pra matar a velhinha. Quando a velha chegou lá, que pediu esmola ela pegou o bolo envenenado deu a velhinha. Aí a velhinha levou pra casa morrendo de contente o bolo.

Chegando lá passaram as duas crianças na porta da casa dela. Aí as crianças disse:

– Minha senhora, me dê uma esmola pelo amor de Deus que a gente ta tudo morrendo de fome agente perdeu minha mãe não sabe mais voltar.

Aí a velhinha não tinha partido o bolo ainda, partiu e deu as duas crianças. Antes das crianças terminarem de comer o bolo, começaram a morrer, pois o veneno tava muito forte. Aí ela foi imediatamente corre pra casa da dona, dessa senhora deu o bolo a ela, chegando lá ela botou a velha no carro e correu pra lá. Chegando lá, eram os dois filhos dela, então ela ficou revoltada, se ajoelhou nos pés da velhinha, pediu perdão, a velhinha aí levou a velhinha pra casa ficou morando com ela.

As crianças morreram.

Aí foi disse:

– Quem faz mal aos outros, está fazendo a si mesmo.

(Jacira Ferreira. *O Fim do Mundo*. 1977. João Pessoa, 1982)

⁸⁰Trecho do Sermão de Gravatá. In Oliveira (1997, p. 64).

CONVITE A JESUS PARA ALMOÇAR

Um homem pobre possuía somente uma galinha a qual estava reservada para o dia em que Jesus fosse almoçar com ela. Apesar da mulher tentar descartar da idéia do marido, este freqüentava diariamente a missa. Além de convidar Jesus para o almoço; ele chamou também Santo Antonio. Os dois confirmaram seu pedido e ele, as pressas, foi avisar a mulher para preparar a comida. Ante a preocupação de sua esposa por nada ter a oferecer aos santos, o marido animou-a dizendo que cada um dava o que tinha. Assim, ao chegar a cozinha, grande foi sua surpresa ao ver tudo transbordando nas panelas! Atinou que só poderia ser obra divina. Vieram uns velhinhos pedir esmola pelo amor de Deus e foram beneficiados pelos donos da casa. Desolado porque os santos não compareceram ao almoço no dia seguinte, ele foi se lastimar na igreja aos seus pés e ouviu eles dizerem que haviam ido. Eram aqueles dois velhinhos. Agradeceu então, pela riqueza adquirida. Seu compadre rico, invejando-lhe a sorte, indagou da procedência de sua riqueza e, sabedor de tudo, quis imitá-lo; porém, ao invés de atender aos mendigos, enxotou-os de casa com os cachorros e assim o rico ficou pobre e o pobre cada vez mais rico.

(Maria de Fátima Silva. Convite a Jesus para almoçar. Cabedelo-PB, 1977)

Fazer mal ao próximo, invejar-lhe a sorte, não ser piedoso, ser avarento são preceitos presentes na construção dessas narrativas, acima expostas, que exprimem um universo de ações que revelam um ambiente social impregnado de pecadores e de pecados. Ambiente descuidado das coisas sagradas, como bem pregava Frei Damião em seus sermões e conselhos exemplares. Conforme enfatizava, o mundo secularizado causava a ruína das almas quando em luta rumo ao Paraíso Celestial. Por isso, o combate tinha que ser permanente:

Compreendeis bem, meus irmãos, o sentido dessa parábola. Neste mundo não se estima senão o que é útil para a vida presente. E só nisso se pensa, só por isso se trabalha, só por isso se fazem sacrifícios, mas chegará um dia em que a barquinha da nossa vida irá quebrar-se no escuro da morte. E, então, de que nos servirão os prazeres, os divertimentos, as honras, as riquezas e todos os bens em cima da terra, se não salvarmos nossa alma? Perdemos tudo, e perdemos irreparavelmente. Mais que digo, perdemos tudo. Ah! Se não salvarmos nossa alma, além disso, seremos condenados a um eterno suplício.⁸¹

⁸¹ Trecho de O Sermão de Gravatá. In. Oliveira (1997, p. 64).

A parábola a que se refere frei Damião, e que aqui merece ser reproduzida mais uma vez, presta-se exatamente para exemplificar, segundo seu entendimento, a inutilidade do apego material em detrimento do apego espiritual:

Um senhor rico atravessa um dia um largo numa barca. Lançando um olhar cheio de compaixão para o barqueiro que remava com força: – Sabes música? – Lhe pergunta. – Não, respondeu o barqueiro. – Desventurado, perdeste a terça parte da tua vida, disse o senhor rico. Passam alguns minutos e o senhor rico pergunta novamente: — Conheces a história da filosofia? O barqueiro sacode a cabeça e acena que não. – Desventurado, perdeste a metade da tua vida. Navegam ainda meia hora e o senhor rico pergunta mais uma vez: – Conheces os escritos dos sábios modernos? – Não senhor, lhe responde o barqueiro, nem se quer sei ler. – Desventurado, perdeste três quartos da tua vida. “No entanto, se levanta um vento forte, as ondas se sucedem, espumam e avançam, ameaçam e afundam. O barqueiro toma por um braço o senhor rico e grita: – Sabes nadar? – Não, lhe responde o outro, entre soluços. – Desventurado, perdeste toda tua vida. E lançando-se na água consegue salvar-se, ao passo que o senhor rico ficou submerso juntamente com a barca.”⁸²

A mensagem é exemplar: a arrogância e prepotência do senhor rico lançam-no na perdição. Cabe aqui recordar trechos das histórias apresentadas em capítulo anterior nos quais essas palavras de Frei Damião parecem bem familiares. Nas histórias, ações mundanas se apresentam como elementos exemplares para retratação e redenção dos pecados e, conseqüente, construção de uma moral de boa conduta humana, referendadas por essa pedagogia e tradição cristã, à qual esse religioso se filiava. Acompanhemos essa aproximação observando trechos da história da contadora Luiza Lima:

Moça de bicicleta, mulher de bicicleta tinha muito, morando, tinha muito, que dançava tinha muito. Disse: o Inferno já tá cheio e eu já não agüento mais. Aí disse que tinha um armazém de lado, tava cheio, não tinha mais onde botar alma (ri). Disse que Nosso Senhor disse: saia daqui Satanás que aqui tu não entra. E ele queria dar em São Pedro! Satanás é atrevido! Um home disse que viu, o roçado de roça quebrado, e disse que correu todo mundo, donde tava o home morto. E possa ser que Deus dá o arrependimento e ele se arrependa de que fez ou do que faz. (Luiza Lima, Assunção - PB, 1994).

⁸² Trecho de O Sermão de Gravatá . In. Oliveira (1997, p. 64).

A preservação dos preceitos morais religiosos dos santos sacramentos, representados na luta pela manutenção da honra, é encontrada em outra narrativa, cujos trechos reproduzo aqui:

- Não. Enquanto nós tivermos papai e mamãe não queremos casamento porque nós não temos avô, nem tio, nem irmão, só existem o senhor e a senhora; enquanto tivermos os dois não queremos amparo de ninguém.

Até que um dia morreu o pai de manhã e de tarde a mãe. Aí foram viajar pelo mundo, caçar um emprego para remir a vida. Andaram muito até chegarem numa cidade. A mais velha pensou:

- Vocês sabem como é que nós podemos viver? É se uma de nós três for ser ruim pra remir a gente.

- Aí disse para uma:

- Você, fulana.

- Eu não!

- Você fulana.

- Eu também não!

A mais velha fez um sorteio:

- Ah, eu sei como é que vou fazer! Vou botar três pedrinhas na minha mão: duas pretas e uma branca e vai tudo fechar os olhos, cada qual tira uma e a que pegar a pedrinha branca é quem vai ser ruim para remir as outras.

Vocês vão ver, meninas, o tanto que vale a honra de uma pessoa. A honra é tão fina. A gente vai conhecer através dessas três donzelas.

Quando tiraram as pedras, a caçula tirou a pedra branca e disparou a chorar. Saiu de rua afora caçando...adiante encontrou um velho. Esse velho abriu a boca a falar pra ela ser ruim para remir as outras, mas que o veio no pensar dela foi pedir esmola. O velho, então deu um cruzado. Ela tirou pra frente. Adiante encontrou um vigário e abriu a boca a falar do que ia atrás e teve vontade de dar o cruzado a ele para celebrar uma missa pra aquelas almas. E o vigário celebrou. Ela saiu. Quando chegou mais na frente encontrou outro velho e abriu a boca para pedir esmola.

(...)

- Pois vá ali naquele armazém e peça lá um papel e um lápis e me traga aqui.

A menina foi. Chegou lá pediram e deram. O velho anotou no papel:

- Meu filho, dê esmola a esta moça, a esta donzela, o peso desse bilhete.

Disse mais:

- Você vai e entregue este bilhete naquele armazém. Dê aquele rapaz que é meu filho.

A moça foi e entregou:

- Oxente! Papai já se foi! Já faz um século que ele morreu e hoje escreveu pra mim?

Não, não acredito! Mocinha

(...)

- Meu filho, dê de esmola a esta moça, o peso deste bilhete.

O rapaz botou o bilhete na balança...e botou... e haja botar dinheiro, encheu a balança, todo dinheiro que tinha botou e nada.

E o bilhete infincado.

Vieram os sábios da cidade.

- Sabe o que é? Eu vou lhe dizer: tire o dinheiro, que dinheiro não vale nada; tire as mercadorias, que não valem nada. Agora o senhor se sente.

Deu ouro em fio!

- Isso é para o senhor casar com ela.

Mandou depressa chamar as duas irmãs.

Ele tinha mais dois irmãos que se casaram com as duas irmãs e ficaram amparados.

Tranqüila é a honra que tem a donzela.

(Antonio Francisco da Silva. As Três Moças Desvalidas. Catolé do Rocha-PB. In. Maia (org)1995, p.p. 22-26).

Como vemos nessas histórias, existe uma forte presença de elementos da moral cristã divulgada por Frei Damião. A preservação da honra e a obediência aos preceitos cristãos, presentes nessa última história, adquirem um cunho exemplar. A resolução do problema da família deu-se por meio da defesa da honra preservada por meio do casamento. Nesse universo, as privações e as dificuldades materiais têm peso igual ou até superior ao das questões morais e de honra: *sabe o que é? Eu vou lhe dizer: tire o dinheiro, que dinheiro não vale nada; tire as mercadorias, que não vale nada. Agora o senhor se sente. Deu ouro em fio! Isso é para o senhor casar com ela.*

Ou seja, honra, honestidade, valores espirituais de uma moral e de uma conduta religiosa correta tinham correspondentes nas narrativas populares indo ao encontro dos conselhos do missionário, como se pode observar em mais um de seus sermões:

CONSERVAIS COMO LEMBRANÇA DA SANTA MISSÃO⁸³

Cuidai sempre, meus irmãos, da salvação das almas. É este o fim para que estamos sobre a terra. Não estamos neste mundo para gozar, para enriquecer, para satisfazer os nossos caprichos, e sim para servir a Deus e salvar a nossa alma. Salvando a alma seremos eternamente felizes, perdendo a alma seremos eternamente infelizes, por isso vós mesmos podeis julgar que em comparação desse negócio os outros são apenas inércias, bagatelas.

Não sejais, pois, do número dos que acham tempo para tudo exceto para cuidarem da salvação de sua alma. Se não tiverdes tempo, procurai-o, tratando-se de negócio mais importante, visto que o pecado, o pecado mortal, o pecado grave é a única coisa da nossa condenação.

⁸³ Sermão proferido na cidade de São João do Rio do Peixe, no sertão paraibano, no início dos anos 1980. Fixação realizada por Silvana Vieira de Sousa (Cajazeiras - PB, 2006), a partir de fita K7 gentilmente cedida por Wlisses Estrela de Albuquerque Abreu. A autoria da gravação é desconhecida.

Procurai evitá-lo, com toda diligência fugindo das ocasiões perigosas, porque será sempre verdade que o que ama o perigo perecerá. De maneira particular vos recomendo, fugir do pecado da impureza, da desonestidade. É este o pecado que mais facilmente se comete, pois em toda parte achamos atrativos pare este pecado. E o que ainda pior trazemos conosco a matéria para fomentar a essa paixão perversa. É a nossa carne rebelde. Cuidado, meus irmãos! Lembrai que o nosso corpo é templo de Deus, membro do corpo místico de Jesus Cristo. Guardemo-nos, pois, de profaná-lo, com ações indignas, com prazeres ilícitos, porque quem não profanar, diz o Apostolo São Paulo, será [trecho incompreensível] por Deus. Os casados [trecho incompreensível] guardem fidelidade entre si, respeitem a santidade do matrimônio. E os solteiros, sejam puros, castos até o casamento. Puros, castos até o casamento. E se desgraçadamente cairdes em algum pecado grave, não permanecéis em vosso pecado, semanas, meses e anos. É muito perigoso, meus irmãos, vivermos com a alma manchada de pecados graves! Porque, se a morte nos encontrar naquele estado, vamos pro Inferno. E a morte pode chegar a qualquer instante. Ninguém tem o direito de dizer: “Amanhã ainda estarei com vida.” Ninguém! Pois todos estamos sob o império da morte. E ela arrebatava nossa vida a qualquer momento. Tendo, pois, cometido algum pecado grave, reivindicai logo o divórcio rezando um ato de contrição. Já o aprendesses no catecismo. Se tivermos arrependimento dos nossos pecados [trecho incompreensível] por [trecho incompreensível] de Deus porque o [trecho incompreensível] a Deus, nosso criador, nosso pai, nosso supremo benfeitor, ele imediatamente nos [trecho incompreensível] essa graça com uma única condição que nos com [trecho incompreensível] quando pudermos. Repito, pois, tendo cometido algum pecado grave [trecho incompreensível] vi [trecho incompreensível] logo o divórcio, rezando um ato de contrição, e acostumai-vos também a repetir o ato de contrição todas as noites. Antes de deitarmo-nos, ajoelhai-vos a pedir perdão a Deus dos pecados cometidos durante todos os dias de vossa vida. Acabo de dizer que, por um ato de contrição, recebemos o perdão também dos pecados graves, mas também com a condição que nos confessemos quando pudermos. Por que isto? Porque Jesus assim estabeleceu. O evangelho é claro a esse respeito. Estavam os discípulos reunidos no cenáculo dos Judeus, quando de repente compareceu diante Jesus Cristo ressuscitado da morte e divulga a paz. A paz esteja convosco. Depois disse: - Como o pai enviou-me a mim, assim também os envio a vós. Recebeis o Espírito Santo, aqueles a quem perdoa-lhes os pecados, ser-lhes-ão perdoados. Aqueles a [trecho incompreensível] aqui não se trata do perdão das ofensas recebidas, aqui se trata do perdão dos pecados cometidos contra Deus. De fato, ele envia aos discípulos com o mesmo poder que tinha recebido do seu pai dizendo-lhes claramente: Como o pai me enviou a mim, assim também vos envio a vós. Ora, Jesus Cristo, mesmo como homem [trecho incompreensível] enviado pelo pai celestial com o poder de perdoar os pecados. Portanto, com esse poder, foi enviado também aos discípulos. É perfeitamente igual a missão de Jesus e a missão dos discípulos. Se pôs Jesus na terra a perdoar os pecados, também os discípulos receberam o poder de conceder esse perdão. Mas, somente os discípulos receberam esse poder? Não! Eles os receberam para transmiti-los aos seus sucessores. Por que dizeis [trecho incompreensível] algo [trecho incompreensível] e não pecamos também nós? Não temos também nós necessidade do perdão de Jesus? Portanto, o poder de perdoar os pecados iria permanecer na Igreja. Foi também somente aos discípulos que nosso senhor disse: Ide, batizai, ide e instrui a toda essa gente? E todos compreenderam que não somente eles receberam esses poderes. Mas os receberam para os transmitirem aos seus sucessores. O mesmo se diga do perdão dos pecados. Enquanto houver no mundo

pecadores, na igreja de Jesus Cristo, sempre haverá o poder de perdoar os pecados cometidos contra Deus. E quem sabe a esse respeito, os sucessores, os discípulos são os sacerdotes assim como nos atesta a história de todos os séculos do cristianismo. Daí a obrigação da confissão imposta pelo próprio senhor nosso. Porque os sacerdotes receberam dois poderes, o poder de perdoar os pecados e o poder de os reter. Portanto, devem conhecer quais são os pecados que devem ser perdoados, e quais os que devem ser retidos. Mas podem conhecê-los se o pecador não os manifestar? Não podem! Por isso vês, enquanto Jesus dava aos seus ministros o poder de perdoar e reter os pecados, ao mesmo tempo impunha aos pecadores a obrigação de confessá-los ao sacerdote. Por isso, confessai-vos, meus irmãos, ao menos uma vez a cada ano não deixais de fazer a vossa confissão. Hoje, frequentemente se fala em confissão comunitária. Então foi mudada a doutrina de nosso senhor? Não, senhores! A doutrina de nosso senhor é sempre a mesma. Os pecados graves devem ser acusados na confissão na sua espécie, no seu número na sua circunstância. Jesus, porém, não exige de nós o impossível, para viver em circunstância que não é possível acusar nem um pecado, por exemplo, o submundo de nascença como é que pode acusar os seus pecados? Não pode! Então não pode se confessar? Pode muito bem, basta que se apresente ao sacerdote e destinar que está arrependido dos seus pecados, o sacerdote lhe absorve e estará absorvido [trecho incompreensível] os fiéis são muitos, os sacerdotes não podem atender a cada um em particular [trecho incompreensível] os fiéis ficariam sem sacramentos ainda por muito tempo. Também nesse caso, a igreja permite a confissão comunitária. [trecho incompreensível] sacerdote excita ao arrependimento e dar a absolvição. Mas ver também, quem foi absorvido de um pecado grave em uma confissão comunitária, dentro de um espaço de um ano tem que acusar no cochicho em particular aquele pecado grave. Cheguei a assistir uma confissão comunitária, senti esse bom propósito de confessar em particular de um pecado grave que cometeu recebe o perdão. Por isso a doutrina da igreja é sempre a mesma, meus irmãos. Os pecados graves devem ser submetidos ao poder do [trecho incompreensível] devem ser acusados ao sacerdote, ao ministro de Deus. E a igreja lhes impõe fazermos pelo menos uma vez a cada ano a nossa confissão. Por isso, não sejais o número dos que se confessam somente quando no lugar se prega as santas missões ou quando vão se casar. Mas, como filhos obedientes da igreja, todos os anos [trecho incompreensível] a confissão dos vossos pecados aos pés dos sacerdotes. A santa comunhão, meus irmãos, é necessária para conservarmos em nós a vida da graça, a vida divina. Quando recebemos o batismo que Deus infundiu em nossas almas a graça santificante pela qual nos tornamos seus filhos adotivos e começamos a viver da sua própria vida. Esta vida divina se pode perder e de fato se perde cometendo o pecado. E por isso que o pecado grave se chama imortal. Como é que podemos continuar em nós essa vida divina, comendo, visto que a vida inteira se conserva comendo, e o alimento adaptado para isto é Jesus presente na hóstia consagrada. Ele mesmo nos diz: “Como aquele pai que me enviou, eu vivo pelo pai, assim quem come a mim, vive por mim.” E diz também nosso senhor: “Se não comerdes a carne do filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós.” Porém, a vida que perdemos não recebendo a carne e o sangue de nosso senhor que é a santíssima eucaristia, e a vida divina, a vida de graça. O cristão que deixa passar muito tempo sem comungar não pode se conservar na graça de Deus. Antes ou depois cometerá algum pecado grave que lhe tirará a vida da graça. Por isso, comungai, meus irmãos. Mas, infelizmente, nas missões se apresentam meninos e até rapazinhos que nunca se confessaram. Perguntamos quem é Deus, não sabem! Quem é Jesus Cristo, não sabem! O que é a hóstia consagrada, não sabem. Um rapaz me disse: A hóstia

consagrada? É aquela bichinha branca que o padre dar na missa. É uma bichinha branca. O que ensinam os pais a esses filhos? ((em tom bravo)) A comer feijão, arroz? Também as galinhas chocas ensinam seus filhinhos a puxarem. Pois é mais! A vossa maior solicitude para com os vossos filhos é cuidar da vossa saúde, não é dar-lhes o alimento necessário para a vida, não é deixar-lhes um rico patrimônio e sim, criar-lhes de tal maneira que possam um dia [trecho incompreensível] ao Céu [trecho incompreensível] seus filhos para a terra e sim para o Céu. E se eles não conseguirem o céu de vossos descuidos prestareis contas a Deus. Todos os meninos que já freqüentaram a escola, já sabem quando foi descoberto o Brasil e quem descobriu o Brasil. Pedro Álvares Cabral [trecho incompreensível] mas os meninos depois que souberem isso ganharam alguma coisa? Não ganharam nada! Não ganharam nada! Mas, no dia em que eles sabem que é Jesus, o que fez por nós, ele se salva. Por isso [trecho incompreensível] vossos filhos, mandai os vossos filhos a escola. Pelo menos o curso primário, todos os pais tem a obrigação de mandá-los. Ou, quem puder mande os filhos também freqüentar o ginásio, o pedagógico, o científico e etc, etc, etc, etc e etc. É muito bom. Mas, ensinaí-vos também o catecismo. Ensinaí-lhes o que é necessário para conseguir o céu. Ensinaí-vos o que é a hóstia consagrada. É nosso pai, e nosso salvador, é nosso irmão que ficou aqui convosco pra ser o nosso conforto, o nosso alimento na [trecho incompreensível] dessa vida. E fazei com que recebam a santa comunhão quando ainda são inocentes. Jesus quer tomar posse do coração de vossos filhos antes que o mal os contamine com a sua maldade. Não achareis santo algum que não tenha sido devoto apaixonado da comunhão [trecho incompreensível] Repito, pois, se quiserdes fazer coisa mais vantajosa para vossas almas, não vos limiteis a uma comunhão a cada ano. Procurai comungar todas as vezes que vos for possível. Vide assistir santa missa aos domingos, aproveitais a oportunidade para fazer também a vossa comunhão. A confissão é necessária todas as vezes que quisermos comungar. É necessária até não tendo cometido faltas graves. Quem tiver consciente de ter cometido faltas graves, não se atreva a comungar. Antes de tudo, se confessem e se confessem no cochicho, no cochicho. Santificai os domingos, meus irmãos, é esta a exaltação que vos dirijo. O domingo é o dia de Deus. Não temos dever para com ele? Temos! É nosso criador. Nosso pai, nosso [trecho incompreensível] benfeitor. Não passam só instante de nossas vidas em que não recebamos os seus benefícios. Até o ar que respiramos é dele. O sol que nos ilumina é dele. A terra que nos sustenta é dele. A chuva que cai para que cultivemos nossos campos é dele. Tudo é de nosso senhor. Iremos, pois, reconhecer o domínio essencial que tem sobre nós, por ter sangue em nossa servidão, dando graças pelos seus benefícios, e para cumprimento desses deveres, é destinado o domingo. Antigamente, era o sábado, o dia do senhor. Mas o sábado foi mudado para o domingo. Os santos apóstolos fizeram essa mudança em memória da destruição de nosso senhor Jesus Cristo na morte e da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos. Por isso vós que morais aqui na cidade, vós que viestes de outros lugares onde não há missa aos domingos mas [trecho incompreensível] assisti-las não trocáis a santa missa pelo trabalho, pelos negócios, para vedes a novela, por preguiça, para fazerdes a feira. Se há de faltar tempo aos domingos, há de faltar para as outras coisas, mas não para o dia da santa missa. Ademais, meus irmãos, cuidado, respeitai o dia de nosso senhor. Esse dia deixai as vossas ocupações e vinde a igreja. Vinde tributar a nosso senhor o culto lhe é devido assistindo devotamente a santa missa. Há pessoas que dizem: “Eu não vou a igreja aos domingos, mas tenho o rádio, tenho o televisor e assisto a missa radiada, assisto a missa na televisão.” Pode-se fazer isso? Como pode? Se alguém tiver motivo grave que lhe impede de chegar até a igreja, muito bem. Tem o rádio, tem a

televisão em casa, ligue o rádio, ligue a televisão. Mas não tendo motivo grave, é para assistir na Igreja. A missa é o culto.

Uma primeira observação que gostaria de fazer sobre esse sermão de frei Damião é quanto à questão da composição de sua narrativa marcada por um padrão discursivo em que elementos e normas da tradição oral tem presença importante. Nesse sermão, como no anterior, percebem-se repetições de falas – *Cuidai sempre, meus irmãos, da salvação das almas. É este o fim para que estamos sobre a terra. Não estamos neste mundo para gozar, para enriquecer, para satisfazer os nossos caprichos, e sim para servir a Deus e salvar a nossa alma* – que ao lado de um conjunto de parábolas e exemplos outros contribuem para que se realize o processo de popularização de seus sermões nesse meio sócio-cultural de potencial uso da memória. Intimidade e semelhança são estabelecidas entre frei Damião e seu público ouvinte.

Nesse sermão observemos que frei Damião elege, para pregação e aconselhamento dos seus fiéis ouvintes, dois pecados específicos: a impureza e a desonestidade:

De maneira particular vos recomendo, fugir do pecado da impureza, da desonestidade. É este o pecado que mais facilmente se comete, pois em toda parte achamos atrativos para este pecado. E o que ainda pior trazemos conosco a matéria para fomentar a essa paixão perversa. É a nossa carne rebelde. Cuidado, meus irmãos, lembrai que o nosso corpo é templo de Deus, membro do corpo místico de Jesus Cristo. Guardemo-nos, pois, de profaná-lo, com ações indignas, com prazeres ilícitos, porque quem não profanar, diz o Apóstolo São Paulo, serápor Deus. Os casadosguardem fidelidade entre si, respeitem a santidade do matrimônio . E os solteiros, sejam puros, castos até o casamento. Puros, castos até o casamento. E se desgraçadamente cairdes em algum pecado grave, não permaneçais em vosso pecado, semanas, meses e anos. É muito perigoso, meus irmãos.⁸⁴

Os Prazeres ilícitos, como os chama frei Damião, faziam-se mais frequentes em tempos e meios sociais em que a busca pelo santo sacramento do casamento cristão concorria com o casamento civil leigo e com as uniões subversivas. Assim, sua prédica é moral, pedagógica e política. Fazia parte do combate e das estratégias políticas da Igreja através das Santas Missões. A preservação do sacramento do casamento pelos casados e da

⁸⁴ Trecho do Sermão proferido na cidade de São João do Rio do Peixe – PB.

castidade pelos solteiros, como condição de recusar o pecado grave e a desgraça, encontram correspondentes nas narrativas dos contos populares.

Exemplar dessa situação é a história narrada em Assunção-pb por José de Santo, reproduzida em capítulo anterior, sobre a tentativa de venda de uma das três filhas que um pobre pai pensa em realizar para comprar alimento e garantir a sobrevivência da família. Através de um sorteio, a caçula, é destinada à venda. Porém, durante percurso para cidade, lugar de concretização do negócio, a família é interpelada pela alma de um senhor que impede o trágico desfecho, ao encaminhar a moça para se casar com seu filho, dono de estabelecimento comercial, assim resolve o problema da pobreza da família e impede a realização de um pecado.

Com o título *As três moças desvalidas*, outra versão dessa história, contada pelo narrador de Catolé do Rocha, Antônio Francisco da Silva, e reproduzida nesse capítulo, encerra sua narração com a seguinte sentença: *tranqüila é a honra que tem a donzela*.⁸⁵

Assim, essas narrativas revelam uma circularidade de uma mesma temática através de suportes diferentes. Sermões e contos populares elaboram, divulgam e reforçam valores morais cristãos. Os conselhos exemplares de frei Damião sobre preservação do casamento e da castidade, assim como o exemplo da preservação da honra através do casamento na narrativa do conto popular, adquirem significados e importância iguais no universo e imaginário religioso de tradição de oralidade.

A matéria discursiva sobre os pecados, os valores morais presente nos sermões e nos contos populares, encontrava nos folhetos um reforço de propagação. Ao tempo em que, nas missões, frei Damião falava diretamente com seus fiéis, os folhetos se encarregavam de propagar suas idéias:

⁸⁵ Sobre uma outra abordagem acerca da honra e seus significados no contexto da história do Brasil, ver Caulfield (2000).

FIGURA 22: CAPA DO FOLHETO *O VERDADEIRO AVISO DE FREI DAMIÃO SOBRE OS CASTIGOS QUE VEM*



FONTE: FOLHETO *O VERDADEIRO AVISO DE FREI DAMIÃO SOBRE OS CASTIGOS QUE VEM*.
AUTOR: JOSÉ FRANCISCO BORGES

Com o título *O Verdadeiro Aviso de Frei Damião sobre os castigos que vem*, esse folheto reintroduz no imaginário coletivo do povo nordestino a matéria discursiva de frei Damião sobre os pecados e os castigos. Assim, por meio dessa literatura de folhetos, suas idéias, conselhos e avisos circula(va)m entre aqueles que não tiveram oportunidade de participar de uma de suas missões.

Fui ao Juazeiro e lá
Falei com Frei Damião
Fui a Igreja do horto

Lá assisti um sermão
Sai de lá com soudade
Trouxe esta novidade
Vou ler e quero atenção

É um aviso a vocês
Que Frei Damião mandou
Versado nesse papel
Um bom romance formou
Quem não tiver apressado
Preste com cuidado
Que apresenta-lo eu vou

(José Francisco Borges. O verdadeiro aviso de frei Damião sobre os castigos que vem.)

Assim, os folhetos exercem um dos seus papéis mais importante nas culturas de tradição de oralidade. Eles se prestam como veículos narrativos e informativos. Com esse papel, os folhetos contribuem em duas frentes: prestam-se para anunciar mudanças sociais e comportamentais e para reforçar valores tradicionais. Quando informavam sobre frei Damião, essa última faceta sobressaía.

Vai chegar tempo que a gente
Deseja a data de agora
Que os dias se aproximam
Apertam de hora em hora
Aqueles que criticar
Mais tarde irão gritar
Valei-me Nossa Senhora.

...
Muitos homens viciados
Que deixa a mulher em casa
Vai direto a gafeira
Todo seu dinheiro arraza
Deixa de dar aos filhinhos
Satanaz de vagarinho
Vai botar ele na brasa

Muitas mulheres falsas
Que quando o marido sai
Ela arranja outro homem
Esta pro inferno vai

A besta fera é quem leva
Joga dentro das trevas
Não ver a Deus nosso pai

...

O compadre e a comadre
Sua cama está forrada
Nas profundas do inferno
Lúcifer da-lhe a pousada
Moça que raspa canela
Satanaz olha pra ela
No inferno faz morada

A mulher que pinta as unhas
Faz sobrancelhas e cangote
O diabo olha pra ela
E diz venha pro malote
É preciso que esse povo
Procure um regime novo
Pra se livrar do chicote

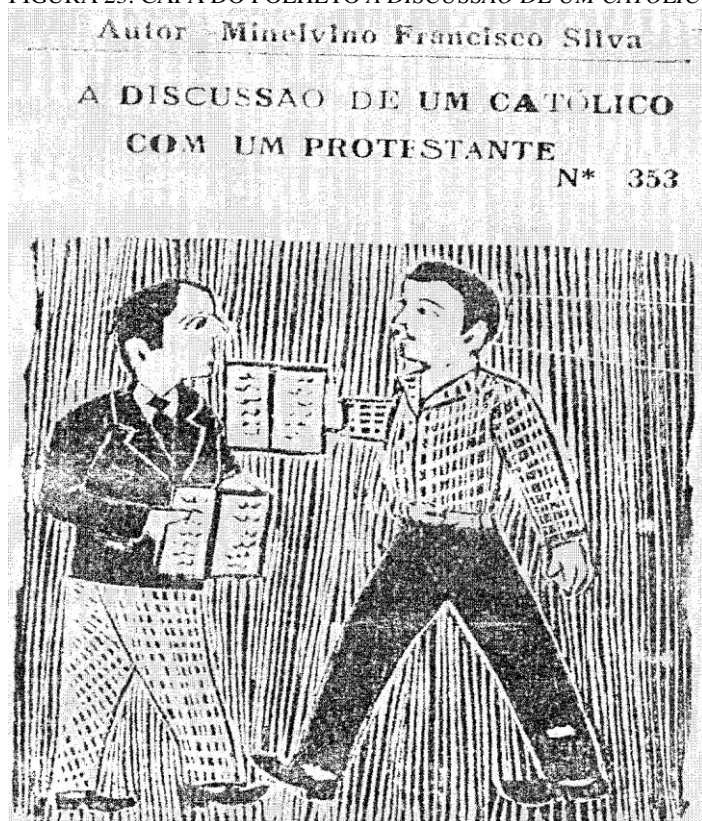
...

Protestante que se julga
Que é salvo e diz assim
Os católicos não se salvam
Todos pertence a Caim
Estes breves gritam ai
Não verem a Deus nosso pai
Pra deixar de ser ruim

(José Francisco Borges. O verdadeiro aviso de frei Damião sobre os castigos que vem.)

Mulher que trai o marido, mulher que pinta as unhas e faz sobrancelhas, compadre que casa com comadre, homens que descuidam do santo sacramento do casamento são valores de uma moral tradicional ameaçadas pelas mudanças da história. Os comportamentos sociais presentes nas narrativas dos contadores, nos sermões de frei Damião e nos folhetos sinalizavam um novo tempo. Tempo de afastamento dos fiéis dos sacramentos cristãos; tempo de necessidade de renovação e ação da Igreja através das Santas Missões Populares, tempo de disputa entre católicos e evangélicos:

FIGURA 23: CAPA DO FOLHETO A DISCUSSÃO DE UM CATÓLICO COM UM PROTESTANTE



FONTE: FOLHETO A DISCUSSÃO DE UM CATÓLICO COM UM PROTESTANTE
AUTOR: MINELVINO FRANCISCO DA SILVA. ITABUNA, 13 DE MAIO DE 1975.

Esse folheto, cuja xilogravura tenta representar o enunciado de sua mensagem, revela a tensão social que expunha católicos e evangélicos. Essas imagens e o conteúdo desses folhetos funcionavam como dispositivos narrativos de uma tensão de idéias e valores do campo da religiosidade.

O combate aos evangélicos protestantes fazia parte desse universo sócio-cultural e era uma das frentes de batalha da Igreja católica e de frei Damião. A temática de suas prédicas nesse combate encontra no folheto um lugar privilegiado. Essa questão pode ser atestada observando-se a composição dos seguintes folhetos: *O sermão de frei Damião em Alagoa Nova e a conversão do protestante*, *O mais novo e verdadeiro aviso de frei Damião combatendo a rabugem do protestantismo*, de autoria do respeitado e popular folhetista João de Cristo Rei; *História do protestante que virou num urubu porque quis matar frei Damião*, de autoria de Manoel Serafim Ventura; *O grande ataque dos católicos*

nas igrejas protestantes e o exemplo do homem que profanou frei Damião em Patos de Espinhara, de autoria de Severino Amorim Ferreira.

A quantidade de folhetos⁸⁶ que enfoca o universo de sua ação missionária e do seu combate contra os protestantes é extensa. Assim como é extensa a quantidade de folhetos que reproduzem histórias sobre os pecados, matéria de suas prédicas. Na capa do folheto abaixo, podemos contatar a presença de um pecado preferencial dos seus alvos: a Inveja:

FIGURA 24: CAPA DO FOLHETO *O PODER DE SATANÁS E A QUEDA DO INVEJOSO*



FONTE: CAPA DO FOLHETO: O PODER DE SATANÁS
E A QUEDA DO INVEJOSO.
AUTOR: FRANCISCO SALES ARÊDA.

⁸⁶ Ver lista de folhetos sobre frei Damião no anexo desse trabalho.

A inveja como conduta do mal e da perdição do pecador é a mensagem que a capa do folheto oferece aos seus leitores. Em sua narrativa, a questão é melhor explicitada:

A inveja é a carreta
Que arrasta o homem ao suplício
Planta o mal destro o bem
Construindo malefício
Enquanto a inveja reina
Não se sabe o sacrifício.

O invejoso não pode
Ver ninguém em bom estado
Despresa o que lhe pertence
Com pensamento voltado
Para tomar o alheio
Finda sendo derrotado.
(Francisco Sales Areda. O Poder de Satanás e a queda do Invejoso).

Na última estrofe do folheto, o poeta assim se expressa:

Ficou rico quem foi pobre
Sonhando um poder moderno
Aquele que era rico
Logrou somente o inferno
Empurrado pelos Diabos
Sem nunca ver o Eterno.
(Francisco Sales Areda. O Poder de Satanás e a queda do Invejoso).

A alusão explícita ao poder do Diabo na perseguição do invejoso retrata a presença nos meios sociais desse pecado, assim como atesta os desvios dos fiéis da verdadeira fé católica. Vejamos o que conta o folheto *Os Católicos de hoje em dia*, de autoria do poeta João Severino de Lima:

Vou descrever a verdade
Quem quiser faça anarquia
Não importa de agravar
Quem não possui garantia

Procurei todos direitos
Para contar os defeitos
Dos católicos de hoje em dia

Começo por esse povo
Que vive se confessando
Todo dia vão á missa
Com rosário resando
E voltam na faceirça
Dizendo que viu na missa
Muitas moças chumbegando

Umas dizem: mas comadre
As filhas de seu fulano
Não deixaram eu ouvir missa
Com raiva perde o plano
E não pude me conter
Ainda estava por ver
Um namoro tão tirano

Na volta bem cachaça
Quase em toda bodega
Tem delas que chega em casa
De bebida vai quase cega
Dana-se a falar da gente
Por causa da aguardente
Não vê que também chumbrega

Outra diz visse o uso
Que apareceu agora
O vestido é tão ligado
Não sei como não se tora
Então as filhas de Braz
Quem as reparar por traz
Vê-las com tudo de fora

Eu hoje vi uma cena
Das filhas do seu Raimundo
Tu visse aquela mais nova
Só namora vagabundo
Breve o nome dela sai
Do geito que ela vai
Termina dando pro mundo

Quero ver como eu
Que sou católico romano
Vou rezar minha novena
Daqui pra outra semana
Mas só quero convidar

Gente que saiba dançar
E goste de carraspana

Todo ano eu reso
Para S. Sebastião
Com ele arranjo dinheiro
Peru, galinha e capão
Mas como ele é mudo
No fim eu fico com tudo
Não dou a ele um tostão

Quando começa a novena
Chega logo a visinhança
Uns dizem ó reza custosa
Já perdi a esperança
De farrear nesta grengrena
Eu não vim cá por novena
Vi somente pela dança

Nem bem termina-se a reza
Começa a brincadeira
Uns jogando outros dançando
E outros na bebedeira
Dizem outros me garanto
Hoje aqui não fica santo
Que eu não cubra na poeira.

É por isso que o povo
Está sento castigado
Três quartos do pessoal
Só querem o caminho errado
Não dão valor a doutrina
Quanto mais o padre ensina
Mais fica desmantelado

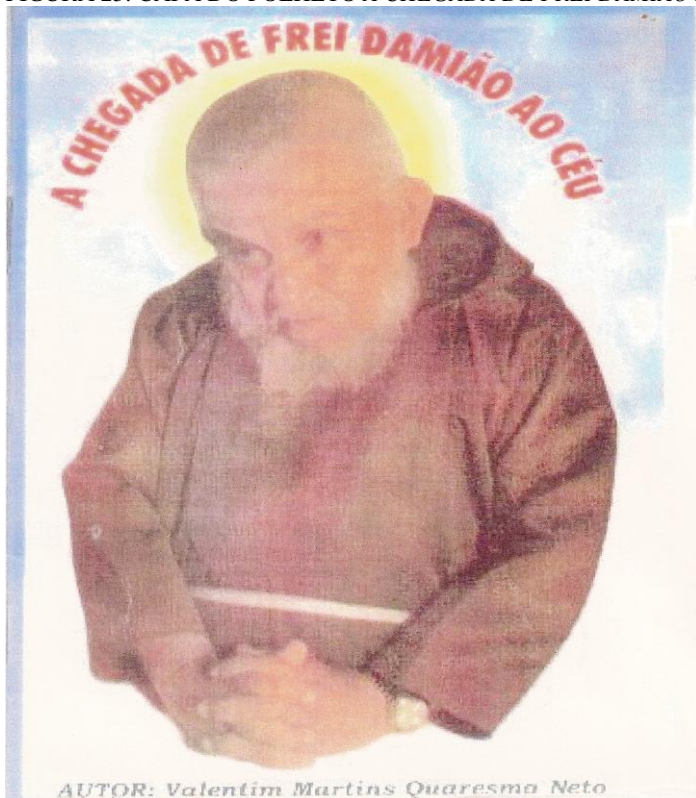
Beber, jogar e dançar
Falar do nome alheio
Namorar quem é bonito
Pilheriar quem é feio
Seguir fora do direito
De católico desse jeito
O mundo velho está cheio.
(João Severino de Lima. Os Católicos de hoje em dia).

Essas estrofes reafirmam os erros e pecados, tão combatidos por frei Damião e por ele assim classificados: os “prazeres mundanos”, “os vícios da modernidade”, “a

perdição” e o “desvio das verdades santas”. São problemas que atentam contra a boa fé do catolicismo por ele defendido. São *os pecados mundanos*.

A história dessa memória religiosa e de seus modos de circulação em folhetos ainda hoje é atestada:

FIGURA 25: CAPA DO FOLHETO A *CHEGADA DE FREI DAMIÃO AO CÉU*



FONTE: FOLHETO A *CHEGADA DE FREI DAMIÃO AO CÉU*.

AUTOR: VALENTIM MARTINS QUARESMA NETO, SANTA HELENA-PB, MAIO DE 1998.

É em Santa Helena, município do Sertão paraibano e terra dos contadores de história, que essa memória e tradição religiosa são transmitidas de pai para filho. O poeta Valentim Quaresma Neto homenageia seu avô, Valentim Quaresma de Mendonça, dedicando-lhe esse folheto sobre frei Damião:

A Deus, o Pai Poderoso
Peço a inspiração
Pra prestar uma homenagem
Ao Frade do sertão,
O defensor da verdade,

Meu santo Frei Damião.
Frei Damião de Bozanno
Em outra terra nasceu,
Seu país é a Itália,
Mas, Jesus o escolheu
Pra comandar um projeto
De interesse meu e seu.

O projeto de Jesus
Feito aqui para o sertão
De chamar os nordestinos
Para o amor e conversão,
A concórdia e à caridade,
A fé e à confissão.

O respeito ao casamento,
À reza e à devoção,
O amor ao batismo
Que é um dever do cristão.
Foi para isso que veio
O homem frei Damião.

Ao chegar no Nordeste,
Jesus Cristo lhe ensinou,
Deu-lhe paz e paciência,
Perseverança e amor
E o projeto de Jesus
O Frade realizou.

Quem ouviu sua palavra
Através do seu sermão,
Sabe o quanto ele lutou
Em favor da conversão,
Foi contra o adultério,
Pregou a libertação.

Qualquer nordestino lembra
De suas Santas Missões:
Das crismas, dos batizados,
Das missas e dos sermões,
Das rezas, dos casamentos,
Das filas pra confissões.
(Valentim Quaresma de Mendonça. A Chegada de Frei Damião ao Céu).

Estes versos confirmam a popularidade de frei Damião e a presença de suas
prédicas no imaginário coletivo dos nordestinos e dos paraibanos. Como atesta o poeta,

qualquer nordestino lembra de suas realizações. É impossível esquecer seus conselhos sobre o respeito ao sacramento do casamento, a luta contra o adultério e em favor da conversão. Ou seja, os sentidos de suas pregações como combate dos pecados evidentes nos meios sociais.

Para encerrar esse capítulo, debruçemos nossa atenção aos versos do folheto *O Homem que deu a Luz ao DIABO*. Esse folheto demonstra a circulação da matéria religiosa defendida por frei Damião. Sobre pecados e castigos foram os fiéis sempre alertados. Porém, em meio às mudanças dos tempos, vêm-se atormentados em sua fé:

O que acontece no mundo
é o destino que trás
eu vou contar a história
passada com um rapaz
por capricho deu a luz
ao filho do satanás

Isso foi agora mesmo
na fazenda da Mirage
no mesmo lugar morava
O moço Chico Tapage
pegou um santo e quebrou
Com a maior ‘fuleragem’

Dizendo: não creio mais
na tal de religião
não dou mais valor a santo
para mim é ilusão
tendo dinheiro no bolso
não preciso salvação

Nisto chegou o pai dele
nesta mesma ocasião
dizendo: Chico Tapage
tenha mais educação
por que você não respeita
a santa religião?

Não queira ser desordeiro
infame conspirador
respeite a santa igreja
de Cristo Nosso Senhor!
quem perde a graça de Deus
na terra perde o valor

Respondeu Chico Tapage:
-no mundo vale quem tem
o homem que tem dinheiro
todo mundo lhe quer bem
a graça sem o dinheiro
nunca valeu a ninguém

O homem que tem dinheiro
vive sempre confiado
pensa que Deus não é Deus
nem fazer crime é pecado
ele não tira o chapéu
quando entre no sagrado

Pra se viver nesse mundo
precisa ter muita arte
não acreditar em nada
não entrar em toda parte
não lutar contra a polícia
Na boca do bacamarte

Meu pai eu vou lhe dizer
para encurtar a razão
eu não acredito mais
na tal de religião
vi nas páginas dum jornal
' Proibido Frei Damião '

Leia o Coríntios da Bíblia
que diz: 'do espírito vem
o dom de operar milagres
outro curar lhe convém
já outro é profetizar
falar e dizer o bem

Taxam que é fanatismo
veja de onde vem a tese:
fanatismo vem do fã
no regime catequese
só os fanáticos sustentam
O peso da Diocese

Qual foi o crime ou a culpa
que teve Frei Damião
Se o povo gosta dele
por justa lei da razão?
meu pai isso é inveja
nascida no coração

De muito tempo já vem
a tamanha inquisição
veja que Jesus sofreu
calúnia e difamação
imagine um pobre frade
como é Frei Damião

Quantas missões tão bonitas
na igreja tem pregado!
o nome de Jesus Cristo
tem no coração gravado
agora no fim da vida
seu coração humilhado

Pela sua humildade
pelo dom de aceitação
pelas críticas que recebe
o frade Frei Damião
relembrou os sofrimentos
do Padre Cícero Romão

Quede o carro de luxo
que não tem Frei Damião?
quede as suas riquezas
que vive assim pobretão
-muitas vezes ele dorme
deitado no frio chão

Quase todo padre tem
bom carro pra passear
só Frei Damião não tem
um canto pra repousar
nem sequer tem uma cama
pra nela se deitar!

São setenta e sete anos!
já precisa proteção
ser consolado na fé
da santa religião
seguindo o resto da vida
cumprindo sua missão

Veja que nosso governo
com muito zelo e carinho
fez decreto e assinou
dando aposento ao velhinho
ajudando o ancião
no resto do seu caminho...
(Manoel Caboclo e Silva. O Homem que deu à Luz ao Diabo).

Essas estrofes informam essa intertextualidade religiosa. Por meio da tradição oral, uma memória e uma história religiosa se constituem mediante processo de produção, reprodução e apropriações diversificadas de sentidos e expressões de crenças oficiais e crenças não oficiais. Os versos do folheto do poeta Manoel Caboclo, ao tempo que revela uma tradição religiosa e de fé, proposta por frei Damião, informa sobre o grau de tensão e conflitos do contexto dessa realidade religiosa. Lamenta a religiosidade tradicional ameaçada. Testemunha, portanto, as mudanças sociais do seu tempo, tempo de desencença, assim como tempo de novas orientações religiosas que sinalizavam um novo processo de mudança na Igreja do Brasil. A religiosidade popular passava a ser compreendida por outro prisma: o da evangelização social, conforme testemunha Luiz Gonzaga de Sousa Lima (1979, p. 30):

No final dos anos 50 e começo dos 60, iniciou-se no Brasil o deslocamento de alguns setores da Igreja e de parte do mundo católico organizado, no sentido de uma aproximação ao movimento das classes dominadas (trabalhadores, subproletários) e das forças sociais que se batiam socialmente em prol de transformações das estruturas sociais a elas favoráveis. Inicia-se então uma ruptura em relação ao papel desempenhado tradicionalmente por essas duas componentes da sociedade (...) Esse lento mas decisivo movimento ocorria principalmente a partir da ação de duas componentes, entre si intimamente relacionadas, que mantiveram relações de recíproca influência durante todo o período. É sumamente necessário considerar as duas componentes separadamente, a partir do início do processo. São elas: 1. um grupo progressista do episcopado; 2. a Ação Católica Brasileira (ACB), principalmente os setores da JUC, JEC (muito menos intensamente, JAC e JIC; a JOC viveu o fenômeno – o descolamento – com atraso).

Conflitos e tormentos compõem e caracterizam essa religiosidade popular da história da Paraíba do século XX.

Caracterizando o que no contexto da história do Brasil Colonial se constituiu como religiosidade popular, Laura de Mello e Souza (1986) adverte que sua composição é resultante de um processo de ressignificação de crenças pelos populares mediante suas necessidades concretas do cotidiano de suas vivências e necessidades espirituais:

Traços católicos, negros, indígenas e judaicos misturaram-se, pois, na colônia, tecendo uma religião sincrética e especificamente colonial [...]. Na colônia, os casos já aludidos da religiosidade afro e da divisão cristã-nova ilustram bem um clima de tensão. Traços incorporados traziam consigo um mundo pleno de significações: assimilações e seleções não eram arbitrárias, conforme mostra a bela análise de Bastide acerca da reformulação da importância dos orixás na colônia. Mais do que isso: não eram permanentes, ou definitivas. Entretanto, toda a multiplicidade de tradições pagãs, africanas, indígenas, católicas, judaicas não pode ser compreendida como remanescente, como sobrevivência: era vivida, inseria-se neste sentido, no cotidiano das populações. Era, portanto, vivência. É nessa tensão entre o múltiplo e o uno, entre o transitório e o vivido que deve ser compreendida a religiosidade popular na colônia, e inscrito o seu sincretismo. (SOUZA, 1986, p. 98,99)

A observação da autora sobre uma religiosidade popular que se define na vivência e não como reminiscência ou sobrevivência correspondente ao modo de expressão da religiosidade que venho analisando nas narrativas de folhetos, contos populares e sermões de frei Damião na Paraíba do Século XX. Certamente, novos sentidos aos elementos das crenças populares - visões, aparições, sonhos, elementos mágicos, representações do céu, representação do inferno, proximidade e intimidade com o diabo, dúvida e suspeição com relação aos desígnios de Deus - são elaborados no contexto de realidade e dos problemas da vida cotidiana e espiritual de homens e mulheres contemporâneos.

Assim, hoje, como ontem, a presença desses traços de múltiplas crenças na composição de uma religiosidade popular revela condições históricas de relação e aproximação entre mundo do Além e mundo real. Aproximação empreendida por homens e mulheres em suas distinções éticas e culturais, e em experiências práticas de vivência cotidianas.

Tensão social e religiosa caracteriza esse universo de crenças. Pode-se perceber uma face dessa tensão entre o catolicismo missionário do qual frei Damião passa a ser seu representante mais capacitado e a realidade do catolicismo das massas e dos populares.

Quando a pastoral católica missionária aprofunda sua inserção nos meios sociais, assim o faz em busca da conversão e da aproximação dos fiéis com os santos sacramentos de um catolicismo renovado pela retomada da Igreja rumo à romanização e à

centralização apostólica. Reagindo ao processo de secularização do Estado brasileiro dos tempos republicanos, a Igreja redefine estratégias de ação e combate das más práticas e más idéias religiosas, advindas quer da inserção nos meios populares da sua concorrente mais forte, a Igreja cristã protestante, quer das crenças e das práticas afro-brasileiras. Nesse contexto, age contra o que talvez se configure como ameaça maior dessa religiosidade: uma descrença e um destemor característicos dos tempos modernos. Sem temor, o fiel afasta-se da salvação e do reino messiânico.

A outra face da tensão dessa religiosidade se expressa na dinâmica de apropriação pelos populares da matéria religiosa traduzida em suas crenças. Existe uma intenção em resolver seus problemas sociais e do cotidiano por meio de ações mágicas, de promessas e de economia de trocas entre santos protetores e seus fiéis, ou entre esses e as almas.

Uma necessidade real de soluções imediatas conduz homens e mulheres à busca por milagres, por mecanismos que abreviem seus sofrimentos, ou que sinalizem possibilidades. Estas são razões para a realização dos pactos “demoníacos”, para as crenças adivinhatórias, para as relações com as almas, com os santos ou com o demônio.

Assim, resalto aquela que talvez seja a questão a ser observada neste capítulo: qual o fio que une nos contos, nos folhetos e nos sermões histórias sobre assombrações, visitas ao céu ou ao inferno, sonhos, pactos com o diabo, acordo com almas, formas de encantamento e práticas mágicas? Quero apostar em uma religiosidade composta de angústias e tormentos. Uma religiosidade de combate.

A pedagogia missionária amplia essa tensão espiritual com práticas que recuperam as tradições e crenças do catolicismo oficial ortodoxo. Sua ação se concretiza através de uma dinâmica de reelaboração de seu papel e de sua história no Brasil e, especificamente, na Paraíba, como demonstrado neste trabalho.

CONCLUSÃO

Fé e Tradição em narrativas: a intertextualidade em contos populares, folhetos e sermões de frei Damião

As narrativas dos contos populares dos folhetos, dos sermões e prédicas de frei Damião nessa tese estudadas apontaram uma história de religiosidade, caracterizada pelo entrecruzamento de crenças de tradições distintas, definida através de um processo de relações de força e combate. Quando analisadas essas narrativas em conjunto foi possível observar-se que todas expressam em suas composições e em seus suportes de apresentação traços de uma tradição de oralidade. No que diz respeito às formas de apresentação, constata-se: é para uma platéia de admiradores fiéis que os contadores dirigiam suas histórias e suas performances de narradores. Do mesmo modo, histórias de folhetos – marcadas pelos traços de uma comunicação oral- eram, também, narradas para uma platéia em leituras coletivas realizadas nas feiras ou nas casas de seus apreciadores. De modo semelhante, é através de pregações para multidões de fiéis e ouvintes que frei Damião apresentava sua ação missionária de evangelização, narrando parábolas e contando histórias sobre os pecados e os pecadores, assim como manifestava seu combate às formas diferentes de crença. Ação iniciada na Paraíba nos idos de 1930 e intensificada a partir dos anos 1960.

Essas narrativas são expressões vivenciadas potencialmente em um mesmo contexto temporal e espacial: narrativas de folhetos, de contadores de história e pregações de frei Damião se fizeram potencialmente presentes na Paraíba do século XX especialmente em sua segunda metade.

Uma confluência de temáticas do campo das crenças define essas narrativas. Histórias de folhetos, histórias dos contadores ou seus contos, assim como as pregações e sermões de frei Damião se assemelham ao expressarem uma composição em que se fazem presentes elementos do campo da moral e ética peculiares às suas tradições, revelando assim, um processo de apresentação intencionada de expressões e sentimentos do campo da religiosidade.

Ao analisar as narrativas em seus respectivos suportes foram se apresentando histórias de sonhos, de aparições de almas, de visitas ao Céu ou ao Inferno, de pactos com o demônio, de vidas de santos, de salvação ou condenação as quais são apresentadas aos seus ouvintes/leitores como um leque de possibilidades para que esses empreendessem mecanismos de reflexão sobre suas vidas, e, particularmente, sobre seus modos de crenças e religiosidade. A temática dos pecados era a tônica das narrativas, destinada ao público ouvinte com o intuito de instaurar a esperança na salvação ou o medo da condenação. As histórias se imbricam através de enredos nos quais a vida cotidiana se apresenta como uma realidade em que necessidades espirituais e matérias são interdependentes.

De caráter exemplar, essas narrativas unem o presente e o passado ao exporem conflitos de valores do campo da moral e da religião. Ao assim se colocarem, esses conflitos revelam, claramente, uma crise de uma tradição moral ameaçada por novos valores, frutos da mudança e da história. As representações do Além Inferno ou Além Paraíso são compostas por elementos que caracterizam essa situação. No Inferno, encontram-se mulheres de canela fina, que andam de bicicleta e gostam de dançar. As lutas entre protestantes e católicos, entre estes e as crenças que remetem ao universo religioso dos negros são indicadores das mudanças nos costumes e hábitos femininos e nas práticas religiosas e de crenças. São, pois, reflexos de mudanças sociais e históricas. Refletem uma tensão em que uma tradição religiosa cujos valores morais da honestidade, da preservação da honra feminina estão sendo ameaçados juntamente com outros valores tais como inveja, ambição, adultério, blasfêmia, avareza dentre outros. Essas histórias querem falar de forma exemplar sobre o afastamento dos indivíduos das verdades cristãs em detrimento do cuidado espiritual necessário para a redenção através de um combate contra os pecados.

Ao analisar o corpus das narrativas dos folhetos, dos contos populares e dos sermões estudados, verificamos que as pessoas comuns avaliam suas vidas e seus mundos sob a ótica de suas crenças. Situadas no que se pode denominar campo do catolicismo popular, essas narrativas expressam uma relação de interação com o catolicismo oficial. Nesse sentido, percebe-se um processo de reelaboração e ressignificação, através do qual valores religiosos e de crenças são formulados com a finalidade de atender às necessidades práticas da vida e do cotidiano social.

FONTES E REFERÊNCIAS

A – FONTES

1 - MANUSCRITAS:

DECRETO de Regulamento das Missões na Paraíba de 1908.

Livro de Tombo Paróquia Sant’Ana. Soledade - PB. 29 de Junho de 1938, folha 51.

Livro de Tombo Paróquia de Sant’Ana. Soledade – PB. 30 de Junho de 1949, folha 69.

Livro de Tombo Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Taperoá – PB. Junho de 1979.

Livro de Tombo Paróquia de São José. Joazeirinho – PB. Folhas 15, 19, 20 e 33.

2 – IMPRESSAS:

2.1 – Revistas e Periódicos

Revista Frei Damião. Caruaru, PE: Maio 2007, Ano I, Nº 1.

Revista Frei Damião. Caruaru, PE: Jun-Set 2007, Ano I, Nº 2.

Anuário da terra paraibana: Estatístico – Informativo – Literário. João Pessoa, PB: 1959, Ano I.

Jornal Diário da Borborema. Campina Grande, PB. 8 de Dezembro de 1971.

Jornal Diário da Borborema . Campina Grande, PB. 24 de Outubro de 1973

2.2 – Obras Literárias

2.2.1 - Contos

BIBLIOTECA da vida rural brasileira. Coleção Trancoso. V. 7. Gravação e fixação do texto Altamar de Alencar Pimentel. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1981.

BIBLIOTECA da vida rural brasileira. Coleção Trancoso. V. 4. Gravação e fixação do texto Altamar de Alencar Pimentel. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 1981.

CONTOS populares da Paraíba: Santa Helena. Miryam Gurgel Maia (org.). João Pessoa: Arpuador, 1996. (Série Extensão: Documento 7)

CONTOS populares da Paraíba: Catolé do Rocha. Miryam Gurgel Maia (org.). João Pessoa: Arpuador, 1995. (Série Extensão: Documento 5)

CONTOS populares da Paraíba: Patos. Ivanildo Nóbrega (org.). João Pessoa: União, 1996. (Série Extensão: Documento 13)

CATÁLOGO PRÉVIO DO CONTO POPULAR DA PARAÍBA. I – Cabedelo. Altimar de Alencar Pimentel e Miryam Gurgel Maia (orgs.). Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular - NUPPO – João Pessoa: UFPB, 1982.

2.2.2 – Folhetos de Cordel

2.2.2.1 - Folhetos Sobre Frei Damião

ALMEIDA, Severino Carlos. **Um Aviso de Frei Damião e os Mistérios das 3 Pedras de Carvão.**

AREDA, Francisco Sales. **Um Aviso de Frei Damião Sobre a Passagem dos 7 Planetas em 1952.**

BANDEIRA, Pedro. 2 Poema: **A Voz de Frei Damião e a Cura do Aleijado.**

BARROS, Homero do Rego. **Frei Damião – O Milagroso Missionário do Nordeste.**

BORGES, Francisco José. **O Verdadeiro Aviso de Frei Damião Sobre Os Castigos Que Vem.**

_____. **Os Conselhos de Frei Damião A Favor Da Humanidade.**

CALDAS, Pedro Bandeira Pereira de. **A Água Milagrosa da Estátua de Frei Damião.**

_____. **Discussão de Um Padre Com Um Matuto Falando Em Frei Damião.**

CRUZ, Antonio Apolinário da. **O Apóstolo Frei Damião.**

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Frei Damião – O Missionário do Nordeste.**

EMILIANO, João Vicente. **Aviso Urgente do Padre Cícero a Frei Damião.**

FILHO, José Nunes. **O Anjo Conselheiro Aparecido a Frei Damião.**

LEITE, José Costa. **O Frei Damião Sonhou Com o Padre Cícero Romão.**

LOPES, Manoel Fernandes. **Discussão Religiosa do Sábio Missionário Capuchinho Frei Damião de Bozzano E O Pastor Evangélico Sinézio Lira.**

LUIZ, José. **Frei Damião em Sergipe Dando Conselho ao Povo.**

NETO, Valentim Martins Quaresma. **A Chegada de Frei Damião ao Céu.**

OLIVEIRAS, Severino Gonçalves de. **O Aviso de Frei Damião Sobre a Guerra e os Horrores do Fim do Mundo.**

SERAFIM, Manoel. **O Homem que Atirou em Frei Damião e virou um Urubu.**

ALEXANDRE, João. **Frei Damião Proibido Chorou que Fez Piedade.**

LIMA, João Ferreira. **Aparecimento do Pe. Cícero Romão ao Pe. Frei Damião no Juazeiro da Bahia.**

LIMA, Luis Gonzaga. **Frei Damião O Apóstolo do Nordeste.**

MELO Vicente Vitorino. **Exemplo da Crente Que Profanou De Frei Damião.**

NETO, David & CAMPOS, Heleno Ferreira. **Conselhos e Profecias do santo frei Damião.**

SANTOS, Agostinho Lopes dos. **Debate de Frei Damião Com o Pastor Protestante Sinézio Lira em Campina Grande.**

SILVA, Antônio Lourenço da. **Almanaque do Frade Frei Damião Incluindo o Dilúvio de 1952 a 1953.**

SILVA, José Luiz. **Frei Damião: A Fé Além do Concílio.**

SILVA, Olegário Fernandes. **Os Conselhos e Sermões de Frei Damião.**

_____. **Profecias e bênçãos de frei Damião.**

SENA, Joaquim Batista. **História da Intriga e Suspensão do Bispo do Crato As Missões de Frei Damião.**

SOARES, José Francisco. **Os Milagres de Frei Damião.**

_____. **Os Milagres de Frei Damião.**

SOBRINHO, João Quinto. **O mais novo e verdadeiro aviso de frei Damião combatendo a rabugem do protestantismo.**

_____. **Os Avisos Sacrossantos Ao Pastor Frei Damião.**

_____. **A voz do frei Damião convertendo os pecadores.**

_____. **O sermão de frei Damião em Alagoa Nova e a conversão do protestante.**

SOBRINHO, Manoel Soares. **Exemplo da Moça que Dançou Carnaval no Inferno p\ Zombar de frei Damião**. Sertânia-PE.

SOUZA, Antonio Patrício de. **As Missões de Frei Damião em Solânea, Bananeiras e Serraria. Ele se Despedindo do Povo e Explicando a Missa aos Católicos**.

SOUSA, Antônio Caetano. **A doutrina eterna do padre Cícero e frei Damião a bem da alma do pecador**.

2.2.2.2 - Folhetos de temática religiosa

AMORIM, Heráclito de. **Afrontas a Santa Sé**. Salvador- Bahia.

_____. **Discussão de um Ateu Com Curumba que tinha fé em Deus**.

AMORIM, Siqueira de. **O Reino do Catimbó E o Caboclo Mamador**.

ATHAYDE, João Martins de. **A entrada de Padre Cícero no céu Visto por uma donzela de 13 anos**. Recife- 1942.

_____. **O Estudante Que se vendeu ao diabo**.

_____. **A Conceição de Maria**. Juazeiro. 1954.

ARÊDA, Francisco Sales. **O Poder De Satanás – e a Queda do Invejoso**. Guarabira-PB.

_____. **A Pobreza em Rebolço e os Paus de Araras do Norte**.

_____. **Jesus e São Pedro**.

BANDEIRA, Pedro. **Lembrança do Padre Silvino**. Juazeiro do Norte, 1976.

BATISTA, Abraão. **O Rapaz Que Fugiu da Morte e Morreu**. Juazeiro de Norte - Ce, 1977.

_____. **A Escandalosa 6a. Feira da Paixão e o Canto do Pau do Horto**. Juazeiro do Norte. CE.1976.

BATISTA, Severino. **Vida e Milagres do Guerreiro São Jorge**. (Editor Proprietário).

_____. **Expedito da Peixada e a Promessa de 87 Léguas a Pés**. Juazeiro do Norte, 1971.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **O Menino que falou com Nossa Senhora. 1972. A discussão de um Padre com um Comunista**. Salvador-BA.

_____. **A Vinda do Ante-Cristo**.

- _____. **História de N. S. de Nazaré** (Que chorou no Estado do Pará).
- _____. **Os Milagres de D. Ozita** (Na Bahia).
- _____. **Deus é Amor.**
- _____. **O Filho que Levantou Falso a Mãe e Virou Bicho.** 3a. Edição. Junho de 1977.
- _____. **A Macumba da Bahia.**
- _____. **A discussão de um Padre com um Comunista.** Salvador-BA.
- _____. **A Morte Não Existe.**
- _____. **Porque Não Sou Protestante.** Salvador, 1945.
- _____. **A Despedida dos Romeiros de Bom Jesus da Lapa.**
- _____. **O Homem Que Não Acreditava em Deus.** Salvador-Bahia, 1945.
- _____. **Antonio Conselheiro O Santo Guerreiro de Canudos.** Salvador –Bahia. 1.a Edição Maio de 1977.
- _____. **A Discussão do Padre Com a Protestante.** Salvador-BA.1976.
- _____. **Violino do Diabo.**
- _____. **Milagre de Santa Terezinha** (Drama em três atos). Salvador-BA, 1948.
- _____. **O Mundo Chora.** Bahia, 1948.
- COSTA, Francisquinho Pereira da. **Aviso da Milagrosa Oração de N.S. Jesus Cristo da Santa Cruz.**
- CLEMENTE, João. **História Completa do Reino das Vizões.**
- CHAGAS, F. **Exemplo da Vaca que deu Sangue em Lugar de Leite na Fazenda do Poço Branco.** Recife-PE.
- DILA, Ferreira & CAVALCANTE, José. **Jesus e o Diabo.** Caruaru-PE, 1976.
- FERNANDES, Olegário. **O Eclipse De Dezembro: Ti Arrepende.**
- FILHO, Manoel d`Almeida . **A Afilhada da Virgem da Conceição.** Cajazeiras- PB.
- FREIRE, João Lopes. **O Poeta A Viola E A Verdade.** Rio de Janeiro.
- GUIMARÃES, J. Palmeira. **A Vida de Buda.** Paraíba- Brasil, UFPB, 1977.
- HELENA, Raimundo Santos. **Judeus e Católicos na Ceia da Páscoa.** Brasil, 1984.
- FILGUEIRA, Osvaldo T. **O Juda Que Falou Sexta Feira da Paixão.**

LEITE, José Costa. **A Mensagem de Jesus ou o Sermão da Montanha. Casa das Crianças de Olinda.** Olinda -PE.

_____. **Os Sinais do Fim do Mundo e as Três Pedras de Carvão.**

_____. **Os Milagres de São Francisco do Canidé.** Condado-PE;

_____. **Quem Fosse Cristão Chorava Quando Jesus Padecia.** Condado - PE.

_____. **História do Cavalo do Ateu.** Condado, PE.

LIMA, João Severino de. Os Católicos de hoje em dia. LIMA, João Cordeiro de. **A Visão Misteriosa Ou o Homem que Dormiu 100 Dias.** Juazeiro - Ce 1974

MACIEL, Laurindo Gomes. **A Visita dos Romeiros do Bom Jesus da Lapa.** Bahia, 1939.

MANOEL, Peixoto. **A Despedida dos Romeiros de Bom Jesus da Lapa.**

MOURA, Moisés Matias de. **Ano Santo: 1950.**

MOUREIRA, Flávio Fernandes. **Umbanda em Versos.** Rio de Janeiro, Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro. 1978.

_____. **A Verdadeira História de Um Filho Arrependido.**

MARTINS, Tadeu de Serpa. **Vida e morte de Frei Mansuêto.**

NETO, José Cunha. **Marcelino Pão e Vinho.**

NETO, Manoel Barauna. **Traços Biográficos de São Francisco de Assis.**

NETO, José Oliveira. **O Fim do Mundo em 1999.** Iço - CE.1972.

OLIVEIRA, Manoel Tranquilino de. **Explicação da S. Missa:** Notícia breve dos mistérios que o celebrante representa na S. missa. Guarabira-PB.

OLIVEIRA, Adélia Carvalho de. **A História do Padre Rodolfo E do Índio Simão.** Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes. 1978.

OLIVEIRA, Miguel Paulo de. **Apresentação da Virgem Mãe de Deus Na Pedrado Bancola no Bom Sucesso município de Catolé do Rocha.**

REI, João de Cristo. **A Visita dos Romeiros que freqüentam o Canidé.** Juazeiro-CE.

SANTOS, Romildo. **Um Sinal no Céu.** Serrinha-Ba. 1953.

SANTOS, Valeriano Felix dos. **Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.** Editora Mensageiro da Fé Ltda. Salvador, Bahia.

SANTOS, Alípio Bispo dos. **“Um Romeiro viu um Anjo no caminho da Lapa do Bom Jesus”.**

SANTOS, Enéias Tavares dos. **O Homem que Morreu Duas Vezes**. Maceió, 1977.

SANTOS, José João dos. **O Homem Do Arroz E O Poder de Jesus**.

SANTOS, Manoel Camilo dos. **Nascimento, Vida, Milagres e Morte de Jesus Cristo**.

SENA, Joaquim Batista de. **As Sete Dores de Maria Santíssima**.
 _____. **Pecado de Adão e Eva E A Queda dos Anjos**. Fortaleza, 1979.

SILVA, Sebastião Palmeira de. **A Voz de um Fantasma**. Guarabira-PB.

SILVA, Expedito Sebastião. As Aparições de N. S. a uma Garota no Sítio Genipapeiro de Missão Velha-Ce. Juazeiro do Norte,-CE.
 _____. **História das Profecias de Sevananda Sobre o Fim do Mundo A começar com a Invasão dos mares no ano vindouro**.

SILVA, Manoel Caboclo e. **O Homem que deu a Luz ao DIABO**. Juazeiro do Norte- CE.
 _____. **Jesus, São Pedro e o Ferreiro Reis dos Jogadores**.
 _____. **O Debate do Católico com O Papa do Diabo**.
 _____. **Nossa Senhora Chorando Falou a Menina de 9 Anos**. Juazeiro-CE.
 _____. **As 7 Dores de Maria Santíssima**.(Editor Proprietário)

SILVA, Minelvino Francisco. **A Discussão de Um Católico com um Protestante**. Itabuna-Ba. 1975.
 _____. **A Marreta da Morte é Tão Pesada que a Pedreira da Vida não Agüenta**.

SILVA, João José. **As Sete Espadas de Dores da Santa Virgem Maria**.
 _____. **Os dez Mandamentos ou a Vida de Moisés**.

SILVA, José Bernardo da. **O Cruzeiro do Horto: Levantado pelo Revdmo. Pe. Cícero e sua Congregação entre 1900 e 1901**. Juazeiro , 1948.
 _____. **Os Sermões do Pe**. Carlos Galli .Juazeiro, 1956.

SILVA, João Severo da. **O Orgulho de Roberto e a Queda da Maldição**. Bayeux- PB

SILVA, João Ferreira da. **A Vida e a Morte**.

SILVA, Severino Paulino. **A Tragedia de Garanhuns ou a Morte do Bispo**.

SILVA, Severino Borges. **Discussão de Um Católico Com um Protestante**.
 _____. **O Romance de Maria Madalena**.

SILVA, João José da. **O Romance de Maria Madalena**.(editor Proprietário).

SILVA, Inácio Francisco da. **O Pecador não é nada**.

SOUSA, Francisco Peres de. **O Homem Que Era Ateu e Uma Graça Alcançada por São Francisco**. Piripiri- PI, 1980.

SOUZA, Francisco Peres de. **O Homem que Era Ateu**. 1977.

TORRES, José Antonio. **História de um homem que tinha fé em Deus**.

2.2.3. ROMANCES

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. São Paulo: Editora 34, 1998.

CAMOES, Luis de. **Os Lusíadas**. Rio de Janeiro: Ediouro. s/d.

CUNHA, Euclídes. **Os Sertões**. Rio de Janeiro, José Olyimpio. s/d.

REGO, José Lins do. **Meus Verdes Anos**. São Paulo, José Olyimpio, 1956.

_____. **Histórias da Velha Totonha**. São Paulo, José Olyimpio. 1971.

_____. **Menino de Engenho**. São Paulo, José Olyimpio. 1974.

_____. **Pedra Bonita**. Rio de Janeiro, José Olympio 7ª edição. 1968.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio, São Paulo. Record.76ª ed.1998.

SUASSUNA. Ariano. **Romance d'A Pedra do Reino**. Rio de Janeiro, José Olyimpio, 1972.

B – REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia Azevedo de. **Cordel português - folhetos nordestinos: Confrontos**. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. e SCHAPOCHNIK, Nelson.(Orgs).**Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

_____. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP,2006.

ABREU, Martha. Festas, tradições populares e identidade nacional. *In*: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Falas de astúcia e de angústias**: a seca no imaginário Nordestino (1877-1922). (Dissertação de Mestrado em História). Campinas: UNICAMP, 1988.

_____. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. *In*: **Espaço Plural, Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 14, nº 28, 1994.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

ALGRANTI, Leila Mezan. Família e Vida Doméstica. *In*: **História da vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

_____. **Honradas e devotas**: Mulheres da Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. Campina Grande: Editora da Livraria Pedrosa, 1962.

ALMEIDA, José Américo de. **A Paraíba e seus problemas**. João Pessoa: Imp. Oficial, 1923.

ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de. **O sexo devoto**: normatização e resistência feminina no Império Português XVI-XVIII. Recife: Editora da Universidade da UFPE, 2005.

ANDRADE, Delmiro Pereira de. **Evolução histórica da Paraíba do Norte**. Rio de Janeiro: Minerva, 1946.

ANTONACCI, Maria Antonieta M. Oralidade, Estrutura e Literatura Iconográfica na Literatura de Folhetos: Nordeste do Brasil, 1890-1940. *In*: **Projeto História**: Revista do programa de estudos Pós-Graduados em História. PUC, São Paulo, v. 22. 2001.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de et al. **O conto popular na Paraíba**: um estudo lingüístico gramatical. João Pessoa: UFPB, 1992.

ARIÉS, Philippe. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

AZZI, Riolando. A Romanização da Igreja a partir da República (1889). *In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL*. Inculturação e Libertação. São Paulo: Paulinas, 1986.

_____. Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução historiográfica do Brasil. *In: Religião e Sociedade*, n.1, mai/1977, p. 125-149.

_____. Catolicismo: elementos para a história do catolicismo popular. *In: Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v.36, n.141, p. 95-130, 1976a.

_____. Dom Macedo Costa e a posição da Igreja do Brasil diante do advento da República em 1889. *In: Síntese*, São Paulo, v.3, n.8, p. 45-69, 1976b.

_____. Dom Macedo Costa. *In: Cadernos de História da Igreja no Brasil*. São Paulo: Loyola/CEPEHIP, 1982. (Vol.1)

_____. O Concílio Vaticano II no contexto da Igreja e mundo: uma perspectiva histórica. *In: Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v. 66, n. 262, p.337-369, 2006.

_____. **O Estado leigo e o projeto ultramontano**. São Paulo: Paulus, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1993.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BOSI, Alfredo. **Cultura brasileira**: Temas e Situações. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1990.

- _____. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, Ecléa. Cultura das classes pobres. *In*: Douglas Teixeira Monteiro. (Org.). **A cultura do povo**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979, v. 1, p. 25-34.
- _____. **Memória e sociedade**. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BOSSY, Jonh. **A cristandade no Ocidente**, 1400-1700. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva. 2003.
- BRITO, Gilmário P. **Pau de colher na letra e na voz**. São Paulo: EDUC, 1999.
- BURKE, Peter. **A cultura popular na idade moderna. Europa, (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- A Escrita da História**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.
- _____. **História social da Linguagem**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- _____. **Testemunha ocular: História e Imagem**. Bauru, SP: EDUC, 1994.
- _____. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CANDOLO, Teresa. **Desejos de Deus: as lágrimas e a representação do ideal monástico primitivo em hagiografias medievais portuguesas**. (Tese de Doutorado). Campinas, SP: UNICAMP, 2002.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1984.
- _____. **Vaqueiros e cantadores**. Porto Alegre: Editora Livraria do Povo, 1939.
- _____. **Cinco livros do povo**. João Pessoa, PB: Editora Universitária/UFPB, 1994.
- _____. **Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral**. São Paulo: Global, 2004.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Campinas: Editora da UNICAMP; Cecult, 2000.

CHARTIER, Roger. **História cultural: entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. O mundo com representação. **Revista Estudos Avançados**. 11(5), 1981, p. 173-185.

_____. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002.

_____. CURRAN, Mark J. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

DABBEVILLE, Cláudio. **A história da missão dos padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e suas circunvizinhanças**. São Paulo: Siciliano, 2002.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópoles, RJ: Vozes, 1994.

DARTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios de história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DECCA, Edgar Salvadori de. LEMAIRE, Lia (Orgs). **Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura**. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp, Ed. da UFRGS, 2000.

DEL PRIORE, Mary. **Esquecidos por Deus: Monstros No Mundo Europeu E Ibero-Americano**. (séculos XVI-XVIII). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente, 1300-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O pecado e o medo:** a culpabilização no ocidente séculos XIII–XVIII. Bauru, SP: EDUSC, 2003a.

_____. **O que sobrou do paraíso.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003b.

_____. **Culturas do povo:** sociedade e cultura no início da França Moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. **O sagrado e o profano** – a essência das religiões. Lisboa: Ed. Livros do Brasil, s/d.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. **Raízes da indústria da seca:** o caso da Paraíba. João Pessoa: Editora universitária/UFPB, 1993.

FERREIRA, Marieta de Moraes e et al..(org). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FRAGOSO, Hugo e outros. **História da Igreja no Brasil:** ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época. Petrópolis: Vozes, 1985.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1984

_____. **Assombrações do Recife Velho.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

_____. **A propósito de frades.** Bahia: Universidade da Bahia, 1959.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **A micro história e outros ensaios.** Lisboa: Difel, 1989.

_____. **Mitos, emblemas, sinais:** Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Olhos de madeira:** nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HATA, Luli. **O cordel:** das feiras às galerias. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999.

HERMAN, Jacqueline. História das religiões e religiosidades. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 329-352.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. História Oral, Uma Utopia? *In*: **I Encontro Nacional de História Oral**. CERUH- USP, 1993.

_____. Refletindo Sobre História Oral: Procedimentos e Possibilidades. *In*: José Carlos Sebe Bon Mehy. (Org.). **(Re)introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: XAMA, 1996, p. 56-62.

JOFFILY, Irenêo. **Notas sobre a Paraíba**. Fac-símile da primeira edição publicada no Rio de Janeiro, em 1892, com prefácio de Capistrano de Abreu. Brasília: Thesaurus, 1977

KOK, Maria da Glória. **Os vivos e os mortos na América portuguesa: da antropologia à água do batismo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

LANTERNARI, Vittorio. **As religiões dos oprimidos**. São Paulo, Perspectiva, 1974.

LEAL, José Carlos. **A natureza do conto popular**. Rio de Janeiro: Conquista, 1985.

LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. **O imaginário medieval**. Portugal: Editorial Estampa, 1994.

_____. **O nascimento do purgatório**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LIMA, Francisco. **D. Adauto**: subsídios bibliográficos. Vol.1. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1956.

_____. **D. Adauto**: subsídios bibliográficos. Vol.2. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1958.

_____. **D. Adauto**: subsídios bibliográficos. Vol.3. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1959.

LIMA, Francisco. **Dom Adauto**: subsídios biográficos. João Pessoa: Editora do UNIPÊ, 2007.

LIMA, Francisco Assis de Sousa. **Conto popular e comunidade narrativa**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.

LIMA, Luiz Gonzaga de Souza. **Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil: Hipóteses para uma interpretação**. Petrópoles: Vozes, 1979.

LULI, Haia. **O cordel das feiras às galerias**. Campinas: UNICAMP, 1999.

LONDRES, Maria José Fialho. **Cordel: do encantamento às histórias de luta**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

MAIOR, Mário Souto. **Frei Damião: algumas referências bibliográficas**. Recife: Comunicação e Editora, 2000.

MATTOSO, Kátia Maria de Queirós. **Bahia- Século XIX: uma província no Império**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MEDEIROS, Irani. **No reino da poesia sertaneja**: Antologia Leandro Gomes de Barros. João Pessoa, PB: Idéia, 2002.

MELLO, Beliza Áurea de Arruda. **Redemoinhos na encruzilhada do imaginário ibero-paraibano: pactos da mulher com o diabo do medieval aos folhetos de cordel**. João Pessoa: UFPB, 1999. (Tese de Doutorado)

MICELI, Sérgio. **Elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1988.

_____. **Religião e sociedade: a gestão diocesana na República Velha**. Rio de Janeiro: Campus, 1985.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral, caminhos e descaminhos. In: **Revista Brasileira de História**. Memória, História, Historiografia: Dossiê Ensino de História. São Paulo: Marco Zero, 1993.

MORÁS, Antônio. **Os entes sobrenaturais na Idade Média: imaginário, representações e ordenamento social**. São Paulo. Annablume, 2001.

_____. **História oral e memória: A cultura popular revisitada**. São Paulo, Contexto, 1992.

MOTTI, Luiz. Cotidiano e Vivência Religiosa. In: NOVAES, F. (Org.) **História da vida privada na américa portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 155-220.

- NOGUEIRA, Carlos Roberto. **O diabo no imaginário cristão**. Bauru: EDUSC, 2000.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *In: Projeto História: Revista do programa de estudos Pós-Graduados em História*. PUC, São Paulo. n. 10. 1993.
- NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- OLIVEIRA, Gildson. **Frei Damião: o santo das missões**. São Paulo: FDT, 1997.
- ONG, Walter. Orality and Literacy The Technologising of the Word. *In: Methuen*. London and New York, 1992.
- OTTÉRO, Jean. **Nascimento de Deus: A Bíblia e o historiador**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.
- REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do Século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. **Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão**. Rio de Janeiro: Tempo. V. 2, Nº 3, 1996, p. 7-33.
- RIETVELD, João Jorge Pe. **A herança de Manuel Monteiro: duzentos anos de Igreja Católica em Monteiro (1800-2000)**. João Pessoa: IMPRELL, 2002.
- ROMERO, Silvio. **Estudo sobre a poesia popular do Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.
- _____. **Contos populares do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: EDUSC, 1985.
- RODRIGUEZ, Walfredo. **Roteiro sentimental de uma cidade**. João Pessoa: A União Editora, 1994.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **A história do feitiçeiro Juca Rosa: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro Imperial**, IFCH-UNICAMP, Tese de Doutorado, 2000.
- SEIXAS, Wilson Nóbrega. **O velho arraial de Piranhas (Pombal)**. João Pessoa: Editora Grafset, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. *In: História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à era do Rádio*. NOVAIS, Fernando A.(Dir).SEVECENKO,Nicolau (org). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUSA, Silvana Vieira. **Cultura de falas e de gestos**: histórias de memórias. IFCH-UNICAMP. (Dissertação de Mestrado), 1997.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TEIXEIRA, Ivan P. Um conceito de imaginário do povo brasileiro. *In: Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 16 - 17, 22 jun. 2003.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudo sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRINDADE, Liana. Maria. S. **Mitos e Civilizações** - Mitologia Comparada: os deuses africanos e os deuses nórdicos. São Paulo: Terceira Margem, 2005.

VAIFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios**: Catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. São Paulo: Companhia Das Letras, 1995.

_____. História das mentalidades e história cultural. *In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Domínios da história*: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p.127-162.

VOVELLE, Michel. **As almas do purgatório ou o trabalho de luto**. São Paulo: UNESP, 2008.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Tradição e esquecimento**. São Paulo: Hucitec, 1997.

ANEXOS

DECRETO de Regulamento das Missões na Paraíba de 1908.

3
 3. Adauto Aurelio de Miranda Henriques
 por merei de Deus e da S. S. Apostolica
 Bispo da Paraíba

306

Deoia
 do Decreto
 e Regula
 minto
 approvam
 do a Obra
 da Miss
 soes pra
 rochias
 e Divisões
 do as fre
 guencias
 em grupos

Taxemos saber que attendendo Nós aos a
 bundantes fructos espirituales ja prommim
 ter das missões parochias dadas recipro
 camente pelos Rndos Vigarios da Nova Dio
 cesse; attendendo Nós ao desejo dos mesmos
 Rndos Vigarios expresso no ultimo retiro
 geral do clero; e desejando Nós, entre sim,
 perpetuar esta salutar inspiração por
 occasião do jubileu sacerdotal do nome
 Santo Padre Pio X, julgando este modo coo
 perar efficazmente para a execução do
 glorioso lema do mesmo Vigario de Jesus
 Christo. — instaurare omnia in Christo. Ha
 vemos por bem approvar e declarar appro
 vada a Obra das missões parochias em
 Nova Diocese dadas reciprocamente pelos
 proprios Vigarios, bem como a relação jun
 ta das frequencias divididas em grupos;
 e com as nossas melhores bençãos e votos
 ao Sagrado Coração de Jesus para esta im
 portante Obra, mandamos que em conseq
 uencia se observe o seguinte

Regulamento

Art. 1.^o

Como preparação remota e mais indispensavel
 cada pastor cumpra o que diz o Espirito
 Santo: Exerce teipsum ad pietatem; porque
 sem esta nenhum zelo sacerdotal, nenhum
 bem para as almas: Quid facit rudis sine

dilectione? Inflat. (Cant. 49).

Art. 2.º

Todos os annos se fará uma Missão em cada frequência de cada grupo parochial não excedendo de seis dias.

Art. 3.º

Salvo o caso de molestia grave no Vigário ou de epidemia na parochia, nenhum poderá faltar ás Missões do grupo a que pertence.

Art. 4.º

Na ultima Missão do anno determinarão o tempo das do anno seguinte, não podendo no mesmo grupo haver duas de seguida.

Art. 5.º

Com a devida antecedencia o Vigário em cuja parochia vai ter lugar a Missão distribuirá entre seus collegas auxiliares os assumptos e entre estes os mais efficazes para a situação de erros e a reforma de maus costumes, que possam existir em sua frequência, sendo, porém, sempre o grande assumpto das instrucções as verdades eternas, os sacramentos e os outros meios da graça para a observancia da lei.

Art. 6.º

Nenhum recusará a parte que lhe couber na distribuição dos Themas.

Art. 7.º

Para a necessaria união da palavra de Deus, immediatamente antes da predica, cada um recolha-se completamente e medite ao menos por uma hora sobre a materia de que vai falar e que já estudou.

Art. 8º

Na abertura da Missão se faça ver claramente aos fiéis seu fim, suas graças especiais e a necessidade da correspondência às mesmas e a observância do horário.

Art. 9º

O segredo da abundância dos fructos espirituaes da Missão é o retiro completo dos Sacerdotes em casa exclusivamente sua.

Art. 10º

Com a devida antecedencia na missa conventual o Vigário em cuja parochia vai ter lugar a Missão, avisará aos fiéis o tempo da mesma e dia que pelo Regulamento diocesano durante as Missões os Padres não podem receber visitas nem tratar de outros negocios estranhos ao bem espiritual das almas.

Art. 11º

Pela manhã, antes dos trabalhos diarios, faça-se uma instrucção sobre uma das verdades eternas, ou sobre algum dos sacramentos mais necessario, celebre-se a missa da communhão que poderá ser applicada pelos penitentes e conversão dos peccadores.

Art. 12º

No meio dia visita a Nosso Senhor Sacramentado, meditação ou instrucção sobre o grande beneficio de sua presença real entre nós, seus fins e graças, e exame de consciencia.

Art. 13º

A noite ter, instrucção, ou meditação sobre alguma das verdades eternas, e bênção do S. S. Sacramento.

Art. 14.º

Na pratica do encerramento da Missão indica-
quem-se os meios ou lembranças para a per-
severança ou garantia dos fructos da mes-
ma e o sentimento de gratidão pelos bene-
fícios de Deus, lembrando-se os missionarios
que aquelles fructos dependem mais da pre-
paração feita ao pé do Crucifixo ou de
Jesus Sacramentado do que dos meios huma-
nos.

Art. 15.º

O Vigario deverá preparar antes da Missão
os meninos que podem fazer parte da
1.ª communhão, cuja solemnidade em um dos
dias da Missão chamará muita attenção e
muitas graças divinas, podendo também
por esta occasião os fiéis em geral renova-
rem as promessas do seu santo baptismo.

Art. 16.º

Em algumas freguezias poderá ser de bom ef-
feito no 3.º ou 4.º dia de Missão fazer-se uma
romaria ao cemiterio e ahi uma pratica so-
bre a morte e sobre as almas, ou alguma
procissão de penitencia.

Art. 17.º

O Director da Missão será o Vigario da fregue-
sia, o qual de combinação com os seus collegas
estabelece o plano e o horario preciso de tudo, in-
clusive o das refeições e das confissões, devendo es-
se horario ser invariavel para o aproveitamen-
to do tempo e da saude.

Art. 18.º

Todos por occasião das Missões terão ciuidado espe-

cial, para a mutua edificação e bênção
pecias de Deus, sobre a observância das di-
posições do Concílio Plenário e dos Estatutos
ceanos.

Art. 19º

Não se esquecerão nesse santo tempo da im-
mação as associações religiosas e particular-
mente do Apostolado da Oração, das Conferen-
cias de S. Vicente de Paulo e da Congregação
da Doutrina Cristã.

Art. 20º

As faculdades especiais serão sempre dadas
ao Vigário em cuja frequência se faz a Missão.

Art. 21º

Quando ao mesmo for concedida a faculdade
de crismar só administrará este sacramen-
to depois de encerrada a Missão.

Mandamos que este Nosso Decreto com o seu
Regulamento seja lido em um dia santificado,
na Estação da Missa Parochial, em todas as
Matrizes das Parochias da Diocese e registrada
no respectivo livro do Tombo.

Dado e passado nesta Nossa Camara Ecclesi-
astica da Cidade e Bispado da Parahyba, sob o
Nosso Signal e Sello da Nossa Chancellaria,
aos oito de Dezembro de mil novecentos e oito,
festa da Immaculada Conceição de Maria.

Eu, Monsenhor José Thomaz Gomes da Silva,
Secretario do Bispado, o subcrevi

R. + S.

+ Adaneto, Bispo Diocesano

Mr. José Thomaz

Grupos das "Missões Parochiaes" da
Diocese da Parahyba

supp. Bethamie

- Estado da Parahyba -

- 1.º Parahyba, Santa Rita, Rivamento, Conde, Alhandra e Taquara;
 - 2.º Espírito Santo, Pilar, Itabaguma, Mageiro, Muzzeiro e Ingá;
 - 3.º Mamanguape, Bahia da Fraição, Guarabira, Serra da Raiz e Bananeiras;
 - 4.º Campina Grande, Cabaceiras, S. João do Cariry e Soledade;
 - 5.º Breia, Lagoa Grande, Gurinhem, Lagoa Nova e Serraria;
 - 6.º Araruna, Guatê, Piccoby e Pinda Lavrada;
 - 7.º Lagoa do Monteiro, Bastião, Teixeira, Santa Lucia do Sabugy e Pato;
 - 8.º Pombal, Catolê do Rocha, Brejo do Cruz e Launa;
 - 9.º Piancó, Princesa, Misericórdia e Conceição;
 - 10.º Cajazeiras, S. João do Rio do Peixe e S. José do Bonfim.
- Estado do Rio Grande do Norte

- 1.º Natal, Macachyba, Ceará-mirim e Tauros;
- 2.º S. José do Mipibri, Papary, Ariz, Gayanninha, Pinha e Nova Cruz;
- 3.º Santa Cruz, Ceará, Curraes Novos e Flores;
- 4.º Arari, S. Anna do Mattos, Brigueiro e Macaú;
- 5.º Mossoró, Campo Grande, Apody e Caraiubar;
- 6.º Caicó, S. Liliquel de Yecurutu, Terra Negra e Jardim;
- 7.º Martins, Patu, Porto Alegre, Pau dos Ferros e S. Liliquel de Pau dos Ferros.

Nada mais se continha em dito Decreto e Regulamento, que fielmente copiei.

Soledade, 18 de Fevereiro de 1909

Alcira José Bethamie d. Gaurcia Nobrega

LISTA DE NARRADORES E DE CONTOS

NARRADORES E CONTOS DE JOÃO PESSOA-PB

ARAÚJO, Maria Pereira de. João Preguiçoso. João Pessoa - PB, 1978.

GONÇALO, Maria de Fátima. Os dois irmãos. João Pessoa - PB, 1978.

FERREIRA, Jacira. O fim do Mundo. João Pessoa - PB, 1978.

_____. O Homem Que Deu A Alma Ao Cão. João Pessoa - PB, 1978.

LIMA, Laura Bastos. A Menina Sofredora. João Pessoa - PB, 1978.

LIMA, Lindaura Bastos de. As Duas Moças Ricas e a Pobre. João Pessoa - PB, 1978.

SANTOS, Josefa Maria dos. As Quatro Moças Filhas do Fazendeiro. João Pessoa - PB, 1978.

SILVA, Carlito Antonio da. O Trabalhador. João Pessoa, 1978. João Pessoa - PB, 1978.

_____. O Homem Corajoso. João Pessoa, 1978

SILVA, Maria de Fátima Conceição Dias da. O Órfão. João Pessoa, 1978

_____. Maria Borracheira. João Pessoa - PB, 1978.

NARRADORES E CONTOS DE CABEDELO-PB

CONCEIÇÃO, Zulmira Ferreira da. Compadre (O) Rico E Nosso Senhor. João Pessoa – PB, 1979.

FERNANDE, Maria do Socorro. Sertanejo (Um) Que Salvou A Alma de Um Senhor de Engenho. . João Pessoa – PB, 1978.

FERREIRA, Fernando. Arvore (A) Da Miséria. João Pessoa - PB, 1976.

FERREIRA, Fernando. Cazuza Monteiro. João Pessoa – PB, 1976.

MENESES, Francisco Campos de. Afilhado (O) De Nossa Senhora. João Pessoa - PB. 1974.

_____. Compadre (O) De São Pedro. João Pessoa – PB, 1974.

_____. Negócio Com A Morte. João Pessoa – PB, 1974.

_____. Pauta Com O Diabo. . João Pessoa – PB, 1974.

OLIVEIRA, Geni Pereira de. Almoço Na Casa Do Padre. João Pessoa - PB. 1976.

_____. História da Moça Pobre. João Pessoa – PB, 1976.

_____. Herança de Mãe. João Pessoa – PB, 1976.

_____. História da Morte. João Pessoa – PB, 1976.

_____. Homem (O) Que Tinha Fé em Deus. João Pessoa – PB, 1977.

OLIVEIRA, José Vicente de. Caboclo (O) E O Padre. João Pessoa – PB, 1976.

_____. Estrela (A) De Cada Um. João Pessoa – PB, 1976.

SILVA, Maria de Fátima. Assombração. João Pessoa - PB. João Pessoa - PB. 1977.

_____. Filha (A) Do Pescador. João Pessoa – PB, 1977.

_____. Convite A Jesus Para Almoçar. João Pessoa – PB, 1977.

_____. Nosso Senhor, São Pedro, Miséria E O Diabo. João Pessoa – PB, 1977.

SILVA, Maria de Lourdes Alves da. Boiadeiro (O) Invejoso. João Pessoa – PB, 1978.

SOUSA, Manoel Camilo de. Buscando Almas Para O Reino dos Céus. João Pessoa – PB, 1974.

NARRADORES E CONTOS DE PATOS-PB

LIMA, Manoel Inácio de. O Padre Malassombrado. Patos - PB.

_____. O Rico E O Pobre. Patos - PB.

MORAIS, Severino Justino de. Nosso Senhor E O Plantador. Patos - PB.

_____. Jesus E São Pedro. Patos - PB.

_____. A Tentação Do Diabo. Patos - PB.

_____. O Homem Ambicioso. Patos - PB.

MORAIS, Inácio Valentim de. O Menino de Ouro. Patos - PB.

PALMEIRA, Maria. O Cavalo Ventania. Patos - PB.

SANTOS, Julita Domingos dos. O Rei E A Moça. Patos - PB.

SILVA , Francisco Herculano da. O Homem Que Nasceu Aleijado. Patos – PB.

_____. O Homem Que Salvou A Alma Por Dois Mil Réis. Patos – PB.

_____. O Compadre Rico E O Compadre Pobre. Patos – PB.

_____. O Caboclo. Patos - PB.

_____. Lampião No Inferno. Patos - PB.

_____. Ajuda De Deus. Patos - PB.

_____. O Homem Justo. Patos – PB.

_____. Frei Ibiapina. Patos - PB.

SOUSA, José Nascimento. Os Três Irmãos. Patos - PB.

VIEIRA, Cristóvão da Silva. Pedro E Os Três Filhos. Patos – PB

_____. O Cão E A Mina. Patos - PB.

_____. O Rei Ateu. Patos - PB.

NARRADORES E CONTOS DE SANTA HELENA-PB

DINIZ, Josias Francisco. O Médico Da Água Fria. Santa Helena-PB.

LIMA, Gonçalo Ferreira de. O Velho E Os Três Filhos. Santa Helena-PB.

MOTA, José. Bom Demais E Ruim Demais. Santa Helena-PB.

OLIVEIRA, Francisco Alves. O Bicho Da Boca Cheia De Dinheiro. Santa Helena-PB.

PARNAIBA, Gerson. Jesus E São Pedro. Santa Helena-PB.

_____. O Preguiçoso. Santa Helena-PB.

SOUZA, Francisco Soares de. A Mulher Que Venceu O Cão. Santa Helena-PB.

NARRADORES E CONTOS DE CATOLÉ DO ROCHA

CARREIRO, Severino. O Filho de João de Calais. Catolé do Rocha-PB.

_____. A Órfã Abandonada. Catolé do Rocha-PB.

_____. O Sonho do Homem. Catolé do Rocha-PB.

_____. São Pedro e Nosso Senhor Quando Andavam no Mundo. Catolé do Rocha-PB.

MAIA, Mirian Gurgel. O Menino Que Foi Criado Pelo Diabo. Catolé do Rocha-PB.

SILVA, Antonio Francisco da. Dom João e Dom Quincas. Catolé do Rocha-PB.

_____. O Compadre Rico e o Compadre Pobre. Catolé do Rocha-PB.

_____. As Três Moças Desvalidas. Catolé do Rocha-PB.

_____. João Sem Medo. Catolé do Rocha-PB.

_____. A Princesa da Pedra Fina. Catolé do Rocha-PB.

NARRADORES E CONTOS DE ASSUNÇÃO-PB

LIMA, Luiza. O Homem que Matou a Mulher que fez o Cão Matar. Assunção-PB.

_____. Maria Borraeira. Assunção-PB.

_____. Mané Veloso Tocando no Inferno. Assunção-PB.

SANTO, José de. O Homem Pai de Três Filhas. Assunção-PB.

_____. As Primeiras Fadas. Assunção-PB.

LISTA DE FOLHETOS SOBRE FREI DAMIÃO

ALMEIDA, Severino Carlos. Um Aviso de Frei Damião e os Mistérios das 3 Pedras de Carvão.

AREDA, Francisco Sales. Um Aviso de Frei Damião Sobre a Passagem dos 7 Planetas em 1952.

BANDEIRA, Pedro. 2 Poema: A Voz de Frei Damião e a Cura do Aleijado.

BARROS, Homero do Rego. Frei Damião – O Milagroso Missionário do Nordeste.

BORGES, Francisco José. O Verdadeiro Aviso de Frei Damião Sobre Os Castigos Que Vem.

_____ Os Conselhos de Frei Damião A Favor Da Humanidade.

CALDAS, Pedro Bandeira Pereira de. A Água Milagrosa da Estátua de Frei Damião.

_____ Discussão de Um Padre Com Um Matuto Falando Em Frei Damião.

CRUZ, Antonio Apolinário da. O Apóstolo Frei Damião.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. Frei Damião – O Missionário do Nordeste.

EMILIANO, João Vicente. Aviso Urgente do Padre Cícero A Frei Damião.

FILHO, José Nunes. O Anjo Conselheiro Aparecido a Frei Damião.

LEITE, José Costa. O Frei Damião Sonhou Com o Padre Cícero Romão.

LOPES, Manoel Fernandes. Discussão Religiosa do Sábio Missionário Capuchinho Frei Damião de Bozzano E O Pastor Evangélico Sinêzio Lira.

LUIZ, José. Frei Damião em Sergipe Dando Conselho ao Povo.

NETO, Valentim Martins Quaresma. A Chegada de Frei Damião ao Céu.

OLIVEIRAS, Severino Gonçalves de. O Aviso de Frei Damião Sobre a Guerra e os Horrores do Fim do Mundo.

SERAFIM, Manoel. O Homem que Atirou em Frei Damião e virou um Urubu.

ALEXANDRE, João. Frei Damião Proibido Chorou que Fez Piedade.

LIMA, João Ferreira. Aparecimento do PE. Cícero Romão ao PE. Frei Damião no Juazeiro da Bahia.

LIMA, Luis Gonzaga. Frei Damião O Apóstolo do Nordeste.

MELO Vicente Vitorino. Exemplo da Crente Que Profanou De Frei Damião.

NETO, David & CAMPOS, Heleno Ferreira. Conselhos e Profecias do santo frei Damião.

SANTOS, Agostinho Lopes dos. Debate de Frei Damião Com o Pastor Protestante Sinézio Lira em Campina Grande.

SILVA, Antônio Lourenço da. Almanaque do Frade Frei Damião Incluindo o Dilúvio de 1952 a 1953.

SILVA, José Luiz. Frei Damião: A Fé Além do Concílio.

SILVA, Olegário Fernandes. Os Conselhos e Sermões de Frei Damião.

_____. Profecias e bênçãos de frei Damião.

SENA, Joaquim Batista. História da Intriga e Suspensão do Bispo do Crato As Missões de Frei Damião

SOARES, José Francisco. Os Milagres de Frei Damião.

_____. Os Milagres de Frei Damião.

SOBRINHO, João Quinto. O mais novo e verdadeiro aviso de frei Damião combatendo a rabugem do protestantismo.

_____. Os Avisos Sacrossantos Ao Pastor Frei Damião.

_____. A voz do frei Damião convertendo os pecadores.

_____. O sermão de frei Damião em Alagoa Nova e a conversão do protestante.

SOBRINHO, Manoel Soares. Exemplo da Moça que Dançou Carnaval no Inferno p\ Zombar de: frei Damião. Sertânia-PE.

SOUZA, Antonio Patrício de. As Missões de Frei Damião em Solânea, Bananeiras e Serraria. Ele se Despedindo do Povo e Explicando a Missa aos Católicos.

SOUSA, Antônio Caetano. A doutrina eterna do padre Cícero e frei Damião a bem da alma do pecador.

LISTAS DE FOLHETOS DA TEMÁTICA RELIGIOSA

AMORIM, Heráclito de. Afrontas a Santa Sé. Salvador- Bahia.

_____. Discussão de um Ateu Com Curumba que tinha fé em Deus.

AMORIM, Siqueira de. O Reino do Catimbó E o Caboclo Mamador.

ATHAYDE, João Martins de. A entrada de Padre Cícero no céu Visto por uma donzela de 13 anos. Recife- 1942.

_____.O Estudante Que se vendeu ao diabo.

_____. A Conceição de Maria. Juazeiro. 1954.

ARÊDA, Francisco Sales. O Poder De Satanás – e a Queda do Invejoso. Guarabira-PB.

_____. A Pobreza em Rebolço e os Paus de Araras do Norte.

_____. Jesus e São Pedro.

BANDEIRA, Pedro. Lembrança do Padre Silvino. Juazeiro do Norte, 1976.

BATISTA, Abraão. O Rapaz Que Fugiu da Morte e Morreu. Juazeiro de Norte - Ce, 1977.

_____. A Escandalosa 6a. Feira da Paixão e o Canto do Pau do Horto. Juazeiro do Norte. CE.1976

BATISTA, Severino. Vida e Milagres do Guerreiro São Jorge.(Editor Proprietário).

_____. Expedito da Peixada e a Promessa de 87 Léguas a Pés.Juazeiro do Norte, 1971.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. O Menino que falou com Nossa Senhora. 1972. A discussão de um Padre com um Comunista. Salvador-

BA.

_____. A Vinda do Ante-Cristo.

_____. História de N. S. de Nazaré (Que chorou no Estado do Pará).

_____. Os Milagres de D. Ozita (Na Bahia).

_____. Deus é Amor.

_____.O Filho que Levantou Falso a Mãe e Virou Bicho. 3a. Edição. Junho de 1977.

_____. A Macumba da Bahia.

_____.A discussão de um Padre com um Comunista. Salvador-BA.

_____. A Morte Não Existe.

_____. Porque Não Sou Protestante. Salvador, 1945.

_____. A Despedida dos Romeiros de Bom Jesus da Lapa.

- _____. O Homem Que Não Acreditava em Deus. Salvador-Bahia, 1945.
- _____. Antonio Conselheiro O Santo Guerreiro de Canudos. Salvador –Bahia. 1.a Edição Maio de 1977.
- _____. A Discussão do Padre Com a Protestante. Salvador-BA. 1976.
- _____. Violino do Diabo.
- _____. Milagre de Santa Terezinha (Drama em três atos). Salvador-BA, 1948.
- _____. O Mundo Chora. Bahia, 1948.
- COSTA, Francisquinho Pereira da. Aviso da Milagrosa Oração de N.S. Jesus Cristo da Santa Cruz.
- CLEMENTE, João. História Completa do Reino das Vizões.
- CHAGAS, F. Exemplo da Vaca que deu Sangue em Lugar de Leite na Fazenda do Poço Branco. Recife-PE.
- DILA, Ferreira & CAVALCANTE, José. Jesus e o Diabo. Caruaru-PE, 1976.
- FERNANDES, Olegário. O Eclipse De Dezembro: Ti Arrepende.
- FILHO, Manoel d`Almeida . A Afilhada da Virgem da Conceição. Cajazeiras- PB.
- FREIRE, João Lopes. O Poeta A Viola E A Verdade. Rio de Janeiro.
- GUIMARÃES, J. Palmeira. A Vida de Buda. Paraíba- Brasil, UFPB, 1977.
- HELENA, Raimundo Santos. Judeus e Católicos na Ceia da Páscoa Brasil, 1984.
- FILGUEIRA, Osvaldo T. O Juda Que Falou Sexta Feira da Paixão.
- LEITE, José Costa. A Mensagem de Jesus ou o Sermão da Montanha. Casa das Crianças de Olinda. Olinda -PE.
- _____. Os Sinais do Fim do Mundo e as Três Pedras de Carvão.
- _____. Os Milagres de São Francisco do Canidé. Condado-PE;
- _____. Quem Fosse Cristão Chorava Quando Jesus Padecia. Condado - PE.
- _____. História do Cavalo do Ateu. Condado, PE.
- LIMA, João Severino de. Os Católicos de hoje em dia. LIMA, João Cordeiro de. A Visão Misteriosa Ou o Homem que Dormiu 100 Dias. Juazeiro - Ce 1974
- MACIEL, Laurindo Gomes. A Visita dos Romeiros do Bom Jesus da Lapa. Bahia, 1939.
- MANOEL, Peixoto. A Despedida dos Romeiros de Bom Jesus da Lapa.
- MOURA, Moisés Matias de. Ano Santo: 1950.
- MOUREIRA, Flávio Fernandes. Umbanda em Versos. Rio de Janeiro, Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro. 1978.
- _____. A Verdadeira História de Um Filho Arrependido.

MARTINS, Tadeu de Serpa. Vida e morte de Frei Mansuêto.

NETO, José Cunha. Marcelino Pão e Vinho.

NETO, Manoel Barauna. Traços Biográficos de São Francisco de Assis.

NETO, José Oliveira. O Fim do Mundo em 1999. Iço - CE.1972.

OLIVEIRA, Manoel Tranquilino de. Explicação da S. Missa: Noticia breve dos mistérios que o celebrante representa na S. missa. Guarabira-PB.

OLIVEIRA, Adélia Carvalho de. A História do Padre Rodolfo E do Índio Simão. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes. 1978.

OLIVEIRA, Miguel Paulo de. Apresentação da Virgem Mãe de Deus Na Pedrado Bancola no Bom Sucesso município de Catolé do Rocha.

REI, João de Cristo. A Visita dos Romeiros que freqüentam o Canidé. Juazeiro-CE.

SANTOS, Romildo. Um Sinal no Céu. Serrinha-Ba. 1953.

SANTOS, Valeriano Felix dos. Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Editora Mensageiro da Fé Ltda. Salvador, Bahia.

SANTOS, Alípio Bispo dos. “Um Romeiro viu um Anjo no caminho da Lapa do Bom Jesus”.

SANTOS, Enéias Tavares dos. O Homem que Morreu Duas Vezes. Maceió, 1977.

SANTOS, José João dos. O Homem Do Arroz E O Poder de Jesus.

SANTOS, Manoel Camilo dos. Nascimento, Vida, Milagres e Morte de Jesus Cristo.

SENA, Joaquim Batista de. As Sete Dores de Maria Santíssima.

_____. Pecado de Adão e Eva E A Queda dos Anjos. Fortaleza, 1979.

SILVA, Sebastião Palmeira de. A Voz de um Fantasma. Guarabira-PB.

SILVA, Expedito Sebastião. As Aparições de N. S. a uma Garota no Sítio Genipapeiro de Missão Velha-Ce. Juazeiro do Norte,-CE.

_____. História das Profecias de Sevananda Sobre o Fim do Mundo A começar com a Invasão dos mares no ano vindouro.

SILVA, Manoel Caboclo e. O Homem que deu a Luz ao DIABO. Juazeiro do Norte- CE.

_____. Jesus, São Pedro e o Ferreiro Reis dos Jogadores.

_____. O Debate do Católico com O Papa do Diabo.

_____. Nossa Senhora Chorando Falou a Menina de 9 Anos. Juazeiro-CE.

_____. As 7 Dores de Maria Santíssima. (Editor Proprietário)

SILVA, Minelvino Francisco. A Discussão de Um Católico com um Protestante. Itabuna-Ba. 1975.

_____. A Marreta da Morte é Tão Pesada que a Pedreira da Vida não Agüenta.

SILVA, João José. As Sete Espadas de Dores da Santa Virgem Maria.
 _____. Os dez Mandamentos ou a Vida de Moisés.
 SILVA, José Bernardo da. O Cruzeiro do Horto: Levantado pelo Revdmo. Pe. Cícero e sua Congregação entre 1900 e 1901. Juazeiro , 1948.
 _____. Os Sermões do Pe. Carlos Galli. Juazeiro, 1956.
 SILVA, João Severo da. O Orgulho de Roberto e a Queda da Maldição. Bayeux- PB
 SILVA, João Ferreira da. A Vida e a Morte.
 SILVA, Severino Paulino. A Tragedia de Garanhuns ou a Morte do Bispo.
 SILVA, Severino Borges. Discussão de Um Católico Com um Protestante.
 _____. O Romance de Maria Madalena.
 SILVA, João José da. O Romance de Maria Madalena. (editor Proprietário).
 SILVA, Inácio Francisco da. O Pecador não é nada.
 SOUSA, Francisco Peres de. O Homem Que Era Ateu e Uma Graça Alcançada por São Francisco. Piripiri- PI, 1980.
 SOUZA, Francisco Peres de. O Homem que Era Ateu. 1977.
 TORRES, José Antonio. História de um homem que tinha fé em Deus.